UNE ✦ SACRA

Espiritismo

O Evangelho segundo o Espiritismo

✦ ✦ ✦

Allan Kardec

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Allan Kardec
Data	1864 (3ª edição, 1866)
Idioma original	Francês
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir do original francês
Fonte	Internet Archive — L'Évangile selon le spiritisme, 3e éd. (Paris, Dentu, 1866), OCR corrigé avec les numérisations bub_gb_yfcU9eVzmVMC (1866) et levangileselonle00kard (1876)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Evangelho segundo o Espiritismo, publicado por Allan Kardec em abril de 1864 com o título Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo e refundido na 3ª edição (1866), que fixou a forma definitiva, reúne as passagens morais dos Evangelhos — as que, segundo Kardec, todos os cristãos aceitam sem controvérsia — e as explica à luz da doutrina espírita.

Cada um dos 28 capítulos parte de um ensinamento de Jesus ("Bem-aventurados os aflitos", "Amai os vossos inimigos", "Fora da caridade não há salvação"), comenta-o e o completa com "Instruções dos Espíritos", mensagens assinadas por Espíritos como Santo Agostinho, Fénelon ou o Espírito de Verdade.

A Introdução explica o objetivo da obra, a autoridade da doutrina espírita e traz notícias históricas sobre fariseus, saduceus, essênios e outros grupos, além de um resumo da doutrina de Sócrates e Platão.

O último capítulo é uma coletânea de preces espíritas. Os itens são numerados de novo em cada capítulo. O texto segue a 3ª edição (1866).

No Brasil, é o livro espírita mais lido e a base do "Evangelho no Lar", a leitura semanal em família praticada nos lares espíritas.

Fonte: https://archive.org/details/lvangileselonles00kard

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Introdução

I. Não vim destruir a lei

II. Meu reino não é deste mundo

III. Há muitas moradas na casa de meu Pai

IV. Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo

V. Bem-aventurados os aflitos

VI. O Cristo consolador

VII. Bem-aventurados os pobres de espírito

VIII. Bem-aventurados os que têm o coração puro

IX. Bem-aventurados os mansos e pacíficos

X. Bem-aventurados os misericordiosos

XI. Amar o próximo como a si mesmo

XII. Amem seus inimigos

XIII. Que sua mão esquerda não saiba o que dá sua mão direita

XIV. Honrem seu pai e sua mãe

XV. Fora da caridade não há salvação

XVI. Não se pode servir a Deus e a Mamom

XVII. Sejam perfeitos

XVIII. Muitos chamados e poucos escolhidos

XIX. A fé transporta as montanhas

XX. Os trabalhadores da última hora

XXI. Haverá falsos cristos e falsos profetas

XXII. Não separem o que Deus uniu

XXIII. Moral estranha

XXIV. Não ponham a lâmpada debaixo do alqueire

XXV. Busquem e encontrarão

XXVI. Deem gratuitamente o que receberam gratuitamente

XXVII. Peçam e obterão

XXVIII. Coletânea de preces espíritas

INTRODUÇÃO

✦

1 I. Objetivo desta obra.

2 Podemos dividir as matérias contidas nos Evangelhos em cinco partes: os atos comuns da vida do Cristo, os milagres, as predições, as palavras que serviram para estabelecer os dogmas da Igreja e o ensinamento moral. Se as quatro primeiras partes foram objeto de controvérsias, a última permaneceu inatacável.

2.2 Diante desse código divino, a própria incredulidade se inclina; é o terreno onde todos os cultos podem se encontrar, a bandeira sob a qual todos podem se abrigar, quaisquer que sejam suas crenças, pois ela nunca foi motivo das disputas religiosas, sempre e em toda parte provocadas pelas questões de dogma; ao discuti-la, aliás, as seitas teriam encontrado nela sua própria condenação, pois a maioria se apegou mais à parte mística do que à parte moral, que exige a reforma de si mesmo.

2.3 Para cada pessoa, em particular, é uma regra de conduta que abrange todas as circunstâncias da vida privada ou pública, o princípio de todas as relações sociais fundadas na mais rigorosa justiça; é, enfim, e acima de tudo, o caminho infalível da felicidade futura, uma ponta do véu levantada sobre a vida futura. É essa parte que constitui o objeto exclusivo desta obra.

3 Todos admiram a moral evangélica; cada um proclama sua sublimidade e sua necessidade, mas muitos o fazem por confiança no que ouviram dizer a respeito dela, ou com base em algumas máximas que se tornaram proverbiais; poucos, porém, a conhecem a fundo, e menos ainda a compreendem e sabem deduzir suas consequências.

3.2 A razão disso está, em grande parte, na dificuldade que apresenta a leitura do Evangelho, incompreensível para a maioria. A forma alegórica e o misticismo intencional da linguagem fazem com que a maioria o leia para tranquilizar a consciência e por dever, como lê as orações sem compreendê-las, isto é, sem proveito.

3.3 Os preceitos de moral, espalhados aqui e ali, misturados ao conjunto dos outros relatos, passam despercebidos; torna-se então impossível compreender seu conjunto e fazer deles o objeto de uma leitura e de uma meditação separadas.

4 É verdade que foram escritos tratados de moral evangélica, mas a organização em estilo literário moderno lhes tira a simplicidade original que constitui, ao mesmo tempo, seu encanto e sua autenticidade. O mesmo acontece com as máximas isoladas, reduzidas à sua expressão proverbial mais simples; tornam-se então apenas aforismos que perdem parte de seu valor e de seu interesse pela ausência dos elementos acessórios e das circunstâncias em que foram apresentados.

5 Para evitar esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem constituir, propriamente falando, um código de moral universal, sem distinção de culto; nas citações, conservamos tudo o que era útil ao desenvolvimento do pensamento, retirando apenas as coisas alheias ao assunto.

5.2 Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, assim como a divisão em versículos. Mas, em vez de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real num assunto como esse, as máximas foram agrupadas e classificadas metodicamente segundo sua natureza, de maneira que decorram, tanto quanto possível, umas das outras.

5.3 A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite recorrer à classificação comum, caso se julgue conveniente.

6 Esse era apenas um trabalho material que, por si só, teria uma utilidade secundária; o essencial era colocá-lo ao alcance de todos, explicando as passagens obscuras e desenvolvendo todas as consequências tendo em vista sua aplicação às diferentes situações da vida. Foi o que procuramos fazer com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

7 Muitos pontos do Evangelho, da Bíblia e dos autores sagrados em geral só são incompreensíveis, e muitos até só parecem irracionais, por faltar a chave para compreender seu verdadeiro sentido; essa chave está inteiramente no Espiritismo, como já puderam se convencer aqueles que o estudaram seriamente, e como será reconhecido ainda melhor mais tarde. O Espiritismo se encontra por toda parte na Antiguidade e em todas as épocas da humanidade; em toda parte encontramos seus vestígios nos escritos, nas crenças e nos monumentos; por isso, se ele abre novos horizontes para o futuro, lança uma luz igualmente viva sobre os mistérios do passado.

8 Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas entre as que foram ditadas pelos Espíritos em diversos países e por intermédio de diferentes médiuns. Se essas instruções tivessem vindo de uma única fonte, poderiam ter sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão seus ensinamentos por toda parte e que ninguém é privilegiado nesse aspecto 1.

9 Esta obra se destina a todos; cada um pode encontrar nela os meios de ajustar sua conduta à moral do Cristo. Os espíritas encontrarão ainda as aplicações que lhes dizem respeito mais especialmente.

9.2 Graças às comunicações estabelecidas, de agora em diante, de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada a todas as nações pelos próprios Espíritos, deixará de ser letra morta, porque cada um a compreenderá e será constantemente incentivado a colocá-la em prática pelos conselhos de seus guias espirituais.

9.3 As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

10 1. Poderíamos, sem dúvida, apresentar sobre cada assunto um número maior de comunicações obtidas numa multidão de outras cidades e centros espíritas além daqueles que citamos; mas tivemos, antes de tudo, de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar nossa escolha àquelas que, pelo conteúdo e pela forma, se enquadravam mais especialmente no âmbito desta obra, reservando para publicações posteriores as que não puderam encontrar lugar aqui.

11 Quanto aos médiuns, abstivemo-nos de nomear qualquer um deles; na maioria dos casos, foi a pedido deles que não foram identificados, e, sendo assim, não convinha fazer exceções. Os nomes dos médiuns, aliás, não teriam acrescentado nenhum valor à obra dos Espíritos; isso teria sido apenas uma satisfação do amor-próprio, à qual os médiuns verdadeiramente sérios não dão nenhuma importância; eles compreendem que, sendo seu papel puramente passivo, o valor das comunicações em nada aumenta seu mérito pessoal, e que seria infantil se envaidecer de um trabalho de inteligência ao qual se presta apenas uma colaboração mecânica.

12 Esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

13 II. Autoridade da Doutrina Espírita. Controle universal do ensinamento dos Espíritos.

14 Se a doutrina espírita fosse uma concepção puramente humana, teria como garantia apenas o conhecimento de quem a tivesse concebido; ora, ninguém neste mundo poderia ter a pretensão fundamentada de possuir, sozinho, a verdade absoluta.

14.2 Se os Espíritos que a revelaram tivessem se manifestado a um único homem, nada garantiria sua origem, pois seria preciso acreditar na palavra daquele que dissesse ter recebido seu ensinamento. Admitindo de sua parte uma perfeita sinceridade, no máximo ele poderia convencer as pessoas de seu convívio; poderia ter seguidores, mas nunca conseguiria reunir a todos.

15 Deus quis que a nova revelação chegasse aos homens por um caminho mais rápido e mais autêntico; por isso encarregou os Espíritos de levá-la de um polo ao outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra.

15.2 Um homem pode ser enganado, pode enganar a si mesmo; isso não poderia acontecer quando milhões veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos.

15.3 Além disso, pode-se fazer desaparecer um homem, mas não se fazem desaparecer multidões; podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos; ora, mesmo que todos os livros fossem queimados, a fonte da doutrina continuaria inesgotável, justamente porque não está na Terra, porque surge de toda parte e porque cada um pode recorrer a ela.

15.4 Na falta de homens para difundi-la, haverá sempre os Espíritos, que alcançam a todos e que ninguém pode alcançar.

16 São, portanto, na realidade, os próprios Espíritos que fazem a divulgação, com a ajuda dos inúmeros médiuns que fazem surgir por toda parte. Se tivesse tido um único intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo seria pouco conhecido; esse próprio intérprete, qualquer que fosse a classe a que pertencesse, teria sido alvo de preconceitos por parte de muita gente; nem todas as nações o teriam aceitado, enquanto os Espíritos, comunicando-se por toda parte, com todos os povos, todas as seitas e todos os partidos, são aceitos por todos; o Espiritismo não tem nacionalidade; está fora de todos os cultos particulares; não é imposto por nenhuma classe da sociedade, pois cada um pode receber instruções de seus parentes e de seus amigos de além-túmulo.

16.2 Era preciso que assim fosse para que pudesse chamar todos os homens à fraternidade; se não tivesse se colocado num terreno neutro, teria mantido as discórdias em vez de apaziguá-las.

17 Essa universalidade no ensinamento dos Espíritos constitui a força do Espiritismo; nela também está a causa de sua propagação tão rápida; enquanto a voz de um único homem, mesmo com a ajuda da imprensa, teria levado séculos para chegar aos ouvidos de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os pontos da Terra para proclamar os mesmos princípios e transmiti-los tanto aos mais ignorantes quanto aos mais instruídos, a fim de que ninguém seja deserdado.

17.2 É uma vantagem de que nenhuma das doutrinas surgidas até hoje desfrutou. Se, portanto, o Espiritismo é uma verdade, não teme nem a má vontade dos homens, nem as revoluções morais, nem as convulsões físicas do globo, porque nenhuma dessas coisas pode atingir os Espíritos.

18 Mas essa não é a única vantagem que resulta dessa posição excepcional; o Espiritismo encontra nela uma garantia poderosa contra os cismas que poderiam ser provocados tanto pela ambição de alguns quanto pelas contradições de certos Espíritos. Essas contradições são, certamente, um obstáculo, mas que traz em si o remédio ao lado do mal.

19 Sabemos que os Espíritos, em razão da diferença que existe em suas capacidades, estão longe de possuir individualmente toda a verdade; que nem todos podem penetrar certos mistérios; que seu saber é proporcional à sua purificação; que os Espíritos comuns não sabem mais do que os homens, e sabem menos do que certos homens; que entre eles, como entre estes últimos, há presunçosos e falsos sábios que acreditam saber o que não sabem; pessoas apegadas a sistemas que tomam suas ideias pela verdade; enfim, que apenas os Espíritos da ordem mais elevada, aqueles que estão completamente desmaterializados, se livraram das ideias e dos preconceitos terrenos; mas sabemos também que os Espíritos enganadores não têm escrúpulos em se abrigar sob nomes emprestados para fazer aceitar suas utopias. Disso resulta que, em tudo o que está fora do ensinamento exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter têm um caráter individual, sem autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais deste ou daquele Espírito, e que seria imprudente aceitá-las e divulgá-las levianamente como verdades absolutas.

20 O primeiro controle é, sem dúvida, o da razão, ao qual se deve submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos; toda teoria em contradição evidente com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados comprovados de que dispomos, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada.

20.2 Mas esse controle é incompleto em muitos casos, devido à insuficiência de conhecimentos de certas pessoas e à tendência de muitas a tomar o próprio julgamento como único árbitro da verdade. Em semelhante caso, o que fazem os homens que não têm confiança absoluta em si mesmos? Pedem a opinião do maior número, e a opinião da maioria lhes serve de guia.

20.3 Assim deve ser em relação ao ensinamento dos Espíritos, que eles mesmos nos fornecem os meios de verificar.

21 A concordância no ensinamento dos Espíritos é, por conseguinte, o melhor controle; mas é preciso ainda que ela ocorra em certas condições. A menos segura de todas é quando um médium interroga, ele mesmo, vários Espíritos sobre um ponto duvidoso; é muito evidente que, se estiver sob o domínio de uma obsessão ou se estiver lidando com um Espírito enganador, esse Espírito poderá lhe dizer a mesma coisa sob nomes diferentes.

21.2 Também não há garantia suficiente na concordância que se pode obter por meio dos médiuns de um único centro, porque eles podem sofrer a mesma influência.

22 A única garantia séria do ensinamento dos Espíritos está na concordância existente entre as revelações feitas espontaneamente, por intermédio de um grande número de médiuns que não se conhecem, em diversas regiões.

23 Compreende-se que não se trata aqui das comunicações relativas a interesses secundários, mas do que se relaciona aos próprios princípios da doutrina. A experiência prova que, quando um princípio novo deve receber sua solução, ele é ensinado espontaneamente em diferentes lugares ao mesmo tempo e de maneira idêntica, se não na forma, ao menos no conteúdo.

23.2 Portanto, se um Espírito quiser formular um sistema excêntrico, baseado apenas em suas ideias e fora da verdade, pode-se ter certeza de que esse sistema permanecerá restrito e cairá diante da unanimidade das instruções dadas em todos os outros lugares, como já se viu em vários exemplos.

23.3 Foi essa unanimidade que fez cair todos os sistemas parciais surgidos no início do Espiritismo, quando cada um explicava os fenômenos à sua maneira e ainda não se conheciam as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

24 Essa é a base em que nos apoiamos quando formulamos um princípio da doutrina; não é por estar de acordo com nossas ideias que o apresentamos como verdadeiro; de modo algum nos colocamos como árbitro supremo da verdade, e não dizemos a ninguém: "Creiam em tal coisa porque nós lhes dizemos."

24.2 Nossa opinião, aos nossos próprios olhos, é apenas uma opinião pessoal que pode estar certa ou errada, porque não somos mais infalíveis do que qualquer outro. Também não é por nos ser ensinado que um princípio é, para nós, a verdade, mas por ter recebido a confirmação da concordância.

25 Em nossa posição, recebendo as comunicações de cerca de mil centros espíritas sérios, espalhados pelos diversos pontos do globo, temos condições de ver os princípios sobre os quais essa concordância se estabelece; foi essa observação que nos guiou até hoje, e será também ela que nos guiará nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar.

25.2 É assim que, estudando atentamente as comunicações vindas de diversos lugares, tanto da França como do exterior, reconhecemos, pela natureza muito especial das revelações, que há uma tendência a entrar em um novo caminho e que chegou o momento de dar um passo adiante.

25.3 Essas revelações, às vezes feitas em termos velados, muitas vezes passaram despercebidas a muitos dos que as obtiveram; muitos outros acreditaram tê-las recebido sozinhos.

25.4 Tomadas isoladamente, elas não teriam valor para nós; somente a coincidência lhes dá importância; depois, quando chega o momento de torná-las públicas, cada um se lembra de ter recebido instruções no mesmo sentido.

25.5 É esse movimento geral que observamos e estudamos, com a assistência de nossos guias espirituais, e que nos ajuda a avaliar se é oportuno fazer alguma coisa ou nos abster.

26 Esse controle universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É nele que, no futuro, se buscará o critério da verdade.

26.2 O que fez o sucesso da doutrina formulada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns foi que, em toda parte, cada um pôde receber diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se, de todos os lados, os Espíritos tivessem vindo contradizê-los, esses livros já teriam há muito sofrido o destino de todas as concepções fantasiosas.

26.3 Nem mesmo o apoio da imprensa os teria salvado do naufrágio, enquanto, privados desse apoio, nem por isso deixaram de avançar rapidamente, porque tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade compensou, e muito, a má vontade dos homens.

26.4 Assim acontecerá com todas as ideias vindas dos Espíritos ou dos homens que não puderem resistir à prova desse controle, cujo poder ninguém pode contestar.

27 Suponhamos, então, que certos Espíritos queiram ditar, sob um título qualquer, um livro em sentido contrário; suponhamos até que, com uma intenção hostil e com o objetivo de desacreditar a doutrina, a má-fé provocasse comunicações falsas: que influência poderiam ter esses escritos, se fossem desmentidos de todos os lados pelos Espíritos?

27.2 Seria preciso garantir a adesão destes antes de lançar um sistema em seu nome. Entre o sistema de um só e o de todos há a distância que vai da unidade ao infinito. Que efeito podem ter todos os argumentos dos detratores sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, vindas do espaço, chegam de todos os cantos do universo e ao seio de cada família para combatê-los?

27.3 A experiência, nesse aspecto, já não confirmou a teoria? O que aconteceu com todas aquelas publicações que supostamente deveriam aniquilar o Espiritismo? Qual delas chegou sequer a deter sua marcha? Até hoje, a questão não havia sido considerada sob esse ponto de vista, um dos mais importantes, sem dúvida; cada um contou consigo mesmo, mas sem levar em conta os Espíritos.

28 O princípio da concordância é ainda uma garantia contra as alterações que poderiam ser impostas ao Espiritismo pelas seitas que quisessem se apoderar dele em benefício próprio e adaptá-lo à sua vontade.

28.2 Quem tentasse desviá-lo de seu objetivo providencial fracassaria, pela razão muito simples de que os Espíritos, pela universalidade de seu ensinamento, farão cair toda modificação que se afaste da verdade.

28.3 De tudo isso resulta uma verdade fundamental: quem quisesse se opor à corrente de ideias estabelecida e confirmada poderia causar uma pequena perturbação local e passageira, mas jamais dominar o conjunto,

mesmo no presente, e menos ainda no futuro.

29 Disso resulta também que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos da doutrina ainda não esclarecidos não podem ter força de lei enquanto permanecerem isoladas; que, por consequência, só devem ser aceitas com todas as reservas e a título de informação.

30 Daí a necessidade de agir com a maior prudência ao publicá-las; e, caso se julgue necessário publicá-las, é importante apresentá-las apenas como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas que, em todos os casos, precisam de confirmação. É essa confirmação que se deve esperar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, se não se quer ser acusado de precipitação ou de credulidade irrefletida.

31 Os Espíritos superiores procedem em suas revelações com extrema sabedoria; só abordam as grandes questões da doutrina gradualmente, à medida que a inteligência se torna capaz de compreender verdades de uma ordem mais elevada e que as circunstâncias se mostram favoráveis à apresentação de uma ideia nova.

31.2 É por isso que, desde o começo, não disseram tudo, e ainda hoje não disseram tudo, nunca cedendo à impaciência das pessoas apressadas demais, que querem colher os frutos antes de amadurecerem.

31.3 Seria, portanto, inútil querer antecipar o tempo determinado pela Providência para cada coisa, pois, nesse caso, os Espíritos verdadeiramente sérios recusam de modo categórico sua colaboração; mas os Espíritos levianos, pouco se importando com a verdade, respondem a tudo; é por essa razão que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

32 Os princípios acima não são fruto de uma teoria pessoal, mas a consequência necessária das condições em que os Espíritos se manifestam. É muito evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de Espíritos dizem o contrário em outros lugares, a presunção de verdade não pode favorecer aquele que está sozinho, ou quase, em sua opinião; ora, pretender ter razão sozinho contra todos seria tão ilógico da parte de um Espírito quanto da parte dos homens.

32.2 Os Espíritos verdadeiramente sábios, quando não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, nunca a resolvem de maneira absoluta; declaram tratá-la apenas do seu ponto de vista e aconselham, eles mesmos, que se espere a confirmação.

33 Por maior, mais bela e mais justa que seja uma ideia, é impossível que ela reúna, desde o início, todas as opiniões. Os conflitos que daí resultam são a consequência inevitável do movimento que se realiza; são até necessários para fazer a verdade se destacar melhor, e é útil que ocorram no começo, para que as ideias falsas se desgastem mais depressa.

33.2 Os espíritas que, por isso, sentirem algum receio devem, portanto, ficar perfeitamente tranquilos. Todas as pretensões isoladas cairão, pela força das coisas, diante do grande e poderoso critério do controle universal.

34 Não será à opinião de um homem que se dará adesão, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, nem nós nem qualquer outro, que estabelecerá a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que venha se impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos, comunicando-se por toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da doutrina espírita; aí está sua força, aí está sua autoridade.

34.2 Deus quis que sua lei se assentasse sobre uma base inabalável, e por isso não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um só. É diante desse poderoso tribunal, que não conhece nem os grupos fechados, nem as rivalidades ciumentas, nem as seitas, nem as nações, que virão se desfazer todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; diante dele nós mesmos fracassaríamos, se quiséssemos substituir suas decisões soberanas por nossas próprias ideias; somente ele resolverá todas as questões em disputa, fará calar as dissidências e dará razão ou não a quem de direito.

34.3 Diante desse imponente acordo de todas as vozes do céu, o que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos que a gota d'água que se perde no oceano, menos que a voz da criança abafada pela tempestade.

35 A opinião universal é, portanto, o juiz supremo, aquele que decide em última instância; ela se forma de todas as opiniões individuais; se uma delas é verdadeira, tem apenas seu peso relativo na balança; se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as outras. Nessa imensa participação conjunta, as individualidades se apagam, e isso representa um novo revés para o orgulho humano.

36 Esse conjunto harmonioso já começa a se delinear; ora, este século não passará sem que ele resplandeça com todo o seu brilho, de modo a pôr fim a todas as incertezas; pois, até lá, vozes poderosas terão recebido a missão de se fazer ouvir para reunir os homens sob a mesma bandeira, assim que o campo estiver suficientemente preparado. Enquanto isso, aquele que estiver indeciso entre dois sistemas opostos pode observar em que direção se

forma a opinião geral: esse é o indício seguro do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos nos diversos pontos em que se comunicam; é um sinal igualmente seguro de qual dos dois sistemas prevalecerá.

37 III. Notas históricas.

38 Para compreender bem certas passagens dos Evangelhos, é necessário conhecer o significado de várias palavras que neles são empregadas com frequência e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judaica naquela época. Como essas palavras já não têm para nós o mesmo sentido, muitas vezes foram mal interpretadas e, por isso mesmo, deixaram uma espécie de incerteza. A compreensão de seu significado esclarece também o verdadeiro sentido de certas máximas que parecem estranhas à primeira vista.

39 Samaritanos. Depois do cisma das dez tribos, Samaria tornou-se a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, foi, sob os romanos, a capital da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o Grande, embelezou-a com monumentos suntuosos e, para agradar a Augusto, deu-lhe o nome de Augusta, em grego Sebaste.

40 Os samaritanos estiveram quase sempre em guerra com os reis de Judá; uma aversão profunda, que vinha da separação, perpetuou-se continuamente entre os dois povos, que evitavam qualquer relação entre si.

40.2 Os samaritanos, para tornar a separação mais profunda e não precisar ir a Jerusalém para a celebração das festas religiosas, construíram um templo próprio e adotaram certas reformas; admitiam apenas o Pentateuco, que contém a lei de Moisés, e rejeitavam todos os livros que depois lhe foram acrescentados.

40.3 Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais remota antiguidade. Aos olhos dos judeus ortodoxos, eram hereges e, por isso mesmo, desprezados, amaldiçoados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, portanto, como única causa a divergência das opiniões religiosas, embora suas crenças tivessem a mesma origem; eram os protestantes daquele tempo.

41 Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Nablus e em Jafa. Eles observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só se casam entre si.

42 Nazarenos, nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam voto, por toda a vida ou por certo tempo, de conservar uma pureza perfeita; comprometiam-se com a castidade, com a abstinência de bebidas alcoólicas e com a conservação dos cabelos. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

43 Mais tarde, os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, em alusão a Jesus de Nazaré.

44 Esse foi também o nome de uma seita herética dos primeiros séculos da era cristã que, assim como os ebionitas, dos quais adotava certos princípios, misturava as práticas do mosaísmo aos dogmas cristãos. Essa seita desapareceu no quarto século.

45 Publicanos. Assim eram chamados, na Roma antiga, os cavaleiros que arrendavam a cobrança das taxas públicas, encarregados de arrecadar os impostos e as receitas de toda natureza, tanto na própria Roma como nas outras partes do império. Eram semelhantes aos arrendatários gerais de impostos e aos contratadores do Antigo Regime na França, como ainda existem em certas regiões.

45.2 Os riscos que corriam faziam com que se fechassem os olhos às riquezas que muitas vezes adquiriam e que, para muitos, eram fruto de cobranças abusivas e de lucros escandalosos. O nome de publicano estendeu-se mais tarde a todos os que administravam dinheiro público e aos agentes subalternos.

45.3 Hoje essa palavra é usada em sentido pejorativo para designar os financistas e agentes de negócios pouco escrupulosos; às vezes se diz: "Ávido como um publicano; rico como um publicano", referindo-se a uma fortuna de origem duvidosa.

46 Da dominação romana, o imposto foi o que os judeus aceitaram com mais dificuldade e o que mais irritação causou entre eles; disso resultaram várias revoltas, e a questão se tornou religiosa, porque o consideravam contrário à lei. Formou-se até um partido poderoso, à frente do qual estava um certo Judas, chamado o Gaulonita, que tinha como princípio a recusa do imposto.

46.2 Os judeus tinham, portanto, horror ao imposto e, por consequência, a todos os que eram encarregados de cobrá-lo; daí sua aversão aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podia haver pessoas muito estimáveis, mas que, em razão de suas funções, eram desprezadas, assim como aqueles que conviviam com elas e eram envolvidos na mesma reprovação.

46.3 Os judeus de posição social elevada teriam considerado comprometedor manter relações de intimidade com eles.

47 Os cobradores de pedágio eram os arrecadadores de categoria inferior, encarregados principalmente da cobrança de taxas à entrada das cidades. Suas funções correspondiam aproximadamente às dos funcionários da al-

fândega e dos cobradores de impostos sobre a entrada de mercadorias nas cidades: compartilhavam a reprovação dirigida aos publicanos em geral.

47.2 É por essa razão que, no Evangelho, se encontra com frequência o nome de publicano associado ao de pessoas de má vida; essa qualificação não significava que fossem devassos ou pessoas sem ocupação conhecida; era um termo de desprezo, sinônimo de pessoas de má companhia, indignas de conviver com pessoas de bem.

48 Fariseus (do hebraico Parasch, divisão, separação). A tradição formava uma parte importante da teologia judaica; consistia na coletânea das sucessivas interpretações dadas ao sentido das Escrituras, que haviam se tornado artigos de dogma.

48.2 Era, entre os doutores, assunto de discussões intermináveis, na maioria das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, semelhantes às disputas teológicas e às sutilezas da escolástica da Idade Média; daí nasceram diferentes seitas, cada uma das quais pretendia ter o monopólio da verdade e, como acontece quase sempre, detestavam-se profundamente umas às outras.

49 Entre essas seitas, a mais influente era a dos fariseus, que teve como chefe Hilel, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre onde se ensinava que só se devia dar crédito às Escrituras. Sua origem remonta ao ano 180 ou 200 antes de Cristo.

49.2 Os fariseus foram perseguidos em diversas épocas, especialmente sob Hircano, sumo sacerdote e rei dos judeus, Aristóbulo e Alexandre, rei da Síria; no entanto, tendo este último lhes devolvido suas honras e seus

bens, recuperaram seu poder, que conservaram até a destruição de Jerusalém, no ano 70 da era cristã, época em que seu nome desapareceu em consequência da dispersão dos judeus.

50 Os fariseus participavam ativamente das controvérsias religiosas. Observadores servis das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente pelo proselitismo, inimigos dos inovadores, ostentavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de uma devoção meticulosa, escondiam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, um amor excessivo pela dominação.

50.2 A religião era para eles mais um meio de alcançar posições do que o objeto de uma fé sincera. Tinham apenas as aparências e a ostentação da virtude; mas, com isso, exerciam grande influência sobre o povo, aos olhos do qual passavam por homens santos; por isso eram muito poderosos em Jerusalém.

51 Acreditavam, ou pelo menos declaravam acreditar, na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. iv, nº 4.)

51.2 Jesus, que valorizava acima de tudo a simplicidade e as qualidades do coração, que preferia, na lei, o espírito que vivifica à letra que mata, empenhou-se, durante toda a sua missão, em desmascarar a hipocrisia deles e, por consequência, fez deles inimigos implacáveis; por isso se aliaram aos chefes dos sacerdotes para incitar o povo contra ele e fazê-lo morrer.

52 Escribas, nome dado inicialmente aos secretários dos reis de Judá e a certos administradores dos exércitos judeus; mais tarde, essa designação foi aplicada especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a in-

terpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de quem compartilhavam os princípios e a antipatia contra os inovadores; por isso Jesus os inclui na mesma reprovação.

53 Sinagoga (do grego Sunagoguê, assembleia, congregação). Havia na Judeia apenas um templo, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus iam até lá todos os anos em peregrinação para as principais festas, como as da Páscoa, da Dedicação e dos Tabernáculos. Foi nessas ocasiões que Jesus fez várias viagens até lá.

53.2 As outras cidades não tinham templos, mas sinagogas, edifícios onde os judeus se reuniam nos dias de sábado para fazer orações públicas, sob a direção dos anciãos, dos escribas ou dos doutores da lei; também se faziam ali leituras dos livros sagrados, que eram explicadas e comentadas; todos podiam participar; por isso Jesus, sem ser sacerdote, ensinava nas sinagogas nos dias de sábado.

54 Desde a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades em que eles habitam, servem-lhes de templos para a celebração do culto.

55 Saduceus, seita judaica que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo, assim chamada por causa de Sadoc, seu fundador. Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus.

55.2 Entretanto, acreditavam em Deus, mas, como nada esperavam depois da morte, só o serviam visando a recompensas temporais, às quais, segundo eles, se limitava sua providência; por isso, a satisfação dos sentidos era, a seus olhos, o objetivo essencial da vida.

55.3 Quanto às Escrituras, limitavam-se ao texto da antiga lei, sem admitir a tradição nem qualquer interpretação; colocavam as boas obras e o cumprimento puro e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época.

55.4 Essa seita era pouco numerosa, mas contava com personagens importantes e tornou-se um partido político constantemente oposto aos fariseus.

56 Essênios ou esseus, seita judaica fundada por volta do ano 450 antes de Jesus Cristo, no tempo dos Macabeus, cujos membros, que habitavam uma espécie de mosteiros, formavam entre si uma espécie de associação moral e religiosa.

56.2 Distinguiam-se pelos costumes brandos e pelas virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma, e acreditavam na ressurreição. Viviam no celibato, condenavam a servidão e a guerra, compartilhavam seus bens e se dedicavam à agricultura.

56.3 Opostos aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, e aos fariseus, rígidos nas práticas exteriores e cuja virtude era apenas aparente, não tomaram parte alguma nas disputas que dividiram essas duas seitas.

56.4 Seu modo de vida se aproximava do dos primeiros cristãos, e os princípios de moral que professavam levaram algumas pessoas a pensar que Jesus fez parte dessa seita antes do início de sua missão pública. O que é certo é que ele deve tê-la conhecido, mas nada prova que fosse filiado a ela, e tudo o que se escreveu a esse respeito é hipotético.

57 Terapeutas (do grego thérapeutaï, formado de thérapeueïm, servir, cuidar; isto é, servidores de Deus ou curadores); membros de uma seita judaica contemporâneos de Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria,

no Egito. Tinham grande afinidade com os essênios, cujos princípios professavam; como estes, dedicavam-se à prática de todas as virtudes. Sua alimentação era de extrema frugalidade; dedicados ao celibato, à contemplação e à vida solitária, formavam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico de Alexandria, é o primeiro que falou dos terapeutas; ele os apresenta como uma seita do judaísmo. Eusébio, São Jerônimo e outros Padres pensam que eram cristãos. Fossem judeus ou cristãos, é evidente que, assim como os essênios, formam o elo entre o judaísmo e o cristianismo.

(1) A Morte de Jesus, supostamente escrita por um irmão essênio, é um livro completamente apócrifo, escrito para servir a uma opinião, e que contém em si mesmo a prova de sua origem moderna.

58 Do fato de que Jesus deve ter conhecido a seita dos essênios, seria errado concluir que dela tirou sua doutrina e que, se tivesse vivido em outro meio, teria professado outros princípios.

58.2 As grandes ideias nunca surgem de repente; as que têm por base a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente o caminho; depois, quando chega o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar esses elementos dispersos e formar com eles um corpo; dessa maneira, a ideia, não chegando bruscamente, encontra, ao surgir, espíritos completamente dispostos a aceitá-la.

58.3 Assim aconteceu com a ideia cristã, que foi pressentida vários séculos antes de Jesus e dos essênios, e da qual Sócrates e Platão foram os principais precursores.

58.4 Sócrates, assim como Cristo, nada escreveu, ou pelo menos não deixou nenhum escrito; como ele, morreu da morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por ter atacado as crenças aceitas e colocado a verdadeira virtude acima da hipocrisia e da aparência das formas, em uma palavra, por ter combatido os preconceitos religiosos.

58.5 Assim como Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com seus ensinamentos, ele também foi acusado pelos fariseus de seu tempo, pois os houve em todas as épocas, de corromper a juventude, proclamando o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura.

58.6 Assim também, como só conhecemos a doutrina de Jesus pelos escritos de seus discípulos, só conhecemos a de Sócrates pelos escritos de seu discípulo Platão. Acreditamos ser útil resumir aqui seus pontos mais marcantes para mostrar sua concordância com os princípios do cristianismo.

59 Aos que considerassem esse paralelo uma profanação e alegassem que não pode haver equivalência entre a doutrina de um pagão e a de Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha por objetivo combater o paganismo; que a doutrina de Jesus, mais completa e mais pura que a de Sócrates, nada tem a perder com a comparação; que a grandeza da missão divina de Cristo não poderia ser diminuída por isso; que, além disso, trata-se de história, que não pode ser abafada.

59.2 O homem chegou a um ponto em que a luz sai por si mesma de debaixo do alqueire; está maduro para encará-la de frente; pior para os que não ousam abrir os olhos. Chegou o tempo de considerar as coisas com amplitude e do alto, e não mais do ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e castas.

60 Essas citações provarão, além disso, que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, também se encontram em sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

61 Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão.

62 I. O homem é uma alma encarnada. Antes de sua encarnação, ela existia unida aos tipos primordiais, às ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles ao encarnar e, lembrando-se de seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

63 Não se pode enunciar com mais clareza a distinção e a independência do princípio inteligente e do princípio material; é também a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva de outro mundo ao qual aspira, de sua sobrevivência ao corpo, de sua saída do mundo espiritual para encarnar e de seu retorno a esse mesmo mundo depois da morte; é, enfim, o germe da doutrina dos anjos caídos.

64 IL A alma se perde e se perturba quando se serve do corpo para examinar algum objeto; sente vertigens como se estivesse embriagada, porque se apega a coisas que, por sua natureza, estão sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla sua própria essência, volta-se para o que é puro, eterno, imortal e, sendo da mesma natureza, permanece ligada a isso pelo tempo que pode; então seus desvios cessam, pois está unida ao que é imutável, e esse estado da alma é o que se chama sabedoria.

65 Assim, o homem que considera as coisas de baixo, de maneira rasteira, do ponto de vista material, ilude-se; para apreciá-las com exatidão, é preciso vê-las do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio deve,

portanto, de certo modo, isolar a alma do corpo para ver com os olhos do espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. ii, nº 5.)

66 III. Enquanto tivermos nosso corpo e a alma estiver mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto de nossos desejos: a verdade. De fato, o corpo nos cria mil obstáculos pela necessidade que temos de cuidar dele; além disso, enche-nos de desejos, apetites, temores, mil quimeras e mil tolices, de modo que, com ele, é impossível ser sábio por um instante.

66.2 Mas, se é possível conhecer alguma coisa de maneira pura enquanto a alma está unida ao corpo, é preciso que aconteça uma de duas coisas: ou nunca conheceremos a verdade, ou a conheceremos depois da morte. Livres da loucura do corpo, conversaremos então, há razão para esperar, com homens igualmente livres, e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas.

66.3 É por isso que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer, e a morte não lhes parece de modo algum temível. (Céu e Inferno, tre parte, du n; 2ª parte, cap. i.)

67 Esse é o princípio das faculdades da alma obscurecidas pela intermediação dos órgãos corporais e da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas aqui se trata apenas das almas de elite, já purificadas; o mesmo não acontece com as almas impuras.

68 IV. A alma impura, nesse estado, fica pesada e é arrastada de novo para o mundo visível pelo horror ao que é invisível e imaterial; ela vagueia então, dizem, ao redor dos monumentos e dos túmulos, perto dos quais às vezes foram vistos fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem inteiramente puras e que conservam algo da forma material, o que permite que o olho as perceba.

68.2 Não são as almas dos bons, mas as dos maus, que são forçadas a vagar nesses lugares, onde sofrem a pena de sua primeira vida e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material que deram a si mesmas as levem de volta a um corpo; e então retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante sua primeira vida, eram o objeto de suas predileções.

69 Não apenas o princípio da reencarnação está claramente expresso aqui, mas o estado das almas que ainda estão sob o domínio da matéria é descrito tal como o Espiritismo o mostra nas evocações. Há mais: diz-se que a reencarnação em um corpo material é uma consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas estão livres dela.

69.2 O Espiritismo não diz outra coisa; apenas acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade e que adquiriu conhecimentos traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e mais ideias intuitivas do que tinha em sua existência anterior; e que, assim, cada existência representa para ela um progresso intelectual e moral. (Céu e Inferno, 2ª parte: Exemplos.)

70 V. Depois de nossa morte, o gênio (daïmon, demônio) que nos havia sido designado durante nossa vida nos leva a um lugar onde se reúnem todos os que devem ser conduzidos ao Hades para ali serem julgados. As almas, depois de permanecerem no Hades pelo tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em numerosos e longos períodos.

71 É a doutrina dos anjos da guarda ou Espíritos protetores e das reencarnações sucessivas depois de intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

72 VI. Os demônios preenchem o intervalo que separa o céu da terra; são o elo que une o Grande Todo a si mesmo. Como a divindade nunca entra em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com ele, seja durante a vigília, seja durante o sono.

73 A palavra daïmon, da qual se fez demônio, não era tomada em mau sentido na Antiguidade como entre os modernos; não se referia exclusivamente aos seres malfazejos, mas a todos os Espíritos em geral, entre os quais se distinguiam os Espíritos superiores, chamados deuses, e os Espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens.

73.2 O Espiritismo também diz que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros encarregados de transmitir suas vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono.

73.3 Substituam a palavra demônio pela palavra Espírito, e terão a doutrina espírita; coloquem a palavra anjo, e terão a doutrina cristã.

74 VII. A preocupação constante do filósofo (tal como Sócrates e Platão o entendiam) é cuidar da alma com o maior zelo, menos para esta vida, que é apenas um instante, do que em vista da eternidade. Se a alma é imortal, não é sábio viver tendo em vista a eternidade?

75 O cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

76 VIII. Se a alma é imaterial, deve ir, depois desta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, assim como o corpo, ao se decompor, retorna à matéria. Apenas é importante distinguir bem a alma pura, verda-

deiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e de pensamentos, da alma mais ou menos manchada de impurezas materiais que a impedem de se elevar ao divino e a retêm nos lugares de sua permanência terrestre.

77 Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma; insistem na diferença de situação que resulta para elas de sua maior ou menor pureza. O que diziam por intuição, o Espiritismo prova pelos numerosos exemplos que põe diante de nossos olhos. (Céu e Inferno, 2ª parte.)

78 IX. Se a morte fosse a dissolução do homem inteiro, seria um grande ganho para os maus, depois de sua morte, ficarem livres ao mesmo tempo de seu corpo, de sua alma e de seus vícios. Aquele que adornou sua alma, não com um enfeite alheio, mas com aquele que lhe é próprio, somente esse poderá esperar tranquilamente a hora de sua partida para o outro mundo.

79 Em outras palavras, isso significa que o materialismo, que proclama o nada depois da morte, seria a anulação de toda responsabilidade moral posterior e, por consequência, um estímulo ao mal; que o mau tem tudo a ganhar com o nada; que somente o homem que se despojou de seus vícios e se enriqueceu de virtudes pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida.

79.2 O espiritismo nos mostra, pelos exemplos que diariamente coloca diante de nossos olhos, como são penosas para o mau a passagem de uma vida à outra e a entrada na vida futura. (Céu e Inferno, 2ª parte, cap. i.)

80 X. O corpo conserva os vestígios bem marcados dos cuidados que recebeu ou dos acidentes que sofreu; o mesmo acontece com a alma; quando está despojada do corpo, ela traz os traços evidentes de seu caráter, de suas afeições e as marcas que cada um dos atos de sua vida nela deixou.

80.2 Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com uma alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Polo, nem Górgias saberiam provar que se deva levar outra vida que nos seja útil quando estivermos lá.

80.3 Entre tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é que vale mais sofrer do que cometer uma injustiça e que, antes de tudo, devemos nos empenhar em ser pessoas de bem, em vez de apenas parecê-lo. (Conversas de Sócrates com seus discípulos na prisão.)

81 Aqui encontramos este outro ponto fundamental, confirmado hoje pela experiência: a alma não purificada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que tinha na Terra. Esta máxima: Vale mais sofrer do que cometer uma injustiça, não é inteiramente cristã? É o mesmo pensamento que Jesus expressa por esta imagem: "Se alguém bater em uma de suas faces, ofereça-lhe também a outra." (Cap. xii, nºs 7, 8.)

82 XL Das duas coisas, uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é a passagem de uma alma para outro lugar. Se tudo deve se extinguir, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonhos e sem nenhuma consciência de nós mesmos.

82.2 Mas, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem se reunir, que felicidade encontrar ali aqueles que conhecemos! Meu maior prazer seria examinar de perto os ha-

bitantes dessa morada e distinguir ali, como aqui, aqueles que são sábios daqueles que acreditam ser e não são. Mas é hora de nos separarmos, eu para morrer, vocês para viver. (Sócrates a seus juízes.)

83 Segundo Sócrates, os homens que viveram na Terra se reencontram depois da morte e se reconhecem. O Espiritismo nos mostra que eles continuam as relações que tiveram, de modo que a morte não é uma interrupção nem uma cessação da vida, mas uma transformação, sem quebra de continuidade.

84 Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo deu quinhentos anos mais tarde e aqueles que os Espíritos dão agora, não teriam falado de outra maneira. Nada há nisso que deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados devem tê-las conhecido antes de vir à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos de seu tempo podem ter estado, mais tarde, entre aqueles que auxiliaram o Cristo em sua missão divina, e que foram escolhidos precisamente porque estavam, mais do que outros, em condições de compreender seus sublimes ensinamentos; que, enfim, podem fazer parte hoje do grupo de Espíritos encarregados de vir ensinar aos homens as mesmas verdades.

85 XII. Nunca se deve retribuir injustiça com injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o mal que nos tenham feito. Poucas pessoas, porém, admitirão esse princípio, e aqueles que discordam a esse respeito só podem desprezar uns aos outros.

86 Não é esse o princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar nossos inimigos?

87 XIII. É pelos frutos que se reconhece a árvore. É preciso qualificar cada ação segundo o que ela produz: chamá-la má quando dela resulta o mal, boa quando dela nasce o bem.

88 Esta máxima: "É pelos frutos que se reconhece a árvore" se encontra repetida textualmente várias vezes no Evangelho.

89 XIV. A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo nem ao que lhe pertence, mas a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que aquilo que lhe pertence. (Cap. xvi.)

90 XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que se esforça para se assemelhar a ela. Seria grave que os deuses dessem mais atenção às nossas oferendas do que à nossa alma; desse modo, os mais culpados poderiam conquistar seu favor. Mas não, só são verdadeiramente justos e sábios aqueles que, por suas palavras e por seus atos, cumprem o que devem aos deuses e aos homens. (Cap. x, nºs 7, 8.)

91 XVI. Chamo de homem vicioso esse amante vulgar que ama o corpo mais do que a alma. O amor está por toda parte na natureza, que nos convida a exercitar nossa inteligência; ele se encontra até no movimento dos astros. É o amor que enfeita a natureza com seus ricos tapetes; ele se adorna e fixa sua morada onde encontra flores e perfumes. É também o amor que dá a paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e o sono à dor.

92 O amor, que deve unir os homens por um laço fraterno, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal como lei da natureza. Tendo Sócrates dito que "o amor não é um deus nem um mortal, mas

um grande demônio", isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, foi sobretudo essa afirmação que lhe foi imputada como crime.

93 XVII. A virtude não pode ser ensinada; ela vem por um dom de Deus àqueles que a possuem.

94 É mais ou menos a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor, e podemos perguntar por que ela não é concedida a todos; por outro lado, se é um dom, não há mérito para quem a possui. O Espiritismo é mais explícito; diz que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços em suas existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força com que Deus favorece todo homem de boa vontade para se despojar do mal e fazer o bem.

95 XVIII. Há uma disposição natural em cada um de nós: perceber muito menos nossos defeitos do que os dos outros.

96 O Evangelho diz: "Vocês veem o cisco no olho de seu próximo e não veem a trave que está no seu." (Cap. x, nºs 9, 10.)

97 XIX. Se os médicos fracassam na maioria das doenças, é porque tratam o corpo sem a alma e porque, não estando o todo em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.

98 O Espiritismo dá a chave das relações que existem entre a alma e o corpo e prova que há uma reação incessante de um sobre o outro. Abre assim um novo caminho à ciência; ao lhe mostrar a verdadeira causa de certas enfermidades, dá a ela os meios de combatê-las. Quando ela levar em conta a ação do elemento espiritual no organismo, fracassará com menos frequência.

99 XX. Todos os homens, desde a infância, fazem muito mais mal do que bem.

100 Essa afirmação de Sócrates toca na grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação da Terra, onde habita apenas uma fração muito pequena da humanidade. Só o Espiritismo dá a solução, que é desenvolvida adiante nos capítulos II, III e V.

101 XXI. Há sabedoria em não acreditar que sabes aquilo que não sabes.

102 Isso se dirige às pessoas que criticam aquilo de que muitas vezes não sabem absolutamente nada. Platão completa esse pensamento de Sócrates dizendo: "Tentemos primeiro torná-los, se possível, mais honestos em suas palavras; caso contrário, não nos preocupemos com eles e busquemos apenas a verdade. Procuremos nos instruir, mas não nos insultemos."

102.2 É assim que os espíritas devem agir com seus contraditores de boa ou de má-fé. Se Platão voltasse a viver hoje, encontraria as coisas mais ou menos como em seu tempo e poderia usar a mesma linguagem; Sócrates também encontraria pessoas para zombar de sua crença nos Espíritos e tratá-lo de louco, assim como a seu discípulo Platão.

103 Foi por ter professado esses princípios que Sócrates foi primeiro ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta; tão certo é que as grandes verdades novas, ao levantarem contra si os interesses e os preconceitos que ferem, não podem se estabelecer sem luta e sem fazer mártires.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

I. NÃO VIM DESTRUIR A LEI

✦

1 Não pensem que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruí-los, mas cumpri-los; — pois digo a vocês, em verdade, que o céu e a terra não passarão sem que tudo o que está na lei seja perfeitamente cumprido, até um único iota e um único ponto. (São Mateus, cap. v, v. 17, 18.)

2 Moisés

Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecida por Moisés; uma é invariável; a outra, adaptada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I. Eu sou o Senhor, seu Deus, que os tirei do Egito, da casa da servidão. — Vocês não terão outros deuses estrangeiros diante de mim. — Não farão imagem esculpida, nem figura alguma de tudo o que está no alto, no céu, e embaixo, na terra, nem de tudo o que está nas águas sob a terra. Não as adorarão e não lhes prestarão o culto supremo.

IL Não tomarão em vão o nome do Senhor, seu Deus.

III. Lembrem-se de santificar o dia do sábado.

IV. Honrem seu pai e sua mãe, para que vivam muito tempo na terra que o Senhor, seu Deus, lhes dará.

V. Não matarão.

VI. Não cometerão adultério.

VII. Não furtarão.

VIII. Não darão falso testemunho contra seu próximo.

IX. Não desejarão a mulher de seu próximo.

X. Não desejarão a casa de seu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.

Essa lei é de todos os tempos e de todos os países e, por isso mesmo, tem um caráter divino. Muito diferentes são as leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter pelo temor um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual precisava combater abusos arraigados e preconceitos adquiridos na servidão do Egito. Para dar autoridade às suas leis, teve de lhes atribuir uma origem divina, como fizeram todos os legisladores dos povos primitivos; a autoridade do homem precisava se apoiar na autoridade de Deus; mas somente a ideia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, nos quais o senso moral e o sentimento de uma justiça apurada ainda eram pouco desenvolvidos. É bem evidente que aquele que havia colocado em seus mandamentos: «Não matarás; não causarás dano ao teu próximo», não podia se contradizer, fazendo do extermínio um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, tinham, portanto, um caráter essencialmente transitório.

[3] Cristo

Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe seu verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens; por isso se encontra nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base de sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente, tanto no conteúdo como na forma; combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não poderia submetê-las a uma reforma mais radical do que as reduzindo a es-

tas palavras: «Amar a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo», e dizendo: aí estão toda a lei e os profetas.

Com estas palavras: «O céu e a terra não passarão sem que tudo seja cumprido, até um único iota», Jesus quis dizer que era preciso que a lei de Deus se cumprisse, isto é, fosse praticada em toda a terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e todas as suas consequências; pois de que serviria ter estabelecido essa lei, se ela devesse permanecer como privilégio de alguns homens ou mesmo de um único povo? Sendo todos os homens filhos de Deus, são, sem distinção, objeto do mesmo cuidado.

4 Mas o papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade além de sua palavra; ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado sua vinda; sua autoridade vinha da natureza excepcional de seu Espírito e de sua missão divina; veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na terra, mas no reino dos céus; ensinar-lhes o caminho que leva até lá, os meios de se reconciliarem com Deus, e avisá-los sobre o andamento dos acontecimentos futuros para o cumprimento dos destinos humanos.

4.2 No entanto, não disse tudo e, em muitos pontos, limitou-se a lançar a semente de verdades que ele próprio declara ainda não poderem ser compreendidas; falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos; para captar o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas ideias e novos conhecimentos viessem fornecer a chave, e essas ideias não podiam surgir antes de certo grau de maturidade do espírito humano.

4.3 A ciência devia contribuir poderosamente para o surgimento e o desenvolvimento dessas ideias; era preciso, portanto, dar à ciência tempo para progredir.

5 Vida Espiritismo

O espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal; ele nos mostra esse mundo, já não como algo sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes da natureza, como a fonte de uma infinidade de fenômenos até então incompreendidos e, por essa razão, relegados ao domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo faz alusão em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse permaneceram incompreensíveis ou foram falsamente interpretadas. O espiritismo é a chave com a qual tudo se explica com facilidade.

6 A Lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento está no Cristo; o Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificado em nenhum indivíduo, porque é o produto do ensinamento dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, em todos os pontos da terra, e por uma multidão inumerável de intermediários; é, de certo modo, um ser coletivo que compreende o conjunto dos seres do mundo espiritual, vindo cada um trazer aos homens a contribuição de seus conhecimentos para lhes dar a conhecer esse mundo e o destino que os espera nele.

7 Assim como o Cristo disse: «Não venho destruir a lei, mas cumpri-la», o espiritismo também diz: «Não venho destruir a lei cristã, mas cumpri-la». Ele não ensina nada contrário ao que o Cristo ensina, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que só havia sido dito sob forma alegórica; vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras.

7.2 É, por conseguinte, a obra do Cristo, que preside pessoalmente, como também anunciou, à regeneração que se realiza, e prepara o reino de Deus na terra.

8 Aliança da ciência e da religião

A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana; uma revela as leis do mundo material e a outra, as leis do mundo moral; mas umas e outras, tendo o mesmo princípio, que é Deus, não podem se contradizer; se são a negação uma da outra, uma está necessariamente errada e a outra certa, pois Deus não pode querer destruir sua própria obra. A incompatibilidade que se acreditou ver entre essas duas ordens de ideias decorre de uma falha de observação e de um excesso de exclusivismo de ambas as partes; daí um conflito do qual nasceram a incredulidade e a intolerância.

Chegaram os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber seu complemento; em que o véu lançado de propósito sobre algumas partes desse ensinamento deve ser levantado; em que a ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual, e em que a religião deve deixar de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, para que essas duas forças, apoiando-se uma na outra e caminhando em conjunto, se prestem apoio mútuo. Então a religião, já não sendo desmentida pela ciência, adquirirá uma força inabalável, porque estará de acordo com a razão, e não se poderá opor a ela a irresistível lógica dos fatos.

A ciência e a religião não puderam se entender até hoje porque, considerando cada uma as coisas de seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era preciso algo para preencher o vazio que as separava, um elo que as aproximasse; esse elo está no conhecimento das leis que regem o

mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis quanto as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas essas relações pela experiência, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, a razão nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido. Mas nisso, como em todas as coisas, há pessoas que ficam para trás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga se quiserem resistir a ele em vez de se deixarem levar. É toda uma revolução moral que se realiza neste momento e atua sobre os espíritos; depois de se elaborar durante mais de dezoito séculos, ela se aproxima de sua realização e vai marcar uma nova era na humanidade. As consequências dessa revolução são fáceis de prever; ela deve trazer, nas relações sociais, modificações inevitáveis, às quais ninguém tem o poder de se opor, porque estão nos desígnios de Deus e decorrem da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

9 Instruções dos Espíritos A nova era

Deus é único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou em missão para torná-lo conhecido, não apenas dos hebreus, mas também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para fazer sua revelação por Moisés e pelos profetas, e as vicissitudes desse povo destinavam-se a chamar a atenção e fazer cair o véu que escondia dos homens a divindade. Os mandamentos de Deus dados por Moisés trazem a semente da moral cristã mais ampla; os comentários da Bíblia restringiam seu sentido porque, posta em prática em toda a sua pureza, ela não teria sido compreendida então; mas nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser como o frontispício brilhante, como o farol que devia iluminar a humanidade no caminho que ela tinha de percorrer.

A moral ensinada por Moisés era adequada ao estado de adiantamento em

que se encontravam os povos que ela era chamada a regenerar, e esses povos, ainda meio selvagens quanto ao aperfeiçoamento de sua alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outra maneira que não por holocaustos, nem que fosse preciso conceder perdão a um inimigo. Sua inteligência, notável do ponto de vista da matéria, e mesmo das artes e das ciências, era muito atrasada em moralidade, e não teria se convertido sob a influência de uma religião inteiramente espiritual; precisavam de uma representação semimaterial, como a que a religião hebraica então oferecia. Era assim que os holocaustos falavam aos seus sentidos, enquanto a ideia de Deus falava ao seu espírito.

O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, mais sublime; da moral evangélica cristã que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que deve fazer brotar de todos os corações humanos a caridade e o amor ao próximo, e criar entre todos os homens uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que deve transformar a terra e fazer dela uma morada para Espíritos superiores aos que a habitam hoje. É a lei do progresso, à qual a natureza está submetida, que se cumpre, e o espiritismo é a alavanca de que Deus se serve para fazer a humanidade avançar.

Chegaram os tempos em que as ideias morais devem se desenvolver para realizar os progressos que estão nos desígnios de Deus; elas devem seguir o mesmo caminho que as ideias de liberdade percorreram e que as precederam. Mas não se deve acreditar que esse desenvolvimento acontecerá sem lutas; não, elas precisam, para chegar à maturidade, de abalos e de discussões, a fim de atraírem a atenção das massas; uma vez fixada a atenção, a beleza e a santidade da moral impressionarão os espíritos, e eles se apegarão a

uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o espiritismo a concluirá. (Um Espírito Israelita. Mulhouse, 1861.)

10 Um dia, Deus, em sua caridade inesgotável, permitiu ao homem ver a verdade atravessar as trevas; esse dia foi o advento do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram; o mundo, depois de alternâncias de verdade e de obscuridade, perdia-se de novo. Então, semelhantes aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos começam a falar e a advertir vocês; o mundo está abalado em suas bases; o trovão vai ribombar; sejam firmes!

O espiritismo é de ordem divina, pois se apoia nas próprias leis da natureza, e creiam que tudo o que é de ordem divina tem um objetivo grande e útil. Seu mundo se perdia; a ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, ao mesmo tempo que os conduzia ao bem-estar material, servia aos interesses do espírito das trevas. Vocês sabem, cristãos, o coração e o amor devem caminhar unidos à ciência. O reino do Cristo, infelizmente, depois de dezoito séculos, e apesar do sangue de tantos mártires, ainda não chegou. Cristãos, voltem ao mestre que quer salvá-los. Tudo é fácil para quem crê e ama; o amor o enche de uma alegria inefável. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos dizem isso a vocês repetidamente; curvem-se sob o sopro que anuncia a tempestade, para não serem derrubados; isto é, preparem-se, e não se assemelhem às virgens insensatas que foram pegas de surpresa na chegada do esposo.

A revolução que se prepara é mais moral do que material; os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé para que todos vocês, trabalhadores esclarecidos e ardorosos, façam ouvir sua humilde voz; pois vocês são o grão de areia, mas sem grãos de areia não haveria montanhas. Assim, que estas

palavras: «Somos pequenos», já não tenham sentido para vocês. A cada um sua missão, a cada um seu trabalho. A formiga não constrói o edifício de sua república, e seres minúsculos e imperceptíveis não erguem continentes? A nova cruzada começou; apóstolos da paz universal e não de uma guerra, modernos são Bernardos, olhem e sigam em frente: a lei dos mundos é a lei do progresso. (Fénelon. Poitiers, 1861.)

11 Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do espiritismo; manifesta-se quase por toda parte; encontramos a razão disso na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence àquela vigorosa falange dos Pais da Igreja aos quais a cristandade deve suas bases mais sólidas. Como muitos, foi arrancado do paganismo, ou melhor, da mais profunda impiedade, pelo brilho da verdade. Quando, em meio aos seus excessos, sentiu em sua alma aquela vibração estranha que o trouxe de volta a si mesmo e o fez compreender que a felicidade estava em outro lugar, além dos prazeres que enfraquecem e passam; quando, enfim, em seu caminho de Damasco, ouviu, também ele, a voz santa lhe gritar: Saulo, Saulo, por que me persegues? exclamou: Meu Deus! Meu Deus! Perdoai-me, eu creio, sou cristão! E desde então se tornou um dos mais firmes sustentáculos do Evangelho. Podem-se ler, nas notáveis confissões que esse eminente Espírito nos deixou, as palavras características e ao mesmo tempo proféticas que pronunciou depois de perder santa Mônica: «Estou convencido de que minha mãe voltará para me visitar e me dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura». Que ensinamento nessas palavras, e que previsão luminosa da futura doutrina! É por isso que hoje, vendo chegada a hora de divulgar a verdade que havia pressentido outrora, tornou-se seu ardoroso propagador e se multiplica, por assim dizer, para responder a todos os que o chamam.

(Erasto, discípulo de são Paulo. Paris, 1863.)

Observação. Santo Agostinho vem, então, derrubar o que ergueu? Certamente não; mas, como tantos outros, vê com os olhos do espírito o que não via como homem; sua alma liberta entrevê novas luzes; compreende o que antes não compreendia; novas ideias lhe revelaram o verdadeiro sentido de certas palavras; na terra, julgava as coisas segundo os conhecimentos que possuía, mas, quando uma nova luz se fez para ele, pôde julgá-las com mais acerto; foi assim que teve de rever sua crença nos Espíritos íncubos e súcubos, e o anátema que havia lançado contra a teoria dos antípodas. Agora que o cristianismo lhe aparece em toda a sua pureza, pode, em certos pontos, pensar de maneira diferente de quando estava vivo, sem deixar de ser o apóstolo cristão; pode, sem renegar sua fé, tornar-se propagador do espiritismo, porque nele vê o cumprimento das coisas preditas. Ao proclamá-lo hoje, apenas nos reconduz a uma interpretação mais correta e mais lógica dos textos. O mesmo acontece com os outros Espíritos que se encontram em situação semelhante.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

II. MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

✦

1 Pilatos, tendo então voltado ao palácio e mandado chamar Jesus, lhe disse: O senhor é o rei dos judeus? — Jesus lhe respondeu: Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, os meus teriam lutado para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas meu reino não é aqui.
Pilatos lhe disse então: Portanto, o senhor é rei? — Jesus lhe respondeu: O senhor o diz; sou rei; só nasci e vim a este mundo para dar testemunho da verdade; todo aquele que pertence à verdade ouve minha voz. (São João, cap. xviii, v. 33, 36, 37.)

2 A vida futura

Com essas palavras, Jesus indica claramente a vida futura, que apresenta em todas as circunstâncias como o destino a que chega a humanidade e como aquilo que deve ser objeto das principais preocupações do homem na terra; todas as suas máximas se referem a esse grande princípio. Sem a vida futura, de fato, a maioria de seus preceitos morais não teria razão de ser; é por isso que aqueles que não creem na vida futura, imaginando que ele só fala da vida presente, não os compreendem ou os acham pueris.
Esse dogma pode, portanto, ser considerado o eixo do ensinamento do Cristo; é por isso que está colocado entre os primeiros, no início desta obra, porque deve ser o alvo de todos os homens; só ele pode justificar as anomalias da vida terrestre e estar de acordo com a justiça de Deus.

[3] Os judeus tinham apenas ideias muito incertas a respeito da vida futura; acreditavam nos anjos, que consideravam os seres privilegiados da criação, mas não sabiam que os homens poderiam um dia se tornar anjos e compartilhar sua felicidade. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens da terra, a supremacia de sua nação, as vitórias sobre seus inimigos; as calamidades públicas e as derrotas eram o castigo de sua desobediência. Moisés não podia dizer mais a um povo de pastores ignorantes, que devia ser sensibilizado antes de tudo pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus veio lhes revelar que há outro mundo onde a justiça de Deus segue seu curso; é esse mundo que ele promete àqueles que observam os mandamentos de Deus e onde os bons encontrarão sua recompensa; esse mundo é seu reino; é lá que ele está em toda a sua glória e para onde vai voltar ao deixar a terra.

No entanto, Jesus, adequando seu ensinamento à condição dos homens de sua época, não julgou que devesse lhes dar uma luz completa, que os teria deslumbrado sem esclarecê-los, porque não a teriam compreendido; limitou-se a estabelecer, de certo modo, a vida futura como princípio, como uma lei da natureza à qual ninguém pode escapar. Todo cristão, portanto, necessariamente crê na vida futura; mas a ideia que muitos fazem dela é vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em vários pontos; para um grande número, é apenas uma crença sem certeza absoluta; daí as dúvidas e até a incredulidade.

O espiritismo veio completar, nesse ponto como em muitos outros, o ensinamento do Cristo, quando os homens estavam maduros para compreender a verdade. Com o espiritismo, a vida futura já não é um simples artigo de fé, uma hipótese; é uma realidade material demonstrada pelos fatos, pois são as testemunhas oculares que vêm descrevê-la em todas as suas fases

e em todas as suas peripécias; de tal modo que não só a dúvida já não é possível, mas até a inteligência mais comum pode representá-la sob seu verdadeiro aspecto, como se imagina um país do qual se lê uma descrição detalhada; ora, essa descrição da vida futura é tão minuciosa, as condições de existência feliz ou infeliz daqueles que nela se encontram são tão racionais, que se diz, mesmo sem querer, que não pode ser de outra maneira e que ali está, de fato, a verdadeira justiça de Deus.

4 A realeza de Jesus

O reino de Jesus não é deste mundo, isso todos compreendem; mas ele não tem também uma realeza na terra? O título de rei nem sempre implica o exercício do poder temporal; é dado por consentimento unânime àquele que seu gênio coloca em primeiro lugar em qualquer campo de ideias, que domina seu século e influi no progresso da humanidade. É nesse sentido que se diz: O rei ou o príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores etc. Essa realeza, nascida do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, não tem muitas vezes uma preponderância muito maior do que aquela que usa o diadema? Ela é imperecível, enquanto a outra é joguete das mudanças da sorte; ela é sempre abençoada pelas gerações futuras, enquanto a outra às vezes é amaldiçoada. A realeza terrestre termina com a vida; a realeza moral ainda governa, e sobretudo depois da morte. A esse título, Jesus não é um rei mais poderoso que muitos potentados? É, portanto, com razão que ele dizia a Pilatos: Sou rei, mas meu reino não é deste mundo. O ponto de vista

5 A ideia clara e precisa que se faz da vida futura dá uma fé inabalável no futuro, e essa fé tem consequências imensas sobre a moralização dos homens, pois muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram a

vida terrestre. Para aquele que se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corporal é apenas uma passagem, uma breve parada em um país ingrato. As vicissitudes e as tribulações da vida são apenas incidentes que ele suporta com paciência, porque sabe que são de curta duração e devem ser seguidos de um estado mais feliz; a morte já não tem nada de assustador; já não é a porta do nada, mas a da libertação, que abre ao exilado a entrada de uma morada de felicidade e paz. Sabendo que está em um lugar temporário e não definitivo, ele encara as preocupações da vida com mais indiferença, e disso resulta uma calma de espírito que suaviza sua amargura.

Pela simples dúvida sobre a vida futura, o homem volta todos os seus pensamentos para a vida terrestre; incerto do futuro, dá tudo ao presente; não vislumbrando bens mais preciosos que os da terra, é como a criança que não vê nada além de seus brinquedos; para consegui-los, não há nada que não faça; a perda do menor de seus bens é um desgosto doloroso; um contratempo, uma esperança frustrada, uma ambição não satisfeita, uma injustiça de que é vítima, o orgulho ou a vaidade ferida são outros tantos tormentos que fazem de sua vida uma angústia perpétua, impondo assim a si mesmo, voluntariamente, uma verdadeira tortura a todo instante. Ao adotar o ponto de vista da vida terrestre, no centro da qual está colocado, tudo ao seu redor assume vastas proporções: o mal que o atinge, assim como o bem que cabe aos outros, tudo adquire grande importância a seus olhos. Da mesma forma, para quem está no interior de uma cidade, tudo parece grande: os homens que estão no alto da escala, assim como os monumentos; mas, se ele se transportar para uma montanha, homens e coisas lhe parecerão bem pequenos.

Assim acontece com aquele que encara a vida terrestre do ponto de vista da

vida futura: a humanidade, como as estrelas do firmamento, se perde na imensidão; ele percebe então que grandes e pequenos se confundem como formigas sobre um torrão de terra; que proletários e potentados têm o mesmo tamanho, e sente pena desses seres efêmeros que se impõem tantas preocupações para conquistar ali um lugar que os eleva tão pouco e que devem conservar por tão pouco tempo. É assim que a importância atribuída aos bens terrestres está sempre na razão inversa da fé na vida futura.

6 Se todos pensassem dessa maneira, dirão, como ninguém mais se ocuparia das coisas da terra, tudo nela entraria em declínio. Não; o homem busca instintivamente seu bem-estar e, mesmo com a certeza de estar em um lugar por pouco tempo, ainda quer estar ali o melhor ou o menos mal possível; não há quem, encontrando um espinho sob a mão, não o retire para não se espetar. Ora, a busca do bem-estar obriga o homem a melhorar todas as coisas, impelido que é pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da natureza. Ele trabalha, portanto, por necessidade, por gosto e por dever, e nisso cumpre os desígnios da Providência, que o colocou na terra para esse fim. Apenas aquele que considera o futuro atribui ao presente uma importância relativa e se consola facilmente de seus fracassos ao pensar no destino que o espera.

Deus, portanto, não condena os prazeres terrestres, mas o abuso desses prazeres em prejuízo das coisas da alma; é contra esse abuso que se previnem aqueles que aplicam a si mesmos esta palavra de Jesus: Meu reino não é deste mundo.

Aquele que se identifica com a vida futura é semelhante a um homem rico

que perde uma pequena quantia sem se abalar; aquele que concentra seus pensamentos na vida terrestre é como um homem pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7 O espiritismo amplia o pensamento e lhe abre novos horizontes; em lugar dessa visão estreita e mesquinha que o concentra na vida presente, que faz do instante que se passa na terra o único e frágil eixo do futuro eterno, ele mostra que essa vida é apenas um elo no conjunto harmonioso e grandioso da obra do Criador; mostra a solidariedade que une todas as existências do mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos; dá assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma no momento do nascimento de cada corpo torna todos os seres estranhos uns aos outros.

7.2 Essa solidariedade das partes de um mesmo todo explica o que é inexplicável quando se considera apenas um único ponto. É esse conjunto que, no tempo do Cristo, os homens não poderiam compreender; é por isso que ele reservou seu conhecimento para outros tempos.

8 Instruções dos Espíritos Uma realeza terrestre

Quem melhor do que eu pode compreender a verdade desta palavra de Nosso Senhor: Meu reino não é deste mundo? O orgulho me perdeu na terra; quem, então, compreenderia o nada dos reinos deste mundo, se eu não o compreendesse? O que levei comigo de minha realeza terrestre? Nada, absolutamente nada; e, como para tornar a lição mais terrível, ela não me acompanhou até o túmulo! Rainha eu era entre os homens, rainha eu acreditava entrar no reino dos céus. Que desilusão! Que humilhação quando, em vez de ser recebida ali como soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava bem pequenos e que desprezava por-

que não eram de sangue nobre! Oh! Como então compreendi a esterilidade das honras e das grandezas que se buscam com tanta avidez na terra!

Para preparar um lugar nesse reino, é preciso a abnegação, a humildade, a caridade em toda a sua prática celestial, a benevolência para com todos; não se pergunta a vocês o que foram, que posição ocuparam, mas o bem que fizeram, as lágrimas que enxugaram.

Oh! Jesus, tu o disseste, teu reino não é neste mundo, pois é preciso sofrer para chegar ao céu, e os degraus do trono não nos aproximam dele; são as veredas mais penosas da vida que conduzem até lá; busquem, portanto, o caminho através das sarças e dos espinhos, e não entre as flores.

Os homens correm atrás dos bens terrestres como se devessem conservá-los para sempre; mas aqui não há mais ilusão; logo percebem que agarraram apenas uma sombra e negligenciaram os únicos bens sólidos e duradouros, os únicos que lhes são úteis na morada celestial, os únicos que podem lhes abrir o acesso a ela.

Tenham piedade daqueles que não conquistaram o reino dos céus; ajudem-nos com suas preces, pois a prece aproxima o homem do Altíssimo; é o elo entre o céu e a terra: não se esqueçam disso. (Uma rainha da França. Le Havre, 1863.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

III. HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

✦

1 Que o coração de vocês não se perturbe. — Vocês creem em Deus, creiam também em mim. — Há muitas moradas na casa de meu Pai; se não fosse assim, eu já lhes teria dito, pois vou preparar o lugar; — e, depois que eu tiver ido e lhes tiver preparado o lugar, voltarei e os levarei para junto de mim, para que, onde eu estiver, vocês também estejam. (São João, cap. xiv, v. 1,2, 3.)

2 Diferentes estados da alma na erraticidade

A casa do Pai é o universo; as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem aos Espíritos encarnados lugares de permanência adequados ao seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras também podem ser entendidas como o estado feliz ou infeliz do Espírito na erraticidade. Conforme ele esteja mais ou menos purificado e livre dos laços materiais, o meio em que se encontra, o aspecto das coisas, as sensações que experimenta e as percepções que possui variam ao infinito; enquanto uns não podem se afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto certos Espíritos culpados vagam nas trevas, os felizes desfrutam de uma claridade resplandecente e do sublime espetáculo do infinito; enquanto, enfim, o mau, atormentado pelo remorso e pelo pesar, muitas vezes sozinho, sem consolo, separado dos que ama, geme sob

o peso dos sofrimentos morais, o justo, reunido àqueles que ama, saboreia as doçuras de uma felicidade indescritível. Portanto, ali também há muitas moradas, embora não sejam delimitadas nem localizadas.

[3] Diferentes categorias de mundos habitados

Do ensinamento dado pelos Espíritos, resulta que os diversos mundos se encontram em condições muito diferentes umas das outras quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade de seus habitantes. Entre eles, há mundos cujos habitantes ainda são inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros estão no mesmo grau, e outros lhes são mais ou menos superiores em todos os aspectos. Nos mundos inferiores, a existência é inteiramente material, as paixões reinam soberanas e a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, a influência da matéria diminui, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, inteiramente espiritual.

[4] Nos mundos intermediários, há uma mistura de bem e de mal, com predominância de um ou de outro, conforme o grau de adiantamento. Embora não seja possível fazer uma classificação absoluta dos diversos mundos, pode-se, no entanto, em razão de seu estado e de sua destinação, e tomando como base as diferenças mais marcantes, dividi-los de maneira geral da seguinte forma: os mundos primitivos, destinados às primeiras encarnações da alma humana; os mundos de expiações e de provas, onde o mal domina; os mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm o que expiar encontram novas forças, enquanto descansam das fadigas da luta; os mundos felizes, onde o bem prevalece sobre o mal; os mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem divisão.

4.2 A Terra pertence à categoria dos mundos de expiações e de provas, e é por isso que o ser humano está nela sujeito a tantas misérias.

5 Os Espíritos encarnados em um mundo não ficam presos a ele indefinidamente e não cumprem nele todas as fases de progresso que devem percorrer para chegar à perfeição. Quando atingem em um mundo o grau de adiantamento que ele comporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até chegarem ao estado de Espíritos puros.

5.2 São outras tantas etapas, em cada uma das quais encontram elementos de progresso proporcionais ao seu adiantamento. Para eles, passar a um mundo de ordem mais elevada é uma recompensa, assim como é um castigo prolongar sua permanência em um mundo infeliz ou ser relegados a um mundo ainda mais infeliz do que aquele que são obrigados a deixar, quando se obstinaram no mal.

6 Destinação da Terra. Causas das misérias humanas

As pessoas se espantam ao encontrar na Terra tanta maldade e tantas paixões ruins, tantas misérias e enfermidades de toda espécie, e concluem que a espécie humana é algo lamentável. Esse julgamento vem do ponto de vista limitado em que se colocam, que dá uma falsa ideia do conjunto. É preciso considerar que na Terra não se vê toda a humanidade, mas uma fração muito pequena dela. De fato, a espécie humana compreende todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros mundos do universo; ora, o que é a população da Terra diante da população total desses mundos? Muito menos que a de um povoado em relação à de um grande império. A situação material e moral da humanidade terrestre deixa de causar espanto quando se compreendem a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.

7 Teríamos uma ideia muito falsa dos habitantes de uma grande cidade se os julgássemos pela população dos bairros mais pobres e sórdidos. Em um hospital, só se veem doentes ou pessoas mutiladas; em uma prisão de trabalhos forçados, veem-se reunidas todas as torpezas, todos os vícios; nas regiões insalubres, a maioria dos habitantes é pálida, franzina e adoentada. Pois bem, imagine-se a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um país insalubre, pois ela é tudo isso ao mesmo tempo, e se compreenderá por que as aflições superam os prazeres, pois não se mandam para o hospital as pessoas que estão bem, nem para as casas de correção aquelas que não fizeram mal algum; e nem os hospitais nem as casas de correção são lugares de delícias.

Ora, assim como, em uma cidade, nem toda a população está nos hospitais ou nas prisões, nem toda a humanidade está na Terra; assim como se sai do hospital quando se está curado, e da prisão quando se cumpriu a pena, o ser humano deixa a Terra por mundos mais felizes quando está curado de suas enfermidades morais.

8 Instruções dos Espíritos I Mundos inferiores e mundos superiores

A classificação de mundos inferiores e mundos superiores é mais relativa do que absoluta; um mundo é inferior ou superior em relação àqueles que estão acima ou abaixo dele na escala do progresso.

Tomando a Terra como ponto de comparação, pode-se fazer uma ideia do estado de um mundo inferior supondo que o ser humano esteja ali no grau das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda se encontram em sua superfície e que são os vestígios de seu estado primitivo. Nos mais atrasados, os seres que os habitam são, de certa forma, rudimentares; têm a forma humana, mas sem beleza alguma; seus instintos não são moderados por ne-

nhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto; só a força bruta faz a lei. Sem indústria, sem invenções, os habitantes passam a vida buscando seu alimento. No entanto, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas; no fundo das trevas da inteligência, encontra-se latente a vaga intuição de um Ser supremo, mais ou menos desenvolvida. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e preparar seu despertar para uma vida mais completa; pois não são seres degradados, mas crianças que crescem.

Entre esses graus inferiores e os mais elevados, há inúmeros degraus, e nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, é difícil reconhecer aqueles que animaram esses seres primitivos, assim como no ser humano adulto é difícil reconhecer o embrião.

9 Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são inteiramente diferentes das da Terra. A forma do corpo é sempre, como em toda parte, a forma humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e, por isso, não está sujeito às necessidades, às doenças nem às deteriorações que a predominância da matéria produz; os sentidos, mais apurados, têm percepções que a grosseria dos órgãos sufoca aqui na Terra; a leveza própria dos corpos torna a locomoção rápida e fácil; em vez de se arrastar penosamente pelo chão, o corpo desliza, por assim dizer, sobre a superfície, ou paira na atmosfera sem outro esforço além do da vontade, da maneira como se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elísios. Os seres humanos conservam, conforme desejam, os traços de suas migrações passadas e aparecem aos amigos como estes os conheceram, mas iluminados por uma luz divina, transfigurados pelas im-

pressões interiores, que são sempre elevadas. Em vez de rostos sem brilho, devastados pelos sofrimentos e pelas paixões, a inteligência e a vida irradiam aquele esplendor que os pintores traduziram pelo nimbo ou pela auréola dos santos.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase inexistente a infância; a vida, livre de preocupações e angústias, é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade é proporcional ao grau de adiantamento dos mundos. A morte nada tem ali dos horrores da decomposição; longe de ser motivo de pavor, é considerada uma transformação feliz, porque ali não existe dúvida sobre o futuro. Durante a vida, a alma, por não estar encerrada em uma matéria compacta, irradia-se e desfruta de uma lucidez que a coloca em um estado quase permanente de emancipação e permite a livre transmissão do pensamento.

10 Nesses mundos felizes, as relações entre os povos, sempre amistosas, nunca são perturbadas pela ambição de subjugar o vizinho, nem pela guerra que dela resulta. Não há senhores, nem escravos, nem privilegiados de nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece a diferença de condições e dá a supremacia.

10.2 A autoridade é sempre respeitada, porque só é dada ao mérito e se exerce sempre com justiça. O ser humano procura se elevar acima de si mesmo, aperfeiçoando-se, e não acima de outro ser humano. Seu objetivo é chegar à posição dos Espíritos puros, e esse desejo incessante não é um tormento, mas uma nobre ambição que o leva a estudar com ardor para conseguir igualá-los.

10.3 Todos os sentimentos ternos e elevados da natureza humana se encontram ali ampliados e purificados; os ódios, os ciúmes mesquinhos e as baixas cobiças da inveja são desconhecidos; um laço de amor e de fraternidade une todos os seres humanos; os mais fortes ajudam os mais fracos.

10.4 Possuem mais ou menos, conforme tenham adquirido mais ou menos por sua inteligência, mas ninguém sofre por falta do necessário, porque ninguém está ali em expiação; em uma palavra, o mal não existe ali.

11 No mundo de vocês, vocês precisam do mal para sentir o bem, da noite para admirar a luz, da doença para apreciar a saúde; ali, esses contrastes não são necessários; a eterna luz, a eterna beleza e a eterna calma da alma proporcionam uma alegria eterna, que não é perturbada pelas angústias da vida material nem pelo contato com os maus, que não têm acesso àqueles mundos.

11.2 É isso que o espírito humano tem mais dificuldade de compreender; ele foi engenhoso ao retratar os tormentos do inferno, mas nunca conseguiu imaginar as alegrias do céu; e por quê?

11.3 Porque, sendo inferior, só suportou dores e misérias e não entreviu as claridades celestes; só pode falar do que conhece; mas, à medida que se eleva e se purifica, o horizonte se ilumina, e ele compreende o bem que está à sua frente, assim como compreendeu o mal que ficou para trás.

12 No entanto, esses mundos afortunados não são mundos privilegiados, pois Deus não é parcial com nenhum de seus filhos; dá a todos os mesmos direitos e as mesmas facilidades para chegar a eles; faz com que todos partam do mesmo ponto e não concede a nenhum mais do que aos outros; as primeiras posições são acessíveis a todos: cabe a eles conquistá-las por seu trabalho; cabe a eles alcançá-las o mais cedo possível, ou definhar durante

séculos e séculos nas camadas mais baixas da humanidade. (Resumo de informações de todos os Espíritos superiores.) Mundos de expiações e de provas.

13 O que direi a vocês sobre os mundos de expiações que já não saibam, uma vez que basta considerar a Terra em que habitam? A superioridade da inteligência em grande número de seus habitantes indica que ela não é um mundo primitivo destinado à encarnação de Espíritos que mal saíram das mãos do Criador. As qualidades inatas que trazem consigo são a prova de que já viveram e de que realizaram certo progresso; mas também os numerosos vícios aos quais são inclinados são o sinal de uma grande imperfeição moral; por isso Deus os colocou numa terra ingrata, para ali expiarem suas faltas por meio de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que tenham merecido ir para um mundo mais feliz.

\ 4. No entanto, nem todos os Espíritos encarnados na Terra são enviados a ela em expiação. As raças que vocês chamam de selvagens são Espíritos que mal saíram da infância e que ali estão, por assim dizer, em educação, desenvolvendo-se em contato com Espíritos mais avançados. Vêm em seguida as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em progresso. Essas são, de certo modo, as raças nativas da Terra, que cresceram pouco a pouco ao longo de extensos períodos de séculos, e algumas delas puderam alcançar o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação são ali, se podemos nos expressar assim, estrangeiros; já viveram em outros mundos, de onde foram excluídos por sua obstinação no mal e porque ali eram uma causa de perturbação para os bons; foram relegados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, que têm por missão fazer avançar, pois trouxeram consigo sua inteligência

desenvolvida e o germe dos conhecimentos adquiridos; por isso os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes; são essas também para as quais as misérias da vida têm maior amargura, porque nelas há mais sensibilidade e elas sofrem mais com os abalos do que as raças primitivas, cujo senso moral é menos apurado.

15 A Terra oferece, portanto, um dos tipos de mundos expiatórios, cujas variedades são infinitas, mas que têm como característica comum servir de lugar de exílio aos Espíritos rebeldes à lei de Deus.

15.2 Ali esses Espíritos têm de lutar ao mesmo tempo contra a perversidade dos homens e contra a inclemência da natureza, duplo trabalho penoso que desenvolve, ao mesmo tempo, as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz com que o próprio castigo contribua para o progresso do Espírito. (Santo Agostinho. Paris, 1862.)

Mundos regeneradores.

16 Entre essas estrelas que cintilam na abóbada azulada, quantos mundos existem, como o de vocês, designados pelo Senhor para a expiação e a prova! Mas também há outros mais miseráveis e melhores, assim como há os de transição, que podemos chamar de regeneradores.

16.2 Cada turbilhão planetário, percorrendo o espaço ao redor de um centro comum, leva consigo seus mundos primitivos, de exílio, de prova, de regeneração e de felicidade.

16.3 Já lhes falaram desses mundos onde a alma nascente é colocada quando, ainda sem conhecer o bem e o mal, pode caminhar para Deus, senhora de si mesma, de posse de seu livre-arbítrio; já lhes disseram de que amplas faculdades a alma foi dotada para fazer o bem; mas, infelizmente,

há as que sucumbem, e Deus, não querendo aniquilá-las, permite que vão para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se purificam, se regeneram e voltarão dignas da glória que lhes estava destinada.

17 Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes; a alma que se arrepende encontra neles a calma e o repouso, enquanto acaba de se purificar. Sem dúvida, nesses mundos, o homem ainda está sujeito às leis que regem a matéria; a humanidade experimenta as mesmas sensações e os mesmos desejos que vocês, mas está livre das paixões desordenadas das quais vocês são escravos; ali já não há orgulho que faça calar o coração, nem inveja que o torture, nem ódio que o sufoque; a palavra amor está escrita em todas as frontes; uma perfeita equidade rege as relações sociais; todos mostram Deus e procuram chegar a ele seguindo suas leis.

Ali, porém, ainda não há a felicidade perfeita, mas é a aurora da felicidade. O homem ainda é carne e, por isso mesmo, está sujeito a vicissitudes das quais só estão livres os seres completamente desmaterializados; ainda tem provas a enfrentar, mas elas não têm as angústias dolorosas da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são muito felizes, e muitos de vocês ficariam satisfeitos em parar neles, pois são a calma depois da tempestade, a convalescença depois de uma doença cruel; mas o homem, menos absorvido pelas coisas materiais, vislumbra melhor o futuro do que vocês; compreende que existem outras alegrias que o Senhor promete aos que se tornam dignos delas, quando a morte tiver novamente ceifado seus corpos para lhes dar a verdadeira vida. É então que a alma liberta pairará sobre to-

dos os horizontes; já não haverá sentidos materiais e grosseiros, mas os sentidos de um perispírito puro e celeste, aspirando as emanações do próprio Deus nos perfumes de amor e de caridade que se espalham de seu seio.

18 Mas, infelizmente, nesses mundos o homem ainda é falível, e o Espírito do mal ainda não perdeu completamente seu domínio. Não avançar é recuar, e, se ele não se mantiver firme no caminho do bem, poderá cair de novo nos mundos de expiação, onde o esperam novas e mais terríveis provas.

Contemplem, portanto, essa abóbada azulada, à noite, na hora do repouso e da oração, e, entre essas esferas inumeráveis que brilham sobre suas cabeças, perguntem a si mesmos quais conduzem a Deus, e peçam a ele que um mundo regenerador lhes abra seu seio depois da expiação na Terra. (Santo Agostinho. Paris, 1862.)

Progressão dos mundos

19 O progresso é uma das leis da natureza; todos os seres da criação, animados e inanimados, estão sujeitos a ela pela bondade de Deus, que quer que tudo cresça e prospere. A própria destruição, que parece aos homens o fim das coisas, é apenas um meio de chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, pois tudo morre para renascer, e nada volta ao nada. Ao mesmo tempo que os seres vivos progridem moralmente, os mundos em que habitam progridem materialmente. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diversas fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos que serviram para constituí-lo, o veria percorrer uma escala de progresso incessante, mas por graus imperceptíveis para cada geração, e oferecer a seus habitantes uma morada mais agradável à medida que eles próprios avançam no caminho do progresso. Assim caminham parale-

lamente o progresso do homem, o dos animais que o auxiliam, o dos vegetais e o da morada, pois nada é estacionário na natureza. Como essa ideia é grandiosa e digna da majestade do Criador! E como, ao contrário, é pequena e indigna de seu poder aquela que concentra sua solicitude e sua providência no imperceptível grão de areia da Terra e restringe a humanidade aos poucos homens que nela habitam!

A Terra, seguindo essa lei, esteve material e moralmente num estado inferior ao que se encontra hoje e alcançará, sob esses dois aspectos, um grau mais avançado. Ela chegou a um de seus períodos de transformação, em que, de mundo expiatório, vai se tornar mundo regenerador; então os homens serão felizes nela, porque a lei de Deus ali reinará. (Santo Agostinho, Paris, 1862.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IV. NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

✦

1 Tendo Jesus chegado às proximidades de Cesareia de Filipe, interrogou seus discípulos e lhes disse: O que dizem os homens a respeito do Filho do Homem? Quem dizem que eu sou? — Eles lhe responderam: Uns dizem que o senhor é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou algum dos profetas.

— Jesus lhes disse: E vocês, quem dizem que eu sou?

— Simão Pedro, tomando a palavra, lhe disse: O senhor é o Cristo, o Filho do Deus vivo. — Jesus lhe respondeu: Você é bem-aventurado, Simão, filho de João, porque não foram a carne nem o sangue que lhe revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus. (São Mateus, cap. xvi, v. de 13 a 17; São Marcos, cap. viii, v. de 27 a 30.)

2 Entretanto, Herodes, o Tetrarca, ouviu falar de tudo o que Jesus fazia e ficou perplexo, — porque uns diziam que João havia ressuscitado dentre os mortos; outros, que Elias havia aparecido, e outros, que um dos antigos profetas havia ressuscitado. — Então Herodes disse: Mandei cortar a cabeça de João; mas quem é esse de quem ouço dizer coisas tão grandiosas? E tinha vontade de vê-lo. (São Marcos, cap. vi, v. 14, 15; São Lucas, cap. ix, v. 7, 8, 9.)

3 (Depois da transfiguração.) Seus discípulos então o interrogaram e lhe disseram: Por que, então, os escribas dizem que é preciso que Elias volte primeiro? — Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias deve voltar e

restabelecer todas as coisas; — mas eu lhes declaro que Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas o trataram como quiseram.

3.2 É assim que farão sofrer o Filho do Homem. — Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado. (São Mateus, cap. xvii, v. de 10 a 13; São Marcos, cap. ix, v. 10, 11, 12.)

4 Ressurreição e reencarnação

A reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de ressurreição; somente os saduceus, que pensavam que tudo termina com a morte, não acreditavam nela. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque eles tinham apenas noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que havia vivido podia reviver, sem compreender com precisão de que maneira isso poderia acontecer; designavam pela palavra ressurreição o que o espiritismo chama, com mais propriedade, de reencarnação. De fato, a ressurreição supõe o retorno à vida do corpo que morreu, o que a ciência demonstra ser materialmente impossível, principalmente quando os elementos desse corpo já estão há muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é o retorno da alma ou Espírito à vida corporal, mas em outro corpo, recém-formado para ele, e que nada tem em comum com o antigo. A palavra ressurreição podia, assim, aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois haviam visto João quando criança e conheciam seu pai e sua mãe. João podia, portanto, ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.

5 Ora, havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus, — que foi à noite encontrar Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que o senhor veio da parte de Deus para nos instruir como um doutor; pois ninguém poderia fazer os milagres que o senhor faz se Deus não estivesse com ele.

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhe digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.

Nicodemos lhe disse: Como pode nascer um homem que já é velho? Pode voltar ao ventre de sua mãe para nascer uma segunda vez?

Jesus lhe respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhe digo: Se um homem não renascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. — O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é Espírito. — Não se espante com o que eu lhe disse, que é preciso que vocês nasçam de novo. — O Espírito sopra onde quer, e você ouve sua voz, mas não sabe de onde ele vem nem para onde vai; o mesmo acontece com todo homem que nasceu do Espírito.

Nicodemos lhe respondeu: Como isso pode acontecer? — Jesus lhe disse: Como! Você é mestre em Israel e ignora essas coisas! — Em verdade, em verdade, eu lhe digo que só dizemos o que sabemos e só damos testemunho do que vimos; no entanto, vocês não aceitarão nosso testemunho. — Mas, se vocês não acreditam em mim quando lhes falo das coisas da terra, como acreditarão quando lhes falar das coisas do céu? (São João, cap. iii, v. de 1 a 12.)

6 A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na terra se encontra em muitas passagens dos Evangelhos, especialmente nas citadas acima (nºs 1, 2, 3). Se essa crença fosse um erro, Jesus não teria

deixado de combatê-la, como combateu tantos outros; longe disso, ele a confirma com toda a sua autoridade e a estabelece como princípio e como condição necessária quando diz: Ninguém pode ver o reino dos céus se não nascer de novo; e insiste, acrescentando: Não se espantem com o que lhes digo, que é preciso que vocês nasçam de novo.

7 Estas palavras: "Se um homem não renascer da água e do Espírito" foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo; mas o texto primitivo trazia simplesmente: Não renascer da água e do Espírito, enquanto, em certas traduções, do Espírito foi substituído por: do Espírito Santo, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto fundamental fica evidente nos primeiros comentários feitos sobre o Evangelho, como um dia será constatado sem possibilidade de equívoco!

8 Para compreender o verdadeiro sentido dessas palavras, é preciso também recorrer ao significado da palavra água, que não era empregada em seu sentido próprio.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos; eles acreditavam que a terra havia saído das águas, e por isso consideravam a água o elemento gerador absoluto; é assim que, no Gênesis, se diz: "O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava na superfície das águas; — Que o firmamento seja feito no meio das águas; — Que as águas que estão sob o céu se reúnam em um só lugar, e que o elemento seco apareça; — Que as águas produzam animais vivos que nadem na água e aves que voem sobre a terra e sob o firmamento."

Segundo essa crença, a água havia se tornado o símbolo da natureza material, assim como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: "Se

o homem não renascer da água e do Espírito, ou em água e em Espírito", significam, portanto: "Se o homem não renascer com seu corpo e sua alma." Foi nesse sentido que elas foram compreendidas no início.

Essa interpretação, aliás, é justificada por estas outras palavras: O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é o Espírito. Jesus faz aqui uma distinção clara entre o Espírito e o corpo. O que nasceu da carne é carne indica claramente que apenas o corpo procede do corpo e que o Espírito é independente do corpo.

(1) A tradução de Osterwald está de acordo com o texto primitivo; ela traz: não renascer da água e do Espírito; a de Sacy diz: do Espírito Santo; a de Lamennais: do Espírito Santo.

9 O Espírito sopra onde quer; vocês ouvem sua voz, mas não sabem de onde ele vem nem para onde vai pode ser entendido como o Espírito de Deus, que dá a vida a quem quer, ou como a alma do homem; neste último sentido, "Vocês não sabem de onde ele vem nem para onde vai" significa que não se conhece nem o que o Espírito foi nem o que será.

9.2 Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saberíamos de onde ele vem, pois conheceríamos seu começo. Em qualquer caso, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por consequência, o da pluralidade das existências.

10 Ora, desde o tempo de João Batista até agora, o reino dos Céus é tomado pela violência, e são os violentos que o conquistam; — pois, até João, todos os profetas, assim como a lei, profetizaram; — e, se vocês quiserem compreender o que lhes digo, é ele mesmo o Elias que deve vir. — Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (São Mateus, cap. xi, v. de 12 a 15.) 11. Se o princípio da reencarnação expresso em São João pudesse, a rigor, ser interpretado

em um sentido puramente místico, o mesmo não poderia acontecer nesta passagem de São Mateus, que não permite nenhum equívoco: é ele mesmo o Elias que deve vir; não há aí figura nem alegoria: é uma afirmação categórica. — "Desde o tempo de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado pela violência." O que significam essas palavras, já que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: "Se vocês quiserem compreender o que digo, é ele mesmo o Elias que deve vir." Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus faz alusão ao tempo em que João vivia sob o nome de Elias. "Até agora, o reino dos céus é tomado pela violência" é outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis para conquistar a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, enquanto, segundo a nova lei, o céu é conquistado pela caridade e pela mansidão.
Depois ele acrescenta: Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. Essas palavras, tantas vezes repetidas por Jesus, dizem claramente que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12 Aqueles do seu povo que foram mortos viverão de \novo; aqueles que foram mortos no meio de mim ressuscitarão. Despertem do sono e cantem os louvores de Deus, vocês que habitam no pó; porque o orvalho que cai sobre vocês é um orvalho de luz, e vocês arruinarão a terra e o reino dos gigantes. (Isaías, cap. xxvi, v. 19.)

13 Esta passagem de Isaías é igualmente explícita: "Aqueles do seu povo que foram mortos viverão de novo." Se o profeta tivesse se referido à vida espiritual, se tivesse querido dizer que aqueles que foram mortos não estavam mortos em Espírito, teria dito: ainda vivem, e não viverão de novo.

13.2 No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de regeneração moral, seriam a negação das penas eternas, pois estabelecem como princípio que todos os que morreram reviverão.

14 Mas, quando o homem morreu uma vez, e seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, o que acontece com ele? — Tendo o homem morrido uma vez, poderia voltar a viver? Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, espero que minha mudança chegue. (Jó, cap. xiv, v. 10, 14. Tradução de Le Maistre de Sacy.)

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira; depois, onde está ele? — Se o homem morrer, reviverá? Esperarei todos os dias de meu combate, até que me aconteça alguma mudança? (Id. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem morre, continua vivendo; ao terminar os dias de minha existência terrena, esperarei, pois voltarei a ela de novo. (Id. Versão da Igreja grega.)

15 O princípio da pluralidade das existências está claramente expresso nestas três versões. Não se pode supor que Jó tenha querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele certamente não conhecia. « Depois de morrer uma vez, poderia o homem voltar a viver? » A ideia de morrer uma vez e voltar a viver implica a de morrer e voltar a viver várias vezes. A versão da Igreja grega é ainda mais explícita, se isso é possível. « Ao terminar os dias da minha existência terrena, esperarei, pois a ela voltarei; » isto é, voltarei à existência terrena. Isso é tão claro como se alguém dissesse: « Saio da minha casa, mas voltarei a ela. »

« Nesta guerra em que me encontro todos os dias da minha vida, espero

que chegue a minha mudança. » Jó quer evidentemente falar da luta que sustenta contra as misérias da vida; ele espera sua mudança, isto é, resigna-se. Na versão grega, esperarei parece aplicar-se antes à nova existência: « Quando minha existência terrena terminar, esperarei, pois a ela voltarei; » Jó parece colocar-se, depois da morte, no intervalo que separa uma existência da outra, e dizer que ali esperará seu retorno.

16 Não há dúvida, portanto, de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era uma das crenças fundamentais dos judeus; de que ele é confirmado por Jesus e pelos profetas de maneira expressa; daí se conclui que negar a reencarnação é renegar as palavras do Cristo. Suas palavras terão um dia autoridade sobre esse ponto, como sobre muitos outros, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas.

17 Mas a essa autoridade, do ponto de vista religioso, vem somar-se, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos; quando se quer remontar dos efeitos às causas, a reencarnação aparece como uma necessidade absoluta, como uma condição inerente à humanidade, em uma palavra, como uma lei da natureza; ela se revela por seus resultados de maneira, por assim dizer, material, como o motor oculto se revela pelo movimento; só ela pode dizer ao homem de onde ele vem, para onde vai, por que está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as injustiças aparentes que a vida apresenta 1.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, a maior parte das máximas do Evangelho é incompreensível; por isso elas deram lugar a interpretações tão contraditórias; esse princípio é a chave que

deve lhes restituir seu verdadeiro sentido.

Os laços de família fortalecidos pela reencarnação e rompidos pela existência única.

18 Os laços de família não são destruídos pela reencarnação, como pensam algumas pessoas; ao contrário, são fortalecidos e estreitados: é o princípio oposto que os destrói.

Os Espíritos formam no espaço grupos ou famílias unidos pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações; esses Espíritos, felizes por estarem juntos, procuram uns aos outros; a encarnação só os separa momentaneamente, pois, depois de voltarem à erraticidade, eles se reencontram como amigos ao retornar de uma viagem. Muitas vezes, até acompanham uns aos outros na encarnação, em que se reúnem numa mesma família ou num mesmo círculo, trabalhando juntos para seu progresso mútuo. Se uns estão encarnados e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento; os que estão livres velam pelos que estão em cativeiro; os mais adiantados procuram fazer progredir os retardatários. Depois de cada existência, deram um passo no caminho da perfeição; cada vez menos apegados à matéria, sua afeição é mais viva justamente por ser mais pura, por já não ser perturbada pelo egoísmo nem pelas nuvens das paixões. Assim, podem percorrer um número ilimitado de existências corporais sem que sua afeição mútua sofra qualquer dano. Entende-se que se trata aqui da afeição real de alma para alma, a única que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que só se unem neste mundo pelos sentidos não têm motivo algum para procurar uns aos outros no mundo dos Espíritos. Só as afeições espirituais são duradouras; as afeições carnais se apagam com a causa que as fez nascer; ora, essa causa já não existe no mundo dos Espíritos, enquanto a

alma continua a existir. Quanto às pessoas unidas apenas pelo interesse, elas realmente nada são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

(1) Para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, ver O Livro dos Espíritos, cap. IV e V; O que é o Espiritismo?, cap. II, de Allan Kardec; A Pluralidade das Existências, de Pezzani.

19 A união e a afeição que existem entre parentes são o indício da simpatia anterior que os aproximou; por isso, ao falar de uma pessoa cujo caráter, gostos e inclinações não têm semelhança alguma com os de seus parentes, diz-se que ela não é da família. Ao dizer isso, enuncia-se uma verdade maior do que se imagina.

19.2 Deus permite, nas famílias, essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e de meio de progresso para outros.

19.3 Depois, os maus melhoram pouco a pouco pelo contato com os bons e pelos cuidados que recebem deles; seu caráter se abranda, seus costumes se purificam, as antipatias desaparecem; é assim que se estabelece a fusão entre as diferentes categorias de Espíritos, como ela se estabelece na Terra entre as raças e os povos.

20 O receio do aumento indefinido do parentesco, em consequência da reencarnação, é um receio egoísta, que prova que a pessoa não sente em si um amor suficientemente amplo para estendê-lo a um grande número de pessoas. Um pai que tem vários filhos os ama menos do que se tivesse apenas um? Mas que os egoístas se tranquilizem: esse receio não tem fundamento.

20.2 Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que ele encontrará no mundo dos Espíritos dez pais, dez mães, dez esposas e um número proporcional de filhos e de novos parentes; ele sempre encontrará ali apenas os mesmos seres a quem dedicou sua afeição e que estiveram ligados a ele na Terra, a diferentes títulos, e talvez ao mesmo título.

21 Vejamos agora as consequências da doutrina da não reencarnação. Essa doutrina anula necessariamente a preexistência da alma; como as almas são criadas ao mesmo tempo que o corpo, não existe entre elas nenhum laço anterior; elas são completamente estranhas umas às outras; o pai é estranho a seu filho; a filiação das famílias fica assim reduzida apenas à filiação corporal, sem nenhum laço espiritual.

21.2 Não há, portanto, motivo algum para se orgulhar de ter tido como antepassados tais ou quais personagens ilustres. Com a reencarnação, antepassados e descendentes podem ter se conhecido, vivido juntos, se amado e se reunir mais tarde para estreitar seus laços de simpatia.

22 Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, o destino das almas é irrevogavelmente fixado depois de uma única existência; a fixação definitiva do destino implica a cessação de todo progresso, pois, se há algum progresso, já não há destino definitivo; conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a morada dos bem-aventurados ou para o inferno eterno; ficam assim imediatamente separadas para sempre, sem esperança de jamais voltar a se aproximar, de tal modo que pais, mães e filhos, maridos e esposas, irmãos, irmãs e amigos nunca têm a certeza de se rever: é a ruptura mais absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação e o progresso que dela decorre, todos os que se ama-

ram se reencontram na Terra e no espaço, e gravitam juntos para chegar a Deus. Se alguns falham pelo caminho, retardam seu progresso e sua felicidade, mas nem toda esperança está perdida; ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, sairão um dia do atoleiro em que se encontram. Com a reencarnação, enfim, há solidariedade perpétua entre os encarnados e os desencarnados, daí o estreitamento dos laços de afeição.

23 Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem para seu futuro além-túmulo: 1° o nada, segundo a doutrina materialista; 2° a absorção no todo universal, segundo a doutrina panteísta; 3° a individualidade com fixação definitiva do destino, segundo a doutrina da Igreja; 4° a individualidade com progresso indefinido, segundo a doutrina espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família são rompidos depois da morte, e não há nenhuma esperança de reencontro; com a terceira, há a possibilidade de se rever, desde que se esteja no mesmo meio, e esse meio pode ser tanto o inferno como o paraíso; com a pluralidade das existências, que é inseparável do progresso gradual, há certeza da continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso que constitui a verdadeira família.

24 Instruções dos Espíritos Limite da encarnação

Quais são os limites da encarnação?

A encarnação não tem, propriamente falando, limites nitidamente traçados, se entendermos por isso o envoltório que constitui o corpo do Espírito, pois a materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por consequência, sujeito a menos vicissitudes; num grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico; de grau em grau, desmaterializa-se e acaba por se confundir com o perispírito.

Conforme o mundo em que o Espírito é chamado a viver, ele toma o envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por transformações sucessivas; torna-se cada vez mais etéreo até a purificação completa que constitui os Espíritos puros. Se mundos especiais são destinados, como estações, aos Espíritos muito adiantados, estes não ficam presos a eles como nos mundos inferiores; o estado de desprendimento em que se encontram lhes permite transportar-se a todos os lugares a que os chamem as missões que lhes são confiadas.

Se considerarmos a encarnação do ponto de vista material, tal como ocorre na Terra, podemos dizer que ela se limita aos mundos inferiores; depende do Espírito, portanto, libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando por sua purificação.

É preciso considerar também que, no estado errante, isto é, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito está relacionada com a natureza do mundo ao qual seu grau de progresso o liga; que, assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme esteja mais ou menos desmaterializado. (São Luís, Paris, 1859.) necessidade da encarnação.

25 A encarnação é uma punição e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a ela?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que possam realizar, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia; ela é necessária para eles mesmos, porque a atividade que são obrigados a desenvolver ajuda no desenvolvimento da inteligência. Sendo Deus soberanamente justo, deve dar uma parte igual a todos os seus filhos; é por isso que dá a todos um mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir; todo privilégio

seria uma preferência, e toda preferência, uma injustiça. Mas a encarnação é, para todos os Espíritos, apenas um estado transitório; é uma tarefa que Deus lhes impõe no início da vida, como primeira prova do uso que farão de seu livre-arbítrio. Aqueles que cumprem essa tarefa com zelo vencem rapidamente e com menos sofrimento esses primeiros graus da iniciação e desfrutam mais cedo do fruto de seus trabalhos. Aqueles, ao contrário, que fazem mau uso da liberdade que Deus lhes concede retardam seu avanço; é assim que, por sua obstinação, podem prolongar indefinidamente a necessidade de reencarnar, e é então que a encarnação se torna um castigo. (São Luís, Paris, 1859.)

26 Observação. Uma comparação comum fará compreender melhor essa diferença. O estudante só chega aos graus da ciência depois de percorrer a série de classes que conduzem a eles. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de chegar ao objetivo, e não uma punição. O estudante aplicado encurta o caminho e encontra nele menos espinhos; o mesmo não acontece com aquele que, por negligência e preguiça, é obrigado a repetir certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui uma punição, mas a obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está quase no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de desenvolver sua inteligência; mas, para o homem esclarecido, em quem o senso moral está amplamente desenvolvido e que é obrigado a repetir as etapas de uma vida corporal cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao objetivo, ela é um castigo pela necessidade de prolongar sua permanência nos mundos inferiores e infelizes. Aquele, ao contrário, que trabalha ativamente pelo seu progresso moral pode não somente abreviar a duração da

encarnação material, mas também vencer de uma só vez os graus intermediários que o separam dos mundos superiores.

Os Espíritos não poderiam encarnar uma única vez no mesmo globo e cumprir suas diferentes existências em esferas diferentes? Essa opinião só seria admissível se todos os homens estivessem, na Terra, exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que existem entre eles, desde o selvagem até o homem civilizado, mostram os graus que são chamados a vencer. A encarnação, aliás, deve ter um objetivo útil; ora, qual seria o das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Elas teriam sofrido sem proveito para si mesmas nem para os outros: Deus, cujas leis são todas soberanamente sábias, não faz nada de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, ele quis que os mesmos Espíritos, encontrando-se de novo em contato, tivessem a oportunidade de reparar os erros cometidos uns contra os outros; por meio de suas relações anteriores, quis, além disso, estabelecer os laços de família sobre uma base espiritual e apoiar em uma lei da natureza os princípios de solidariedade, fraternidade e igualdade.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

V. BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

✦

1 Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. — Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. — Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. (São Mateus, cap. v, v. 5, 6, 10.)

2 Bem-aventurados vocês que são pobres, porque de vocês é o reino dos céus. — Bem-aventurados vocês que agora têm fome, porque serão saciados. — Felizes vocês que agora choram, porque rirão. (São Lucas, cap. vi, v. 20, 21.)
Mas ai de vocês, ricos! Porque têm sua consolação no mundo. — Ai de vocês que estão saciados, porque terão fome. — Ai de vocês que agora riem, porque serão reduzidos ao choro e às lágrimas. (São Lucas, cap. vi, v. 24, 25.)

3 Justiça das aflições
As compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra só podem ocorrer na vida futura; sem a certeza do futuro, essas máximas não teriam sentido; mais ainda, seriam uma ilusão. Mesmo com essa certeza, é difícil compreender a utilidade de sofrer para ser feliz. É, dizem, para ter mais mérito; mas então se pergunta por que uns sofrem mais do que outros; por que uns nascem na miséria e outros na riqueza, sem terem feito nada que justifique essa posição; por que, para uns, nada dá certo, enquanto, para outros, tudo parece sorrir? Mas o que se compreende ainda menos é ver os bens e os males tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; ver os homens virtuosos sofrerem ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode

consolar e dar paciência, mas não explica essas anomalias que parecem desmentir a justiça de Deus.

No entanto, uma vez que se admite Deus, não se pode concebê-lo sem a infinidade das perfeições; ele deve ser todo poder, todo justiça, todo bondade; sem isso, não seria Deus. Se Deus é soberanamente bom e justo, não pode agir por capricho nem com parcialidade. As vicissitudes da vida têm, portanto, uma causa e, como Deus é justo, essa causa deve ser justa. É disso que cada um deve se convencer profundamente. Deus colocou os homens no caminho dessa causa pelos ensinamentos de Jesus e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, revela-a por inteiro a eles pelo espiritismo, isto é, pela voz dos Espíritos.

Causas atuais das aflições

4 As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou, se preferirmos, têm duas fontes bem diferentes que é importante distinguir; umas têm sua causa na vida presente, outras fora desta vida.

Ao remontar à origem dos males terrenos, reconheceremos que muitos são a consequência natural do caráter e da conduta daqueles que os suportam. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantas pessoas arruinadas por falta de ordem, de perseverança, por má conduta ou por não terem sabido limitar seus desejos!

Quantas uniões infelizes porque resultam de um cálculo de interesse ou de vaidade, sem que o coração tenha qualquer participação! Quantas desavenças, quantas brigas funestas poderiam ter sido evitadas com mais moderação e menos suscetibilidade.

Quantas doenças e enfermidades são consequência da intemperança e dos

excessos de todos os tipos.

Quantos pais são infelizes por causa de seus filhos, porque não combateram as más tendências deles desde o início! Por fraqueza ou indiferença, deixaram se desenvolver neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade que ressecam o coração; depois, mais tarde, colhendo o que semearam, espantam-se e se afligem com sua falta de respeito e sua ingratidão.

Que todos aqueles que são atingidos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente sua consciência; que remontem, passo a passo, à origem dos males que os afligem, e verão se, na maioria das vezes, não podem dizer: Se eu tivesse feito, ou não tivesse feito tal coisa, não estaria em tal situação.

A quem, então, atribuir todas essas aflições, senão a si mesmo? Assim, em muitos casos, o homem é o artífice de suas próprias desgraças; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples e menos humilhante para sua vaidade acusar o destino, a Providência, o azar, sua má estrela, quando sua má estrela está em sua negligência.

Os males dessa natureza constituem, sem dúvida, uma parte muito considerável das vicissitudes da vida; o homem os evitará quando trabalhar tanto por seu aperfeiçoamento moral quanto por seu aperfeiçoamento intelectual.

5 A lei humana alcança certas faltas e as pune; o condenado pode, portanto, dizer a si mesmo que sofre a consequência do que fez; mas a lei não alcança nem pode alcançar todas as faltas; ela atinge mais especialmente as que prejudicam a sociedade, e não as que prejudicam apenas aqueles que as cometem. Mas Deus quer o progresso de todas as suas criaturas; por isso, não deixa impune nenhum desvio do caminho reto; não há uma única falta,

por mais leve que seja, uma única infração à sua lei, que não tenha consequências necessárias e inevitáveis, mais ou menos desagradáveis; daí resulta que, nas pequenas coisas como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que daí decorrem são para ele um aviso de que agiu mal; dão-lhe experiência, fazem-no sentir a diferença entre o bem e o mal e a necessidade de se aperfeiçoar para evitar, no futuro, aquilo que foi para ele uma fonte de desgostos; sem isso, não teria nenhum motivo para se corrigir; confiante na impunidade, retardaria seu progresso e, consequentemente, sua felicidade futura.

Mas a experiência às vezes chega um pouco tarde; quando a vida foi desperdiçada e perturbada, as forças estão gastas e o mal não tem remédio, então o homem começa a dizer: Se no início da vida eu soubesse o que sei agora, quantos passos em falso teria evitado! Se pudesse recomeçar, agiria de maneira inteiramente diferente; mas já não há tempo! Assim como o trabalhador preguiçoso diz: Perdi meu dia, ele também diz a si mesmo: Perdi minha vida; mas, assim como para o trabalhador o sol nasce no dia seguinte e começa uma nova jornada que lhe permite reparar o tempo perdido, também para ele, depois da noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, na qual poderá aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

6 Causas anteriores das aflições

Mas, se há males dos quais o homem é a causa primeira nesta vida, há outros aos quais ele é, ao menos na aparência, completamente alheio e que parecem atingi-lo como por fatalidade. É o caso, por exemplo, da perda de entes queridos e daqueles que sustentam a família; assim também são os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna que

frustram todas as medidas de prudência; os flagelos naturais; e ainda as enfermidades de nascimento, sobretudo aquelas que tiram de pessoas infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

Aqueles que nascem em tais condições certamente nada fizeram nesta vida para merecer um destino tão triste, sem compensação, que não podiam evitar, que são incapazes de mudar por si mesmos e que os coloca à mercê da compaixão pública. Por que, então, seres tão desfavorecidos, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos em todos os aspectos?

O que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e só conheceram da vida os sofrimentos? Problemas que nenhuma filosofia ainda pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de que a alma seja criada ao mesmo tempo que o corpo e de que seu destino seja irrevogavelmente fixado depois de uma permanência de alguns instantes na Terra. O que fizeram essas almas que acabam de sair das mãos do Criador para suportar tantas misérias neste mundo e merecer no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, quando não puderam fazer nem o bem nem o mal?

No entanto, em virtude do axioma de que todo efeito tem uma causa, essas misérias são efeitos que devem ter uma causa; e, uma vez que se admite um Deus justo, essa causa deve ser justa. Ora, como a causa sempre precede o efeito, se ela não está na vida atual, deve ser anterior a esta vida, isto é, pertencer a uma existência precedente. Por outro lado, como Deus não pode punir pelo bem que se fez, nem pelo mal que não se fez, se somos punidos, é porque fizemos o mal; se não fizemos o mal nesta vida, nós o fizemos em

outra. É uma alternativa da qual é impossível escapar e na qual a lógica diz de que lado está a justiça de Deus.

O homem, portanto, nem sempre é punido, ou inteiramente punido, em sua existência presente, mas nunca escapa às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea e, se ele não expia hoje, expiará amanhã, enquanto aquele que sofre está expiando seu passado. A infelicidade que, à primeira vista, parece imerecida tem, portanto, sua razão de ser, e aquele que sofre pode sempre dizer: "Perdoa-me, Senhor, porque pequei."

7 Os sofrimentos por causas anteriores são muitas vezes, como os das faltas atuais, a consequência natural da falta cometida; isto é, por uma rigorosa justiça distributiva, o homem suporta o que fez os outros suportarem; se foi duro e desumano, poderá, por sua vez, ser tratado com dureza e desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em uma condição humilhante; se foi avarento, egoísta, ou se fez mau uso de sua fortuna, poderá ser privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer por causa de seus filhos etc.

Assim se explicam, pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra como mundo de expiação, as anomalias que a distribuição da felicidade e da infelicidade entre os bons e os maus apresenta neste mundo. Essa anomalia só existe na aparência porque se considera apenas o ponto de vista da vida presente; mas, se nos elevarmos pelo pensamento, de modo a abranger uma série de existências, veremos que a cada um é dada a parte que merece, sem prejuízo daquela que lhe é dada no mundo dos Espíritos, e que a justiça de Deus nunca é interrompida.

O homem nunca deve perder de vista que está em um mundo inferior,

onde só é mantido por suas imperfeições. A cada vicissitude, deve dizer a si mesmo que, se pertencesse a um mundo mais avançado, isso não aconteceria, e que depende dele não voltar mais a este mundo, trabalhando por seu aperfeiçoamento.

8 As tribulações da vida podem ser impostas a Espíritos endurecidos ou ignorantes demais para fazer uma escolha com conhecimento de causa, mas são livremente escolhidas e aceitas por Espíritos arrependidos que querem reparar o mal que fizeram e tentar fazer melhor.

8.2 Assim é aquele que, tendo feito mal sua tarefa, pede para recomeçá-la, a fim de não perder o benefício de seu trabalho. Essas tribulações são, portanto, ao mesmo tempo, expiações pelo passado que elas castigam e provas para o futuro que elas preparam.

8.3 Demos graças a Deus que, em sua bondade, concede ao homem a possibilidade de reparação e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

9 Não se deve acreditar, porém, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente o indício de uma falta determinada; muitas vezes são simples provas escolhidas pelo Espírito para concluir sua purificação e apressar seu progresso. Assim, a expiação sempre serve de prova, mas a prova nem sempre é uma expiação; porém, provas ou expiações, são sempre sinais de uma inferioridade relativa, pois o que é perfeito já não precisa ser provado. Um Espírito pode, por conseguinte, ter adquirido certo grau de elevação, mas, querendo avançar ainda mais, solicita uma missão, uma tarefa a cumprir, pela qual será tanto mais recompensado, se sair vitorioso, quanto mais penosa tiver sido a luta. São assim, especialmente, aquelas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimen-

tos inatos, que parecem não ter trazido nada de mau de sua existência anterior e que suportam com uma resignação inteiramente cristã as maiores dores, pedindo a Deus para suportá-las sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam murmurações e levam o homem à revolta contra Deus.

O sofrimento que não provoca murmurações pode, sem dúvida, ser uma expiação, mas é indício de que foi antes escolhido voluntariamente do que imposto, e prova de uma firme resolução, o que é sinal de progresso.

10 Os Espíritos só podem aspirar à felicidade perfeita quando são puros: toda impureza lhes impede a entrada nos mundos felizes. São como os passageiros de um navio atingido pela peste, aos quais se proíbe a entrada numa cidade até que tenham se purificado. É em suas diversas existências corporais que os Espíritos se despojam pouco a pouco de suas imperfeições.

10.2 As provas da vida fazem progredir quando são bem suportadas; como expiações, apagam as faltas e purificam; são o remédio que limpa a ferida e cura o doente; quanto mais grave o mal, mais forte deve ser o remédio.

10.3 Aquele que sofre muito deve, portanto, dizer a si mesmo que tinha muito a expiar e alegrar-se por estar prestes a ficar curado; depende dele, por sua resignação, tornar esse sofrimento proveitoso e não perder seu fruto com suas murmurações, sem o que terá de recomeçar.

11 Esquecimento do passado

É em vão que se apresenta o esquecimento como um obstáculo a aproveitar a experiência das existências anteriores. Se Deus julgou conveniente lançar um véu sobre o passado, é porque isso devia ser útil. De fato, essa lembrança teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos hu-

milhar profundamente, ou também exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, entravar nosso livre-arbítrio; em todos os casos, teria trazido uma perturbação inevitável às relações sociais.

O Espírito renasce muitas vezes no mesmo meio em que já viveu e se encontra em relação com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes fez. Se reconhecesse nelas aquelas que odiou, talvez seu ódio despertasse novamente; e, em todos os casos, ficaria humilhado diante daquelas que tivesse ofendido.

Deus nos deu, para nos melhorarmos, exatamente o que nos é necessário e pode nos bastar: a voz da consciência e nossas tendências instintivas; ele nos retira o que poderia nos prejudicar.

O homem traz ao nascer aquilo que adquiriu; nasce como se fez; cada existência é para ele um novo ponto de partida; pouco lhe importa saber o que foi: se é punido, é porque fez o mal; suas tendências más atuais são o indício do que ainda precisa corrigir em si, e é nisso que deve concentrar toda a sua atenção, pois daquilo de que se corrigiu completamente já não resta vestígio. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência que o adverte do que é bom ou mau e lhe dá força para resistir às más tentações.

Além disso, esse esquecimento só ocorre durante a vida corporal. Ao retornar à vida espiritual, o Espírito recupera a lembrança do passado: trata-se, portanto, apenas de uma interrupção momentânea, como a que ocorre na vida terrestre durante o sono e que não impede de lembrar, no dia seguinte, o que se fez na véspera e nos dias 1 anteriores.

Nem sequer é apenas depois da morte que o Espírito recupera a lembrança de seu passado; pode-se dizer que nunca a perde, pois a experiência prova que, durante a encarnação, enquanto o corpo dorme e ele desfruta de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que

sofre e que sofre com justiça; a lembrança só se apaga durante a vida exterior de relações. Mas, na falta de uma lembrança precisa que poderia lhe ser penosa e prejudicar suas relações sociais, ele encontra novas forças nesses instantes de emancipação da alma, se soube aproveitá-los.

[12] Motivo de resignação

Com estas palavras: Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados, Jesus indica ao mesmo tempo a compensação que espera os que sofrem e a resignação que faz bendizer o sofrimento como o prelúdio da cura.

Essas palavras também podem ser traduzidas assim: Vocês devem se considerar felizes por sofrer, porque suas dores neste mundo são a dívida de suas faltas passadas, e essas dores, suportadas pacientemente na terra, lhes poupam séculos de sofrimento na vida futura. Devem, portanto, ficar felizes por Deus reduzir sua dívida, permitindo que a paguem agora, o que lhes garante tranquilidade para o futuro.

O homem que sofre é semelhante a um devedor que deve uma grande quantia e a quem seu credor diz: "Se você me pagar hoje mesmo a centésima parte dela, dou por quitado todo o restante, e você estará livre; se não fizer isso, cobrarei de você até que tenha pago o último centavo." O devedor não ficaria feliz em suportar toda espécie de privações para se livrar da dívida pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar de seu credor, não lhe agradeceria?

Esse é o sentido destas palavras: "Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados"; eles são felizes porque estão pagando suas dívidas e, depois de quitá-las, estarão livres. Mas, se ao mesmo tempo que se paga de um lado, se contrai dívida do outro, nunca se chegará à quitação. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, porque não há uma só, seja ela qual for, que não

traga consigo sua punição obrigatória, inevitável; se não for hoje, será amanhã; se não for nesta vida, será na outra. Entre essas faltas, é preciso colocar em primeiro lugar a falta de submissão à vontade de Deus; portanto, se nas aflições se murmura, se elas não são aceitas com resignação e como algo que se deve ter merecido, se Deus é acusado de injustiça, contrai-se uma nova dívida que faz perder o benefício que se poderia tirar do sofrimento; por isso será preciso recomeçar, exatamente como se fossem feitos pagamentos parciais a um credor que atormenta o devedor, enquanto, a cada vez, se tomasse novamente dinheiro emprestado dele.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem é ainda como o trabalhador que se apresenta no dia do pagamento. A uns, o patrão dirá: "Aqui está o valor de seus dias de trabalho"; a outros, aos felizes da terra, aos que tiverem vivido na ociosidade, que tiverem colocado sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nas alegrias mundanas, dirá: "A vocês nada cabe, pois receberam seu salário na terra. Vão e recomecem sua tarefa."

13 O homem pode suavizar ou aumentar a amargura de suas provas pela maneira como encara a vida terrestre. Sofre tanto mais quanto mais longa lhe parece a duração do sofrimento; ora, aquele que se coloca do ponto de vista da vida espiritual abrange de um só olhar a vida corporal; vê essa vida como um ponto no infinito, compreende sua brevidade e diz a si mesmo que esse momento penoso passa muito depressa; a certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e encoraja e, em vez de se queixar, agradece ao céu pelas dores que o fazem progredir. Para aquele, ao contrário, que só vê a vida corporal, ela parece interminável, e a dor recai sobre ele com todo o seu peso. O resultado dessa maneira de encarar a vida é diminuir a importância das coisas deste mundo, levar o homem a moderar seus desejos e a se

contentar com sua posição sem invejar a dos outros, atenuar o abalo moral dos reveses e das decepções que enfrenta; dela ele tira uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, enquanto, pela inveja, pelo ciúme e pela ambição, se submete voluntariamente à tortura e assim acrescenta sofrimento às misérias e às angústias de sua curta existência. O suicídio e a loucura.

14 A calma e a resignação obtidas pela maneira de encarar a vida terrestre e pela fé no futuro dão à mente uma serenidade que é a melhor proteção contra a loucura e o suicídio. De fato, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve ao abalo produzido pelas vicissitudes que o homem não tem força para suportar; portanto, se, pela maneira como o espiritismo o faz encarar as coisas deste mundo, ele recebe com indiferença, e até com alegria, os reveses e as decepções que o teriam levado ao desespero em outras circunstâncias, é evidente que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, preserva sua razão dos choques que, sem isso, a teriam abalado.

15 O mesmo acontece com o suicídio; excetuando-se aqueles que ocorrem na embriaguez e na loucura e que podem ser chamados de inconscientes, é certo que, quaisquer que sejam seus motivos particulares, ele sempre tem como causa um descontentamento; ora, aquele que tem certeza de ser infeliz por apenas um dia e de estar melhor nos dias seguintes consegue ter paciência com facilidade; só se desespera quando não vê um fim para seus sofrimentos.

15.2 O que é, então, a vida humana em relação à eternidade, senão muito menos que um dia? Mas, para aquele que não acredita na eternidade, que acredita que tudo nele acaba com a vida, se é esmagado pela tristeza e pelo

infortúnio, só vê um fim para isso na morte; como não espera nada, acha muito natural, e até muito lógico, abreviar suas misérias pelo suicídio.

16 A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, em uma palavra, são os maiores estímulos ao suicídio: elas produzem a covardia moral. E, quando se veem homens de ciência apoiar-se na autoridade de seu saber para se esforçar em provar a seus ouvintes ou leitores que nada têm a esperar depois da morte, isso não é levá-los à conclusão de que, se são infelizes, nada têm de melhor a fazer do que se matar? O que poderiam lhes dizer para dissuadi-los disso? Que compensação podem lhes oferecer? Que esperança podem lhes dar? Nada além do nada. Daí é preciso concluir que, se o nada é o único remédio extremo, a única perspectiva, é melhor cair nele imediatamente do que mais tarde e, assim, sofrer por menos tempo.

A propagação das ideias materialistas é, portanto, o veneno que inocula em muitas pessoas o pensamento do suicídio, e os que se tornam seus apóstolos assumem uma terrível responsabilidade. Com o espiritismo, como a dúvida já não é possível, o aspecto da vida muda; aquele que crê sabe que a vida se prolonga indefinidamente além do túmulo, mas em condições inteiramente diferentes; daí a paciência e a resignação que afastam com toda a naturalidade o pensamento do suicídio; daí, em uma palavra, a coragem moral.

17 O espiritismo tem ainda, a esse respeito, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Ele nos mostra os próprios suicidas vindo prestar contas de sua situação infeliz e provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem abreviar a própria vida.

17.2 Entre os suicidas, há aqueles cujo sofrimento, embora seja apenas temporário em vez de eterno, não deixa de ser terrível e capaz 1 de fazer refletir quem quer que se sinta tentado a partir daqui antes da ordem de Deus.

17.3 O espírita tem, portanto, como contrapeso à ideia do suicídio, vários motivos: a certeza de uma vida futura na qual sabe que será tanto mais feliz quanto mais infeliz 1 e mais resignado tiver sido na terra; a certeza de que, abreviando a própria vida, chega justamente a um resultado inteiramente diferente daquele que esperava; de que se livra de um mal para ter outro pior, mais longo e mais terrível; de que se engana se acredita que, matando-se, chegará mais depressa ao céu; de que o suicídio é um obstáculo para que se reúna, no outro mundo, aos seres que ama e que esperava reencontrar ali; daí a consequência de que o suicídio, trazendo-lhe apenas decepções, vai contra seus próprios interesses.

17.4 Por isso, é considerável o número de suicídios impedidos pelo espiritismo, e pode-se concluir que, quando todos forem espíritas, não haverá mais suicídios conscientes.

17.5 Comparando, portanto, os resultados das doutrinas materialistas e espíritas apenas do ponto de vista do suicídio, verifica-se que a lógica de uma conduz a ele, enquanto a lógica da outra o afasta, o que é confirmado pela experiência.

18 Instruções dos Espíritos Sofrer bem e sofrer mal

Quando Cristo disse: «Bem-aventurados os aflitos, pois o reino dos céus lhes pertence», não se referia aos que sofrem em geral, pois todos os que estão neste mundo sofrem, estejam no trono ou sobre a palha; mas, infelizmente, poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as prova-

ções bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta; Deus lhes nega consolações porque lhes falta coragem. A oração é um apoio para a alma, mas não basta: é preciso que ela se apoie numa fé viva na bondade de Deus. Muitas vezes lhes foi dito que ele não coloca um fardo pesado sobre ombros fracos; mas o fardo é proporcional às forças, assim como a recompensa será proporcional à resignação e à coragem; a recompensa será mais magnífica do que a aflição é penosa; mas é preciso merecer essa recompensa, e é por isso que a vida é cheia de tribulações.

O militar que não é enviado ao combate não fica contente, porque o repouso no acampamento não lhe proporciona promoção; sejam, portanto, como o militar e não desejem um repouso no qual seu corpo se enfraqueceria e sua alma se entorpeceria. Fiquem satisfeitos quando Deus lhes envia a luta. Essa luta não é o fogo da batalha, mas as amarguras da vida, nas quais às vezes é preciso mais coragem do que num combate sangrento, pois alguém que se mantém firme diante do inimigo pode fraquejar sob o peso de uma dor moral. O homem não recebe recompensa por esse tipo de coragem, mas Deus lhe reserva coroas e um lugar glorioso. Quando lhes acontecer algo que cause sofrimento ou contrariedade, procurem superar isso e, quando tiverem conseguido dominar os impulsos da impaciência, da cólera ou do desespero, digam a si mesmos, com justa satisfação: «Fui o mais forte.»

Bem-aventurados os aflitos pode, portanto, ser traduzido assim: Bem-aventurados aqueles que têm a oportunidade de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, pois terão cem vezes a alegria que lhes falta na terra, e depois do trabalho virá o repouso. (Lacordaire, Le Havre, 1863.) O mal e o remédio

19 Será então a terra de vocês um lugar de alegria, um paraíso de delícias? Será que a voz do profeta já não ressoa em seus ouvidos? Não proclamou ela que haveria choro e ranger de dentes para aqueles que nascessem neste vale de dores? Vocês que vêm viver aqui, esperem, portanto, lágrimas dolorosas e penas amargas e, quanto mais agudas e profundas forem suas dores, olhem para o céu e bendigam o Senhor por ter desejado pô-los à prova!... 0 homens! Só reconhecerão o poder de seu senhor quando ele tiver curado as feridas de seu corpo e coroado seus dias de bem-aventurança e alegria! Só reconhecerão seu amor quando ele tiver adornado seu corpo de todas as glórias e lhe devolvido o brilho e a brancura! Imitem aquele que lhes foi dado como exemplo; tendo chegado ao último grau do aviltamento e da miséria, ele está deitado sobre um monte de esterco e diz a Deus: «Senhor! Conheci todas as alegrias da opulência, e me reduziste à mais profunda miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por te dignares a pôr à prova teu servo!» Até quando seus olhares se deterão nos horizontes marcados pela morte? Quando sua alma desejará enfim lançar-se além dos limites de um túmulo? Mas, ainda que tivessem de chorar e sofrer por toda uma vida, o que seria isso diante da eternidade de glória reservada àquele que tiver passado pela provação com fé, amor e resignação? Busquem, portanto, consolações para seus males no futuro que Deus lhes prepara, e a causa de seus males em seu passado; e vocês que mais sofrem, considerem-se os bem-aventurados da terra.

No estado de desencarnados, quando pairavam no espaço, vocês escolheram sua provação porque se julgaram fortes o bastante para suportá-la; por que se queixam agora? Vocês que pediram a fortuna e a glória, foi para enfrentar a luta da tentação e vencê-la. Vocês que pediram para lutar de espírito e de corpo contra o mal moral e físico, foi porque sabiam que, quanto

mais forte fosse a provação, mais gloriosa seria a vitória, e que, se saíssem dela triunfantes, ainda que sua carne fosse lançada sobre um monte de esterco, ao morrer ela deixaria escapar uma alma resplandecente de brancura e tornada pura de novo pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio, então, prescrever aos que são atingidos por obsessões cruéis e males dolorosos? Só um é infalível: a fé, o olhar voltado para o céu. Se, nos momentos de seus mais cruéis sofrimentos, sua voz cantar em louvor ao Senhor, o anjo, à sua cabeceira, lhes mostrará com a mão o sinal da salvação e o lugar que deverão ocupar um dia... A fé é o remédio seguro para o sofrimento; ela mostra sempre os horizontes do infinito, diante dos quais se apagam os poucos dias sombrios do presente. Não nos perguntem mais, portanto, que remédio é preciso empregar para curar esta úlcera ou aquela ferida, esta tentação ou aquela provação; lembrem-se de que aquele que crê é fortalecido pelo remédio da fé, e de que aquele que duvida por um segundo de sua eficácia é punido na mesma hora, porque sente, naquele exato instante, as angústias pungentes da aflição.

O Senhor marcou com seu selo todos os que creem nele. Cristo lhes disse que com a fé se transportam montanhas, e eu lhes digo que aquele que sofre e tiver a fé como apoio será colocado sob sua proteção e não sofrerá mais; os momentos das dores mais fortes serão para ele as primeiras notas de alegria da eternidade. Sua alma se desprenderá tanto de seu corpo que, enquanto este se contorcer em convulsões, ela pairará nas regiões celestes, cantando com os anjos os hinos de gratidão e de glória ao Senhor.

Felizes os que sofrem e os que choram! Que suas almas estejam alegres, pois serão plenamente satisfeitas por Deus. (Santo Agostinho, Paris, 1863.) A felicidade não é deste mundo.

20 Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! Assim costuma exclamar o homem em todas as posições sociais. Isso, meus queridos filhos, prova melhor do que todos os raciocínios possíveis a verdade desta máxima do Eclesiastes: «A felicidade não é deste mundo.» De fato, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a juventude florescente são as condições essenciais da felicidade; digo mais: nem mesmo a reunião dessas três condições tão invejadas, pois se ouvem sem cessar, entre as classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente de sua condição de vida. Diante de tal resultado, é inconcebível que as classes trabalhadoras e que lutam invejem com tanta cobiça a posição daqueles que a fortuna parece ter favorecido. Neste mundo, faça-se o que se fizer, cada um tem sua parte de trabalho e de miséria, seu quinhão de sofrimentos e de decepções. Daí é fácil chegar à conclusão de que a terra é um lugar de provações e de expiações.

Assim, aqueles que pregam que a terra é a única morada do homem 5 e que é somente aqui, e numa única existência, que lhe é permitido alcançar o mais alto grau de felicidade que sua natureza comporta, esses se iludem e enganam os que os escutam, pois está demonstrado, por uma experiência de muitos séculos, que este globo só excepcionalmente reúne as condições necessárias à felicidade completa do indivíduo.

De modo geral, pode-se afirmar que a felicidade é uma utopia em cuja busca as gerações se lançam sucessivamente sem jamais conseguir alcançá-la; pois, se o homem sábio é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz também não se encontra nele.

Aquilo em que consiste a felicidade na terra é algo tão passageiro para aquele que não é guiado pela sabedoria que, para um ano, um mês, uma semana de completa satisfação, todo o restante transcorre numa sucessão de

amarguras e de decepções; e observem, meus queridos filhos, que falo aqui dos felizes da terra, daqueles que são invejados pelas multidões.

Consequentemente, se a morada terrestre é destinada às provações e à expiação, é preciso admitir que existem em outros lugares moradas mais favorecidas, onde o Espírito do homem, ainda aprisionado numa carne material, possui em sua plenitude os prazeres ligados à vida humana. É por isso que Deus semeou em seu turbilhão esses belos planetas superiores, para os quais seus esforços e suas tendências os farão gravitar um dia, quando estiverem suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Contudo, não deduzam de minhas palavras que a terra esteja para sempre destinada a ser um lugar de punição; certamente que não! Pois dos progressos realizados vocês podem facilmente deduzir os progressos futuros, e das melhorias sociais conquistadas, novas e mais fecundas melhorias. Essa é a tarefa imensa que deve realizar a nova doutrina que os Espíritos lhes revelaram.

Assim, meus queridos filhos, que uma santa emulação os anime e que cada um de vocês se despoje com energia do homem velho. Todos devem se dedicar à divulgação desse espiritismo que já começou a regeneração de vocês mesmos. É um dever fazer seus irmãos participarem dos raios da luz sagrada. Ao trabalho, portanto, meus filhos muito queridos! Que nesta reunião solene todos os seus corações aspirem a esse objetivo grandioso de preparar para as gerações futuras um mundo onde a felicidade não será mais uma palavra vazia. (François-Nicolas-Madeleine, cardeal Morlot. Paris, \ 863.)

21 Perda de pessoas amadas Mortes prematuras

Quando a morte vem ceifar em suas famílias, levando sem medida os jovens antes dos velhos, vocês dizem muitas vezes: Deus não é justo, pois sacrifica o que é forte e cheio de futuro para conservar aqueles que viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que já não servem para nada; pois parte o coração de uma mãe ao privá-la da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Seres humanos, é aí que vocês precisam se elevar acima das coisas corriqueiras da vida para compreender que o bem muitas vezes está onde vocês acreditam ver o mal, e a sábia previdência onde acreditam ver a fatalidade cega do destino. Por que medir a justiça divina pelo valor da justiça de vocês? Podem pensar que o senhor dos mundos queira, por um simples capricho, impor a vocês sofrimentos cruéis? Nada se faz sem uma finalidade inteligente e, aconteça o que acontecer, cada coisa tem sua razão de ser. Se examinassem melhor todas as dores que os atingem, sempre encontrariam nelas a razão divina, razão regeneradora, e seus interesses mesquinhos seriam uma consideração secundária, que vocês deixariam em último plano.

Acreditem em mim, a morte é preferível, para a encarnação de vinte anos, àqueles desregramentos vergonhosos que afligem as famílias honradas, partem o coração de uma mãe e fazem os cabelos dos pais embranquecerem antes do tempo. A morte prematura é muitas vezes um grande benefício que Deus concede àquele que parte e que assim fica protegido das misérias da vida ou das seduções que poderiam levá-lo à perdição. Quem morre na flor da idade não é vítima da fatalidade, mas Deus julga que lhe é útil não permanecer por mais tempo na terra.

É uma desgraça terrível, vocês dizem, que uma vida tão cheia de esperanças seja interrompida tão cedo! De que esperanças querem falar? Das esperan-

ças da terra, onde aquele que parte poderia ter brilhado, aberto seu caminho e feito fortuna? Sempre essa visão estreita que não consegue se elevar acima da matéria. Sabem qual teria sido o destino dessa vida tão cheia de esperanças, segundo vocês? Quem lhes diz que ela não teria sido repleta de amarguras? Então vocês não dão nenhum valor às esperanças da vida futura, já que preferem a elas as da vida passageira que arrastam na terra? Pensam, então, que é melhor ocupar uma posição entre os homens do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Alegrem-se em vez de se queixarem quando Deus decide retirar um de seus filhos deste vale de misérias. Não há egoísmo em desejar que ele permanecesse aqui para sofrer com vocês? Ah! Essa dor é compreensível em quem não tem fé e vê na morte uma separação eterna; mas vocês, espíritas, sabem que a alma vive melhor livre de seu envoltório corporal; mães, vocês sabem que seus filhos amados estão perto de vocês; sim, estão bem perto; seus corpos fluídicos as envolvem, seus pensamentos as protegem, a lembrança que vocês guardam deles os enche de alegria; mas também suas dores sem razão os afligem, porque revelam falta de fé e são uma revolta contra a vontade de Deus.

Vocês que compreendem a vida espiritual, escutem as pulsações do coração ao chamar esses entes queridos e, se orarem a Deus para bendizê-lo, sentirão dentro de si aquelas poderosas consolações que secam as lágrimas, aquelas aspirações maravilhosas que lhes mostrarão o futuro prometido pelo soberano Mestre. (Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)

22 Se fosse um homem de bem, teria morrido

Vocês dizem muitas vezes, ao falar de um homem mau que escapa de um perigo: Se fosse um homem de bem, teria morrido. Pois bem, ao dizerem isso, vocês estão certos, porque de fato acontece muitas vezes que Deus dê a um Espírito, ainda jovem nos caminhos do progresso, uma provação mais longa do que a um bom, que receberá, como recompensa por seu mérito, o favor de ter uma provação tão curta quanto possível. Assim, quando usam essa máxima, vocês não desconfiam de que estão cometendo uma blasfêmia.

Se um homem de bem morre e ao lado de sua casa fica a de um homem mau, vocês se apressam em dizer: Seria muito melhor que tivesse sido este. Vocês estão muito enganados, porque aquele que parte terminou sua tarefa, e aquele que fica talvez ainda não a tenha começado. Por que desejariam, então, que o mau não tivesse tempo de terminá-la e que o outro permanecesse preso ao solo terrestre? O que diriam de um prisioneiro que tivesse cumprido sua pena e fosse mantido na prisão, enquanto se desse liberdade àquele que não tem direito a ela? Saibam, portanto, que a verdadeira liberdade está em se libertar dos laços do corpo e que, enquanto estão na terra, vocês estão em cativeiro.

Acostumem-se a não condenar o que não podem compreender e acreditem que Deus é justo em todas as coisas; muitas vezes, o que lhes parece um mal é um bem; mas suas faculdades são tão limitadas que o conjunto do grande todo escapa aos seus sentidos pouco apurados. Esforcem-se para sair, pelo pensamento, de sua esfera estreita e, à medida que se elevarem, a importância da vida material diminuirá aos seus olhos, porque ela lhes aparecerá

apenas como um episódio na duração infinita de sua existência espiritual, a única existência verdadeira. (Fénelon, Sens, 1861.)

Os tormentos voluntários

23 O homem está constantemente em busca da felicidade, que lhe escapa sem cessar, porque a felicidade sem mistura não existe na terra. No entanto, apesar das vicissitudes que formam o cortejo inevitável desta vida, ele poderia ao menos desfrutar de uma felicidade relativa, mas a procura nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos prazeres materiais, em vez de procurá-la nos prazeres da alma, que são uma antecipação dos prazeres celestes imperecíveis; em vez de buscar a paz do coração, única felicidade real neste mundo, ele deseja avidamente tudo o que pode agitá-lo e perturbá-lo; e, coisa singular, parece criar de propósito tormentos que só dependeria dele evitar.

Existem tormentos maiores do que os causados pela inveja e pelo ciúme? Para o invejoso e o ciumento não há descanso: vivem permanentemente febris; o que não têm e os outros possuem lhes causa insônia; os sucessos de seus rivais lhes dão vertigem; seu desejo de competir só se exerce para ofuscar os que estão ao redor, e toda a sua alegria está em despertar nos insensatos como eles a fúria de ciúme que os domina. Pobres insensatos, de fato, que não pensam que amanhã talvez tenham de abandonar todas essas ninharias cuja cobiça envenena sua vida! Não é a eles que se aplica esta palavra: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, pois suas preocupações não são daquelas que têm compensação no céu.

Quantos tormentos, ao contrário, poupa a si mesmo aquele que sabe se contentar com o que tem, que vê sem inveja o que não tem, que não procura parecer mais do que é. Ele é sempre rico, porque, se olhar abaixo de si

em vez de olhar acima, sempre verá pessoas que têm ainda menos; é tranquilo, porque não cria para si necessidades imaginárias; e a tranquilidade em meio às tempestades da vida não é felicidade? (Fénelon, Lyon, 1860.) A verdadeira infelicidade.

24 Todos falam da infelicidade, todos já a sentiram e acreditam conhecer suas muitas formas. Eu venho lhes dizer que quase todos se enganam e que a verdadeira infelicidade não é de modo algum aquilo que os homens, isto é, os infelizes, supõem. Eles a veem na miséria, na lareira sem fogo, no credor ameaçador, no berço vazio do anjo que sorria, nas lágrimas, no caixão que acompanham com a cabeça descoberta e o coração partido, na angústia da traição, na pobreza do orgulho que gostaria de se vestir de púrpura e que mal esconde sua nudez sob os trapos da vaidade; tudo isso, e muitas outras coisas ainda, recebe o nome de infelicidade na linguagem humana. Sim, é a infelicidade para aqueles que só veem o presente; mas a verdadeira infelicidade está mais nas consequências de uma coisa do que na própria coisa. Digam-me se o acontecimento mais feliz no momento, mas que tem consequências desastrosas, não é na realidade mais infeliz do que aquele que causa primeiro uma forte contrariedade e acaba produzindo o bem. Digam-me se a tempestade que quebra suas árvores, mas purifica o ar ao dissipar os miasmas insalubres que teriam causado a morte, não é antes uma felicidade do que uma infelicidade.

Para julgar uma coisa, portanto, é preciso ver o que vem depois dela; assim, para avaliar o que é realmente feliz ou infeliz para o homem, é preciso se transportar para além desta vida, porque é lá que suas consequências se fazem sentir; ora, tudo o que ele chama de infelicidade, segundo sua visão curta, termina com a vida e encontra sua compensação na vida futura.

Vou lhes revelar a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que vocês acolhem e desejam com todas as forças de suas almas enganadas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o barulho, é a agitação inútil, é a satisfação louca da vaidade, que calam a consciência, que reprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem quanto ao seu futuro; a infelicidade é o ópio do esquecimento que vocês desejam com todas as forças.

Tenham esperança, vocês que choram! Tremam, vocês que riem porque seu corpo está satisfeito! Não se engana Deus; não se escapa ao destino; e as provações, credoras mais impiedosas do que a matilha solta pela miséria, espreitam seu descanso enganoso para mergulhá-los de repente na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende a alma enfraquecida pela indiferença e pelo egoísmo.

Que o espiritismo os esclareça, portanto, e recoloque sob sua verdadeira luz a verdade e o erro, tão estranhamente desfigurados pela cegueira de vocês! Então agirão como soldados corajosos que, longe de fugir do perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que não pode lhes dar nem glória nem promoção. Que importa ao soldado perder na luta suas armas, suas bagagens e suas roupas, desde que saia vencedor e com glória! Que importa àquele que tem fé no futuro deixar no campo de batalha da vida sua fortuna e seu manto de carne, desde que sua alma entre radiante no reino celeste? (Delphine de Girardin, Paris, 1861.) A melancolia.

25 Vocês sabem por que uma vaga tristeza às vezes toma conta de seus corações e faz com que a vida lhes pareça tão amarga? É o seu Espírito que aspira à felicidade e à liberdade e que, preso ao corpo que lhe serve de prisão, se esgota em esforços inúteis para sair dele. Mas, ao ver que esses esforços são inúteis, ele cai no desânimo e, como o corpo sofre sua influência, a falta

de energia, o abatimento e uma espécie de apatia tomam conta de vocês, e vocês se sentem infelizes.

Acreditem em mim, resistam com energia a essas impressões que enfraquecem sua vontade. Essas aspirações a uma vida melhor são inatas no espírito de todos os homens, mas não as procurem aqui na terra; e agora que Deus lhes envia seus Espíritos para instruí-los sobre a felicidade que lhes reserva, esperem pacientemente o anjo da libertação que deverá ajudá-los a romper os laços que mantêm seu Espírito cativo. Pensem que, durante sua provação na terra, vocês têm uma missão a cumprir da qual nem suspeitam, seja dedicando-se à família, seja cumprindo os diversos deveres que Deus lhes confiou. E se, no decorrer dessa provação e no cumprimento de sua tarefa, vocês virem os cuidados, as inquietações e as tristezas se abaterem sobre vocês, sejam fortes e corajosos para suportá-los. Enfrentem-nos com firmeza; eles duram pouco e devem conduzi-los para perto dos amigos por quem vocês choram, que se alegram com sua chegada entre eles e lhes estenderão os braços para conduzi-los a um lugar onde as tristezas da terra não têm acesso. (Francisco de Genebra. Bordeaux.)

26 Provações voluntárias. O verdadeiro cilício

Vocês perguntam se é permitido amenizar as próprias provações; essa pergunta equivale a esta: É permitido a quem está se afogando procurar se salvar? A quem enfiou um espinho no corpo, retirá-lo? A quem está doente, chamar o médico? As provações têm por objetivo exercitar a inteligência, assim como a paciência e a resignação; um homem pode nascer numa situação penosa e difícil justamente para obrigá-lo a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em suportar sem murmurar as consequências dos males que não se podem evitar, em perseverar na luta, em não se

desesperar quando não se consegue vencer, mas não numa passividade que seria mais preguiça do que virtude.

Essa pergunta leva naturalmente a outra: Já que Jesus disse: "Bem-aventurados os aflitos", há mérito em procurar as aflições, agravando as próprias provações com sofrimentos voluntários? A isso responderei com toda a clareza: Sim, há grande mérito quando os sofrimentos e as privações têm por objetivo o bem do próximo, pois isso é caridade pelo sacrifício; não, quando têm por objetivo apenas a própria pessoa, pois isso é egoísmo por fanatismo.

Há aqui uma grande distinção a fazer; quanto a vocês, pessoalmente, contentem-se com as provações que Deus lhes envia e não aumentem seu peso, às vezes já tão grande; aceitem-nas sem murmurar e com fé, é tudo o que ele lhes pede. Não enfraqueçam o corpo com privações inúteis e mortificações sem objetivo, pois vocês precisam de todas as suas forças para cumprir sua missão de trabalho na terra. Torturar e martirizar voluntariamente o corpo é contrariar a lei de Deus, que lhes dá os meios de sustentá-lo e fortalecê-lo; enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usem, mas não abusem: essa é a lei; o abuso das melhores coisas traz sua punição em suas consequências inevitáveis.

É diferente com os sofrimentos que alguém impõe a si mesmo para aliviar o próximo. Se vocês suportam o frio e a fome para aquecer e alimentar quem precisa, e se seu corpo sofre com isso, aí está o sacrifício abençoado por Deus. Vocês que deixam seus aposentos perfumados para levar consolo a um sótão insalubre; vocês que sujam suas mãos delicadas cuidando das feridas; vocês que se privam de sono para velar à cabeceira de um doente que é apenas seu irmão em Deus; vocês, enfim, que gastam sua saúde na prática das boas obras, aí está seu cilício, verdadeiro cilício de bênção, pois

as alegrias do mundo não ressecaram seu coração; vocês não adormeceram em meio aos prazeres debilitantes da riqueza, mas se tornaram os anjos consoladores dos pobres desamparados.

Mas vocês que se retiram do mundo para evitar suas seduções e viver no isolamento, de que utilidade são na terra? Onde está sua coragem nas provações, já que fogem da luta e abandonam o combate? Se querem um cilício, apliquem-no à alma, e não ao corpo; mortifiquem seu Espírito, e não sua carne; açoitem seu orgulho; recebam as humilhações sem se queixar; firam seu amor-próprio; resistam à dor da injúria e da calúnia, mais pungente do que a dor física. Aí está o verdadeiro cilício, cujas feridas lhes serão levadas em conta, porque atestarão sua coragem e sua submissão à vontade de Deus. (Um anjo da guarda, Paris, 1863.)

27 Devemos pôr fim às provações do próximo quando podemos, ou devemos, por respeito aos desígnios de Deus, deixá-las seguir seu curso?

Nós lhes dissemos e repetimos muitas vezes que vocês estão nesta terra de expiação para completar suas provações e que tudo o que lhes acontece é consequência de suas existências anteriores, os juros da dívida que têm a pagar. Mas esse pensamento provoca em algumas pessoas reflexões que é necessário deter, pois poderiam ter consequências funestas.

Alguns pensam que, já que estamos na terra para expiar, é preciso deixar que as provações sigam seu curso. Há até quem chegue a acreditar que não só nada se deve fazer para amenizá-las, mas que, ao contrário, é preciso contribuir para torná-las mais proveitosas, tornando-as mais intensas. Isso é um grande erro. Sim, suas provações devem seguir o curso que Deus lhes traçou, mas vocês conhecem esse curso? Sabem até que ponto elas devem chegar e se seu Pai misericordioso não disse ao sofrimento de um ou outro

de seus irmãos: "Você não irá mais longe"? Sabem se sua providência não os escolheu como o bálsamo de consolação que deve cicatrizar as feridas que sua justiça havia aberto, e não como um instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado? Portanto, quando virem um de seus irmãos atingido, não digam: É a justiça de Deus, é preciso que ela siga seu curso; mas digam a si mesmos, ao contrário: Vejamos que meios nosso Pai misericordioso colocou ao meu alcance para amenizar o sofrimento de meu irmão. Vejamos se meu consolo moral, meu apoio material e meus conselhos poderão ajudá-lo a atravessar essa provação com mais força, paciência e resignação. Vejamos até se Deus não colocou em minhas mãos o meio de fazer cessar esse sofrimento; se não me foi dado, também como provação para mim, talvez como expiação, deter o mal e substituí-lo pela paz.

Portanto, ajudem-se sempre em suas respectivas provações e nunca se considerem instrumentos de tortura; esse pensamento deve revoltar todo homem de bom coração, sobretudo todo espírita, pois o espírita, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita deve pensar que sua vida inteira deve ser um ato de amor e de dedicação; que, faça ele o que fizer para contrariar as decisões do Senhor, a justiça divina seguirá seu curso. Pode, portanto, sem receio, fazer todos os esforços para amenizar a amargura da expiação, mas somente Deus pode encerrá-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não seria um enorme orgulho da parte do homem acreditar que tem o direito de, por assim dizer, revolver a arma na ferida? De aumentar a dose de veneno no peito daquele que sofre, sob o pretexto de que essa é sua expiação? Oh! Considerem-se sempre um instrumento escolhido para fazê-la cessar. Resumamos aqui: vocês todos estão na terra para expiar; mas todos,

sem exceção, devem fazer todos os esforços para amenizar a expiação de seus irmãos, segundo a lei de amor e de caridade. (Bernardino, Espírito protetor. Bordeaux, 1863.)

28 Um homem está agonizando, sofrendo cruelmente; sabe-se que seu estado não oferece esperança; é permitido poupar-lhe alguns instantes de angústia, apressando seu fim?

Quem lhes daria o direito de julgar antecipadamente os desígnios de Deus? Ele não pode conduzir um homem à beira da sepultura para depois retirá-lo dali, a fim de fazê-lo refletir sobre si mesmo e levá-lo a outros pensamentos? Por mais extremo que seja o estado de um moribundo, ninguém pode dizer com certeza que sua última hora chegou. A ciência nunca se enganou em suas previsões?

Sei bem que há casos que podem ser considerados, com razão, sem esperança; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um retorno definitivo à vida e à saúde, não há inúmeros exemplos de que, no momento de dar o último suspiro, o doente se reanima e recupera suas faculdades por alguns instantes? Pois bem! Essa hora de graça que lhe é concedida pode ser da maior importância para ele, pois vocês ignoram as reflexões que seu Espírito pode ter feito nas convulsões da agonia e os tormentos que um lampejo de arrependimento pode lhe poupar.

O materialista, que só vê o corpo e não leva em conta a alma, não pode compreender essas coisas; mas o espírita, que sabe o que se passa além do túmulo, conhece o valor do último pensamento. Amenizem os últimos sofrimentos tanto quanto puderem; mas tenham o cuidado de não abreviar a vida, nem que seja por um minuto, pois esse minuto pode poupar muitas lágrimas no futuro. (São Luís. Paris, 1860.)

29 Aquele que está desgostoso da vida, mas não quer se matar, é culpado por procurar a morte num campo de batalha, com a ideia de tornar sua morte útil?

Quer o homem tire a própria vida, quer faça com que outro a tire, o objetivo é sempre abreviar sua vida e, por consequência, há suicídio de intenção, quando não de fato. A ideia de que sua morte servirá para alguma coisa é ilusória; é apenas um pretexto para dar uma aparência aceitável à sua ação e desculpá-la aos próprios olhos; se tivesse seriamente o desejo de servir ao seu país, procuraria viver enquanto o defendesse, e não morrer, pois, depois de morto, já não lhe serve para nada. A verdadeira dedicação consiste em não temer a morte quando se trata de ser útil, em enfrentar o perigo, em fazer de antemão e sem pesar o sacrifício da própria vida, se isso for necessário; mas a intenção premeditada de procurar a morte expondo-se a um perigo, mesmo para prestar um serviço, anula o mérito da ação. (São Luís. Paris, 4 860.)

30 Um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida de um de seus semelhantes, sabendo de antemão que ele mesmo morrerá; isso pode ser considerado um suicídio?

Desde que não haja a intenção de buscar a morte, não há suicídio, mas devotamento e abnegação, mesmo que se tenha a certeza de morrer. Mas quem pode ter essa certeza? Quem diz que a Providência não reserva um meio inesperado de salvação no momento mais crítico? Não pode ela salvar até mesmo aquele que estivesse diante da boca de um canhão? Muitas vezes, ela pode querer levar a prova da resignação até seu último limite; então, uma circunstância inesperada desvia o golpe fatal. (Id.)

31. Aqueles que aceitam seus sofrimentos com resignação, por submissão à

vontade de Deus e tendo em vista sua felicidade futura, trabalham apenas para si mesmos, e podem tornar seus sofrimentos proveitosos para os outros?

Esses sofrimentos podem ser proveitosos para os outros material e moralmente. Materialmente, se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que se impõem, contribuem para o bem-estar material de seus próximos; moralmente, pelo exemplo que dão de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode levar pessoas infelizes à resignação, salvá-las do desespero e de suas consequências funestas para o futuro. (São Luís. Paris, 1860.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VI. O CRISTO CONSOLADOR

✦

1 O jugo leve. — Consolador prometido. — Instruções dos Espíritos: Advento do Espírito de Verdade. O jugo leve.

Venham a mim, todos vocês que estão aflitos e sobrecarregados, e eu os aliviarei. — Tomem meu jugo sobre vocês e aprendam comigo que sou manso e humilde de coração, e encontrarão o descanso de suas almas; pois meu jugo é suave e meu fardo é leve. (São Mateus, cap. xi, v. 28, 29, 30.)

2 Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perdas de entes queridos, encontram seu consolo na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele, ao contrário, que nada espera depois desta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições recaem com todo o seu peso, e nenhuma esperança vem suavizar sua amargura. É isso que leva Jesus a dizer: Venham a mim, todos vocês que estão cansados, e eu os aliviarei.

No entanto, Jesus estabelece uma condição para sua assistência e para a felicidade que promete aos aflitos; essa condição está na lei que ele ensina; seu jugo é a observância dessa lei; mas esse jugo é leve e essa lei é suave, pois impõem como dever o amor e a caridade.

3 Consolador prometido

Se vocês me amam, guardem meus mandamentos; — e eu pedirei a meu Pai, e ele lhes enviará outro consolador, para que permaneça eternamente com vocês: — O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas vocês o conhecerão, porque ele permanecerá com vocês e estará em vocês. — Mas o consolador, que é o Espírito

Santo, que meu Pai enviará em meu nome, lhes ensinará todas as coisas e os fará lembrar de tudo o que eu lhes disse. (São João, cap. xiv, v. 15, 16, 17 e 26.)

4 Jesus promete outro consolador: é o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, porque não está maduro para compreendê-lo, e que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e fazer lembrar o que o Cristo disse. Se, portanto, o Espírito de Verdade deve vir mais tarde ensinar todas as coisas, é porque o Cristo não disse tudo; se vem fazer lembrar o que o Cristo disse, é porque isso terá sido esquecido ou mal compreendido.

O espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento; ele chama os homens de volta à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo disse apenas em parábolas. O Cristo disse: «Ouçam aqueles que têm ouvidos para ouvir»; o espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, pois fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu deixado de propósito sobre certos mistérios; vem, enfim, trazer um consolo supremo aos deserdados da terra e a todos os que sofrem, dando uma causa justa e uma finalidade útil a todas as dores.

O Cristo disse: «Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados»; mas como se sentir feliz por sofrer, se não se sabe por que se sofre? O espiritismo mostra a causa disso nas existências anteriores e na destinação da terra, onde o homem expia seu passado; mostra sua finalidade no fato de que os sofrimentos são como as crises salutares que levam à cura, e de que são a purificação que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e considera justo o sofrimento; sabe que esse sofrimento ajuda em seu progresso e o aceita sem murmurar,

como o trabalhador aceita o trabalho que deve lhe render seu salário. O espiritismo lhe dá uma fé inabalável no futuro, e a dúvida angustiante já não tem poder sobre sua alma; ao fazê-lo ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele abrange, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de chegar ao fim do caminho.

Assim, o espiritismo realiza o que Jesus disse sobre o consolador prometido: conhecimento das coisas, que faz com que o homem saiba de onde vem, para onde vai e por que está na terra; retorno aos verdadeiros princípios da lei de Deus, e consolo pela fé e pela esperança.

5 Instruções dos Espíritos Advento do Espírito de Verdade

Venho, como outrora, entre os filhos desgarrados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O espiritismo, como outrora minha palavra, deve lembrar aos descrentes que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e levanta as ondas. Revelei a doutrina divina; como um ceifeiro, reuni em feixes o bem espalhado pela humanidade e disse: Venham a mim, todos vocês que sofrem!

Mas os homens ingratos se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e se perderam nas trilhas ásperas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vocês se socorram, e que já não seja a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que já partiram que se faça ouvir para lhes clamar: Orem e creiam! Pois a morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida durante a qual suas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro. Homens fracos, que compreendem as trevas de suas inteligências, não afas-

tem a tocha que a clemência divina coloca em suas mãos para iluminar seu caminho e reconduzi-los, filhos perdidos, ao seio de seu Pai.

Sou profundamente tocado pela compaixão por suas misérias, por sua imensa fraqueza, para deixar de estender a mão em socorro dos infelizes desgarrados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Creiam, amem, meditem sobre as coisas que lhes são reveladas; não misturem o joio ao bom grão, as utopias às verdades.

Espíritas! Amem uns aos outros; eis o primeiro ensinamento; instruam-se, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo; os erros que nele criaram raízes são de origem humana; e eis que, além do túmulo que vocês acreditavam ser o nada, vozes lhes clamam: Irmãos! Nada perece; Jesus Cristo é o vencedor do mal, sejam os vencedores da impiedade. (O Espírito de Verdade. Paris, 1860.)

6 Venho ensinar e consolar os pobres deserdados; venho lhes dizer que elevem sua resignação à altura de suas provas; que chorem, pois a dor foi sagrada no jardim das Oliveiras; mas que tenham esperança, pois os anjos consoladores também virão enxugar suas lágrimas.

Trabalhadores, abram seu sulco; recomecem no dia seguinte a dura jornada da véspera; o trabalho de suas mãos fornece o pão terreno a seus corpos, mas suas almas não são esquecidas; e eu, o divino jardineiro, as cultivo no silêncio de seus pensamentos; quando a hora do descanso tiver soado, quando a trama escapar de suas mãos e seus olhos se fecharem à luz, vocês sentirão brotar e germinar em vocês minha preciosa semente. Nada se perde no reino de nosso Pai, e seu suor, suas misérias formam o tesouro que deve torná-los ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais desprovido de todos vocês talvez seja o mais resplandecente.

Eu lhes digo em verdade: aqueles que carregam seus fardos e que amparam seus irmãos são meus bem-amados; instruam-se na preciosa doutrina que dissipa o erro das revoltas e que lhes ensina a finalidade sublime da prova humana. Como o vento varre a poeira, que o sopro dos Espíritos dissipe sua inveja dos ricos do mundo, que muitas vezes são muito infelizes, pois suas provas são mais perigosas que as de vocês. Estou com vocês, e meu apóstolo os ensina. Bebam na fonte viva do amor e preparem-se, cativos da vida, para um dia se lançarem, livres e alegres, no seio Daquele que os criou fracos para torná-los capazes de se aperfeiçoar e que quer que vocês mesmos modelem sua argila maleável, a fim de serem os artesãos de sua imortalidade. (O Espírito de Verdade, Paris, 1861.)

7 Sou o grande médico das almas e venho lhes trazer o remédio que deve curá-las; os fracos, os que sofrem e os enfermos são meus filhos prediletos, e venho salvá-los. Venham, pois, a mim, todos vocês que sofrem e estão sobrecarregados, e serão aliviados e consolados; não procurem em outro lugar a força e o consolo, pois o mundo é incapaz de dá-los.

7.2 Deus faz a seus corações um apelo supremo por meio do espiritismo; escutem-no. Que a impiedade, a mentira, o erro e a incredulidade sejam arrancados de suas almas doloridas; são monstros que se saciam com seu sangue mais puro e que lhes causam feridas quase sempre mortais. Que, daqui em diante, humildes e submissos ao Criador, vocês pratiquem sua lei divina.

7.3 Amem e orem; sejam dóceis aos Espíritos do Senhor; invoquem-no do fundo do coração; então ele lhes enviará seu Filho bem-amado para instruí-los e lhes dizer estas boas palavras: Aqui estou; venho a vocês porque me chamaram. (O Espírito de Verdade. Bordeaux, 1861.)

8 Deus consola os humildes e dá força aos aflitos que a pedem a ele. Seu poder cobre a terra, e em toda parte, ao lado de uma lágrima, ele colocou um bálsamo que consola. A dedicação e a abnegação são uma oração contínua e encerram um ensinamento profundo; a sabedoria humana reside nessas duas palavras.

8.2 Que todos os Espíritos sofredores possam compreender essa verdade, em vez de se revoltarem contra as dores, os sofrimentos morais que são seu quinhão neste mundo. Tomem, pois, como lema estas duas palavras: dedicação e abnegação, e serão fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade lhes impõem.

8.3 O sentimento do dever cumprido lhes dará o descanso do espírito e a resignação. O coração bate melhor, a alma se acalma e o corpo já não desfalece, pois o corpo sofre tanto mais quanto mais profundamente o espírito é atingido. (O Espírito de Verdade. Le Havre, 1863.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VII. BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

✦

1 O que se deve entender por pobres de espírito.

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o reino dos céus lhes pertence. (São Mateus, cap. v, v. 3.)

2 A incredulidade zombou desta máxima: Bem-aventurados os pobres de espírito, como de muitas outras coisas, sem compreendê-la. Por pobres de espírito, Jesus não entende os homens desprovidos de inteligência, mas os humildes: ele diz que o reino dos céus é para eles, e não para os orgulhosos.

Os homens de ciência e de inteligência, segundo o mundo, geralmente têm uma opinião tão elevada de si mesmos e de sua superioridade que consideram as coisas divinas indignas de sua atenção; seus olhares, concentrados em sua própria pessoa, não conseguem se elevar até Deus. Essa tendência a se julgarem acima de tudo os leva, com muita frequência, a negar aquilo que, estando acima deles, poderia rebaixá-los, e até a negar a Divindade; ou, se concordam em admiti-la, contestam um de seus mais belos atributos: sua ação providencial sobre as coisas deste mundo, convencidos de que eles sozinhos bastam para governá-lo bem. Tomando sua inteligência como medida da inteligência universal e julgando-se capazes de compreender tudo, não conseguem acreditar na possibilidade daquilo que não compreendem; quando se pronunciam, seu julgamento é, para eles, sem apelação.

Se se recusam a admitir o mundo invisível e um poder além do humano, não é, porém, porque isso esteja fora de seu alcance, mas porque seu orgulho se revolta diante da ideia de algo acima do qual não podem se colocar e

que os faria descer de seu pedestal. Por isso, só têm sorrisos de desprezo para tudo o que não pertence ao mundo visível e palpável; atribuem a si mesmos inteligência e ciência demais para acreditar em coisas que, segundo eles, só servem para as pessoas simples, considerando pobres de espírito aqueles que as levam a sério.

No entanto, digam o que disserem, terão de entrar, como os outros, nesse mundo invisível do qual zombam; é lá que seus olhos se abrirão e que reconhecerão seu erro. Mas Deus, que é justo, não pode receber da mesma maneira aquele que desconheceu seu poder e aquele que se submeteu humildemente às suas leis, nem lhes dar uma parte igual.

Ao dizer que o reino dos céus pertence aos simples, Jesus entende que ninguém é admitido nele sem a simplicidade do coração e a humildade do espírito; que o ignorante que possui essas qualidades será preferido ao sábio que acredita mais em si mesmo do que em Deus. Em todas as circunstâncias, ele coloca a humildade entre as virtudes que aproximam de Deus, e o orgulho entre os vícios que afastam dele; e isso por uma razão muito natural: a humildade é um ato de submissão a Deus, enquanto o orgulho é uma revolta contra ele. Portanto, para a felicidade futura do homem, é melhor ser pobre de espírito \ no sentido do mundo, e rico em qualidades morais.

3 Todo aquele que se eleva será rebaixado

Naquele mesmo tempo, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe disseram: Quem é o maior no reino dos céus? — Jesus chamou uma criancinha, colocou-a no meio deles e lhes disse: Eu lhes digo, em verdade, que, se vocês não se converterem e não se tornarem como criancinhas, não entrarão no reino dos céus. — Portanto, aquele que se humilhar e se fizer pequeno

como esta criança será o maior no reino dos céus, — e aquele que recebe em meu nome uma criança como acabo de dizer é a mim mesmo que recebe. (São Mateus, cap. xviii, v. 4 a 5.)

4 Então a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou dele com seus dois filhos e o adorou, demonstrando que queria lhe pedir alguma coisa. — Ele lhe disse: O que você deseja? Ordene, disse ela, que estes meus dois filhos se sentem em seu reino, um à sua direita e o outro à sua esquerda.

4.2 — Mas Jesus lhes respondeu: Vocês não sabem o que estão pedindo; podem beber o cálice que vou beber? Eles lhe disseram: Podemos. — Ele lhes respondeu: É verdade que vocês beberão o cálice que eu beber; mas, quanto a se sentarem à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim conceder isso a vocês; será para aqueles a quem meu Pai o preparou.

4.3 — Os outros dez apóstolos, tendo ouvido isso, ficaram indignados com os dois irmãos. — E Jesus, chamando-os para junto de si, lhes disse: Vocês sabem que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com autoridade.

4.4 — Não deve ser assim entre vocês; mas aquele que quiser se tornar o maior seja o servidor de vocês; — e aquele que quiser ser o primeiro entre vocês seja seu escravo; — assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela redenção de muitos. (São Mateus, cap. xx, v. de 20 a 28.)

5 Jesus entrou, num dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus para fazer sua refeição, e os que estavam ali o observavam. — Então, observando como os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes esta parábola e lhes disse: — Quando vocês forem convidados para um casamento, não ocupem o primeiro lugar, para que não haja entre os convida-

dos uma pessoa mais importante do que vocês e aquele que os convidou venha lhes dizer: Dê seu lugar a esta pessoa, e então vocês sejam obrigados, envergonhados, a ocupar o último lugar.

5.2 — Mas, quando forem convidados, ocupem o último lugar, para que, quando chegar aquele que os convidou, ele lhes diga: Meu amigo, venha mais para cima. E então isso será motivo de glória diante dos que estiverem à mesa com vocês; — pois todo aquele que se eleva será rebaixado, e todo aquele que se rebaixa será elevado. (São Lucas, cap. xiv, v. 1 e de 7 a il.)

6 Essas máximas são consequências do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor e que formulou com estas palavras: «Bem-aventurados os pobres de espírito, porque o reino dos céus lhes pertence.» Ele toma uma criança como modelo da simplicidade do coração e diz: Será o maior no reino dos céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança; isto é, aquele que não tiver nenhuma pretensão à superioridade ou à infalibilidade.

O mesmo pensamento fundamental se encontra nesta outra máxima: «Aquele que quiser se tornar o maior seja o servidor de vocês», e nesta: «Todo aquele que se rebaixa será elevado, e todo aquele que se eleva será rebaixado.»

O espiritismo vem confirmar a teoria pelo exemplo, mostrando-nos grandes, no mundo dos Espíritos, aqueles que eram pequenos na Terra, e muitas vezes bem pequenos aqueles que nela eram os maiores e os mais poderosos. É que os primeiros levaram consigo, ao morrer, aquilo que constitui a única verdadeira grandeza no céu e não se perde: as virtudes; enquanto os outros tiveram de deixar aquilo que constituía sua grandeza na Terra e não

se leva consigo: a fortuna, os títulos, a glória, o nascimento; não tendo mais nada, chegam ao outro mundo desprovidos de tudo, como náufragos que perderam tudo, até suas roupas; conservaram apenas o orgulho, que torna sua nova posição mais humilhante, pois veem acima deles, e resplandecentes de glória, aqueles que pisotearam na Terra.

O espiritismo nos mostra outra aplicação desse princípio nas encarnações sucessivas, em que aqueles que foram os mais elevados numa existência são rebaixados à última posição numa existência seguinte, se foram dominados pelo orgulho e pela ambição. Portanto, não procurem o primeiro lugar na Terra, nem se colocar acima dos outros, se não quiserem ser obrigados a descer; procurem, ao contrário, o mais humilde e o mais modesto, pois Deus saberá lhes dar um mais elevado no céu, se vocês o merecerem.

Mistérios ocultos aos sábios e aos prudentes

7 Então Jesus disse estas palavras: Eu lhe dou glória, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por ter ocultado estas coisas aos sábios e aos prudentes e por tê-las revelado aos simples e aos pequenos. (São Mateus, cap. xi, v. 25.)

8 Pode parecer estranho que Jesus agradeça a Deus por ter revelado essas coisas aos simples e aos pequenos, que são os pobres de espírito, e por tê-las ocultado aos sábios e aos prudentes, aparentemente mais capazes de compreendê-las. É que se deve entender, pelos primeiros, os humildes que se humilham diante de Deus e não se julgam superiores a todos; e, pelos segundos, os orgulhosos, vaidosos de sua ciência mundana, que se julgam prudentes porque negam, tratando Deus de igual para igual quando não o renegam; pois, na Antiguidade, sábio era sinônimo de homem de ciência; por isso Deus lhes deixa a investigação dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que se curvam diante dele.

9 Assim acontece hoje com as grandes verdades reveladas pelo espiritismo. Certos incrédulos se espantam de que os Espíritos façam tão pouco esforço para convencê-los; é que estes se ocupam daqueles que procuram a luz de boa-fé e com humildade, de preferência àqueles que acreditam possuir toda a luz e parecem pensar que Deus deveria se sentir muito feliz por trazê-los de volta a ele, provando-lhes que existe.

O poder de Deus se manifesta nas menores coisas, assim como nas maiores; ele não põe a luz debaixo do alqueire, pois a espalha em abundância por toda parte; cegos, portanto, são aqueles que não a veem. Deus não quer lhes abrir os olhos à força, já que lhes agrada mantê-los fechados. A vez deles chegará, mas é preciso que antes sintam as angústias das trevas e reconheçam Deus, e não o acaso, na mão que golpeia seu orgulho. Para vencer a incredulidade, ele emprega os meios que considera adequados a cada indivíduo; não cabe ao incrédulo lhe prescrever o que deve fazer e lhe dizer: Se quiser me convencer, precisa agir desta ou daquela maneira, neste momento em vez de outro, porque este momento me convém.

Que os incrédulos, portanto, não se espantem se Deus e os Espíritos, que são os agentes de sua vontade, não se submetem às suas exigências. Que se perguntem o que diriam se o último de seus servidores quisesse se impor a eles. Deus impõe suas condições e não se submete às dos outros; ele escuta com bondade aqueles que se dirigem a ele com humildade, e não aqueles que se julgam mais do que ele.

10 Deus, dirão, não poderia impressioná-los pessoalmente com sinais extraordinários, diante dos quais o incrédulo mais endurecido teria de se curvar? Sem dúvida poderia, mas então onde estaria o mérito deles e, ademais, para que isso serviria?

10.2 Não vemos todos os dias pessoas se recusarem a aceitar a evidência e até dizerem: Se eu visse, não acreditaria, porque sei que é impossível? Se se recusam a reconhecer a verdade, é porque seu espírito ainda não está maduro para compreendê-la, nem seu coração para senti-la. O orgulho é a película que obscurece sua visão; de que serve apresentar a luz a um cego?

10.3 Portanto, é preciso primeiro curar a causa do mal; por isso, como médico habilidoso, ele castiga primeiro o orgulho. Assim, ele não abandona seus filhos perdidos; sabe que, mais cedo ou mais tarde, seus olhos se abrirão, mas quer que isso aconteça por sua própria vontade, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles se lançarem por si mesmos em seus braços e, como o filho pródigo, lhe pedirem perdão!

11 Instruções dos Espíritos O orgulho e a humildade

Que a paz do Senhor esteja com vocês, meus queridos amigos! Venho até vocês para encorajá-los a seguir o bom caminho.

Aos pobres Espíritos que, outrora, habitavam a Terra, Deus dá a missão de vir esclarecê-los. Bendito seja ele pela graça que nos concede de poder ajudar no aperfeiçoamento de vocês. Que o Espírito Santo me ilumine e me ajude a tornar minha palavra compreensível, e que me conceda a graça de colocá-la ao alcance de todos! Todos vocês, encarnados, que sofrem e buscam a luz, que a vontade de Deus me ajude a fazê-la brilhar diante de seus olhos!

A humildade é uma virtude muito esquecida entre vocês; os grandes exemplos que lhes foram dados são muito pouco seguidos e, no entanto, sem a humildade, podem ser caridosos com o próximo? Oh! Não, pois esse sentimento coloca os homens no mesmo nível; diz a eles que são irmãos, que devem ajudar uns aos outros, e os conduz ao bem. Sem a humildade, vocês se

enfeitam com virtudes que não possuem, como se vestissem uma roupa para esconder as deformidades do corpo. Lembrem-se daquele que nos salvou; lembrem-se de sua humildade, que o tornou tão grande e o colocou acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas dadas ao seu mérito e que sua essência é mais pura que a do pobre; acreditam que tudo isso lhes é devido e, por isso, quando Deus lhes retira essas coisas, acusam-no de injustiça. Oh! Que absurdo e que cegueira! Deus faz alguma distinção entre vocês pelo corpo? O envoltório do pobre não é o mesmo que o do rico? O Criador fez duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; nunca atribuam a ele as ideias que nascem de seus cérebros orgulhosos.

Ó rico, enquanto você dorme sob seus tetos dourados, protegido do frio, não sabe que milhares de seus irmãos, que valem tanto quanto você, estão deitados sobre a palha? O infeliz que passa fome não é seu igual? Diante dessa palavra, seu orgulho se revolta, bem sei; você concordará em lhe dar uma esmola, mas em apertar fraternalmente sua mão, jamais! «Como!», você diz, «eu, de sangue nobre, um grande da Terra, seria igual a esse miserável vestido de trapos! Utopia vã dos que se dizem filósofos! Se fôssemos iguais, por que Deus o teria colocado tão baixo e a mim tão alto?» É verdade que suas roupas pouco se parecem; mas, se ambos fossem despidos delas, que diferença haveria entre vocês? A nobreza do sangue, você dirá; mas a química não encontrou diferença entre o sangue do grande senhor e o do plebeu; entre o do senhor e o do escravo. Quem lhe diz que você também não foi miserável e infeliz como ele? Que não pediu esmola? Que não a pedirá um dia àquele mesmo que hoje despreza? As riquezas são eternas?

Não acabam com esse corpo, envoltório perecível de seu Espírito? Oh! Volte seu olhar para si mesmo com humildade! Olhe, enfim, para a realidade das coisas deste mundo, para aquilo que traz grandeza e rebaixamento no outro; pense que a morte não o poupará mais do que a qualquer outro; que seus títulos não o protegerão dela; que ela pode atingi-lo amanhã, hoje, dentro de uma hora; e, se você se sepultar em seu orgulho, oh! Então eu o lamento, pois será digno de piedade!

Orgulhosos! O que vocês eram antes de serem nobres e poderosos? Talvez estivessem abaixo do último de seus criados. Curvem, portanto, suas frontes altivas, que Deus pode rebaixar no momento em que vocês mais as erguem. Todos os homens são iguais na balança divina; só as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são de uma mesma essência, e todos os corpos são moldados da mesma massa; seus títulos e seus nomes nada mudam nisso; ficam no túmulo, e não são eles que dão a felicidade prometida aos eleitos; a caridade e a humildade são seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! Você é mãe, seus filhos sofrem; sentem frio; sentem fome; você vai, curvada sob o peso de sua cruz, humilhar-se para conseguir para eles um pedaço de pão. Oh! Eu me curvo diante de você; como é nobremente santa e grande aos meus olhos! Espere e ore; a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos que confiam nele, Deus dá o reino dos céus.

E você, jovem, pobre menina entregue ao trabalho, às privações, por que esses pensamentos tristes? Por que chorar? Que seu olhar se erga piedoso e sereno para Deus: aos passarinhos ele dá alimento; confie nele, e ele não a abandonará. O som das festas, dos prazeres do mundo, faz seu coração bater; você também gostaria de enfeitar a cabeça com flores e se misturar aos felizes da Terra; pensa que poderia, como essas mulheres que vê passar, des-

cuidadas e risonhas, ser rica também. Oh! Cale-se, menina! Se soubesse quantas lágrimas e dores sem nome se escondem sob essas roupas bordadas, quantos soluços são abafados pelo som dessa orquestra alegre, você preferiria seu humilde recolhimento e sua pobreza. Permaneça pura aos olhos de Deus, se não quiser que seu anjo da guarda volte para ele, com o rosto escondido sob suas asas brancas, e a deixe com seus remorsos, sem guia, sem apoio neste mundo, onde estaria perdida, à espera de ser punida no outro.

E todos vocês que sofrem com as injustiças dos homens, sejam indulgentes com as faltas de seus irmãos, lembrando que vocês mesmos não estão livres de censura: isso é caridade, mas também é humildade. Se vocês sofrem por causa das calúnias, curvem a cabeça diante dessa provação. Que importância têm para vocês as calúnias do mundo? Se sua conduta é pura, Deus não pode compensá-los por elas? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que só Deus é grande e poderoso.

Oh! Meu Deus, será preciso que o Cristo volte uma segunda vez a esta Terra para ensinar aos homens tuas leis, que eles esquecem? Terá de expulsar de novo os vendedores do templo, que sujam tua casa, que é apenas um lugar de oração? E quem sabe, ó homens! Se Deus lhes concedesse essa graça, talvez vocês o renegassem como outrora; vocês o chamariam de blasfemador, porque ele rebaixaria o orgulho dos fariseus modernos; talvez o fizessem percorrer novamente o caminho do Gólgota.

Quando Moisés foi ao monte Sinai receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus; homens e mulheres deram seu ouro e suas joias para fazer um ídolo que adoraram. Homens civilizados, vocês fazem como eles; o Cristo lhes deixou sua doutrina; deu-lhes o exemplo de todas as virtudes, e vocês abandonaram o

exemplo e os preceitos; cada um trazendo suas paixões, vocês fizeram para si um Deus a seu gosto: segundo uns, terrível e sanguinário; segundo outros, indiferente aos interesses do mundo; o Deus que vocês fizeram para si ainda é o bezerro de ouro que cada um adapta a seus gostos e a suas ideias.

Voltem a si, meus irmãos, meus amigos; que a voz dos Espíritos toque seus corações; sejam generosos e caridosos sem ostentação; isto é, façam o bem com humildade; que cada um derrube pouco a pouco os altares que vocês ergueram ao orgulho; em uma palavra, sejam verdadeiros cristãos, e vocês terão o reino da verdade. Não duvidem mais da bondade de Deus, quando ele lhes dá tantas provas dela. Viemos preparar os caminhos para o cumprimento das profecias. Quando o Senhor lhes der uma manifestação mais brilhante de sua clemência, que o enviado celeste encontre em vocês apenas uma grande família; que seus corações mansos e humildes sejam dignos de ouvir a palavra divina que ele virá lhes trazer; que o eleito encontre em seu caminho apenas as palmas depositadas por seu retorno ao bem, à caridade, à fraternidade, e então seu mundo se tornará o paraíso terrestre. Mas, se vocês permanecerem insensíveis à voz dos Espíritos enviados para purificar, renovar sua sociedade civilizada, rica em ciências e, no entanto, tão pobre em bons sentimentos, ai de nós! Só nos restaria chorar e lamentar seu destino. Mas não, não será assim; voltem a Deus, seu pai, e então todos nós, que tivermos servido ao cumprimento de sua vontade, entoaremos o cântico de ação de graças para agradecer ao Senhor por sua bondade inesgotável e para glorificá-lo por todos os séculos dos séculos. Assim seja. (Lacordaire. Constantina, 1863.)

12 Homens, por que vocês se queixam das calamidades que vocês mesmos amontoaram sobre suas cabeças? Vocês desprezaram a santa e divina moral do Cristo; portanto, não se admirem de que a taça da iniquidade tenha transbordado por toda parte.

O mal-estar se torna geral; a quem culpar, senão a vocês, que procuram sem cessar esmagar uns aos outros? Vocês não podem ser felizes sem benevolência mútua, e como a benevolência pode existir com o orgulho? O orgulho, eis a fonte de todos os seus males; empenhem-se, portanto, em destruí-lo, se não quiserem ver suas consequências funestas se perpetuarem. Um único meio se oferece a vocês para isso, mas esse meio é infalível: tomar como regra invariável de sua conduta a lei do Cristo, lei que vocês rejeitaram ou interpretaram de maneira distorcida.

Por que vocês têm em tão grande estima o que brilha e encanta os olhos, em vez do que toca o coração? Por que o vício na opulência é objeto de suas adulações, enquanto vocês só têm um olhar de desdém para o verdadeiro mérito na obscuridade? Basta que um rico devasso, perdido de corpo e alma, se apresente em algum lugar, e todas as portas lhe são abertas, todas as atenções são para ele, enquanto mal se dignam a conceder uma saudação condescendente ao homem de bem que vive de seu trabalho. Quando a consideração concedida às pessoas é medida pelo peso do ouro que possuem ou pelo nome que carregam, que interesse podem ter em corrigir seus defeitos?

Tudo seria muito diferente se o vício coberto de ouro fosse condenado pela opinião pública como o vício em farrapos; mas o orgulho é indulgente com tudo o que o lisonjeia. Século de cobiça e de dinheiro, vocês dizem. Sem dúvida, mas por que deixaram as necessidades materiais se sobreporem ao bom senso e à razão? Por que cada um quer se elevar acima de seu irmão?

Hoje a sociedade sofre as consequências disso.

Não se esqueçam: tal estado de coisas é sempre um sinal de decadência moral. Quando o orgulho chega aos últimos limites, é o indício de uma queda próxima, pois Deus sempre golpeia os soberbos. Se às vezes os deixa subir, é para lhes dar tempo de refletir e de se corrigir sob os golpes que, de tempos em tempos, desfere contra seu orgulho para adverti-los; mas, em vez de se humilharem, eles se revoltam; então, quando a medida se completa, ele os derruba de vez, e sua queda é tanto mais terrível quanto mais alto haviam subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todos os caminhos, retoma, porém, a coragem; em sua misericórdia infinita, Deus te envia um poderoso remédio para teus males, um socorro inesperado em tua aflição. Abre os olhos à luz: eis as almas daqueles que já partiram, que vêm te lembrar de teus verdadeiros deveres; elas te dirão, com a autoridade da experiência, quão pouco são as vaidades e as grandezas de sua existência passageira diante da eternidade; elas te dirão que o maior é aquele que foi o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou seus irmãos é também aquele que será mais amado no céu; que os poderosos da terra, se abusaram de sua autoridade, serão reduzidos a obedecer a seus servos; que a caridade e a humildade, enfim, essas duas irmãs que se dão as mãos, são os títulos mais eficazes para obter graça diante do Eterno. (Adolfo, bispo de Argel. Marmande, 1862.)

13 Missão do homem inteligente na terra

Não se orgulhem do que sabem, pois esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que vocês habitam. Mas suponho que vocês estejam entre as maiores inteligências deste globo: vocês não têm nenhum direito de tirar

disso motivo de vaidade. Se Deus, em seus desígnios, fez vocês nascerem em um meio onde puderam desenvolver sua inteligência, é porque quer que a usem para o bem de todos; pois é uma missão que ele lhes dá, colocando em suas mãos o instrumento com o qual podem, por sua vez, desenvolver as inteligências atrasadas e conduzi-las a Deus. A natureza do instrumento não indica o uso que se deve fazer dele? A pá que o jardineiro coloca nas mãos de seu trabalhador não lhe mostra que deve cavar? E o que vocês diriam se esse trabalhador, em vez de trabalhar, erguesse a pá para golpear seu patrão? Diriam que isso é terrível e que ele merece ser expulso. Pois bem, não acontece o mesmo com aquele que usa sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Não ergue contra seu senhor a pá que lhe foi dada para preparar o terreno? Tem direito ao salário prometido e não merece, pelo contrário, ser expulso do jardim?

Ele será expulso, não duvidem, e arrastará existências miseráveis e cheias de humilhações até que tenha se curvado diante Daquele a quem deve tudo.

A inteligência é rica em méritos para o futuro, mas com a condição de que se faça bom uso dela; se todos os homens que a possuem a usassem segundo os propósitos de Deus, a tarefa dos Espíritos para fazer a humanidade avançar seria fácil; infelizmente, muitos fazem dela um instrumento de orgulho e de perdição para si mesmos. O homem abusa de sua inteligência como de todas as suas outras faculdades, e, no entanto, não lhe faltam lições para adverti-lo de que uma mão poderosa pode retirar o que lhe deu. (Fernando, Espírito protetor. Bordeaux, 1862.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIII. BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM O CORAÇÃO PURO

✦

1 Deixem vir a mim as criancinhas.
Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus. (São Mateus, cap. v, v. 8.)

2 Então lhe apresentaram criancinhas, para que ele as tocasse; e, como seus discípulos afastavam com palavras duras aqueles que as apresentavam — Jesus, vendo isso, ficou indignado e lhes disse: Deixem vir a mim as criancinhas e não as impeçam, pois o reino dos céus é daqueles que se parecem com elas. — Eu lhes digo em verdade: quem não receber o reino de Deus como uma criança não entrará nele. — E, depois de abraçá-las, ele as abençoou, impondo-lhes as mãos. (São Marcos, cap. x, v. de 13 a 16.)

3 A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade; ela exclui todo pensamento de egoísmo e de orgulho; por isso Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, assim como a tomou como emblema da humildade.
Essa comparação poderia não parecer justa, se considerarmos que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que, ao renascer para a vida corporal, traz as imperfeições das quais não se desfez em suas existências anteriores; somente um Espírito que tivesse chegado à perfeição poderia nos dar o modelo da verdadeira pureza. Mas ela é exata do ponto de vista da vida presente, pois a criancinha, não tendo ainda podido manifestar nenhuma ten-

dência perversa, nos oferece a imagem da inocência e da candura; por isso Jesus não diz de maneira absoluta que o reino de Deus é para elas, mas para aqueles que se parecem com elas.

4 Já que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra, desde o nascimento, tal como é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança precisa de cuidados delicados que somente a ternura materna pode lhe dar, e essa ternura aumenta com a fraqueza e a ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo, e era preciso que assim fosse para despertar seus cuidados; ela não poderia ter com ele a mesma espontaneidade se, em vez da graça ingênua, encontrasse nele, sob traços infantis, um caráter de homem feito e as ideias de um adulto, e menos ainda se conhecesse seu passado.

Era preciso, além disso, que a atividade do princípio inteligente fosse proporcional à fraqueza do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito grande do Espírito, como se vê nos indivíduos muito precoces. É por isso que, com a aproximação da encarnação, o Espírito, entrando em perturbação, perde pouco a pouco a consciência de si mesmo; durante certo período, ele se encontra numa espécie de sono em que todas as suas capacidades permanecem em estado latente. Esse estado transitório é necessário para dar ao Espírito um novo ponto de partida e fazê-lo esquecer, em sua nova existência terrena, as coisas que poderiam atrapalhá-lo. Seu passado, contudo, exerce influência sobre ele; ele renasce para a vida maior, mais forte moral e intelectualmente, sustentado e auxiliado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias retomam gradualmente seu desenvolvimento, à medida que os órgãos se desenvolvem; daí se pode dizer que, du-

rante os primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, porque as ideias que formam a base de seu caráter ainda estão adormecidas. Durante o tempo em que seus instintos dormem, ele é mais flexível e, por isso mesmo, mais receptivo às impressões que podem modificar sua natureza e fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa imposta aos pais.

O Espírito veste, portanto, por algum tempo, a roupa da inocência, e Jesus está certo quando, apesar da existência anterior da alma, toma a criança como emblema da pureza e da simplicidade.

5 Pecado em pensamento. Adultério

Vocês aprenderam que foi dito aos antigos: Não cometerão adultério. — Mas eu lhes digo que todo aquele que olhar uma mulher com um desejo impuro por ela já cometeu adultério com ela em seu coração. (São Mateus, cap. v, v. 27 e 28.)

6 A palavra adultério não deve ser entendida aqui exclusivamente em seu sentido próprio, mas num sentido mais geral; Jesus a empregou muitas vezes, por extensão, para designar o mal, o pecado e qualquer pensamento mau, como, por exemplo, nesta passagem: «Pois, se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras no meio desta raça adúltera e pecadora, o Filho do homem também se envergonhará dele, quando vier acompanhado dos santos anjos na glória de seu Pai.» (São Marcos, cap. viii, v. 38.)

A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, pois aquele que tem o coração puro nem sequer pensa no mal; foi isso que Jesus quis dizer: ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é um sinal de impureza.

7 Esse princípio leva naturalmente a esta pergunta: Sofremos as consequências de um pensamento mau que não se transforma em ação?

Há aqui uma distinção importante a fazer. À medida que a alma, envolvida no mau caminho, avança na vida espiritual, ela se esclarece e se desfaz pouco a pouco de suas imperfeições, conforme a maior ou menor boa vontade que emprega nisso em virtude de seu livre-arbítrio. Todo pensamento mau é, portanto, resultado da imperfeição da alma; mas, conforme o desejo que ela tenha concebido de se purificar, esse mesmo pensamento mau se torna para ela uma oportunidade de avançar, porque o repele com energia; é o indício de uma mancha que ela se esforça para apagar; ela não cederá se surgir a oportunidade de satisfazer um desejo mau; e, depois de ter resistido, se sentirá mais forte e feliz com sua vitória.

Aquela, ao contrário, que não tomou boas resoluções procura a oportunidade, e, se não pratica o ato mau, isso não é resultado de sua vontade, mas da falta de oportunidade; ela é, portanto, tão culpada como se o cometesse.

Em resumo, na pessoa que nem sequer concebe o pensamento do mal, o progresso está realizado; naquela a quem esse pensamento ocorre, mas que o repele, o progresso está se realizando; naquela, enfim, que tem esse pensamento e se compraz nele, o mal ainda está com toda a sua força; numa, o trabalho está feito; na outra, está por fazer. Deus, que é justo, leva em conta todas essas nuances na responsabilidade pelos atos e pensamentos do homem.

8 Verdadeira pureza. Mãos não lavadas

Então alguns escribas e fariseus que tinham vindo de Jerusalém se aproximaram de Jesus e lhe disseram: — Por que seus discípulos violam a tradição dos antigos? Pois não lavam as mãos quando fazem suas refeições.

Mas Jesus lhes respondeu: Por que vocês mesmos violam o mandamento de Deus para seguir sua tradição? Pois Deus deu este mandamento: — Honrem seu pai e sua mãe; e este outro: Aquele que disser palavras ofensivas a seu pai ou a sua mãe seja punido com a morte. — Mas vocês dizem: Todo aquele que disser a seu pai ou a sua mãe: Toda oferta que faço a Deus é útil a vocês, cumpre a lei, — mesmo que, depois disso, não honre nem ajude seu pai ou sua mãe; e assim vocês tornaram inútil o mandamento de Deus por causa de sua tradição.

Hipócritas, Isaías profetizou bem a respeito de vocês quando disse: — Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim: (— e é em vão que me honram, ensinando máximas e preceitos humanos.

Depois, tendo chamado o povo, ele lhes disse: Escutem e compreendam bem isto: — Não é o que entra na boca que mancha o homem; mas é o que sai da boca do homem que o mancha. — O que sai da boca vem do coração, e é isso que torna o homem impuro; — pois é do coração que vêm os pensamentos maus, os assassinatos, os adultérios, as fornicações, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências; — são essas as coisas que tornam o homem impuro; mas comer sem ter lavado as mãos não é o que torna um homem impuro.

Então seus discípulos, aproximando-se dele, lhe disseram: O senhor sabe que os fariseus, tendo ouvido o que acaba de dizer, ficaram escandalizados? — Mas ele respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. — Deixem-nos; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, os dois caem na cova. (São Mateus, cap. xv, v. de 1 a 20.)

9 Enquanto ele falava, um fariseu o convidou para jantar em sua casa; e Jesus, tendo ido, sentou-se à mesa. — O fariseu começou então a dizer consigo mesmo: Por que ele não lavou as mãos antes de jantar? — Mas o Senhor lhe disse: Vocês, fariseus, têm muito cuidado em limpar o lado de fora do copo e do prato; mas o interior de seus corações está cheio de roubos e injustiças. Insensatos que vocês são! Aquele que fez o lado de fora não fez também o de dentro? (São Lucas, cap. xi, iv de 37 a 40.)

10 Os judeus tinham descuidado dos verdadeiros mandamentos de Deus para se apegar à prática das regras estabelecidas pelos homens, cuja observância rigorosa se tornava uma questão de consciência; o conteúdo, muito simples, acabara desaparecendo sob a complicação da forma. Como era mais fácil observar atos exteriores do que se reformar moralmente, lavar as mãos do que limpar o coração, os homens iludiram a si mesmos e se acreditavam quites com Deus porque se conformavam a essas práticas, embora continuassem sendo o que eram; pois lhes ensinavam que Deus não exigia mais nada. É por isso que o profeta diz: É em vão que este povo me honra com os lábios, ensinando máximas e preceitos humanos.

Assim aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo colocada em segundo plano, o que faz com que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, acreditem que sua salvação está mais garantida pelas práticas exteriores do que pelas da moral. É a esses acréscimos feitos pelos homens à lei de Deus que Jesus se refere quando diz: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus; ora, o homem só chega a Deus quando é perfeito; portanto, toda religião que não torna o homem melhor não atinge seu objetivo; aquela em que alguém acredita poder se

apoiar para fazer o mal é falsa ou foi deturpada em seu princípio. Esse é o resultado de todas aquelas em que a forma prevalece sobre o conteúdo. A crença na eficácia dos sinais exteriores não tem valor se não impede que se cometam assassinatos, adultérios e espoliações, que se digam calúnias e que se prejudique o próximo de qualquer maneira. Ela produz supersticiosos, hipócritas ou fanáticos, mas não produz pessoas de bem.

Portanto, não basta ter as aparências da pureza; é preciso, antes de tudo, ter a pureza do coração.

11 Escândalos. Se a sua mão é motivo de escândalo, corte-a

Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que aconteçam escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo acontece.

Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, seria melhor para ele que lhe pendurassem ao pescoço uma dessas pedras de moinho que um jumento faz girar e o lançassem no fundo do mar.

Tenham muito cuidado para não desprezar nenhum destes pequeninos; eu lhes declaro que, no céu, os anjos deles veem sem cessar a face de meu Pai que está nos céus; pois o Filho do homem veio salvar o que estava perdido.

Se a sua mão ou o seu pé é motivo de escândalo para você, corte-os e jogue-os para longe; é muito melhor entrar na vida tendo apenas um pé ou uma mão do que ter os dois e ser lançado no fogo eterno. — E, se o seu olho é motivo de escândalo para você, arranque-o e jogue-o para longe; é melhor entrar na vida tendo apenas um olho do que ter os dois e ser precipitado no fogo do inferno. (São Mateus, cap. XVIII, v. de 6 a 10. — Cap. V, v. de 27 a 30.)

12 No sentido comum, chama-se escândalo toda ação que ofende a moral ou as conveniências de maneira ostensiva. O escândalo não está na ação em si, mas na repercussão que ela pode ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de certa publicidade. Muitas pessoas se contentam em evitar o escândalo porque seu orgulho sofreria com ele e sua consideração entre os homens seria diminuída; desde que suas torpezas sejam ignoradas, isso lhes basta, e sua consciência fica em paz. São, segundo as palavras de Jesus: «sepulcros brancos por fora, mas cheios de podridão por dentro; vasos limpos por fora, sujos por dentro.»

No sentido evangélico, o significado da palavra escândalo, tão frequentemente empregada, é muito mais geral, e por isso não se compreende seu sentido em certos casos. Já não é apenas o que ofende a consciência alheia, mas tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições dos homens, toda reação má de um indivíduo sobre outro, com ou sem repercussão. O escândalo, nesse caso, é o resultado efetivo do mal moral. 13. É preciso que haja escândalo no mundo, disse Jesus, porque os homens, sendo imperfeitos na Terra, são inclinados a fazer o mal, e porque árvores más dão frutos maus. Deve-se, portanto, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens, e não que eles tenham a obrigação de praticá-lo.

14 É necessário que o escândalo aconteça porque os homens, estando em expiação na Terra, castigam a si mesmos pelo contato com seus vícios, dos quais são as primeiras vítimas e cujos inconvenientes acabam compreendendo. Quando estiverem cansados de sofrer com o mal, procurarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, portanto, ao mesmo tempo, de

castigo para uns e de prova para outros; é assim que Deus faz o bem sair do mal, assim como os próprios homens aproveitam as coisas ruins ou descartadas.

15 Se é assim, dirão, o mal é necessário e durará para sempre; pois, se viesse a desaparecer, Deus ficaria privado de um poderoso meio de castigar os culpados; portanto, é inútil procurar melhorar os homens. Mas, se não houvesse mais culpados, não haveria mais necessidade de castigos.

15.2 Suponhamos que a humanidade se transforme em homens de bem: nenhum procurará fazer mal ao próximo, e todos serão felizes, porque serão bons. Esse é o estado dos mundos adiantados, dos quais o mal está excluído; esse será o da Terra quando ela tiver progredido o suficiente.

15.3 Mas, enquanto certos mundos avançam, outros se formam, povoados por Espíritos primitivos, e que servem também de morada, de exílio e de lugar de expiação para os Espíritos imperfeitos, rebeldes, obstinados no mal e que são expulsos dos mundos que se tornaram felizes.

16 Mas ai daquele por quem o escândalo acontece; isso quer dizer que, como o mal é sempre o mal, aquele que serviu, sem saber, de instrumento para a justiça divina e cujos maus instintos foram utilizados nem por isso deixou de fazer o mal e deve ser punido. É assim, por exemplo, que um filho ingrato é um castigo ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido, ele próprio, um mau filho que fez seu pai sofrer e está sofrendo a pena de talião; mas nem por isso o filho é mais desculpável, e deverá ser castigado, por sua vez, em seus próprios filhos ou de outra maneira.

17 Se a sua mão é causa de escândalo para você, corte-a; figura enérgica que seria absurdo tomar ao pé da letra e que significa simplesmente que é preciso destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e todo princípio vicioso; quer dizer ainda que seria melhor para um homem ter tido a mão cortada do que essa mão ter sido para ele o instrumento de uma má ação; ser privado da visão do que seus olhos lhe terem dado maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo para quem compreende o sentido alegórico e profundo de suas palavras; mas muitas coisas não podem ser compreendidas sem a chave que o espiritismo oferece.

18 Instruções dos Espíritos Deixem vir a mim as criancinhas

O Cristo disse: «Deixem vir a mim as criancinhas.» Essas palavras, profundas em sua simplicidade, não traziam apenas um chamado às crianças, mas às almas que gravitam nos círculos inferiores, onde a infelicidade desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravos, os viciosos; nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto e ainda não pertencente à ordem superior da razão e da vontade que se exercem ao seu redor e em seu favor.

Jesus queria que os homens viessem a ele com a confiança desses pequenos seres de passos vacilantes, cujo chamado lhe conquistava o coração das mulheres, que são todas mães; assim, submetia as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi a chama que ilumina as trevas, o clarim da manhã que anuncia o despertar; foi o iniciador do espiritismo, que deve, por sua vez, chamar a si os homens de boa vontade, e não as criancinhas. A ação viril começou; já não se trata de crer instintivamente e obedecer mecanica-

mente; é preciso que o homem siga a lei inteligente que lhe revela sua universalidade.

Meus bem-amados, eis o tempo em que os erros esclarecidos serão verdades; nós lhes ensinaremos o sentido exato das parábolas e lhes mostraremos a poderosa correlação que liga o que foi ao que é. Eu lhes digo em verdade: a manifestação espírita cresce no horizonte; e eis seu enviado, que vai resplandecer como o sol no cume dos montes. (João Evangelista. Paris, 1863.)

19 Deixem vir a mim as criancinhas, pois possuo o leite que fortalece os fracos. Deixem vir a mim aqueles que, temerosos e frágeis, precisam de apoio e consolação. Deixem vir a mim os ignorantes, para que eu os esclareça; deixem vir a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes; eu lhes ensinarei o grande remédio para suavizar os males da vida, eu lhes darei o segredo de curar suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui a virtude por excelência, esse bálsamo que se aplica a todas as feridas do coração e as fecha? É o amor, é a caridade! Se vocês tiverem esse fogo divino, o que temerão? Dirão a cada instante da vida: Meu Pai, que a sua vontade seja feita, e não a minha; se lhe agrada me pôr à prova pela dor e pelas tribulações, seja bendito, pois sei que é para o meu bem que sua mão pesa sobre mim. Se lhe convém, Senhor, ter piedade de sua fraca criatura, se dá ao coração dela as alegrias permitidas, seja igualmente bendito; mas faça com que o amor divino não adormeça em sua alma e que ela faça subir sem cessar aos seus pés a voz de sua gratidão!...

Se vocês tiverem amor, terão tudo o que se pode desejar na Terra, possuirão a pérola por excelência que nem os acontecimentos nem as maldades daqueles que os odeiam e perseguem poderão lhes arrancar. Se tiverem amor, terão colocado seus tesouros onde os vermes e a ferrugem não podem al-

cançá-los, e verão desaparecer pouco a pouco de sua alma tudo o que pode manchar sua pureza; sentirão o peso da matéria se tornar mais leve a cada dia e, como o pássaro que paira no ar e já não se lembra da terra, subirão sem cessar, subirão sempre, até que sua alma inebriada possa beber de seu elemento de vida no seio do Senhor. (Um Espírito protetor. Bordeaux, 1861.)

20 Bem-aventurados os que têm os olhos fechados

Meus bons amigos, vocês me chamaram, por quê? Foi para que eu impusesse as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a curasse? Ah! Que sofrimento, meu Deus! Ela perdeu a visão, e as trevas a envolvem. Pobre menina! Que ela ore e tenha esperança; eu não sei fazer milagres sem a vontade do bom Deus. Todas as curas que pude obter e que lhes foram relatadas, atribuam somente àquele que é o Pai de todos nós. Em suas aflições, olhem sempre para o céu e digam do fundo do coração: «Meu Pai, curai-me, mas fazei com que minha alma doente seja curada antes das enfermidades do meu corpo; que minha carne seja castigada, se for preciso, para que minha alma se eleve até vós com a brancura que tinha quando a criastes.» Depois dessa oração, meus bons amigos, que o bom Deus sempre ouvirá, vocês receberão força e coragem, e talvez também essa cura que só terão pedido com receio, como recompensa por sua abnegação.

Mas, já que estou aqui, numa reunião em que se trata, antes de tudo, de estudos, direi a vocês que aqueles que estão privados da visão deveriam se considerar os bem-aventurados da expiação. Lembrem-se de que o Cristo disse que era preciso arrancar o olho se ele fosse mau, e que seria melhor lançá-lo ao fogo do que ele ser a causa de sua condenação. Ah! Quantos há na Terra de vocês que um dia, nas trevas, amaldiçoarão o fato de terem

visto a luz! Oh! Sim, como são felizes aqueles que, na expiação, são atingidos na visão! Seu olho não será motivo de escândalo e de queda; eles podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vocês que enxergam com clareza... Quando Deus me permite abrir as pálpebras de algum desses pobres sofredores e lhe devolver a luz, digo a mim mesmo: Alma querida, por que você não conhece todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Você não pediria para ver imagens menos puras e menos suaves do que aquelas que lhe é dado entrever em sua cegueira.

Oh! Sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus; mais feliz do que vocês que estão aqui, ele sente a felicidade, toca nela, vê as almas e pode se lançar com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra de vocês veem. O olho aberto está sempre pronto a fazer a alma falhar; o olho fechado, ao contrário, está sempre pronto a fazê-la subir até Deus. Acreditem em mim, meus bons e queridos amigos, a cegueira dos olhos é muitas vezes a verdadeira luz do coração, enquanto a visão é muitas vezes o anjo das trevas que conduz à morte.

E agora algumas palavras para você, minha pobre sofredora: tenha esperança e coragem! Se eu lhe dissesse: Minha filha, seus olhos vão se abrir, como você ficaria alegre! E quem sabe se essa alegria não a levaria à perdição? Confie no bom Deus, que fez a felicidade e permitiu a tristeza! Farei por você tudo o que me for permitido; mas, por sua vez, ore e, sobretudo, pense em tudo o que acabo de lhe dizer.

Antes de me afastar, recebam minha bênção, todos vocês que estão aqui. (Vianney, pároco de Ars. Paris, 1863.) i I. Observação. Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, é preciso buscar sua causa numa vida anterior. O que se chama de caprichos do destino nada mais é

do que os efeitos da justiça de Deus. Deus não impõe punições arbitrárias: ele quer que entre a falta e a pena haja sempre uma relação. Se, em sua bondade, lançou um véu sobre nossos atos passados, ele nos indica, contudo, o caminho, dizendo: «Quem matou pela espada morrerá pela espada»; palavras que podem ser traduzidas assim: «Somos sempre punidos por aquilo em que pecamos.» Portanto, se alguém sofre com a perda da visão, é porque a visão foi para ele uma causa de queda. Talvez também tenha causado a perda da visão de outra pessoa; talvez alguém tenha ficado cego pelo excesso de trabalho que ele lhe impôs, ou em consequência de maus-tratos, de falta de cuidados etc., e então ele sofre a pena de talião. Ele próprio, em seu arrependimento, pode ter escolhido essa expiação, aplicando a si mesmo estas palavras de Jesus: «Se o seu olho é para você motivo de escândalo, arranque-o.»

(1) Esta comunicação foi dada a propósito de uma pessoa cega, para a qual havia sido evocado o Espírito de J.-B. Vianney, pároco de Ars.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

IX. BEM-AVENTURADOS OS MANSOS E PACÍFICOS

✦

1 Injúrias e violências.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. (São Mateus, cap. v, v. 4.)

2 Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (Id., v. 9.)

3 Vocês aprenderam que foi dito aos antigos: Não matarão, e quem matar merecerá ser condenado pelo julgamento. — Mas eu lhes digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão merecerá ser condenado pelo julgamento; aquele que disser a seu irmão: Raca, merecerá ser condenado pelo conselho; e aquele que lhe disser: Você é louco, merecerá ser condenado ao fogo do inferno. (Id., v. 21, 22.)

4 Por essas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansidão, da afabilidade e da paciência uma lei; condena, portanto, a violência, a cólera e até mesmo qualquer expressão desagradável dirigida aos semelhantes. Raca era, entre os hebreus, um termo de desprezo que significava homem sem valor e era pronunciado enquanto se cuspia e se virava a cabeça. Ele vai ainda mais longe, pois ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: Você é louco.

É evidente que aqui, como em qualquer circunstância, a intenção agrava ou atenua a falta; mas como uma simples palavra pode ter gravidade suficiente para merecer uma reprovação tão severa? É que toda palavra ofensiva

expressa um sentimento contrário à lei de amor e de caridade que deve reger as relações entre os homens e manter entre eles a concórdia e a união; é um atentado à benevolência recíproca e à fraternidade; alimenta o ódio e a animosidade; enfim, depois da humildade diante de Deus, a caridade para com o próximo é a primeira lei de todo cristão.

5 Mas o que Jesus quer dizer com estas palavras: "Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra", ele que recomenda renunciar aos bens deste mundo e promete os do céu?

Enquanto espera os bens do céu, o homem precisa dos bens da terra para viver; ele apenas recomenda que não se dê a estes últimos mais importância do que aos primeiros.

Com essas palavras, ele quer dizer que, até hoje, os bens da terra são tomados pelos violentos em prejuízo dos mansos e pacíficos; que estes muitas vezes carecem do necessário, enquanto outros têm o supérfluo; promete que lhes será feita justiça na terra como no céu, porque são chamados filhos de Deus. Quando a lei de amor e de caridade for a lei da humanidade, não haverá mais egoísmo; o fraco e o pacífico não serão mais explorados nem esmagados pelo forte e pelo violento. Esse será o estado da terra quando, segundo a lei do progresso e a promessa de Jesus, ela tiver se tornado um mundo feliz pela expulsão dos maus.

6 Instruções dos Espíritos A afabilidade e a brandura

A benevolência para com os semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a brandura, que são sua manifestação. Entretanto, nem sempre se deve confiar nas aparências; a educação e a convivência social podem dar o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja bondade fingida é apenas uma máscara para os outros, uma roupa cujo corte calculado dis-

farça as deformidades ocultas! O mundo está cheio dessas pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; que são brandas desde que nada as contrarie, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua adocicada, quando falam pela frente, se transforma em dardo envenenado quando estão por trás.

A essa classe pertencem também aqueles homens de aparência bondosa que, em casa, como tiranos domésticos, fazem sua família e seus subordinados sofrerem o peso de seu orgulho e de seu despotismo; parecem querer compensar a contenção que se impuseram em outros lugares; não ousando exercer sua autoridade sobre estranhos que os colocariam em seu lugar, querem ao menos ser temidos por aqueles que não podem lhes resistir; sua vaidade se compraz em poder dizer: "Aqui eu mando e sou obedecido", sem pensar que poderiam acrescentar com mais razão: "E sou detestado."

Não basta que dos lábios escorram leite e mel; se o coração não participa disso, é hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e brandura não são fingidas nunca se contradiz; é o mesmo em sociedade e na intimidade; sabe, aliás, que, se é possível enganar os homens pelas aparências, não se engana a Deus. (Lázaro. Paris, 1861.)

[7] A paciência

A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; portanto, não se aflijam quando sofrerem, mas bendigam, ao contrário, o Deus todo-poderoso que os marcou pela dor aqui na terra para a glória no céu.

Sejam pacientes; a paciência também é uma caridade, e vocês devem praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil das caridades; mas há outra muito mais penosa e, portanto, muito mais meritória: perdoar àqueles

que Deus colocou em nosso caminho para serem os instrumentos de nossos sofrimentos e pôr nossa paciência à prova.

A vida é difícil, eu sei; ela se compõe de mil ninharias que são como picadas de alfinete e acabam por ferir; mas é preciso olhar para os deveres que nos são impostos, para as consolações e as compensações que temos por outro lado, e então veremos que as bênçãos são mais numerosas que as dores. O fardo parece menos pesado quando olhamos para o alto do que quando inclinamos a cabeça para a terra.

Coragem, amigos, o Cristo é seu modelo; ele sofreu mais do que qualquer um de vocês e nada tinha a censurar em si mesmo, enquanto vocês têm de expiar seu passado e se fortalecer para o futuro. Sejam, portanto, pacientes; sejam cristãos, essa palavra contém tudo. (Um Espírito amigo. Le Havre, 1862.)

8 Obediência e resignação

A doutrina de Jesus ensina por toda parte a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da brandura, muito atuantes, embora os homens as confundam, por engano, com a negação do sentimento e da vontade. A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração; ambas são forças ativas, pois carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser resignado, assim como o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes desprezadas pela antiguidade materialista. Veio no momento em que a sociedade romana perecia no enfraquecimento causado pela corrupção; veio fazer brilhar, no seio da humanidade abatida, os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Cada época é assim marcada pela virtude ou pelo vício que deve salvá-la ou

perdê-la. A virtude da geração de vocês é a atividade intelectual; seu vício é a indiferença moral. Digo apenas atividade, pois o gênio se eleva de repente e revela a um só os horizontes que a multidão só verá depois dele, enquanto a atividade é a reunião dos esforços de todos para alcançar um objetivo menos brilhante, mas que comprova a elevação intelectual de uma época. Submetam-se ao impulso que viemos dar a seus espíritos; obedeçam à grande lei do progresso, que é a palavra de sua geração. Ai do espírito preguiçoso, daquele que fecha seu entendimento! Ai dele! Pois nós, que somos os guias da humanidade em marcha, o atingiremos com o chicote e forçaremos sua vontade rebelde pela dupla ação do freio e da espora; toda resistência orgulhosa deverá ceder mais cedo ou mais tarde; mas bem-aventurados os mansos, pois ouvirão com docilidade os ensinamentos. (Lázaro. Paris, 1863.)

A cólera.

9 O orgulho leva vocês a se julgarem mais do que são; a não suportarem uma comparação que possa rebaixá-los; a se verem, ao contrário, tão acima de seus irmãos, seja em espírito, seja em posição social, seja mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo os irrita e os ofende; e o que acontece então? Vocês se entregam à cólera.

Procurem a origem desses acessos de loucura passageira que os tornam semelhantes aos animais, fazendo-os perder a calma e a razão; procurem, e quase sempre encontrarão como base o orgulho ferido. Não é o orgulho ferido por uma contradição que os faz rejeitar observações justas, que os faz repelir com cólera os conselhos mais sábios? Até mesmo a impaciência causada por contrariedades muitas vezes pueris se deve à importância que se dá à própria personalidade, diante da qual se acredita que tudo deve se cur-

var.

Em seu frenesi, o homem encolerizado se volta contra tudo, contra a natureza bruta, contra os objetos inanimados que quebra porque não lhe obedecem. Ah! Se nesses momentos ele pudesse se ver com calma, teria medo de si mesmo ou se acharia muito ridículo! Que avalie por isso a impressão que deve causar nos outros. Ainda que fosse apenas por respeito a si mesmo, deveria se esforçar para vencer uma inclinação que faz dele um objeto de piedade.

Se pensasse que a cólera não resolve nada, que prejudica sua saúde e até põe sua vida em risco, veria que é sua primeira vítima; mas outra consideração deveria sobretudo contê-lo: o pensamento de que torna infelizes todos os que o cercam; se tem coração, não sente remorso por fazer sofrer os seres que mais ama? E que arrependimento terrível sentiria se, num acesso de fúria, cometesse um ato que tivesse de censurar em si mesmo por toda a vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração; mas impede que se faça muito bem e pode levar a fazer muito mal; isso deve bastar para estimular os esforços para dominá-la. O espírita é ainda impelido por outro motivo: ela é contrária à caridade e à humildade cristãs. (Um Espírito protetor. Bordeaux, 1863.)

10 Com base na ideia muito falsa de que não se pode reformar a própria natureza, o homem se julga dispensado de fazer esforços para se corrigir dos defeitos nos quais se compraz de bom grado, ou que exigiriam perseverança demais; é assim, por exemplo, que o homem propenso à cólera quase sempre se desculpa com seu temperamento; em vez de se reconhecer culpado, atribui a falta à sua constituição física, acusando assim Deus de seus

próprios erros. Isso é ainda uma consequência do orgulho que se encontra misturado a todas as suas imperfeições.

Sem dúvida, há temperamentos que se prestam mais do que outros aos atos violentos, assim como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor às proezas de força; mas não acreditem que aí esteja a causa primeira da cólera, e estejam convencidos de que um Espírito pacífico, mesmo num corpo bilioso, será sempre pacífico; e de que um Espírito violento, num corpo linfático, nem por isso será mais brando; apenas a violência assumirá outro caráter; como não terá um organismo adequado para favorecer sua violência, a cólera ficará concentrada, enquanto no outro caso se manifestará abertamente.

O corpo não dá a cólera a quem não a tem, assim como não dá os outros vícios; todas as virtudes e todos os vícios são inerentes ao Espírito; sem isso, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem que tem o corpo deformado não pode torná-lo direito, porque o Espírito nada tem a ver com isso, mas pode modificar o que pertence ao Espírito quando tem a vontade firme de fazê-lo. A experiência não lhes prova, espíritas, até onde pode ir o poder da vontade, pelas transformações verdadeiramente milagrosas que vocês veem acontecer? Convençam-se, portanto, de que o homem só permanece vicioso porque quer permanecer vicioso; mas aquele que quer se corrigir sempre pode fazê-lo, caso contrário a lei do progresso não existiria para o homem. (Hahnemann. Paris, 1863.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

X. BEM-AVENTURADOS OS MISERICORDIOSOS

✦

1 Perdoem para que Deus lhes perdoe.
Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles mesmos alcançarão misericórdia. (São Mateus, cap. v, v. 7.)

2 Se vocês perdoarem aos homens as faltas que eles cometem contra vocês, seu Pai celestial também lhes perdoará os pecados; — mas, se não perdoarem aos homens quando eles os ofenderem, seu Pai também não lhes perdoará os pecados. (Id., cap. vi, v. 14, 15.)

3 Se seu irmão pecou contra você, vá mostrar-lhe sua falta em particular, entre você e ele; se ele o ouvir, você terá ganhado seu irmão. — Então Pedro se aproximou e lhe disse: Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes? — Jesus lhe respondeu: Não lhe digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes. (Id., cap. xviii, v. 15, 21, 22.)

4 A misericórdia é o complemento da doçura, pois quem não é misericordioso não pode ser doce e pacífico; ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor revelam uma alma sem elevação nem grandeza; o esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que está acima dos ataques que lhe possam fazer; uma está sempre ansiosa, é desconfiada, melindrosa e cheia de amargura; a outra é calma, cheia de mansidão e caridade.
Ai daquele que diz: Nunca perdoarei, pois, se não for condenado pelos ho-

mens, certamente será por Deus; com que direito pediria o perdão de suas próprias faltas, se ele mesmo não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites quando diz que devemos perdoar a nosso irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes.

Mas há duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma é grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem segundas intenções, e poupa com delicadeza o amor-próprio e a sensibilidade do adversário, mesmo que toda a culpa seja dele; na segunda, o ofendido, ou aquele que acredita estar ofendido, impõe ao outro condições humilhantes e faz sentir o peso de um perdão que irrita em vez de acalmar; se estende a mão, não é com benevolência, mas com ostentação, para poder dizer a todo mundo: Vejam como sou generoso! Em tais circunstâncias, é impossível que a reconciliação seja sincera de ambas as partes. Não, isso não é generosidade, é uma maneira de satisfazer o orgulho. Em toda disputa, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desprendimento, caridade e verdadeira grandeza de alma, sempre conquistará a simpatia das pessoas imparciais.

5 Entrar em acordo com seus adversários

Entre em acordo o quanto antes com seu adversário, enquanto estiver a caminho com ele, para que seu adversário não o entregue ao juiz, e o juiz não o entregue ao oficial da justiça, e você não seja posto na prisão. — Em verdade lhe digo que você não sairá de lá enquanto não tiver pago até o último óbolo. (São Mateus, cap. v, v. 25, 26.)

6 Na prática do perdão e na do bem em geral, há mais que um efeito moral: há também um efeito material. A morte, como se sabe, não nos livra de nossos inimigos; os Espíritos vingativos muitas vezes perseguem com seu

ódio, além do túmulo, aqueles contra quem conservaram rancor; por isso, o provérbio que diz: "Morto o animal, morto o veneno" é falso quando aplicado ao homem.

6.2 O Espírito mau espera que aquele a quem deseja mal esteja preso ao corpo e menos livre, para atormentá-lo com mais facilidade, atingi-lo em seus interesses ou em seus afetos mais queridos. É preciso ver nesse fato a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo daqueles que apresentam certa gravidade, como a subjugação e a possessão.

6.3 O obsediado e o possesso são, portanto, quase sempre vítimas de uma vingança anterior, à qual provavelmente deram motivo por sua conduta. Deus o permite para puni-los pelo mal que eles mesmos fizeram ou, se não o fizeram, por terem faltado com a indulgência e a caridade ao não perdoarem.

6.4 Portanto, tendo em vista a própria tranquilidade futura, é importante reparar o quanto antes as faltas cometidas contra o próximo e perdoar aos inimigos, a fim de extinguir, antes de morrer, todo motivo de desavença, toda causa fundada de animosidade futura; por esse meio, de um inimigo implacável neste mundo pode-se fazer um amigo no outro; ao menos, coloca-se o direito do próprio lado, e Deus não deixa aquele que perdoou exposto à vingança.

6.5 Quando Jesus recomenda entrar em acordo o quanto antes com seu adversário, não é apenas para apaziguar as discórdias durante a existência atual, mas para evitar que elas se perpetuem nas existências futuras. Você não sairá de lá, diz ele, enquanto não tiver pago até o último óbolo, isto é, satisfeito por completo a justiça de Deus.

7 O sacrifício mais agradável a Deus

Portanto, se, ao apresentar sua oferenda no altar, você se lembrar de que seu irmão tem alguma coisa contra você, — deixe ali sua dádiva, ao pé do altar, e vá primeiro se reconciliar com seu irmão; depois volte para oferecer sua dádiva. (São Mateus, cap. v, v. 23, 24.)

8 Quando Jesus diz: "Vá se reconciliar com seu irmão antes de apresentar sua oferenda no altar", ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o do próprio ressentimento; que, antes de se apresentar a ele para ser perdoado, é preciso ter perdoado também, e que, se alguém cometeu uma falta contra um de seus irmãos, deve tê-la reparado; só então a oferenda será aceita, porque virá de um coração livre de todo mau pensamento.

8.2 Ele dá forma material a esse preceito porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; precisava adequar suas palavras aos costumes deles. O cristão não oferece dádivas materiais; espiritualizou o sacrifício, mas com isso o preceito ganha ainda mais força; ele oferece sua alma a Deus, e essa alma deve estar purificada; ao entrar no templo do Senhor, deve deixar do lado de fora todo sentimento de ódio e animosidade, todo mau pensamento contra seu irmão; só então sua prece será levada pelos anjos aos pés do Eterno.

8.3 É isso que Jesus ensina com estas palavras: Deixe sua oferenda ao pé do altar e vá primeiro se reconciliar com seu irmão, se quiser ser agradável ao Senhor.

9 O cisco e a trave no olho

Por que você vê um cisco no olho de seu irmão, mas não vê uma trave no seu próprio olho? — Ou como diz a seu irmão: Deixe-me tirar um cisco de

seu olho, quando você tem uma trave no seu? — Hipócritas, tirem primeiro a trave de seu olho, e então verão como poderão tirar o cisco do olho de seu irmão. (São Mateus, cap. vii, v. 3, 4, 5.)

10 Um dos defeitos da humanidade é ver o mal dos outros antes de ver aquele que está em nós. Para julgar a si mesmo, seria preciso poder olhar-se num espelho, colocar-se de algum modo fora de si e considerar-se como outra pessoa, perguntando-se: O que eu pensaria se visse alguém fazer o que faço? É incontestavelmente o orgulho que leva o homem a esconder de si mesmo seus próprios defeitos, tanto morais quanto físicos. Esse defeito é essencialmente contrário à caridade, pois a verdadeira caridade é modesta, simples e indulgente; a caridade orgulhosa é um contrassenso, já que esses dois sentimentos se neutralizam mutuamente. De fato, como um homem vaidoso o bastante para acreditar na importância de sua pessoa e na superioridade de suas qualidades pode, ao mesmo tempo, ter abnegação suficiente para destacar, nos outros, o bem que poderia ofuscá-lo, em vez do mal que poderia fazê-lo sobressair? Se o orgulho é o pai de muitos vícios, também é a negação de muitas virtudes; ele está no fundo e serve de motivo a quase todas as ações. Foi por isso que Jesus se empenhou em combatê-lo como o principal obstáculo ao progresso.

Não julguem para não serem julgados. Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.

11 Não julguem, para não serem julgados; — pois vocês serão julgados conforme tiverem julgado os outros, e será usada com vocês a mesma medida que tiverem usado com eles. (São Mateus, cap. vii, v. 1, 2.)

12 Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que havia sido surpreendida em adultério e, colocando-a de pé no meio do povo, — disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, Moisés nos ordena na lei que apedrejemos os adúlteros. Qual é, então, sua opinião sobre isso? — Diziam isso para pô-lo à prova, a fim de terem de que acusá-lo. Mas Jesus, abaixando-se, escreveu com o dedo na terra. — Como continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: Aquele de vocês que estiver sem pecado atire nela a primeira pedra. — Depois, abaixando-se novamente, continuou a escrever na terra. — Mas eles, ao ouvi-lo falar assim, retiraram-se um após o outro, saindo primeiro os mais velhos; e assim Jesus ficou sozinho com a mulher, que estava no meio da praça.
Então Jesus, levantando-se, lhe disse: Mulher, onde estão seus acusadores? Ninguém a condenou? — Ela lhe disse: Não, Senhor. Jesus lhe respondeu: Eu também não a condenarei. Vá e, de agora em diante, não peque mais. (São João, cap. viii, v. de 3 a 11.)

13 "Aquele que estiver sem pecado atire nela a primeira pedra", disse Jesus. Essa máxima faz da indulgência um dever para nós, porque não há ninguém que não precise dela para si mesmo. Ela nos ensina que não devemos julgar os outros com mais severidade do que julgamos a nós mesmos, nem condenar nos outros o que desculpamos em nós. Antes de censurar alguém por uma falta, vejamos se a mesma censura não pode recair sobre nós.
A censura à conduta dos outros pode ter dois motivos: reprimir o mal ou desacreditar a pessoa cujos atos são criticados; este último motivo nunca tem desculpa, pois é maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e se torna até um dever em certos casos, pois dele deve resultar um bem e, sem isso, o mal nunca seria reprimido na sociedade; além disso, o homem

não deve ajudar no progresso de seu semelhante? Portanto, não se deve tomar em sentido absoluto este princípio: "Não julguem, se não quiserem ser julgados", pois a letra mata, e o espírito vivifica.

Jesus não podia proibir que se censurasse o mal, já que ele mesmo nos deu o exemplo e o fez em termos enérgicos; mas quis dizer que a autoridade da censura é proporcional à autoridade moral de quem a pronuncia; tornar-se culpado daquilo que se condena nos outros é renunciar a essa autoridade; é, além disso, privar-se do direito de repressão. A consciência íntima, aliás, recusa todo respeito e toda submissão voluntária àquele que, estando investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios que está encarregado de aplicar. Só há autoridade legítima aos olhos de Deus quando ela se apoia no exemplo de bem que dá; é isso que também se depreende das palavras de Jesus.

14 Instruções dos Espíritos Perdão das ofensas

Quantas vezes devo perdoar a meu irmão? Vocês lhe perdoarão não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes. Eis uma dessas palavras de Jesus que mais devem impressionar a inteligência de vocês e falar mais alto ao seu coração. Comparem essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão breve e tão grande em suas aspirações que Jesus dá aos seus discípulos, e encontrarão sempre o mesmo pensamento. Jesus, o justo por excelência, responde a Pedro: Você perdoará, mas sem limites; perdoará cada ofensa tantas vezes quantas ela lhe for feita; ensinará a seus irmãos esse esquecimento de si mesmo que torna a pessoa invulnerável aos ataques, aos maus tratos e às injúrias; será manso e humilde de coração, sem jamais medir sua mansidão; fará, enfim, o que deseja que o Pai celestial faça por você; não tem ele de lhe perdoar muitas vezes, e acaso conta quantas vezes seu perdão desce

para apagar suas faltas?

Escutem, portanto, essa resposta de Jesus e, como Pedro, apliquem-na a vocês mesmos; perdoem, usem de indulgência, sejam caridosos, generosos, e até pródigos em seu amor. Deem, pois o Senhor lhes retribuirá; perdoem, pois o Senhor lhes perdoará; rebaixem-se, pois o Senhor os elevará; humilhem-se, pois o Senhor os fará sentar à sua direita.

Vão, meus bem-amados, estudem e comentem estas palavras que lhes dirijo em nome daquele que, do alto dos esplendores celestes, olha sempre para vocês e continua com amor a tarefa ingrata que começou há dezoito séculos. Perdoem, portanto, a seus irmãos como vocês precisam que lhes perdoem. Se os atos deles lhes causaram prejuízo pessoal, isso é mais um motivo para serem indulgentes, pois o mérito do perdão é proporcional à gravidade do mal; não haveria mérito algum em relevar os erros de seus irmãos se eles só lhes tivessem causado feridas leves.

Espíritas, nunca se esqueçam de que, tanto nas palavras como nas ações, o perdão das injúrias não deve ser uma palavra vazia. Se vocês se dizem espíritas, sejam, portanto, espíritas; esqueçam o mal que lhes possam ter feito e pensem apenas numa coisa: o bem que podem retribuir. Quem entrou nesse caminho não deve se afastar dele nem mesmo pelo pensamento, pois vocês são responsáveis por seus pensamentos, que Deus conhece. Façam, portanto, com que eles estejam livres de todo sentimento de rancor; Deus sabe o que permanece no fundo do coração de cada um. Feliz, portanto, aquele que pode adormecer todas as noites dizendo: Nada tenho contra o meu próximo. (Simeão. Bordeaux, 1862.)

15 Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si mesmo; perdoar aos amigos é lhes dar uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar que estamos nos tornando melhores. Perdoem, portanto, meus amigos, para que Deus lhes perdoe, pois, se vocês são duros, exigentes, inflexíveis, se guardam ressentimento até por uma ofensa leve, como querem que Deus esqueça que todos os dias vocês têm a maior necessidade de indulgência? Oh! Infeliz daquele que diz: "Nunca perdoarei", pois pronuncia sua própria condenação. Quem sabe, aliás, se, ao examinar seu íntimo, você não foi o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa com uma alfinetada e termina com um rompimento, não foi você quem deu o primeiro golpe? Se não lhe escapou uma palavra ofensiva? Se usou de toda a moderação necessária? Sem dúvida, seu adversário está errado em se mostrar tão suscetível, mas isso é uma razão para você ser indulgente e não merecer a censura que lhe dirige. Admitamos que você tenha sido realmente o ofendido numa circunstância: quem garante que não agravou a situação com represálias e não transformou numa briga séria aquilo que facilmente poderia ter caído no esquecimento? Se dependia de você impedir as consequências e não o fez, você é culpado. Admitamos, enfim, que você não tenha absolutamente nada de que se censurar: terá ainda mais mérito em se mostrar clemente.

Mas há duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem de seu adversário: "Eu lhe perdoo", enquanto, por dentro, sentem um prazer secreto com o mal que lhe acontece, dizendo a si mesmas que ele só tem o que merece. Quantos dizem: "Eu perdoo" e acrescentam: "Mas nunca me reconciliarei; nunca mais o verei na vida." É esse o perdão segundo o Evangelho? Não; o verdadeiro perdão, o perdão cristão, é aquele que lança um véu sobre o passado; é o único que será levado em conta a favor de vocês, pois Deus não se contenta

com a aparência: ele sonda o fundo dos corações e os pensamentos mais secretos; não se pode enganá-lo com palavras e vãs encenações. O esquecimento completo e absoluto das ofensas é próprio das grandes almas; o rancor é sempre um sinal de rebaixamento e de inferioridade. Não se esqueçam de que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras. (Paulo, apóstolo. Lyon, 1861.)

1/ indulgência.

16 Espíritas, queremos falar a vocês hoje da indulgência, esse sentimento tão doce, tão fraterno, que todo ser humano deve ter para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos dos outros ou, se os vê, evita falar deles, espalhá-los; pelo contrário, esconde-os, para que sejam conhecidos apenas por ela e, se a maldade os descobre, tem sempre uma desculpa pronta para atenuá-los, isto é, uma desculpa plausível, séria, e nenhuma daquelas que, parecendo diminuir a falta, a fazem sobressair com uma habilidade pérfida.

A indulgência nunca se ocupa dos maus atos dos outros, a menos que seja para prestar um serviço, e ainda assim cuida de atenuá-los tanto quanto possível. Não faz observações ofensivas, não tem censuras nos lábios, mas apenas conselhos, na maioria das vezes discretos. Quando vocês lançam uma crítica, que conclusão se deve tirar de suas palavras? Que vocês, que censuram, não teriam feito aquilo que condenam; que valem mais do que o culpado. Ó homens! Quando, enfim, julgarão seus próprios corações, seus próprios pensamentos, seus próprios atos, sem se ocupar do que fazem seus irmãos? Quando abrirão seus olhos severos apenas para vocês mesmos?

Sejam, portanto, severos consigo mesmos e indulgentes com os outros. Pensem naquele que julga em última instância, que vê os pensamentos secre-

tos de cada coração e que, por isso, muitas vezes desculpa as faltas que vocês censuram ou condena aquilo que vocês desculpam, porque conhece o motivo de todos os atos, e vocês, que gritam tão alto: anátema!, talvez tivessem cometido faltas mais graves.

Sejam indulgentes, meus amigos, pois a indulgência atrai, acalma, corrige, enquanto o rigor desanima, afasta e irrita. (José, Espírito protetor. Bordeaux, 1863.)

17 Sejam indulgentes com as faltas dos outros, sejam elas quais forem; julguem com severidade apenas suas próprias ações, e o Senhor usará de indulgência com vocês, assim como vocês a tiverem usado com os outros.

Amparem os fortes: incentivem-nos a perseverar; fortaleçam os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrem a todos o anjo do arrependimento estendendo sua asa branca sobre as faltas dos seres humanos e assim as encobrindo aos olhos daquele que não pode ver o que é impuro. Compreendam todos a misericórdia infinita de seu Pai e nunca se esqueçam de lhe dizer pelo pensamento e, sobretudo, pelos atos: "Perdoa as nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos ofenderam." Compreendam bem o valor dessas palavras sublimes; não é apenas sua letra que é admirável, mas também o ensinamento que ela contém.

O que vocês pedem ao Senhor ao lhe pedir perdão? É apenas o esquecimento de suas ofensas? Esquecimento que os deixa no nada, pois, se Deus se contenta em esquecer suas faltas, ele não pune, mas também não recompensa. A recompensa não pode ser o prêmio do bem que não se fez, e ainda menos do mal que se fez, mesmo que esse mal tenha sido esquecido. Ao lhe pedir perdão por suas transgressões, vocês lhe pedem o favor de suas graças

para não voltar a cometê-las; a força necessária para entrar num novo caminho, caminho de submissão e de amor no qual poderão acrescentar a reparação ao arrependimento.

Quando perdoarem a seus irmãos, não se contentem em estender o véu do esquecimento sobre suas faltas; esse véu muitas vezes é bem transparente aos seus olhos; levem-lhes o amor ao mesmo tempo que o perdão; façam por eles o que pedirão a seu Pai celestial que faça por vocês. Substituam a cólera que mancha pelo amor que purifica. Preguem pelo exemplo essa caridade ativa, incansável, que Jesus lhes ensinou; preguem-na como ele mesmo fez durante todo o tempo em que viveu na terra, visível aos olhos do corpo, e como ainda a prega sem cessar desde que só é visível aos olhos do espírito. Sigam esse modelo divino; caminhem sobre seus passos: eles os conduzirão ao lugar de refúgio onde encontrarão o repouso depois da luta. Como ele, carreguem todos a sua cruz e subam penosamente, mas com coragem, o seu calvário: no alto está a glorificação. (João, bispo de Bordeaux, 1862.)

18 Queridos amigos, sejam severos consigo mesmos, indulgentes com as fraquezas dos outros; essa é mais uma prática da santa caridade que bem poucas pessoas observam. Todos vocês têm más inclinações a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos têm um fardo mais ou menos pesado a deixar para subir ao cume da montanha do progresso. Por que, então, enxergar tão bem quando se trata do próximo e ser tão cegos quando se trata de vocês mesmos? Quando deixarão de perceber no olho de seu irmão o cisco de palha que o fere, sem olhar no próprio olho a trave que os cega e os faz andar de queda em queda? Acreditem em seus irmãos, os Espíritos: todo homem orgulhoso o bastante para se julgar superior em virtude e em

mérito a seus irmãos encarnados é insensato e culpado, e Deus o castigará no dia de sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver apenas superficialmente os defeitos dos outros para se dedicar a valorizar o que há neles de bom e de virtuoso; pois, se o coração humano é um abismo de corrupção, existe sempre, em algumas de suas dobras mais escondidas, o germe de alguns bons sentimentos, centelha viva da essência espiritual.

Espiritismo, doutrina consoladora e bendita, felizes os que te conhecem e aproveitam os ensinamentos salutares dos Espíritos do Senhor! Para eles, o caminho está iluminado, e ao longo de toda a estrada podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegar ao objetivo: caridade prática, caridade de coração, caridade para com o próximo como para consigo mesmo; numa palavra, caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e é impossível amar verdadeiramente a Deus sem praticar a caridade que ele estabelece como lei para todas as suas criaturas (Dufêtre, bispo de Nevers. Bordeaux.)

19 Como ninguém é perfeito, disso decorre 41 que ninguém tem o direito de repreender seu próximo?

Certamente não, pois cada um de vocês deve trabalhar pelo progresso de todos, sobretudo daqueles cuja tutela lhes foi confiada; mas essa é uma razão para fazê-lo com moderação, com uma finalidade útil, e não, como se faz na maioria das vezes, pelo prazer de depreciar. Neste último caso, a censura é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda cumprir com todo o cuidado possível; e ainda, a censura dirigida aos outros deve, ao mesmo tempo, ser dirigida a si mesmo, perguntando-se se também não a merece. (São Luís. Paris, 4 860.)

20 É repreensível observar as imperfeições dos outros, quando disso não pode resultar nenhum proveito para eles e quando não as divulgamos?
Tudo depende da intenção; certamente não é proibido ver o mal quando o mal existe; haveria até inconveniente em ver apenas o bem em toda parte: essa ilusão prejudicaria o progresso. O erro está em usar essa observação em prejuízo do próximo, desacreditando-o sem necessidade diante da opinião pública. Também seria repreensível fazê-lo apenas para se satisfazer, com um sentimento de maldade e de alegria por encontrar os outros em falta. É muito diferente quando, encobrindo o mal aos olhos do público, nos limitamos a observá-lo para tirar proveito pessoal disso, isto é, para nos empenharmos em evitar o que censuramos nos outros. Aliás, essa observação não é útil ao moralista? Como ele retrataria os defeitos da humanidade se não estudasse os modelos? (São Luís. Paris, 1860.)

21 Há casos em que seja útil revelar o mal nos outros?
Essa questão é muito delicada, e é aqui que se deve recorrer à caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa prejudicam apenas a ela mesma, nunca há utilidade em torná-las conhecidas; mas, se podem prejudicar outras pessoas, deve-se preferir o interesse do maior número ao interesse de uma só. Conforme as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever; pois é melhor que um homem caia do que vários se tornem seus enganados ou suas vítimas. Em tal caso, é preciso pesar o conjunto das vantagens e dos inconvenientes. (São Luís. Paris, 1860.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XI. AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

✦

1 is que O maior mandamento. Fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós. Parábola dos credores e dos devedores. — Deem a César o que é de César. — Instruções dos Espíritos: A lei de amor — O egoísmo. — A fé e a caridade. — Caridade para com os criminosos. — Deve-se expor a própria vida por um malfeitor? O maior mandamento,
Os fariseus, tendo sabido que ele havia calado os saduceus, reuniram-se; — e um deles, que era doutor da lei, veio fazer-lhe esta pergunta para tentá-lo: — Mestre, qual é o maior mandamento da lei? — Jesus lhes respondeu: Vocês amarão o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante a esse: Vocês amarão o próximo como a si mesmos. — Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (São Mateus, cap. xxii, v. 34 a 40.)

2 Façam aos homens tudo o que querem que eles lhes façam, pois esta é a lei e os profetas. (Id., cap. vii, v. 12.)
Tratem todos os homens da mesma maneira como gostariam que eles os tratassem. (São Lucas, cap. vi, v. 31.)

3 O reino dos céus é comparado a um rei que quis pedir contas a seus servos; — e, tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. — Mas, como ele não tinha meios de lhe devolver essa quantia, seu senhor ordenou que fossem vendidos ele, sua mulher, seus filhos e

tudo o que possuía, para pagar essa dívida. — O servo, lançando-se a seus pés, suplicava-lhe, dizendo: Senhor, tenha um pouco de paciência, e eu lhe devolverei tudo. — Então o senhor desse servo, tomado de compaixão, deixou-o ir e perdoou sua dívida. — Mas esse servo mal havia saído quando, encontrando um de seus companheiros que lhe devia cem denários, agarrou-o pela garganta e quase o estrangulava, dizendo: Devolva-me o que você me deve. — E seu companheiro, lançando-se a seus pés, suplicava-lhe, dizendo: Tenha um pouco de paciência, e eu lhe devolverei tudo. — Mas ele não quis ouvi-lo; foi embora e mandou colocá-lo na prisão, para mantê-lo ali até que lhe devolvesse o que devia.

Os outros servos, seus companheiros, vendo o que acontecia, ficaram extremamente aflitos e informaram seu senhor de tudo o que havia ocorrido. — Então o senhor mandou chamá-lo e lhe disse: Servo mau, eu havia perdoado tudo o que você me devia, porque você me havia pedido; — não era preciso, então, que você também tivesse piedade de seu companheiro, como eu havia tido piedade de você? E seu senhor, tomado de cólera, entregou-o às mãos dos carrascos até que pagasse tudo o que devia.

É assim que meu Pai, que está no céu, tratará vocês, se cada um não perdoar, do fundo do coração, a seu irmão as faltas que ele tiver cometido contra vocês. (São Mateus, cap. xviii, v. de 23 a 35.)

[4] "Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós" é a expressão mais completa da caridade, pois resume todos os deveres para com o próximo. Não se pode ter guia mais seguro a esse respeito do que tomar como medida do que se deve fazer aos outros aquilo que se deseja para si.

4.2 Com que direito alguém exigiria de seus semelhantes mais bons modos, indulgência, benevolência e dedicação do que ele próprio tem para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo; quando os homens as tomarem como regra de sua conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão reinar entre si a paz e a justiça; não haverá mais ódios nem dissensões, mas união, concórdia e benevolência mútua.

5 Deem a César o que é de César

Então os fariseus, tendo se retirado, combinaram entre si surpreendê-lo em suas palavras. — Enviaram-lhe, portanto, seus discípulos com os herodianos, para lhe dizer: Mestre, sabemos que o senhor é verdadeiro e que ensina o caminho de Deus na verdade, sem levar em conta quem quer que seja, porque não faz distinção entre as pessoas; — diga-nos, então, sua opinião sobre isto: É permitido pagar o tributo a César ou deixar de pagá-lo?

Mas Jesus, conhecendo a malícia deles, lhes disse: Hipócritas, por que me tentam? Mostrem-me a moeda de prata que se dá para pagar o tributo. E, tendo eles lhe apresentado um denário, Jesus lhes disse: De quem são esta imagem e esta inscrição? — De César, disseram-lhe. Então Jesus lhes respondeu: Deem, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

Tendo-o ouvido falar dessa maneira, admiraram sua resposta e, deixando-o, retiraram-se. (São Mateus, cap. xxii, v. de 15 a 22; São Marcos, cap. xii, v. de 13 a 17.)

6 A pergunta feita a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, tendo horror ao tributo que lhes era imposto pelos romanos, haviam feito dele uma questão religiosa; um partido numeroso havia se formado para recusar o imposto; o pagamento do tributo era, portanto, para eles,

uma questão irritante da atualidade; sem isso, a pergunta feita a Jesus: "É permitido pagar ou deixar de pagar o tributo a César?" não teria nenhum sentido.

6.2 Essa pergunta era uma armadilha, pois, conforme sua resposta, esperavam incitar contra ele a autoridade romana ou os judeus dissidentes. Mas "Jesus, conhecendo a malícia deles", contorna a dificuldade dando-lhes uma lição de justiça e dizendo que se dê a cada um o que lhe é devido. (Ver a introdução, artigo: Publicanos.)

7 Esta máxima: "Deem a César o que é de César" não deve ser entendida de maneira restritiva e absoluta. Como todos os ensinamentos de Jesus, é um princípio geral resumido sob uma forma prática e usual, deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é uma consequência daquele que diz para agir com os outros como gostaríamos que os outros agissem conosco; ele condena todo prejuízo material e moral causado a outra pessoa, toda violação de seus interesses; prescreve o respeito aos direitos de cada um, assim como cada um deseja que seus direitos sejam respeitados; estende-se ao cumprimento dos deveres assumidos para com a família, a sociedade, a autoridade, assim como para com os indivíduos.

Instruções dos Espíritos A lei de amor

8 O amor resume toda a doutrina de Jesus, pois é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado. Em seu ponto de partida, o homem só tem instintos; mais avançado e corrompido, só tem sensações; mas, instruído e purificado, tem sentimentos; e o ponto mais sublime do sentimento é o amor, não o amor no sentido comum da palavra, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu foco ardente todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de

amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; ela aniquila as misérias sociais. Feliz aquele que, ultrapassando sua humanidade, ama com um amplo amor seus irmãos em sofrimento! Feliz aquele que ama, pois não conhece nem a aflição da alma nem a do corpo; seus pés são leves, e ele vive como que transportado para fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou essa palavra divina, amor, ela fez os povos estremecerem, e os mártires, embriagados de esperança, desceram à arena.

O espiritismo, por sua vez, vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino; estejam atentos, pois essa palavra levanta a pedra dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando sobre a morte, revela ao homem deslumbrado seu patrimônio intelectual; já não é aos suplícios que ela o conduz, mas à conquista de seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito, e o Espírito deve hoje resgatar o homem da matéria.

Eu disse que, em seu início, o homem só tem instintos; portanto, aquele em quem os instintos dominam está mais perto do ponto de partida do que do objetivo. Para avançar em direção ao objetivo, é preciso vencer os instintos em favor dos sentimentos, isto é, aperfeiçoar estes, sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, assim como a bolota contém o carvalho, e os seres menos avançados são aqueles que, só se desprendendo pouco a pouco de sua crisálida, permanecem escravizados a seus instintos. O Espírito deve ser cultivado como um campo; toda a riqueza futura depende do trabalho presente da terra, e, mais do que bens terrenos, ele lhes trará a gloriosa elevação; é então que, compreendendo a lei de amor que une todos os seres, vocês buscarão nela os suaves prazeres da alma que são o prelúdio das alegrias celestes. (Lázaro, Paris, 1862)

9 O amor é de essência divina e, do primeiro ao último, vocês possuem no fundo do coração a centelha desse fogo sagrado. É um fato que vocês puderam constatar muitas vezes: o homem mais abjeto, mais vil, mais criminoso tem por algum ser ou objeto uma afeição viva e ardente, que resiste a tudo o que poderia diminuí-la e muitas vezes alcança proporções sublimes.

Eu disse por algum ser ou objeto porque existem entre vocês indivíduos que dedicam tesouros de amor, dos quais seu coração transborda, a animais, a plantas e até a objetos materiais: espécies de misantropos que se queixam da humanidade em geral, resistindo à inclinação natural de sua alma, que procura ao seu redor afeição e simpatia; eles rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Mas, façam o que fizerem, não conseguirão sufocar a semente vigorosa que Deus depositou em seu coração quando os criou; essa semente se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora muitas vezes reprimida pelo egoísmo, é a fonte das santas e doces virtudes que produzem afeições sinceras e duradouras e ajudam vocês a percorrer o caminho íngreme e árido da existência humana.

Há algumas pessoas a quem a prova da reencarnação desagrada, no sentido de que outros participem das simpatias afetuosas de que têm ciúme. Pobres irmãos! É a afeição de vocês que os torna egoístas; seu amor se restringe a um círculo íntimo de parentes ou amigos, e todos os outros lhes são indiferentes. Pois bem! Para praticar a lei de amor como Deus a entende, é preciso que vocês cheguem, pouco a pouco, a amar todos os seus irmãos indistintamente. A tarefa será longa e difícil, mas será cumprida: Deus assim o quer, e a lei de amor é o primeiro e mais importante preceito de sua nova doutrina, porque é ela que deverá um dia matar o egoísmo, sob qualquer forma que ele se apresente; pois, além do egoísmo pessoal, há ainda o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Jesus disse: «Amem

o próximo como a si mesmos»; ora, qual é o limite do próximo? É a família, a seita, a nação? Não, é a humanidade inteira. Nos mundos superiores, é o amor mútuo que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e seu planeta destinado a um progresso próximo, se social, verá praticar por seus me lei, reflexo da Divindade, de amor são a melhoria moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos deverão se reformar quando virem os benefícios produzidos por esta prática: Não façam aos outros o que não gostariam que lhes fosse feito, mas façam a eles, pelo contrário, todo o bem que estiver ao seu alcance.

Não acreditem na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ele cede, apesar de si mesmo, ao amor verdadeiro; é um ímã ao qual não pode resistir, e o contato de por sua transforma habitantes esta sofrido Os efeitos da le esse amor vivifica e fecunda as sementes dessa virtude que está latente no coração de vocês. A Terra, lugar de prova e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticar a caridade, a humildade, a paciência, a dedicação, a abnegação, a resignação, o sacrifício, todas virtudes filhas do amor. Não se cansem, portanto, de ouvir as palavras de João Evangelista; vocês sabem que, quando a enfermidade e a velhice interromperam suas pregações, ele só repetia estas doces palavras: «Meus filhinhos, amem uns aos outros.»

Queridos irmãos amados, aproveitem estas lições; sua prática é difícil, mas a alma tira delas um benefício imenso. Acreditem em mim, façam o sublime esforço que lhes peço: «Amem uns aos outros», e logo verão a Terra transformada, tornando-se o Elísio onde as almas dos justos virão desfrutar do repouso. (Fénelon. Bordeaux, 1861.)

10 Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes dizem a vocês pela minha voz: Amem muito, a fim de serem amados. Esse pensamento é tão justo que vocês encontrarão nele tudo o que consola e acalma as dores de cada dia; ou melhor, praticando essa sábia máxima, vocês se elevarão tanto acima da matéria que se espiritualizarão antes de se despojarem do corpo terrestre. Como os estudos espíritas desenvolveram em vocês a compreensão do futuro, vocês têm uma certeza: o avanço em direção a Deus, com todas as promessas que respondem às aspirações de sua alma; por isso, devem se elevar o suficiente para julgar sem as amarras da matéria e não condenar o próximo antes de terem voltado seu pensamento para Deus.

Amar, no sentido profundo da palavra, é ser leal, íntegro, consciencioso, para fazer aos outros o que se desejaria para si mesmo; é procurar ao seu redor o sentido íntimo de todas as dores que afligem seus irmãos, para lhes trazer alívio; é considerar a grande família humana como a sua, pois vocês reencontrarão essa família em determinado período, em mundos mais adiantados, e os Espíritos que a compõem são, como vocês, filhos de Deus, marcados na fronte para se elevarem ao infinito. É por isso que vocês não podem recusar a seus irmãos o que Deus lhes deu generosamente, porque, por sua vez, ficariam muito contentes se seus irmãos lhes dessem aquilo de que precisassem. A todos os sofrimentos deem, portanto, uma palavra de esperança e de apoio, para que vocês sejam inteiramente amor, completamente justiça.

Acreditem que estas sábias palavras: «Amem muito para serem amados» abrirão seu caminho; elas são revolucionárias e seguem uma rota fixa, invariável. Mas vocês que me escutam já progrediram; são infinitamente melhores do que há cem anos; mudaram tanto para melhor que aceitam sem contestação uma porção de ideias novas sobre a liberdade e a fraternidade

que teriam rejeitado antigamente; ora, daqui a cem anos, aceitarão com a mesma facilidade aquelas que ainda não puderam entrar em seu cérebro.

Hoje, que o movimento espírita deu um grande passo, vejam com que rapidez as ideias de justiça e de renovação contidas nos ditados dos Espíritos são aceitas pela parcela mediana do mundo inteligente; é porque essas ideias respondem a tudo o que há de divino em vocês; é porque vocês estão preparados por uma semente fecunda: a do século passado, que implantou na sociedade as grandes ideias de progresso; e, como tudo se encadeia sob o dedo do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas estarão contidas nessa troca universal do amor ao próximo; por meio dele, os Espíritos encarnados, julgando melhor, sentindo melhor, estenderão as mãos uns aos outros desde os confins de seu planeta; todos se reunirão para se entender e se amar, para destruir todas as injustiças, todas as causas de desentendimento entre os povos.

Grande pensamento de renovação pelo espiritismo, tão bem descrito em O Livro dos Espíritos, você produzirá o grande milagre do século que virá, o da reunião de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação desta máxima bem compreendida: Amem muito, a fim de serem amados. (Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.) ï/egoísmo.

11 O egoísmo, essa chaga da humanidade, deve desaparecer da Terra, cujo progresso moral ele impede; é ao espiritismo que está reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, portanto, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem dirigir suas armas, suas forças, sua coragem; digo sua coragem, pois é preciso mais coragem para vencer a si mesmo do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, dedique

todos os seus cuidados a combatê-lo em si mesmo, pois esse monstro que devora todas as inteligências, esse filho do orgulho, é a fonte de todas as misérias deste mundo. Ele é a negação da caridade e, por consequência, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus deu a vocês o exemplo da caridade, e Pôncio Pilatos, o do egoísmo; pois, quando o Justo vai percorrer as santas estações de seu martírio, Pilatos lava as mãos, dizendo: Que me importa! Ele diz aos judeus: Este homem é justo, por que vocês querem crucificá-lo? E, no entanto, deixa que o levem ao suplício.

É por causa desse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, é por causa da invasão dessa lepra do coração humano que o cristianismo ainda não cumpriu toda a sua missão. É a vocês, novos apóstolos da fé, esclarecidos pelos Espíritos superiores, que cabem a tarefa e o dever de extirpar esse mal, para dar ao cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho dos espinhos que impedem sua marcha. Expulsem o egoísmo da Terra, para que ela possa subir na escala dos mundos, pois é tempo de a humanidade vestir sua roupa de maturidade, e para isso é preciso primeiro expulsá-lo do coração de vocês. (Emmanuel. Paris, 1861.)

12 Se os homens se amassem com um amor comum, a caridade seria mais bem praticada; mas, para isso, seria preciso que vocês se esforçassem para se livrar dessa couraça que cobre seu coração, a fim de serem mais sensíveis aos que sofrem. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo não desanimava; quem se dirigia a ele, fosse quem fosse, não era repelido: a mulher adúltera e o criminoso eram socorridos por ele; nunca temia que sua própria reputação sofresse com isso. Quando, então, vocês o tomarão como modelo de todas as suas ações? Se a caridade reinasse na Terra, o malvado

não teria mais domínio; fugiria envergonhado; se esconderia, pois se sentiria deslocado em toda parte. Seria então que o mal desapareceria; fiquem bem compenetrados disso.

Comecem dando vocês mesmos o exemplo; sejam caridosos com todos indistintamente; esforcem-se para não mais reparar naqueles que os olham com desdém e deixem a Deus o cuidado de toda a justiça, pois a cada dia, em seu reino, ele separa o bom grão do joio.

O egoísmo é a negação da caridade; ora, sem a caridade, não há repouso na sociedade; digo mais, não há segurança; com o egoísmo e o orgulho, que dão as mãos, haverá sempre uma corrida em que vence o mais hábil, uma luta de interesses em que as mais santas afeições são pisoteadas, em que nem mesmo os laços sagrados da família são respeitados. (Pascal. Sens, 1862.)

13 A fé e a caridade

Eu lhes disse recentemente, meus queridos filhos, que a caridade sem a fé não bastava para manter entre os homens uma ordem social capaz de torná-los felizes. Eu deveria ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Vocês poderão, de fato, encontrar impulsos generosos mesmo na pessoa sem religião, mas essa caridade austera que só se exerce pela abnegação, pelo sacrifício constante de todo interesse egoísta, só a fé pode inspirá-la, pois só ela nos faz carregar com coragem e perseverança a cruz desta vida.

Sim, meus filhos, é em vão que o homem ávido de prazeres gostaria de se iludir sobre seu destino neste mundo, sustentando que lhe é permitido cuidar apenas de sua felicidade. Certamente, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; contudo, a vida terrena deve servir unicamente ao nosso aperfeiçoamento moral, que se alcança mais facilmente com a ajuda

dos órgãos e do mundo material. Sem contar as dificuldades comuns da vida, a diversidade de seus gostos, de suas inclinações, de suas necessidades também é um meio de vocês se aperfeiçoarem, exercitando-se na caridade. Pois é somente à custa de concessões e sacrifícios mútuos que vocês podem manter a harmonia entre elementos tão diversos.

Vocês terão, porém, razão ao afirmar que a felicidade se destina ao homem neste mundo, se a buscarem no bem, e não nos prazeres materiais. A história da cristandade fala de mártires que iam ao suplício com alegria; hoje, e em sua sociedade, para ser cristão não é preciso nem o holocausto do martírio nem o sacrifício da vida, mas única e simplesmente o sacrifício de seu egoísmo, de seu orgulho e de sua vaidade. Vocês triunfarão se a caridade os inspirar e se a fé os sustentar. (Espírito protetor. Cracóvia, 1861.)

14 Caridade para com os criminosos

A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Deve existir entre os verdadeiros discípulos de sua doutrina uma fraternidade completa. Vocês devem amar os infelizes, os criminosos, como criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos se elas se arrependerem, assim como a vocês mesmos, pelas faltas que cometem contra sua lei. Pensem que vocês são mais censuráveis, mais culpados do que aqueles a quem recusam o perdão e a compaixão, pois muitas vezes eles não conhecem Deus como vocês o conhecem, e deles se exigirá menos do que de vocês.

Não julguem, oh! Não julguem, meus queridos amigos, pois o julgamento que fizerem será aplicado a vocês com ainda mais severidade, e vocês precisam de indulgência para os pecados que cometem sem cessar. Não sabem que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o

mundo nem sequer considera faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que vocês dão, nem mesmo nas palavras de consolo com que podem acompanhá-la; não, não é apenas isso que Deus exige de vocês. A caridade sublime ensinada por Jesus consiste também na benevolência concedida sempre e em todas as coisas ao próximo. Vocês ainda podem exercer essa sublime virtude para com muitos seres que não precisam de esmolas e que palavras de amor, de consolo e de encorajamento levarão ao Senhor.

Estão próximos os tempos, repito, em que a grande fraternidade reinará neste globo; a lei do Cristo é a que regerá os homens: só ela será o freio e a esperança, e conduzirá as almas às moradas felizes. Amem-se, portanto, como filhos de um mesmo pai; não façam diferença entre os outros infelizes, pois é Deus quem quer que todos sejam iguais; não desprezem, portanto, ninguém; Deus permite que grandes criminosos estejam entre vocês, para que lhes sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens forem conduzidos às verdadeiras leis de Deus, não haverá mais necessidade desses ensinamentos, e todos os Espíritos impuros e revoltados serão dispersos em mundos inferiores, em harmonia com suas inclinações.

Vocês devem àqueles de quem falo o auxílio de suas preces: essa é a verdadeira caridade. Não se deve dizer de um criminoso: «É um miserável; é preciso livrar a Terra dele; a morte que lhe impõem é suave demais para um ser dessa espécie.» Não, não é assim que vocês devem falar. Olhem para seu modelo, Jesus; o que ele diria se visse esse infeliz perto dele? Teria compaixão dele; iria considerá-lo um doente muito miserável; iria lhe estender a mão. Vocês não podem fazer isso de fato, mas ao menos podem orar por ele, amparar seu Espírito durante os poucos instantes que ele ainda deve passar na Terra de vocês. O arrependimento pode tocar seu coração, se vocês ora-

rem com fé. Ele é seu próximo, assim como o melhor dos homens; sua alma desgarrada e revoltada foi criada, como a de vocês, para se aperfeiçoar; ajudem-no, portanto, a sair do lamaçal e orem por ele. (Isabel da França. Le Havre, 1862.)

15. Um homem corre perigo de morte; para salvá-lo, é preciso arriscar a própria vida; mas sabe-se que esse homem é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve-se, apesar disso, arriscar-se para salvá-lo?

Esta é uma questão muito séria e que pode surgir naturalmente no espírito. Responderei segundo meu adiantamento moral, já que estamos neste ponto de saber se devemos arriscar a própria vida mesmo por um malfeitor. A dedicação é cega: socorremos um inimigo, devemos, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, um malfeitor, em uma palavra. Vocês acreditam que é somente da morte que corremos para arrancar esse infeliz? Talvez seja de toda a sua vida passada. Pois pensem bem: nesses breves instantes que lhe roubam os últimos minutos de vida, o homem perdido revê sua vida passada, ou melhor, ela se ergue diante dele. A morte talvez chegue cedo demais para ele; a reencarnação poderá ser terrível; lancem-se, portanto, homens! Vocês a quem a ciência espírita esclareceu; lancem-se, arranquem-no à sua condenação, e então, talvez, esse homem que teria morrido amaldiçoando vocês se jogue em seus braços. Contudo, vocês não devem se perguntar se ele fará isso ou não, mas ir em seu socorro, pois, ao salvá-lo, obedecem a essa voz do coração que lhes diz: «Você pode salvá-lo, salve-o!» (Lamennais. Paris, 1862.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XII. AMEM SEUS INIMIGOS

✦

1 Retribuir o mal com o bem.

Vocês aprenderam que foi dito: Amem seu próximo e odeiem seus inimigos. Eu, porém, lhes digo: Amem seus inimigos; façam o bem aos que os odeiam e orem pelos que os perseguem e caluniam, para que sejam filhos de seu Pai que está nos céus, que faz seu sol nascer sobre os bons e os maus e faz chover sobre os justos e os injustos; — pois, se vocês amam apenas os que os amam, que recompensa terão? Os publicanos não fazem o mesmo? — E, se cumprimentam apenas seus irmãos, o que fazem a mais que os outros? Os pagãos não fazem o mesmo? — Eu lhes digo que, se a justiça de vocês não for maior que a dos escribas e dos fariseus, não entrarão no reino dos céus. (São Mateus, cap. v, v. 20 e de 43 a 47.)

2 Se vocês amam apenas os que os amam, que mérito terão, já que as pessoas de má vida também amam os que as amam? — E, se fazem o bem apenas aos que lhes fazem o bem, que mérito terão, já que as pessoas de má vida fazem a mesma coisa? — E, se emprestam apenas àqueles de quem esperam receber o mesmo favor, que mérito terão, já que as pessoas de má vida emprestam umas às outras dessa maneira, para receber a mesma vantagem? —

Quanto a vocês, porém, amem seus inimigos, façam o bem a todos e emprestem sem esperar nada em troca; então sua recompensa será muito grande, e serão filhos do Altíssimo, porque ele é bom para os ingratos e até para os maus. — Sejam, portanto, cheios de misericórdia, como seu Deus é cheio de misericórdia. (São Lucas, cap. vi, v. de 32 a 36.)

3 Se o amor ao próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos é sua aplicação sublime, pois essa virtude é uma das maiores vitórias alcançadas sobre o egoísmo e o orgulho.

No entanto, geralmente se entende mal o sentido da palavra amar nessa circunstância; Jesus não quis dizer, com essas palavras, que devemos ter por nosso inimigo a ternura que temos por um irmão ou um amigo; a ternura pressupõe confiança; ora, não podemos confiar em quem sabemos que nos quer mal; não podemos ter com ele as confidências da amizade, porque sabemos que é capaz de abusar delas; entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver os impulsos de simpatia que existem entre as que estão em comunhão de pensamentos; enfim, não podemos ter o mesmo prazer em estar com um inimigo que com um amigo.

Esse próprio sentimento resulta de uma lei física: a da assimilação e da repulsão dos fluidos; o pensamento malévolo dirige uma corrente fluídica cuja impressão é penosa; o pensamento benevolente nos envolve em um eflúvio agradável; daí a diferença das sensações que experimentamos à aproximação de um amigo ou de um inimigo. Amar os inimigos não pode, portanto, significar que não devemos fazer nenhuma diferença entre eles e os amigos; esse preceito só parece difícil, até mesmo impossível de praticar, porque se acredita, erroneamente, que ele manda dar a eles o mesmo lugar no coração. Se a pobreza das línguas humanas obriga a usar a mesma palavra para expressar diversas nuances de sentimentos, a razão deve distingui-las conforme o caso.

Amar os inimigos não é, portanto, ter por eles uma afeição que não é natural, pois o contato de um inimigo faz o coração bater de maneira bem diferente do contato de um amigo; é não ter contra eles ódio, rancor nem desejo de vingança; é perdoar, sem segundas intenções e sem condições, o mal

que nos fazem; é não criar nenhum obstáculo à reconciliação; é desejar-lhes o bem em vez de desejar-lhes o mal; é alegrar-se, em vez de se afligir, com o bem que lhes acontece; é estender-lhes a mão para ajudar em caso de necessidade; é abster-se, em palavras e ações, de tudo o que possa prejudicá-los; é, enfim, retribuir-lhes em tudo o mal com o bem, sem intenção de humilhá-los. Quem faz isso cumpre as condições do mandamento: Amem seus inimigos.

4 Amar os inimigos não faz sentido para o incrédulo; aquele para quem a vida presente é tudo vê em seu inimigo apenas um ser nocivo que perturba seu descanso, e do qual acredita que só a morte pode livrá-lo; daí o desejo de vingança; ele não tem nenhum interesse em perdoar, a não ser para satisfazer seu orgulho aos olhos do mundo; em certos casos, até mesmo perdoar lhe parece uma fraqueza indigna dele; se não se vinga, ainda assim conserva o rancor e um desejo secreto de que o mal aconteça ao outro.

Para quem crê, mas sobretudo para o espírita, a maneira de ver é bem diferente, porque ele volta seu olhar para o passado e para o futuro, entre os quais a vida presente é apenas um ponto; sabe que, pela própria destinação da Terra, deve esperar encontrar nela homens maus e perversos; que as maldades de que é alvo fazem parte das provas pelas quais deve passar, e o ponto de vista elevado em que se coloca torna menos amargas as dificuldades, quer venham dos homens, quer das coisas; se não se queixa das provas, não deve se queixar daqueles que são seus instrumentos; se, em vez de se lamentar, agradece a Deus por colocá-lo à prova, deve agradecer à mão que lhe oferece a oportunidade de mostrar sua paciência e sua resignação. Esse pensamento o dispõe naturalmente ao perdão; além disso, sente que, quanto mais generoso é, mais cresce aos próprios olhos e fica fora do al-

cance dos ataques malévolos de seu inimigo.

O homem que ocupa uma posição elevada no mundo não se considera ofendido pelos insultos daquele que vê como seu inferior; assim também acontece com aquele que se eleva no mundo moral acima da humanidade material; ele compreende que o ódio e o rancor o tornariam vil e o rebaixariam; ora, para ser superior ao adversário, é preciso que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa.

5 Os inimigos desencarnados

O espírita tem ainda outros motivos para ser indulgente com seus inimigos. Sabe, antes de tudo, que a maldade não é o estado permanente dos homens; que ela se deve a uma imperfeição momentânea e que, assim como a criança corrige seus defeitos, o homem mau um dia reconhecerá seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte só o livra da presença material de seu inimigo, mas que este pode persegui-lo com seu ódio, mesmo depois de ter deixado a Terra; que, assim, a vingança não atinge seu objetivo; que, ao contrário, tem o efeito de produzir uma irritação maior, que pode continuar de uma existência para outra. Coube ao espiritismo provar, pela experiência e pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão: Apagar o ódio no sangue é radicalmente falsa, e que a verdade é que o sangue alimenta o ódio até além do túmulo; dar, portanto, uma razão de ser efetiva e uma utilidade prática ao perdão e à sublime máxima do Cristo: Amem seus inimigos. Não há coração tão perverso que não seja tocado pelo bom tratamento, mesmo sem perceber; com o bom tratamento, tira-se ao menos todo pretexto para represálias; de um inimigo, pode-se fa-

zer um amigo antes e depois de sua morte. Com o mau tratamento, ele é irritado, e é então que ele próprio serve de instrumento à justiça de Deus para punir quem não perdoou.

6 Podemos, por conseguinte, ter inimigos entre os encarnados e entre os desencarnados; os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações de que tantas pessoas são alvo, e que são uma variedade das provas da vida; essas provas, como as outras, ajudam no progresso e devem ser aceitas com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre; se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao redor da Terra. Portanto, se devemos ter indulgência e benevolência para com os inimigos encarnados, devemos tê-las igualmente para com os desencarnados.

Antigamente, sacrificavam-se vítimas em rituais de sangue para apaziguar os deuses infernais, que não eram outros senão os Espíritos maus. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O espiritismo vem provar que esses demônios não são outros senão as almas dos homens perversos que ainda não se livraram dos instintos materiais; que só os apaziguamos pelo sacrifício de nosso ódio, isto é, pela caridade; que a caridade não tem apenas o efeito de impedi-los de fazer o mal, mas também de reconduzi-los ao caminho do bem e de contribuir para sua salvação. É assim que a máxima: Amem seus inimigos não se limita ao círculo estreito da Terra e da vida presente, mas se integra à grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

7 Se alguém bater em sua face direita, ofereça-lhe também a outra

Vocês aprenderam que foi dito: olho por olho e dente por dente. — Eu, porém, lhes digo que não resistam ao mal que lhes querem fazer; mas, se al-

guém bater em sua face direita, ofereçam-lhe também a outra; — e, se alguém quiser entrar na justiça contra vocês para tomar sua túnica, entreguem-lhe também seu manto; — e, se alguém quiser obrigá-los a andar mil passos com ele, andem mais dois mil. — Deem a quem lhes pede e não rejeitem quem quer tomar emprestado de vocês. (São Mateus, cap. v, v. de 38 a 42.)

8 Os preconceitos do mundo sobre aquilo que se convencionou chamar de ponto de honra dão origem a essa suscetibilidade desconfiada, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir injúria com injúria, ferimento com ferimento, o que parece justiça àquele cujo senso moral não se eleva acima das paixões terrenas; por isso a lei mosaica dizia: olho por olho, dente por dente, lei em harmonia com o tempo em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: Retribuam o mal com o bem. Disse ainda: «Não resistam ao mal que lhes querem fazer; se alguém lhes bater numa face, ofereçam a outra.» Ao orgulhoso, essa máxima parece uma covardia, pois ele não compreende que há mais coragem em suportar um insulto do que em se vingar, e isso sempre pela mesma causa que impede sua visão de ir além do presente. Devemos, porém, tomar essa máxima ao pé da letra? Não, assim como não devemos tomar ao pé da letra aquela que manda arrancar o próprio olho, se ele for motivo de escândalo; levada a todas as suas consequências, ela condenaria toda repressão, mesmo a legal, e deixaria o campo livre aos maus, tirando deles todo temor; se não se impusesse um freio às suas agressões, logo todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da natureza, diz que não se deve oferecer voluntariamente o pescoço ao assassino. Com essas palavras, Jesus, por conseguinte, não proibiu a defesa, mas condenou a vingança. Di-

zer que se deve oferecer uma face quando a outra é atingida é dizer, de outra forma, que não se deve retribuir o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que tende a diminuir seu orgulho; que é mais glorioso para ele ser agredido do que agredir, suportar pacientemente uma injustiça do que cometê-la; que é melhor ser enganado do que enganar, ser arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que nada mais é do que uma manifestação do orgulho. Somente a fé na vida futura e na justiça de Deus, que nunca deixa o mal impune, pode dar a força para suportar pacientemente os ataques aos nossos interesses e ao nosso amor-próprio; por isso dizemos sem cessar: Voltem seus olhos para a frente; quanto mais vocês se elevarem pelo pensamento acima da vida material, menos serão feridos pelas coisas da terra.

Instruções dos Espíritos A vingança

9 A vingança é um último destroço deixado pelos costumes bárbaros que tendem a desaparecer do meio dos homens. Ela é, com o duelo, um dos últimos vestígios desses costumes selvagens sob os quais a humanidade se debatia no começo da era cristã. Por isso a vingança é um indício seguro do estado de atraso dos homens que se entregam a ela e dos Espíritos que ainda podem inspirá-la. Portanto, meus amigos, esse sentimento nunca deve fazer vibrar o coração de quem se diz e se afirma espírita. Vingar-se é, como vocês sabem, tão contrário a este preceito do Cristo: «Perdoem aos seus inimigos!», que aquele que se recusa a perdoar não só não é espírita, como nem sequer é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais funesta porque a falsidade e a baixeza são suas companheiras constantes; de fato, aquele que se entrega a essa paixão fatal e cega quase nunca se vinga abertamente. Quando é o mais forte, lança-se como uma fera sobre aquele a

quem chama de inimigo, quando a visão deste vem inflamar sua paixão, sua cólera e seu ódio. Mas, na maioria das vezes, assume uma aparência hipócrita, dissimulando no mais fundo do coração os maus sentimentos que o animam; toma caminhos indiretos, segue nas sombras seu inimigo desprevenido e espera o momento propício para atingi-lo sem correr perigo; esconde-se dele enquanto o vigia sem cessar; prepara-lhe armadilhas odiosas e, quando surge a ocasião, põe veneno em sua taça. Quando seu ódio não chega a esses extremos, ataca-o então em sua honra e em suas afeições; não recua diante da calúnia, e suas insinuações pérfidas, habilmente espalhadas aos quatro ventos, vão crescendo pelo caminho. Assim, quando aquele a quem persegue se apresenta nos ambientes por onde passou seu sopro envenenado, surpreende-se ao encontrar rostos frios onde antes encontrava rostos amigos e bondosos; fica perplexo quando mãos que procuravam a sua agora se recusam a apertá-la; enfim, fica arrasado quando seus amigos mais queridos e seus parentes lhe viram as costas e fogem dele. Ah! O covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpado do que aquele que vai diretamente ao inimigo e o insulta de rosto descoberto.

Afastem, portanto, esses costumes selvagens! Afastem esses hábitos de outro tempo! Todo espírita que hoje pretendesse ainda ter o direito de se vingar seria indigno de continuar na falange que tomou por lema: Fora da caridade, não há salvação! Mas não, eu não poderia me deter na ideia de que um membro da grande família espírita possa algum dia, no futuro, ceder ao impulso da vingança de outra forma que não seja para perdoar. (Jules Olivier. Paris, 1862.).

10 O ódio

Amem uns aos outros, e serão felizes. Empenhem-se principalmente em amar aqueles que lhes inspiram indiferença, ódio e desprezo. O Cristo, a quem vocês devem tomar por modelo, deu-lhes o exemplo dessa dedicação; missionário de amor, ele amou a ponto de dar seu sangue e sua vida. O sacrifício que exige de vocês amar aqueles que os ultrajam e perseguem é penoso; mas é precisamente isso que os torna superiores a eles; se vocês os odeiam como eles os odeiam, não são melhores do que eles; é a hóstia sem mancha oferecida a Deus no altar de seus corações, hóstia de aroma agradável, cujos perfumes sobem até ele. Embora a lei de amor queira que amemos indistintamente todos os nossos irmãos, ela não torna o coração imune aos maus-tratos; essa é, ao contrário, a prova mais penosa, eu sei, pois durante minha última existência terrena experimentei essa tortura; mas Deus está presente, e pune nesta vida e na outra aqueles que faltam à lei de amor. Não se esqueçam, meus queridos filhos, de que o amor aproxima de Deus e o ódio afasta dele. (Fénelon. Bordeaux, 1861.) O duelo.

11 Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida uma viagem que deve conduzi-lo a um objetivo, dá pouca importância às asperezas do caminho; não se deixa desviar da direção certa nem por um instante; com os olhos sempre voltados para o destino, pouco lhe importa que as sarças e os espinhos da trilha ameacem arranhá-lo; eles roçam nele sem o atingir, e nem por isso ele deixa de prosseguir seu caminho. Expor a própria vida para se vingar de uma injúria é recuar diante das provas da vida; é sempre um crime aos olhos de Deus, e, se vocês não fossem enganados como são por seus preconceitos, seria uma ridícula e suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio por duelo; a própria legislação de vocês o reconhece; ninguém tem o direito, em nenhum caso, de atentar contra a vida de seu semelhante; é um crime aos olhos de Deus, que traçou sua linha de conduta; aqui, mais do que em qualquer outra situação, vocês são juízes em causa própria. Lembrem-se de que serão perdoados conforme vocês mesmos tiverem perdoado; pelo perdão, vocês se aproximam da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto uma gota de sangue humano correr sobre a terra pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda não terá chegado, esse reino de pacificação e de amor que deve banir para sempre do globo de vocês a animosidade, a discórdia e a guerra. Então a palavra duelo só existirá em sua língua como uma lembrança distante e vaga de um passado que já não existe; os homens não conhecerão entre si outro antagonismo além da nobre rivalidade do bem. (Adolphe, bispo de Argel. Marmande, 1861.)

12 O duelo pode, sem dúvida, em certos casos, ser uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas é incontestavelmente a prova de uma covardia moral, como no suicídio. Quem se suicida não tem coragem de enfrentar as dificuldades da vida; o duelista não tem coragem de enfrentar as ofensas. O Cristo não lhes disse que há mais honra e coragem em oferecer a face esquerda àquele que bateu na face direita do que em se vingar de uma injúria? O Cristo não disse a Pedro, no Jardim das Oliveiras: «Ponha sua espada de volta na bainha, pois aquele que matar pela espada morrerá pela espada?» Com essas palavras, Jesus não condena para sempre o duelo? De fato, meus filhos, o que é essa coragem nascida de um temperamento violento, sanguíneo e colérico, que ruge à primeira ofensa? Onde está a grandeza de alma daquele que, à menor injúria, quer lavá-la com sangue? Mas

que ele trema! Pois sempre, no fundo de sua consciência, uma voz lhe gritará: Caim! Caim! O que você fez de seu irmão? Precisei de sangue para salvar minha honra, dirá ele a essa voz; mas ela lhe responderá: Você quis salvá-la diante dos homens pelos poucos instantes que lhe restavam de vida na terra, e não pensou em salvá-la diante de Deus! Pobre louco! Quanto sangue o Cristo lhes pediria, então, por todos os ultrajes que recebeu! Vocês não só o feriram com o espinho e a lança, não só o prenderam a um instrumento de suplício infamante, como ainda, em meio à sua agonia, ele pôde ouvir as zombarias que lhe dirigiam sem parar. Que reparação, depois de tantos ultrajes, ele lhes pediu? O último grito do cordeiro foi uma prece por seus algozes. Oh! Como ele, perdoem e orem por aqueles que os ofendem.

Amigos, lembrem-se deste preceito: «Amem uns aos outros», e então responderão ao golpe dado pelo ódio com um sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo sem dúvida se levantará furioso e os chamará de covardes; ergam bem a cabeça e mostrem então que sua fronte também não temeria se cobrir de espinhos, a exemplo do Cristo, mas que sua mão não quer ser cúmplice de um assassinato supostamente autorizado por uma falsa aparência de honra, que é apenas orgulho e amor-próprio. Ao criar vocês, Deus lhes deu o direito de vida e de morte uns sobre os outros? Não, ele deu esse direito somente à natureza, para se reformar e se reconstruir; mas a vocês, ele nem sequer permitiu dispor de si mesmos. Como aquele que se suicida, o duelista estará marcado de sangue quando chegar a Deus, e para um e outro o Soberano Juiz prepara castigos duros e longos. Se ele ameaçou com sua justiça aquele que diz a seu irmão Raca, quanto mais severa não será a pena para aquele que se apresentar diante dele com as mãos vermelhas do sangue de seu irmão! (Santo Agostinho. Paris, 1862.)

13 O duelo é, como antigamente aquilo que se chamava o julgamento de Deus, uma dessas instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. O que vocês diriam, porém, se vissem os dois adversários serem mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa para resolver sua disputa, dando-se razão àquele que melhor suportasse a prova? Vocês considerariam esses costumes insensatos. O duelo é ainda pior que tudo isso. Para o duelista experiente, é um assassinato cometido a sangue-frio, com toda a premeditação desejada, pois ele tem certeza do golpe que dará; para o adversário quase certo de morrer em razão de sua fraqueza e de sua falta de habilidade, é um suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa entregando-se ao acaso; mas então não é, sob outra forma, voltar ao julgamento de Deus da Idade Média? E ainda naquela época se era infinitamente menos culpado: o próprio nome de julgamento de Deus indica uma fé, ingênua, é verdade, mas, enfim, uma fé na justiça de Deus, que não poderia deixar morrer um inocente, enquanto no duelo se confia na força bruta, de tal modo que muitas vezes é o ofendido quem morre.

0 amor-próprio estúpido, tola vaidade e louco orgulho, quando vocês serão substituídos pela caridade cristã, pelo amor ao próximo e pela humildade de que Cristo deu o exemplo e o preceito? Só então desaparecerão esses preconceitos monstruosos que ainda governam os homens e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta proibir o mal e prescrever o bem: é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal estejam no coração do homem. (Um Espírito protetor. Bordeaux, 1861.)

14 Que opinião terão de mim, vocês dizem muitas vezes, se eu recusar a reparação que me é exigida, ou se não exigir uma daquele que me ofendeu? Os loucos, como vocês, os homens atrasados os censurarão; mas aqueles que são esclarecidos pela luz do progresso intelectual e moral dirão que vocês agem segundo a verdadeira sabedoria. Reflitam um pouco: por uma palavra muitas vezes dita sem pensar ou muito inofensiva da parte de um de seus irmãos, seu orgulho fica ferido, vocês lhe respondem de maneira mordaz, e daí surge uma provocação. Antes de chegar ao momento decisivo, vocês se perguntam se estão agindo como cristãos? Que contas deverão prestar à sociedade se a privarem de um de seus membros? Pensam no remorso de ter tirado de uma mulher seu marido, de uma mãe seu filho, de filhos seu pai e seu sustento? Certamente, aquele que fez a ofensa deve uma reparação; mas não é mais honroso para ele dá-la espontaneamente, reconhecendo seus erros, do que pôr em risco a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, reconheço que às vezes alguém pode ser gravemente atingido, seja em sua própria pessoa, seja em relação àqueles que lhe são próximos; já não é apenas o amor-próprio que está em jogo: o coração está ferido, ele sofre; mas, além de ser estúpido apostar a própria vida contra um miserável capaz de uma infâmia, será que, estando ele morto, a afronta, qualquer que seja, deixa de existir? O sangue derramado não dá mais notoriedade a um fato que, se for falso, deve cair por si mesmo, e que, se for verdadeiro, deve se esconder sob o silêncio? Resta, portanto, apenas a satisfação da vingança saciada; ai! Triste satisfação, que muitas vezes deixa, já nesta vida, dolorosos arrependimentos. E, se é o ofendido quem morre, onde está a reparação?

Quando a caridade for a regra de conduta dos homens, eles conformarão seus atos e suas palavras a esta máxima: « Não façam aos outros o que não

gostariam que lhes fizessem; » então desaparecerão todas as causas de desentendimentos, e com elas as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo contra povo. (Francisco Xavier. Bordeaux, 1861.)

15 O homem da sociedade, o homem feliz que, por uma palavra ofensiva, por um motivo sem importância, arrisca sua vida, que recebeu de Deus, e arrisca a vida de seu semelhante, que só pertence a Deus, esse é 100 vezes mais culpado que o miserável que, levado pela cobiça, às vezes pela necessidade, entra numa casa para roubar o que deseja e mata aqueles que se opõem ao seu propósito. Este último é quase sempre um homem sem educação, tendo apenas noções imperfeitas do bem e do mal, enquanto o duelista pertence quase sempre à classe mais esclarecida; um mata brutalmente, o outro com método e polidez, o que faz com que a sociedade o desculpe. Acrescento até que o duelista é infinitamente mais culpado que o infeliz que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de exasperação. O duelista não tem como desculpa o arrebatamento da paixão, pois entre o insulto e a reparação ele sempre tem tempo para refletir; age, portanto, friamente e com intenção premeditada; tudo é calculado e estudado para matar seu adversário com mais certeza. É verdade que ele também arrisca sua vida, e é isso que reabilita o duelo aos olhos do mundo, porque nele se vê um ato de coragem e um desprezo pela própria vida; mas há verdadeira coragem quando se tem certeza de si? O duelo, resquício dos tempos de barbárie em que o direito do mais forte fazia a lei, desaparecerá com uma apreciação mais sensata do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem tiver uma fé mais viva na vida futura. (Agostinho. Bordeaux, 1861.)

16. Observação. — Os duelos se tornam cada vez mais raros e, embora

ainda se vejam de vez em quando dolorosos exemplos deles, seu número não é comparável ao que era antigamente. Outrora, um homem não saía de casa sem prever um confronto, por isso sempre tomava as devidas precauções. Um sinal característico dos costumes de uma época e dos povos está no hábito de portar armas ofensivas e defensivas, de modo ostensivo ou oculto; a abolição desse hábito testemunha o abrandamento dos costumes, e é curioso acompanhar sua evolução desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam cobertos de ferro e armados de lança até o porte de uma simples espada, que se tornou mais um adorno e um acessório do brasão do que uma arma de ataque. Outro traço dos costumes é que, antigamente, os combates individuais aconteciam em plena rua, diante da multidão que se afastava para deixar o campo livre, e hoje as pessoas se escondem; hoje a morte de um homem é um acontecimento, causa comoção; antigamente não se prestava atenção a isso. O Espiritismo eliminará esses últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIII. QUE SUA MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE DÁ SUA MÃO DIREITA

✦

1 Fazer o bem sem ostentação.

Tenham o cuidado de não fazer suas boas obras diante dos homens para serem vistos por eles; do contrário, não receberão a recompensa de seu Pai que está nos céus. — Portanto, quando derem esmola, não façam soar a trombeta diante de vocês, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas para serem honrados pelos homens. Eu lhes digo, em verdade: eles já receberam sua recompensa. — Mas, quando derem esmola, que sua mão esquerda não saiba o que faz sua mão direita; — para que a esmola fique em segredo; e seu Pai, que vê o que se passa em segredo, lhes dará a recompensa. (São Mateus, cap. vi, v. de 1 a 4.)

2 Quando Jesus desceu da montanha, uma grande multidão o seguiu; — e, ao mesmo tempo, um leproso veio até ele e o adorou, dizendo: Senhor, se quiser, pode me curar. — Jesus, estendendo a mão, tocou nele e lhe disse: Eu quero, fique curado; e, no mesmo instante, a lepra foi curada. — Então Jesus lhe disse: Tenha o cuidado de não falar disso a ninguém; mas vá se apresentar aos sacerdotes e ofereça a dádiva prescrita por Moisés, para que isso lhes sirva de testemunho. (São Mateus, cap. viii, v. de 1 a 4.)

3 Fazer o bem sem ostentação é um grande mérito; esconder a mão que dá é ainda mais meritório; é o sinal incontestável de uma grande superioridade moral: pois, para ver as coisas de um ponto mais elevado que o co-

mum dos homens, é preciso fazer abstração da vida presente e se identificar com a vida futura; é preciso, em uma palavra, colocar-se acima da humanidade para renunciar à satisfação que proporciona o reconhecimento dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que valoriza a aprovação dos homens mais que a de Deus prova que tem mais fé nos homens do que em Deus, e que a vida presente é mais importante para ele que a vida futura, ou mesmo que não acredita na vida futura; se diz o contrário, age como se não acreditasse no que diz.

Quantos há que só ajudam na esperança de que o beneficiado vá proclamar o benefício aos quatro ventos; que, à vista de todos, darão uma grande quantia, mas, às escondidas, não dariam uma moeda! É por isso que Jesus disse: «Aqueles que fazem o bem com ostentação já receberam sua recompensa»; de fato, aquele que procura sua glorificação na Terra pelo bem que faz já pagou a si mesmo; Deus não lhe deve mais nada; só lhe resta receber a punição de seu orgulho.

Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta; mas, se existe a modéstia verdadeira, existe também a modéstia encenada, a aparência de modéstia; há pessoas que escondem a mão que dá, tomando o cuidado de deixar uma parte dela à mostra, olhando para ver se alguém as vê escondê-la. Indigna paródia dos ensinamentos do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são menosprezados entre os homens, como será então diante de Deus! Esses também receberam sua recompensa na Terra. Foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos: é tudo o que terão.

Qual será então a recompensa daquele que faz seus benefícios pesarem sobre o beneficiado, que lhe impõe, de certa forma, demonstrações de gratidão, que o faz sentir sua condição ao exaltar o valor dos sacrifícios que se

impõe por ele? Oh! Esse nem sequer tem a recompensa terrena, pois fica privado da doce satisfação de ouvir seu nome ser abençoado, e esse é um primeiro castigo de seu orgulho; as lágrimas que ele enxuga em proveito de sua vaidade, em vez de subirem ao céu, caíram de novo sobre o coração do aflito e o feriram. O bem que faz não lhe traz proveito, já que o lança em rosto, pois todo benefício lançado em rosto é uma moeda adulterada e sem valor.

A disposição de ajudar sem ostentação tem um duplo mérito; além da caridade material, é a caridade moral; ela respeita a sensibilidade do beneficiado; faz com que ele aceite o benefício sem que seu amor-próprio sofra, preservando sua dignidade humana, pois há quem aceite um serviço, mas não receba esmola; ora, transformar o serviço em esmola pela maneira como é prestado é humilhar quem o recebe, e há sempre orgulho e maldade em humilhar alguém. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa para disfarçar o benefício, para evitar até as menores aparências que possam ferir, pois toda mágoa moral aumenta o sofrimento que nasce da necessidade; ela sabe encontrar palavras doces e afáveis que deixam o beneficiado à vontade diante do benfeitor, enquanto a caridade orgulhosa o esmaga. O sublime da verdadeira generosidade está em o benfeitor, trocando de papel, encontrar um meio de parecer ele próprio o beneficiado diante daquele a quem presta serviço. É isso que querem dizer estas palavras: Que a mão esquerda não saiba o que dá a mão direita.

[4] Os infortúnios ocultos

Nas grandes calamidades, a caridade se comove, e vemos impulsos generosos para reparar os desastres; mas, ao lado desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares que passam despercebidos, pessoas que jazem

em um leito miserável sem se queixar. São esses infortúnios discretos e ocultos que a verdadeira generosidade sabe ir descobrir, sem esperar que venham pedir assistência.

Quem é essa mulher de aparência distinta, com roupas simples, embora cuidadas, acompanhada de uma jovem vestida com a mesma modéstia? Ela entra em uma casa de aparência miserável, onde sem dúvida é conhecida, pois à porta a cumprimentam com respeito. Aonde vai? Sobe até o sótão: ali está deitada uma mãe de família, cercada de crianças pequenas; à sua chegada, a alegria brilha naqueles rostos emagrecidos; é que ela vem aliviar todas aquelas dores; traz o necessário, acompanhado de palavras doces e consoladoras que fazem aceitar o benefício sem corar, pois esses infelizes não são mendigos de profissão; o pai está no hospital e, enquanto isso, a mãe não consegue suprir as necessidades. Graças a ela, essas pobres crianças não sofrerão nem frio nem fome; irão à escola bem agasalhadas, e o seio da mãe não secará para os menores. Se algum deles estiver doente, nenhum cuidado material lhe causará repugnância. Dali ela vai ao hospital levar ao pai alguns agrados e tranquilizá-lo quanto ao destino de sua família. Na esquina da rua, uma carruagem a espera, verdadeiro depósito de tudo o que leva aos seus protegidos, a quem visita assim, um após outro; não lhes pergunta nem sua crença nem sua opinião, pois, para ela, todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Terminadas as visitas, diz a si mesma: Comecei bem meu dia. Qual é seu nome? Onde mora? Ninguém sabe; para os infelizes, é um nome que nada revela; mas ela é o anjo da consolação; e, à noite, um coro de bênçãos se eleva por ela ao Criador: católicos, judeus, protestantes, todos a abençoam.

Por que essas roupas tão simples? É que ela não quer afrontar a miséria com seu luxo. Por que leva sua filha em sua companhia? É para lhe ensinar como

se deve praticar a beneficência. Sua filha também quer fazer caridade, mas a mãe lhe diz: «O que você pode dar, minha filha, já que não tem nada de seu? Se eu lhe entregar alguma coisa para passar a outros, que mérito você terá? Na realidade, seria eu quem faria a caridade, e você quem teria o mérito; isso não é justo. Quando vamos visitar os doentes, você me ajuda a cuidar deles; ora, prestar cuidados é dar alguma coisa. Isso não lhe parece suficiente? Nada mais simples; aprenda a fazer trabalhos úteis, e você confeccionará roupas para essas criancinhas; assim dará alguma coisa que vem de você.» É dessa maneira que essa mãe verdadeiramente cristã forma sua filha na prática das virtudes ensinadas pelo Cristo. Ela é espírita? Que importa!

Em sua casa, é a mulher da sociedade, porque sua posição o exige; mas ninguém sabe o que faz, porque ela não quer outra aprovação além da de Deus e de sua consciência. No entanto, um dia uma circunstância imprevista leva à sua casa uma de suas protegidas, que lhe trazia de volta um trabalho; esta a reconheceu e quis abençoar sua benfeitora. «Psiu!», disse ela; «não conte a ninguém.» Assim falava Jesus.

O óbolo da viúva.

5 Jesus, sentado diante do cofre de ofertas, observava de que maneira o povo ali depositava dinheiro, e que muitas pessoas ricas colocavam grandes quantias. — Veio também uma pobre viúva, que depositou apenas duas pequenas moedas no valor de um quarto de soldo.

5.2 — Então Jesus chamou seus discípulos e lhes disse: Eu lhes digo, em verdade: esta pobre viúva deu mais que todos os que depositaram no cofre; — pois todos os outros deram de sua abundância, mas ela deu de sua indi-

gência, até mesmo tudo o que tinha e tudo o que lhe restava para viver. (São Marcos, cap. xii, v. de 41 a 44. — São Lucas, cap. xxi, v. de 1 a 4.)

6 Muitas pessoas lamentam não poder fazer tanto bem quanto gostariam, por falta de recursos suficientes, e, se desejam a fortuna, é, segundo dizem, para fazer bom uso dela. A intenção é louvável, sem dúvida, e pode ser muito sincera em alguns; mas será mesmo certo que, em todos, ela seja completamente desinteressada?

6.2 Não há aqueles que, embora desejem fazer o bem aos outros, ficariam muito contentes em começar por fazê-lo a si mesmos, em se proporcionar alguns prazeres a mais, em obter um pouco do supérfluo que lhes falta, deixando para dar o restante aos pobres?

6.3 Essa segunda intenção, que talvez escondam de si mesmos, mas que encontrariam no fundo do coração se quisessem examiná-lo, anula o mérito da intenção, pois a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si.

6.4 O sublime da caridade, nesse caso, seria procurar no próprio trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos que faltam para realizar suas intenções generosas; aí estaria o sacrifício mais agradável ao Senhor.

6.5 Infelizmente, a maioria sonha com meios mais fáceis de enriquecer de repente e sem esforço, correndo atrás de quimeras, como descobertas de tesouros, um golpe favorável de sorte, o recebimento de heranças inesperadas etc. O que dizer daqueles que esperam encontrar, para ajudá-los em buscas dessa natureza, auxiliares entre os Espíritos?

6.6 Certamente não conhecem nem compreendem o objetivo sagrado do espiritismo, e menos ainda a missão dos Espíritos, aos quais Deus permite se comunicar com os homens; por isso são punidos com decepções.

6.7 (Livro dos Médiuns, Aqueles cuja intenção é isenta de qualquer interesse pessoal devem se consolar da impossibilidade de fazer tanto bem quanto gostariam com o pensamento de que o óbolo do pobre, que dá privando-se, pesa mais na balança de Deus que o ouro do rico que dá sem se privar de nada.

6.8 Sem dúvida, seria grande a satisfação de poder socorrer amplamente a indigência; mas, se isso lhes é negado, é preciso se submeter e se limitar a fazer o que se pode. Aliás, é apenas com ouro que se podem enxugar as lágrimas, e será preciso permanecer inativo por não possuí-lo?

6.9 Aquele que deseja sinceramente ser útil aos seus irmãos encontra mil ocasiões para isso; que as procure, e as encontrará; se não for de uma maneira, será de outra, pois não há ninguém que, tendo o livre uso de suas faculdades, não possa prestar algum serviço, dar uma consolação, aliviar um sofrimento físico ou moral, tomar uma providência útil; na falta de dinheiro, cada um não tem seu esforço, seu tempo, seu repouso, dos quais pode dar uma parte? Aí também está o óbolo do pobre, o óbolo da viúva.

7 Convidar os pobres e os mutilados

Disse também àquele que o havia convidado: Quando vocês oferecerem um almoço ou um jantar, não convidem seus amigos, nem seus irmãos, nem seus parentes, nem seus vizinhos ricos, para que eles não os convidem depois, por sua vez, e assim lhes retribuam o que receberam de vocês. — Mas, quando derem um banquete, convidem os pobres, os mutilados, os coxos e os cegos; — e vocês serão felizes por eles não terem como retribuir;

pois isso lhes será retribuído na ressurreição dos justos.
Um dos que estavam à mesa, tendo ouvido essas palavras, lhe disse: Feliz aquele que comer pão no reino de Deus! (São Lucas, cap. xiv, v. de 12 a 15.)

8 "Quando derem um banquete, diz Jesus, não convidem seus amigos, mas os pobres e os mutilados." Essas palavras, absurdas se tomadas ao pé da letra, são sublimes quando se busca seu espírito. Jesus não pode ter querido dizer que, em vez dos amigos, devemos reunir à nossa mesa os mendigos da rua; sua linguagem era quase sempre figurada, e, para homens incapazes de compreender as nuances delicadas do pensamento, eram necessárias imagens fortes, que produzissem o efeito das cores contrastantes. O fundo de seu pensamento se revela nestas palavras: "Vocês serão felizes por eles não terem como retribuir"; isso significa que não devemos fazer o bem esperando algo em troca, mas pelo simples prazer de fazê-lo. Para apresentar uma comparação marcante, ele diz: Convidem os pobres para seus banquetes, pois vocês sabem que eles nada poderão lhes retribuir; e por banquetes devemos entender não as refeições propriamente ditas, mas a participação na abundância de que vocês desfrutam.
Essas palavras, no entanto, também podem ser aplicadas em um sentido mais literal. Quantas pessoas só convidam à sua mesa aqueles que podem, como elas dizem, lhes dar prestígio, ou que podem convidá-las por sua vez! Outras, ao contrário, sentem satisfação em receber os parentes ou amigos menos favorecidos; ora, quem não os tem entre os seus? Às vezes, isso é prestar-lhes um grande serviço sem parecer que o fazem. Essas pessoas, sem ir buscar os cegos e os mutilados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e se sabem disfarçar o benefício com uma cordialidade sincera.

[9] Instruções dos Espíritos A caridade material e a caridade moral

"Amemos uns aos outros e façamos aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito." Toda a religião, toda a moral estão contidas nesses dois preceitos; se fossem seguidos neste mundo, vocês seriam todos perfeitos: não haveria mais ódio, nem desentendimentos; direi ainda mais: não haveria mais pobreza, pois, com o que sobra da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam, e vocês não veriam mais, nos bairros sombrios em que morei durante minha última encarnação, pobres mulheres arrastando atrás de si crianças miseráveis a quem falta tudo.

Ricos! Pensem um pouco nisso; ajudem os infelizes da melhor maneira que puderem; deem, para que Deus lhes retribua um dia o bem que tiverem feito, para que, ao saírem de seu corpo terrestre, encontrem uma comitiva de Espíritos agradecidos que os receberão no limiar de um mundo mais feliz.

Se vocês pudessem saber a alegria que senti ao reencontrar lá no alto aqueles a quem pude ajudar em minha última vida!...

Amem, portanto, o próximo; amem-no como a si mesmos, pois vocês agora sabem: esse infeliz que vocês afastam talvez seja um irmão, um pai, um amigo que rejeitam para longe de si; e então qual será seu desespero ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Desejo que vocês compreendam bem o que pode ser a caridade moral, aquela que todos podem praticar; aquela que não custa nada de material e que, no entanto, é mais difícil de pôr em prática.

A caridade moral consiste em suportar uns aos outros, e é o que vocês menos fazem neste mundo em que estão encarnados no momento. Há um grande mérito, acreditem em mim, em saber se calar para deixar falar alguém mais tolo do que nós; e isso também é uma forma de caridade. Saber

ser surdo quando uma palavra de zombaria escapa de uma boca acostumada a ridicularizar; não ver o sorriso de desprezo que recebe sua entrada na casa de pessoas que, muitas vezes sem razão, se julgam superiores a vocês, enquanto, na vida espiritual, a única real, às vezes estão bem longe disso; aí está um mérito, não de humildade, mas de caridade; pois não reparar nas faltas dos outros é a caridade moral.

No entanto, essa caridade não deve impedir a outra; mas pensem sobretudo em não desprezar seu semelhante; lembrem-se de tudo o que já lhes disse: É preciso lembrar sempre que, no pobre rejeitado, vocês talvez estejam afastando um Espírito que lhes foi querido e que se encontra momentaneamente em uma posição inferior à de vocês. Revi um dos pobres da Terra a quem, felizmente, pude ajudar algumas vezes e a quem agora acontece de eu implorar ajuda por minha vez.

Lembrem-se de que Jesus disse que somos irmãos e pensem sempre nisso antes de afastar o leproso ou o mendigo. Adeus; pensem nos que sofrem e orem. (Irmã Rosália. Paris, 1860.)

10 Meus amigos, ouvi vários de vocês dizerem: Como posso fazer caridade? Muitas vezes não tenho sequer o necessário!

A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras; vocês podem fazer caridade por pensamentos, palavras e ações. Por pensamentos: orando pelos pobres abandonados que morreram sem ter tido a possibilidade de ver a luz; uma oração do coração os alivia. Por palavras: dando alguns bons conselhos aos companheiros de todos os dias; digam aos homens amargurados pelo desespero, pelas privações, e que blasfemam contra o nome do Altíssimo: “Eu era como vocês; sofria, era infeliz, mas acreditei no Espiritismo e, vejam, agora sou feliz.” Aos idosos que lhes disserem: “É inútil; estou no

fim de minha jornada; morrerei como vivi." Digam a eles: "Deus tem para todos nós uma justiça igual; lembrem-se dos trabalhadores da décima hora." Às crianças que, já corrompidas pelo meio em que vivem, saem vagando pelos caminhos, prestes a ceder às más tentações, digam: "Deus vê vocês, meus queridos pequenos", e não tenham receio de lhes repetir muitas vezes essas doces palavras; elas acabarão germinando em sua jovem inteligência, e, em vez de pequenos vagabundos, vocês terão formado homens. Isso também é uma caridade.

Vários de vocês dizem também: "Ora! Somos tão numerosos na Terra, Deus não pode ver todos nós." Escutem bem isto, meus amigos: Quando vocês estão no alto de uma montanha, seu olhar não abrange os bilhões de grãos de areia que cobrem essa montanha? Pois bem! Deus vê vocês da mesma maneira; ele lhes deixa o livre-arbítrio, assim como vocês deixam esses grãos de areia seguirem ao sabor do vento que os dispersa; porém, Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo de seu coração uma sentinela vigilante que se chama consciência. Escutem-na; ela só lhes dará bons conselhos. Às vezes vocês a entorpecem, opondo a ela o espírito do mal; então ela se cala; mas tenham certeza de que a pobre abandonada se fará ouvir assim que vocês lhe deixarem entrever a sombra do remorso. Escutem-na, interroguem-na, e muitas vezes vocês se sentirão consolados pelo conselho que tiverem recebido dela.

Meus amigos, a cada novo regimento o general entrega uma bandeira; eu lhes dou esta máxima do Cristo: "Amem uns aos outros." Pratiquem essa máxima; reúnam-se todos em torno dessa bandeira, e dela receberão felicidade e consolação. (Um Espírito protetor. Lyon, 1860.) A beneficência.

11. A beneficência, meus amigos, lhes dará neste mundo os prazeres mais puros e mais doces, as alegrias do coração que não são perturbadas nem

pelo remorso, nem pela indiferença. Oh! Que vocês possam compreender tudo o que há de grande e doce na generosidade das belas almas, esse sentimento que nos faz olhar os outros com os mesmos olhos com que olhamos a nós mesmos, que nos faz tirar de nós com alegria para cobrir nosso irmão. Que vocês possam, meus amigos, não ter ocupação mais doce do que fazer os outros felizes! Que festas do mundo vocês poderiam comparar a essas festas alegres, quando, como representantes da Divindade, devolvem a alegria a essas pobres famílias que só conhecem da vida as dificuldades e as amarguras; quando veem de repente esses rostos abatidos brilharem de esperança, pois não tinham pão, esses infelizes, e seus filhinhos, sem saber que viver é sofrer, gritavam, choravam e repetiam estas palavras que penetravam como uma espada afiada no coração materno: Estou com fome!... Oh! Compreendam como são deliciosas as sensações de quem vê renascer a alegria onde, um instante antes, só via desespero! Compreendam quais são suas obrigações para com seus irmãos! Vão, vão ao encontro do infortúnio; vão socorrer sobretudo as misérias escondidas, pois são as mais dolorosas. Vão, meus bem-amados, e lembrem-se destas palavras do Salvador: "Quando vestirem um destes pequeninos, pensem que é a mim que o fazem!"

Caridade! Palavra sublime que resume todas as virtudes, és tu que deves conduzir os povos à felicidade; ao te praticarem, eles criarão para si prazeres infinitos para o futuro e, durante seu exílio na Terra, serás seu consolo, a antecipação das alegrias que experimentarão mais tarde, quando todos se abraçarem no seio do Deus de amor. És tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de felicidade que desfrutei na Terra. Que meus irmãos encarnados possam acreditar na voz do amigo que lhes fala e lhes diz: É na caridade que vocês devem buscar a paz do coração, o conten-

tamento da alma, o remédio contra as aflições da vida. Oh! Quando estiverem prestes a acusar Deus, olhem para aqueles que estão abaixo de vocês; vejam quantas misérias há para aliviar; quantas pobres crianças sem família; quantos idosos não têm uma mão amiga para socorrê-los e fechar seus olhos quando a morte os chama! Quanto bem a fazer! Oh! Não se queixem; ao contrário, agradeçam a Deus e distribuam de mãos cheias sua simpatia, seu amor, seu dinheiro a todos aqueles que, privados dos bens deste mundo, definham no sofrimento e no isolamento. Vocês colherão neste mundo alegrias muito doces e, mais tarde... só Deus sabe!... (Adolfo, bispo de Argel. Bordeaux, 1861.)

12 Sejam bons e caridosos; é a chave dos céus que vocês têm nas mãos; toda a felicidade eterna está contida nesta máxima: Amem-se uns aos outros. A alma só pode se elevar às regiões espirituais pela dedicação ao próximo; só encontra felicidade e consolo nos impulsos da caridade; sejam bons, amparem seus irmãos, deixem de lado a terrível chaga do egoísmo; o cumprimento desse dever deve abrir para vocês o caminho da felicidade eterna. Aliás, quem de vocês não sentiu o coração saltar e a alegria interior se expandir ao ouvir o relato de uma bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se buscassem apenas o prazer que uma boa ação proporciona, vocês permaneceriam sempre no caminho do progresso espiritual. Não lhes faltam exemplos; só a boa vontade é rara. Vejam a multidão de homens de bem cuja piedosa lembrança a história de vocês conserva.

Cristo não lhes disse tudo o que diz respeito a essas virtudes de caridade e amor? Por que deixam de lado seus ensinamentos divinos? Por que fecham os ouvidos às suas palavras divinas e o coração a todas as suas doces máximas? Eu gostaria que houvesse mais interesse e mais fé nas leituras evangé-

licas; abandonam esse livro, fazem dele uma palavra vazia, uma mensagem incompreendida; deixam esse código admirável no esquecimento: seus males vêm apenas do abandono voluntário desse resumo das leis divinas. Leiam, portanto, essas páginas tão ardentes de dedicação de Jesus, e meditem sobre elas.

Homens fortes, preparem-se; homens fracos, façam da sua doçura e da sua fé as suas armas; tenham mais poder de persuasão, mais constância na propagação da sua nova doutrina; viemos apenas lhes dar um incentivo, e é apenas para estimular seu zelo e suas virtudes que Deus nos permite nos manifestarmos a vocês; mas, se quisessem, precisariam apenas da ajuda de Deus e da própria vontade: as manifestações espíritas são feitas apenas para os olhos fechados e os corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrenas: sem ela, as outras não existem. Sem a caridade, não há esperança de um destino melhor, nem interesse moral que nos guie; sem a caridade, não há fé, pois a fé é apenas um raio puro que faz brilhar uma alma caridosa.

A caridade é a âncora eterna da salvação em todos os mundos: é a mais pura emanação do próprio Criador; é sua própria virtude que ele dá à criatura. Como alguém poderia querer desconhecer essa bondade suprema? Com esse pensamento, que coração seria perverso o bastante para reprimir e expulsar esse sentimento inteiramente divino? Que filho seria mau o bastante para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ouso falar do que fiz, pois os Espíritos também têm pudor de suas obras; mas creio que aquela que comecei é uma das que mais devem contribuir para aliviar seus semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos pedirem como missão continuar minha tarefa; vejo minhas doces e queridas ir-

mãs em seu piedoso e divino ministério; vejo-as praticar a virtude que lhes recomendo, com toda a alegria que essa existência de dedicação e sacrifícios proporciona; é uma grande felicidade para mim ver quanto seu caráter é honrado, quanto sua missão é amada e docemente protegida. Homens de bem, de boa e firme vontade, unam-se para dar ampla continuidade à obra de propagação da caridade; vocês encontrarão a recompensa dessa virtude em seu próprio exercício; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sejam unidos; amem-se uns aos outros segundo os preceitos de Cristo. Assim seja. (São Vicente de Paulo. Paris, 1858.)

13 Meu nome é caridade, sou a estrada principal que conduz a Deus; sigam-me, pois sou o objetivo a que todos vocês devem aspirar.

Fiz esta manhã minha visita habitual e, de coração aflito, venho lhes dizer: Oh! meus amigos, quanta miséria, quantas lágrimas, e quanto vocês têm a fazer para secá-las todas! Em vão procurei consolar pobres mães; eu lhes dizia ao ouvido: Coragem! Há bons corações que zelam por vocês; vocês não serão abandonadas; paciência! Deus está aqui; vocês são suas amadas, suas escolhidas. Elas pareciam me ouvir e voltavam para mim grandes olhos desorientados; eu lia em seus pobres rostos que seu corpo, esse tirano do Espírito, tinha fome, e que, se minhas palavras serenavam um pouco seu coração, não enchiam seu estômago. Eu repetia ainda: Coragem! Coragem! Então uma pobre mãe, muito jovem, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como para me pedir que protegesse aquele pobre serzinho que só recebia de um seio sem leite um alimento insuficiente. Em outro lugar, meus amigos, vi pobres idosos sem trabalho e logo sem abrigo, entregues a todos os sofrimentos da necessidade e que, envergonhados de sua miséria, não ousavam, eles que nunca

haviam mendigado, ir implorar a piedade dos que passavam. Com o coração comovido de compaixão, eu, que nada tenho, tornei-me mendiga por eles, e vou por toda parte estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos nos corações generosos e compassivos. Por isso venho até vocês, meus amigos, e lhes digo: Ali há infelizes cuja arca está sem pão, a lareira sem fogo e a cama sem cobertor. Não lhes digo o que devem fazer; deixo a iniciativa aos seus bons corações; se eu lhes ditasse a conduta, vocês já não teriam o mérito de sua boa ação; digo apenas: Sou a caridade e lhes estendo a mão por seus irmãos que sofrem.

Mas, se peço, também dou, e dou muito; convido vocês para um grande banquete e ofereço a árvore em que todos poderão se saciar! Vejam como é bela, como está carregada de flores e frutos! Vão, vão, colham, apanhem todos os frutos dessa bela árvore que se chama beneficência. No lugar dos ramos que vocês tiverem apanhado, prenderei todas as boas ações que fizerem e levarei essa árvore de volta a Deus para que ele a carregue de novo, pois a beneficência é inesgotável. Sigam-me, portanto, meus amigos, para que eu os conte entre aqueles que se alistam sob minha bandeira; não tenham medo; eu os conduzirei pelo caminho da salvação, pois sou a Caridade. (Carita, martirizada em Roma. Lyon, 1861.)

14 Há várias maneiras de praticar a caridade, que muitos de vocês confundem com a esmola; existe, porém, uma grande diferença. A esmola, meus amigos, às vezes é útil, pois alivia os pobres; mas é quase sempre humilhante, tanto para quem a dá quanto para quem a recebe. A caridade, ao contrário, une o benfeitor e o beneficiado e, além disso, assume tantas formas! É possível ser caridoso até com os familiares, com os amigos, sendo indulgentes uns com os outros, perdoando as fraquezas uns dos outros, cui-

dando para não ferir o amor-próprio de ninguém; para vocês, espíritas, na maneira de agir com aqueles que não pensam como vocês; levando os menos esclarecidos a crer, e isso sem ofendê-los, sem afrontar suas convicções, mas conduzindo-os com toda a delicadeza às nossas reuniões, onde poderão nos ouvir e onde saberemos encontrar a abertura do coração pela qual deveremos entrar. Isso quanto a um dos aspectos da caridade.

Ouçam agora sobre a caridade para com os pobres, esses deserdados aqui na Terra, mas recompensados por Deus, se souberem aceitar suas misérias sem murmurar, e isso depende de vocês. Vou me fazer entender por meio de um exemplo.

Vejo várias vezes por semana uma reunião de senhoras: há mulheres de todas as idades; para nós, vocês sabem, todas são irmãs. O que fazem, então? Trabalham depressa, depressa; os dedos são ágeis; vejam também como seus rostos estão radiantes e como seus corações batem em uníssono! Mas qual é seu objetivo? É que veem se aproximar o inverno, que será rigoroso para as famílias pobres; as formigas não puderam juntar durante o verão os grãos necessários para suas provisões, e a maior parte dos pertences está empenhada; as pobres mães se preocupam e choram ao pensar nas criancinhas que, neste inverno, passarão frio e fome! Mas paciência, pobres mulheres! Deus inspirou outras mais afortunadas que vocês; elas se reuniram e estão confeccionando pequenas roupas para vocês; então, um dia desses, quando a neve tiver coberto a terra e vocês murmurarem, dizendo: “Deus não é justo”, pois essa é a frase habitual de vocês que sofrem, verão aparecer um dos filhos dessas boas trabalhadoras que se tornaram as operárias dos pobres; sim, era por vocês que elas trabalhavam assim, e seu murmúrio se transformará em bênção, pois no coração dos infelizes o amor vem logo depois do ódio.

Como todas essas trabalhadoras precisam de um incentivo, vejo as comunicações dos bons Espíritos chegarem até elas de toda parte; os homens que fazem parte dessa sociedade também dão sua contribuição, fazendo uma dessas leituras que tanto agradam; e nós, para recompensar o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos a essas operárias dedicadas uma boa clientela que lhes pagará, à vista, em bênçãos, a única moeda que circula no céu, assegurando-lhes ainda, e sem receio de prometer demais, que essa clientela não lhes faltará. (Carita. Lyon, 1861.)

15 Meus queridos amigos, todos os dias ouço alguns de vocês dizerem: "Sou pobre, não posso fazer caridade"; e todos os dias vejo vocês faltarem com a indulgência para com seus semelhantes; vocês não lhes perdoam nada e se colocam como juízes muitas vezes severos, sem se perguntarem se ficariam satisfeitos caso fizessem o mesmo com vocês. A indulgência não é também caridade? Vocês que só podem praticar a caridade da indulgência, pratiquem-na ao menos, mas pratiquem-na amplamente. Quanto à caridade material, quero lhes contar uma história do outro mundo.

Dois homens acabavam de morrer; Deus havia dito: Enquanto esses dois homens viverem, cada uma de suas boas ações será colocada em um saco e, quando morrerem, esses sacos serão pesados. Quando esses dois homens chegaram à sua última hora, Deus mandou trazer os dois sacos; um era volumoso, grande, bem cheio, e ressoava com o metal que o enchia; o outro era bem pequeno e tão fino que se viam através dele as poucas moedas que continha; e cada um desses homens reconheceu seu saco: Aqui está o meu, disse o primeiro; eu o reconheço; fui rico e dei muito. Ali está o meu, disse o outro; sempre fui pobre, infelizmente! Quase nada tinha para repartir. Mas, que surpresa! Postos os dois sacos na balança, o maior ficou leve e o

pequeno ficou pesado, tanto que fez seu lado da balança descer muito mais que o outro. Então Deus disse ao rico: Você deu muito, é verdade, mas deu por ostentação e para ver seu nome figurar em todos os templos do orgulho; ademais, ao dar, você não se privou de nada; vá para a esquerda e fique satisfeito por a esmola ainda lhe ser contada como alguma pequena coisa. Depois disse ao pobre: Você deu muito pouco, meu amigo; mas cada uma das moedas que estão nessa balança representa uma privação para você; se não deu esmola, fez caridade, e o que é melhor, fez caridade naturalmente, sem pensar que isso seria levado em conta a seu favor; você foi indulgente; não julgou seu semelhante, pelo contrário, desculpou-o em todas as suas ações: passe para a direita e vá receber sua recompensa. (Um Espírito protetor. Lyon, 1861.)

16 A mulher rica, feliz, que não precisa empregar seu tempo nos trabalhos domésticos, não pode dedicar algumas horas a trabalhos úteis para seus semelhantes? Que, com o que sobra de seus prazeres, compre com que cobrir o infeliz que treme de frio; que faça, com suas mãos delicadas, roupas simples, mas quentes; que ajude a mãe a vestir a criança que vai nascer; se seu próprio filho tiver algumas rendas a menos, o filho do pobre ficará mais aquecido. Trabalhar pelos pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E você, pobre trabalhadora, que não tem nada de sobra, mas que deseja, em seu amor pelos irmãos, dar também do pouco que possui, dê algumas horas do seu dia, do seu tempo, seu único tesouro; faça desses trabalhos elegantes que atraem os afortunados; venda o trabalho de suas noites em claro, e você também poderá oferecer aos seus irmãos sua parte de alívio; talvez tenha algumas fitas a menos, mas dará sapatos a quem está descalço.

E vocês, mulheres consagradas a Deus, trabalhem também em sua obra,

mas que seus trabalhos delicados e caros não sejam feitos apenas para enfeitar suas capelas, para chamar a atenção para sua habilidade e sua paciência; trabalhem, minhas filhas, e que o valor de seus trabalhos seja dedicado ao alívio de seus irmãos em Deus; os pobres são seus filhos amados; trabalhar por eles é glorificá-lo. Sejam para eles a Providência que diz: Às aves do céu Deus dá o alimento. Que o ouro e a prata que se tecem sob seus dedos se transformem em roupas e alimentos para aqueles a quem faltam. Façam isso, e seu trabalho será abençoado.

E todos vocês que podem produzir, deem; deem seu talento, deem suas inspirações, deem seu coração, que Deus abençoará. Poetas, escritores, que são lidos apenas pelas pessoas da sociedade, ocupem suas horas de lazer, mas que o rendimento de algumas de suas obras seja dedicado ao alívio dos infelizes; pintores, escultores, artistas de todos os tipos, que sua inteligência também venha em auxílio de seus irmãos; vocês não terão menos glória por isso, e haverá alguns sofrimentos a menos.

Todos vocês podem dar; seja qual for sua classe, têm alguma coisa que podem compartilhar; seja o que for que Deus lhes tenha dado, vocês devem uma parte a quem não tem o necessário, porque, no lugar dele, ficariam muito contentes se alguém compartilhasse com vocês. Seus tesouros da terra serão um pouco menores, mas seus tesouros no céu serão mais abundantes; ali vocês colherão cem vezes o que tiverem semeado em benefícios aqui na terra. (João. Bordeaux, 1861.) A piedade.

17 A piedade é a virtude que mais aproxima vocês dos anjos; é a irmã da caridade que os conduz a Deus. Ah! Deixem seu coração se comover diante das misérias e dos sofrimentos de seus semelhantes; suas lágrimas são um bálsamo que vocês derramam sobre suas feridas, e quando, por uma doce

simpatia, conseguem lhes devolver a esperança e a resignação, que encanto vocês sentem! Esse encanto, é verdade, tem certo amargor, pois nasce ao lado da desgraça; mas, se não tem a acridez dos prazeres mundanos, também não tem as dolorosas decepções do vazio que eles deixam atrás de si; tem uma suavidade penetrante que alegra a alma. A piedade, uma piedade profundamente sentida, é amor; o amor é dedicação; a dedicação é o esquecimento de si mesmo; e esse esquecimento, essa abnegação em favor dos infelizes, é a virtude por excelência, aquela que o divino Messias praticou durante toda a sua vida e que ensinou em sua doutrina tão santa e tão sublime. Quando essa doutrina for restituída à sua pureza primitiva e aceita por todos os povos, dará felicidade à terra, fazendo enfim reinar nela a concórdia, a paz e o amor.

O sentimento mais capaz de fazer vocês progredirem, dominando seu egoísmo e seu orgulho, aquele que dispõe sua alma à humildade, à beneficência e ao amor ao próximo, é a piedade! Essa piedade que comove vocês até o mais íntimo diante dos sofrimentos de seus irmãos, que os faz estender a eles uma mão de auxílio e lhes arranca lágrimas de solidariedade. Portanto, nunca sufoquem em seus corações essa emoção celeste; não façam como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos porque a visão de sua miséria perturbaria por um instante sua existência alegre; temam permanecer indiferentes quando podem ser úteis. A tranquilidade comprada ao preço de uma indiferença culpável é a tranquilidade do mar Morto, que esconde no fundo de suas águas o lodo fétido e a podridão.

Como a piedade está longe, porém, de causar a perturbação e o aborrecimento que tanto assustam o egoísta! Sem dúvida, ao entrar em contato com a desgraça alheia e refletir sobre si mesma, a alma experimenta um abalo natural e profundo, que faz vibrar todo o seu ser e o afeta dolorosa-

mente; mas a compensação é grande quando vocês conseguem devolver a coragem e a esperança a um irmão infeliz, que se comove com o aperto de uma mão amiga e cujo olhar, úmido de emoção e de gratidão ao mesmo tempo, se volta docemente para vocês antes de se fixar no céu, para agradecer por lhe ter enviado alguém que o console e ampare. A piedade é a melancólica, mas celeste precursora da caridade, essa primeira das virtudes, da qual é irmã e cujos benefícios prepara e enobrece. (Miguel. Bordeaux, 1862.)

18 Os órfãos

Meus irmãos, amem os órfãos; se vocês soubessem como é triste estar sozinho e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para nos levar a lhes servir de pais. Que divina caridade é ajudar uma pobre criaturinha desamparada, impedir que sofra de fome e de frio, orientar sua alma para que não se perca no vício! Quem estende a mão à criança abandonada agrada a Deus, pois compreende e pratica sua lei. Pensem também que muitas vezes a criança que vocês socorrem lhes foi querida em outra encarnação; e, se pudessem se lembrar, já não seria caridade, mas um dever. Assim, meus amigos, todo ser que sofre é seu irmão e tem direito à sua caridade, não essa caridade que fere o coração, não essa esmola que queima a mão em que cai, pois suas pequenas dádivas muitas vezes são bem amargas! Quantas vezes seriam recusadas se, no sótão, a doença e a penúria não estivessem à espera delas! Deem com delicadeza, acrescentem ao benefício o mais precioso de todos: uma boa palavra, um carinho, um sorriso de amigo; evitem esse tom de proteção que revolve a lâmina em um coração que sangra e pensem que, ao fazer o bem, vocês trabalham para si e para os seus. (Um Espírito familiar. Paris, 1860.)

19 O que se deve pensar das pessoas que, tendo recebido ingratidão em troca de seus benefícios, deixam de fazer o bem por medo de encontrar ingratos?

Essas pessoas têm mais egoísmo do que caridade; pois fazer o bem apenas para receber demonstrações de gratidão não é fazê-lo de maneira desinteressada, e o benefício desinteressado é o único que agrada a Deus. É também orgulho, pois elas se comprazem na humildade do beneficiado que vem colocar sua gratidão aos seus pés. Quem procura na terra a recompensa pelo bem que faz não a receberá no céu; mas Deus levará em conta aquele que não a procura na terra.

É preciso sempre ajudar os fracos, mesmo sabendo de antemão que aqueles a quem se faz o bem não serão gratos. Saibam que, se aquele a quem vocês prestam um serviço esquece o benefício, Deus lhes dará mais crédito por isso do que se já tivessem sido recompensados pela gratidão do beneficiado. Deus permite que às vezes vocês sejam pagos com ingratidão para pôr à prova sua perseverança em fazer o bem.

Além disso, como vocês podem saber se esse benefício, esquecido por enquanto, não dará bons frutos mais tarde? Pelo contrário, tenham certeza de que é uma semente que germinará com o tempo. Infelizmente, vocês sempre veem apenas o presente; trabalham para si, e não pensando nos outros. Os benefícios acabam por abrandar os corações mais endurecidos; podem ser ignorados aqui na terra, mas, quando o Espírito se livrar de seu véu carnal, ele se lembrará, e essa lembrança será seu castigo; então lamentará sua ingratidão; desejará reparar sua falta, pagar sua dívida em outra existência, muitas vezes até aceitando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. É assim que, sem suspeitarem, vocês terão contribuído para seu progresso moral e reconhecerão mais tarde toda a verdade desta máxima: Um benefício

nunca se perde. Mas também terão trabalhado para si, pois terão o mérito de ter feito o bem de maneira desinteressada e sem se deixar desanimar pelas decepções.

Ah! Meus amigos, se vocês conhecessem todos os laços que, na vida presente, os ligam às suas existências anteriores; se pudessem abranger a infinidade de relações que aproximam os seres uns dos outros para seu progresso mútuo, admirariam ainda mais a sabedoria e a bondade do Criador, que permite a todos reviver para chegar até ele. (Guia protetor. Sens, 1862.)

20 A beneficência é bem compreendida quando se limita às pessoas de uma mesma opinião, de uma mesma crença ou de um mesmo partido?

Não, é sobretudo o espírito de seita e de partido que é preciso abolir, pois todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão vê apenas irmãos em seus semelhantes e, antes de socorrer quem está necessitado, não procura saber qual é sua crença nem sua opinião sobre coisa alguma. Estaria ele seguindo o preceito de Jesus Cristo, que manda amar até os inimigos, se rejeitasse um infeliz por ter uma fé diferente da sua? Que o socorra, portanto, sem lhe pedir contas de sua consciência, pois, se ele é inimigo da religião, esse é o meio de fazê-lo amá-la; rejeitá-lo seria fazê-lo odiá-la. (São Luís. Paris, 1860.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIV. HONREM SEU PAI E SUA MÃE

✦

1 Vocês conhecem os mandamentos: não cometerão adultério; não matarão; não roubarão; não darão falso testemunho; não prejudicarão ninguém; honrem seu pai e sua mãe. (São Marcos, cap. x, v. 19; São Lucas, cap. xviii, v. 20; São Mateus, cap. xix, v. 18, 19.)

2 Honrem seu pai e sua mãe, para que vivam muito tempo na terra que o Senhor seu Deus lhes dará. (Decálogo; Êxodo, cap. xx, v. 12.)

3 Piedade filial

O mandamento: "Honrem seu pai e sua mãe" é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, pois não se pode amar o próximo sem amar o pai e a mãe; mas a palavra honrem contém um dever a mais para com eles, o da piedade filial. Deus quis mostrar com isso que ao amor é preciso acrescentar o respeito, a consideração, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir para com eles, de maneira ainda mais rigorosa, tudo o que a caridade ordena para com o próximo. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, e que têm ainda mais mérito por ser sua dedicação menos obrigatória. Deus sempre pune de maneira rigorosa toda violação desse mandamento.

Honrar o pai e a mãe não é apenas respeitá-los, é também ajudá-los nas necessidades; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados, como fizeram por nós em nossa infância.

É sobretudo para com os pais sem recursos que se mostra a verdadeira piedade filial. Cumprem esse mandamento aqueles que acreditam fazer um grande esforço ao lhes dar apenas o suficiente para não morrerem de fome,

enquanto eles próprios não se privam de nada? Ao relegá-los aos menores e mais humildes cômodos da casa, para não deixá-los na rua, enquanto reservam para si o que há de melhor, de mais confortável? Felizes ainda quando não fazem isso de má vontade e não os obrigam a pagar pelo tempo que lhes resta viver, descarregando sobre eles as fadigas dos afazeres domésticos! Cabe então aos pais velhos e fracos serem os servidores dos filhos jovens e fortes? A mãe deles regateou seu leite quando estavam no berço? Contou as noites em que ficou acordada quando estavam doentes, os passos que deu para lhes proporcionar aquilo de que precisavam? Não, não é apenas o estritamente necessário que os filhos devem aos pais pobres, mas também, tanto quanto puderem, os pequenos agrados do supérfluo, as atenções, os cuidados delicados, que são apenas os juros daquilo que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Só nisso está a piedade filial aceita por Deus.

Infeliz, portanto, aquele que esquece o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que, com a vida material, lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para assegurar seu bem-estar; infeliz o ingrato, pois será punido pela ingratidão e pelo abandono; será atingido em suas afeições mais queridas, às vezes já na vida presente, mas certamente em outra existência, na qual suportará o que tiver feito os outros suportarem.

É verdade que certos pais desconhecem seus deveres e não são para os filhos o que deveriam ser; mas cabe a Deus puni-los, e não aos filhos; não cabe a estes censurá-los por isso, porque talvez eles próprios tenham merecido que assim fosse. Se a caridade estabelece como lei retribuir o mal com o bem, ser indulgente com as imperfeições alheias, não falar mal do próximo, esquecer e perdoar as ofensas, amar até os inimigos, quanto maior ainda

não é essa obrigação para com os pais! Os filhos devem, por conseguinte, tomar como regra de sua conduta para com eles todos os preceitos de Jesus a respeito do próximo, e dizer a si mesmos que todo procedimento censurável para com estranhos o é ainda mais para com os familiares, e que aquilo que pode ser apenas uma falta no primeiro caso pode se tornar crime no segundo, porque então à falta de caridade se junta a ingratidão.

4 Deus disse: "Honrem seu pai e sua mãe, para que vivam muito tempo na terra que o Senhor seu Deus lhes dará"; por que então promete como recompensa a vida na terra, e não a vida celestial? A explicação está nestas palavras: "Que Deus lhes dará", suprimidas na fórmula moderna do decálogo, o que lhe altera o sentido. Para compreender essas palavras, é preciso voltar à situação e às ideias dos hebreus na época em que foram ditas; eles ainda não compreendiam a vida futura; sua visão não ia além da vida corporal; deviam, portanto, ser mais tocados pelo que viam do que pelo que não viam; é por isso que Deus lhes fala uma linguagem ao seu alcance e, como a crianças, lhes apresenta a perspectiva daquilo que pode satisfazê-los. Eles estavam então no deserto; a terra que Deus lhes dará era a Terra Prometida, objeto de suas aspirações: não desejavam nada mais, e Deus lhes diz que viverão nela por muito tempo, isto é, que a possuirão por muito tempo se observarem seus mandamentos.

Mas, com a vinda de Jesus, suas ideias estavam mais desenvolvidas; tendo chegado o momento de lhes dar um alimento menos grosseiro, ele os inicia na vida espiritual, dizendo: "Meu reino não é deste mundo; é lá, e não na terra, que vocês receberão a recompensa por suas boas obras." Com essas

palavras, a Terra Prometida material se transforma em uma pátria celestial; assim, quando ele os chama a observar o mandamento: “Honrem seu pai e sua mãe”, já não é a terra que lhes promete, mas o céu. (Cap. ii e m.)

5 Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?
E, tendo ele entrado na casa, reuniu-se ali uma multidão tão grande que eles não podiam sequer fazer sua refeição. — Ao saberem disso, seus familiares vieram para prendê-lo, pois diziam que ele havia perdido o juízo.
Entretanto, sua mãe e seus irmãos chegaram e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. — Ora, o povo estava sentado ao seu redor, e lhe disseram: Sua mãe e seus irmãos estão lá fora e querem falar com o senhor. — Mas ele lhes respondeu: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? — E, olhando para os que estavam sentados ao seu redor, disse: Aqui estão minha mãe e meus irmãos; — pois todo aquele que faz a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe. (São Marcos, cap. iii, v. 20, 21 e de 31 a 35; São Mateus, cap. xii, v. de 46 a 50.)

6 Certas palavras parecem estranhas na boca de Jesus e contrastam com sua bondade e sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de usá-las como arma, dizendo que ele se contradizia.

6.2 Um fato incontestável é que sua doutrina tem como base essencial, como pedra angular, a lei de amor e de caridade; ele não podia, portanto, destruir de um lado o que estabelecia do outro; daí é preciso tirar esta consequência rigorosa: se certas máximas estão em contradição com o princípio, é porque as palavras que lhe atribuem foram mal transmitidas, mal compreendidas, ou não são dele.

7 É com razão que causa espanto ver, nessa circunstância, Jesus mostrar tanta indiferença por seus familiares e, de certa forma, renegar sua mãe.

Quanto a seus irmãos, sabe-se que nunca tiveram simpatia por ele; Espíritos pouco adiantados, não haviam compreendido sua missão; sua conduta, aos olhos deles, era estranha, e seus ensinamentos não os haviam tocado, já que ele não teve nenhum discípulo entre eles; parece até que compartilhavam, em certa medida, os preconceitos de seus inimigos; é certo, aliás, que o recebiam mais como um estranho do que como um irmão quando se apresentava à família, e São João diz expressamente (cap. vii, v. 5) "que eles não acreditavam nele".

Quanto à sua mãe, ninguém poderia contestar sua ternura pelo filho; mas também é preciso reconhecer que ela não parece ter formado uma ideia muito exata de sua missão, pois nunca foi vista seguindo seus ensinamentos, nem dando testemunho dele, como fez João Batista; a solicitude materna era, nela, o sentimento dominante. Quanto a Jesus, supor que tivesse renegado sua mãe seria desconhecer seu caráter; tal pensamento não poderia animar aquele que disse: Honrem seu pai e sua mãe. É preciso, portanto, buscar outro sentido para suas palavras, quase sempre veladas sob a forma alegórica.

Jesus não deixava passar nenhuma ocasião de dar um ensinamento; aproveitou, portanto, aquela que a chegada de sua família lhe oferecia para estabelecer a diferença que existe entre o parentesco corporal e o parentesco espiritual.

O parentesco corporal e o parentesco espiritual

8 Os laços de sangue não estabelecem necessariamente os laços entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito existia antes da formação do corpo; não é o pai que cria o Espírito de seu filho, ele apenas lhe fornece um envoltório corporal, mas deve ajudar em seu desenvolvimento intelectual e moral para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que encarnam em uma mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são, na maioria das vezes, Espíritos afins, unidos por relações anteriores que se manifestam por sua afeição durante a vida terrena; mas também pode acontecer que esses Espíritos sejam inteiramente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que também se manifestam por seu antagonismo na terra, para lhes servir de prova. Os verdadeiros laços de família não são, portanto, os da consanguinidade, mas os da afinidade e da comunhão de pensamentos que unem os Espíritos antes, durante e depois de sua encarnação. Daí resulta que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito do que se fossem pelo sangue; podem se atrair, procurar a companhia um do outro, sentir prazer em estar juntos, enquanto dois irmãos de sangue podem se repelir, como se vê todos os dias; problema moral que só o espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. iv, nº 13.)

Há, portanto, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais; as primeiras, duradouras, se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das diversas migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente já na vida atual. Foi isso que Jesus quis fazer compreender ao dizer de seus discípulos: Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito,

pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

A hostilidade de seus irmãos está claramente expressa no relato de São Marcos, pois, segundo ele, pretendiam prendê-lo sob o pretexto de que havia perdido o juízo. Ao anunciarem a chegada deles, conhecendo seus sentimentos a seu respeito, era natural que ele dissesse, falando de seus discípulos, do ponto de vista espiritual: "Aqui estão meus verdadeiros irmãos"; como sua mãe estava com eles, ele generaliza o ensinamento, o que de modo algum implica que tenha pretendido dizer que sua mãe segundo o corpo nada era para ele como Espírito, e que só sentisse indiferença por ela; sua conduta, em outras circunstâncias, provou suficientemente o contrário.

9 Instruções dos Espíritos A ingratidão dos filhos e os laços de família

A ingratidão é um dos frutos mais imediatos do egoísmo; ela sempre revolta os corações honestos; mas a dos filhos para com os pais tem um caráter ainda mais odioso; é especialmente desse ponto de vista que vamos examiná-la para analisar suas causas e seus efeitos. Aqui, como em toda parte, o espiritismo vem lançar luz sobre um dos problemas do coração humano.

Quando o Espírito deixa a Terra, leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e segue pelo espaço, aperfeiçoando-se ou permanecendo estacionário até que queira ver a luz. Alguns, portanto, partiram levando consigo ódios poderosos e desejos de vingança não satisfeitos; mas a alguns deles, mais adiantados que os outros, é permitido entrever uma parte da verdade; reconhecem os efeitos funestos de suas paixões, e é então que tomam boas resoluções; compreendem que, para chegar a Deus, há uma única senha: caridade; ora, não há caridade sem o esquecimento das ofensas e das injúrias; não há caridade com ódio no coração e sem perdão.

Então, por um esforço extraordinário, olham para aqueles que detestaram na Terra; mas, ao vê-los, sua animosidade desperta; revoltam-se com a ideia de perdoar, ainda mais que com a de renunciar a si mesmos, sobretudo com a de amar aqueles que talvez tenham destruído sua fortuna, sua honra, sua família. No entanto, o coração desses infelizes fica abalado; hesitam, vacilam, agitados por esses sentimentos contrários; se a boa resolução prevalece, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem força no momento mais decisivo da prova.

Por fim, depois de alguns anos de meditações e orações, o Espírito aproveita um corpo que está sendo preparado na família daquele que detestou e pede aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas para ir cumprir na Terra os destinos desse corpo que acaba de se formar. Qual será, então, sua conduta nessa família? Ela dependerá da maior ou menor persistência de suas boas resoluções. O contato incessante com os seres que odiou é uma prova terrível, à qual às vezes sucumbe, se sua vontade não for forte o bastante. Assim, conforme prevaleça a boa ou a má resolução, será o amigo ou o inimigo daqueles entre os quais é chamado a viver. Assim se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se observam em certas crianças e que nenhum ato anterior parece justificar; nada, de fato, nesta existência, pôde provocar essa antipatia; para compreendê-la, é preciso voltar o olhar para o passado. Ó espíritas! Compreendam hoje o grande papel da humanidade; compreendam que, quando vocês geram um corpo, a alma que nele se encarna vem do espaço para progredir; conheçam seus deveres e ponham todo o seu amor em aproximar essa alma de Deus: essa é a missão que lhes é confiada e pela qual receberão a recompensa, se a cumprirem fielmente. Seus cuidados, a educação que lhe derem, ajudarão em seu aperfeiçoamento e em seu bem-estar futuro. Pensem que, a cada pai e a

cada mãe, Deus perguntará: O que vocês fizeram da criança confiada à sua guarda? Se ela permaneceu atrasada por culpa de vocês, seu castigo será vê-la entre os Espíritos sofredores, quando dependia de vocês que ela fosse feliz. Então vocês mesmos, atormentados pelo remorso, pedirão para reparar sua falta; solicitarão uma nova encarnação para vocês e para ela, na qual a cercarão de cuidados mais esclarecidos, e ela, cheia de gratidão, os cercará de seu amor.

Portanto, não rejeitem a criança no berço que repele a mãe, nem aquela que lhes retribui com ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e a entregou a vocês. Uma intuição imperfeita do passado se revela, e daí concluam que um ou outro já odiou muito ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães! Abracem, pois, a criança que lhes causa tristeza e digam a si mesmas: Um de nós dois foi culpado. Mereçam as alegrias divinas que Deus associa à maternidade, ensinando a essa criança que ela está na Terra para se aperfeiçoar, amar e abençoar. Mas, infelizmente, muitas de vocês, em vez de afastarem pela educação os maus princípios inatos das existências anteriores, alimentam e desenvolvem esses mesmos princípios por uma fraqueza culpável ou por descuido, e, mais tarde, seu coração, ferido pela ingratidão dos filhos, será para vocês, já nesta vida, o começo de sua expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto vocês poderiam acreditar; ela não exige o saber do mundo; tanto o ignorante quanto o sábio podem cumpri-la, e o espiritismo vem facilitá-la, tornando conhecida a causa das imperfeições do coração humano.

Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz de sua existência anterior; é ao estudo deles que é preciso se dedicar; todos os males têm sua origem no egoísmo e no orgulho; observem, portanto, os

menores sinais que revelem o germe desses vícios e empenhem-se em combatê-los sem esperar que criem raízes profundas; façam como o bom jardineiro, que arranca os brotos ruins à medida que os vê surgir na árvore. Se deixarem o egoísmo e o orgulho se desenvolverem, não se espantem por serem mais tarde retribuídos com ingratidão. Quando os pais fizeram tudo o que deviam pelo progresso moral de seus filhos, se não tiverem êxito, não têm nada de que se censurar, e sua consciência pode ficar em paz; mas, para a tristeza muito natural que sentem pelo fracasso de seus esforços, Deus reserva uma grande, uma imensa consolação, pela certeza de que isso é apenas um atraso e de que lhes será permitido concluir, em outra existência, a obra começada nesta, e de que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. xiii, nº 19.)

Deus não fez a prova superior às forças daquele que a pede; só permite aquelas que se podem cumprir; se não há êxito, portanto, não é a possibilidade que falta, mas a vontade, pois quantos há que, em vez de resistirem aos maus impulsos, se comprazem neles; é a esses que estão reservados os prantos e os gemidos em suas existências posteriores; mas admirem a bondade de Deus, que nunca fecha a porta do arrependimento. Chega um dia em que o culpado está cansado de sofrer, em que seu orgulho é finalmente dominado; é então que Deus abre seus braços paternos ao filho pródigo que se lança a seus pés. As provas difíceis, entendam-me bem, são quase sempre o sinal de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando são aceitas com os olhos voltados para Deus. É um momento supremo, e é sobretudo aí que importa não falhar, murmurando, se não se quer perder o fruto e ter de recomeçar. Em vez de se queixarem, agradeçam a Deus, que lhes oferece a ocasião de vencer para lhes dar o prêmio da vitória. Então, quando, saindo do turbilhão do mundo terrestre, vocês entra-

rem no mundo dos Espíritos, serão aclamados como o soldado que sai vitorioso do meio da batalha.

De todas as provas, as mais penosas são as que afetam o coração; há quem suporte com coragem a miséria e as privações materiais e sucumba sob o peso das tristezas familiares, ferido pela ingratidão dos seus. Oh! Que angústia pungente é essa! Mas o que pode, nessas circunstâncias, reerguer melhor a coragem moral do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se há longos sofrimentos, não há desesperos eternos, pois Deus não pode querer que sua criatura sofra para sempre? O que há de mais consolador, de mais encorajador, que esse pensamento de que depende de cada um, de seus próprios esforços, abreviar o sofrimento, destruindo em si as causas do mal? Mas, para isso, não se deve deter o olhar na Terra e ver apenas uma existência; é preciso elevar-se, situar-se no infinito do passado e do futuro; então a grande justiça de Deus se revela aos seus olhos, e vocês esperam com paciência, porque compreendem o que lhes parecia monstruoso na Terra; as feridas que nela recebem já não lhes parecem mais que arranhões. Nesse olhar lançado sobre o conjunto, os laços de família aparecem sob sua verdadeira luz; já não são os laços frágeis da matéria que unem seus membros, mas os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e se consolidam ao se purificarem, em vez de se romperem pela reencarnação.

Os Espíritos que a semelhança dos gostos, a igualdade do progresso moral e a afeição levam a se reunir formam famílias; esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrestres, procuram uns aos outros para se agruparem como fazem no espaço; daí nascem as famílias unidas e homogêneas; e, se em suas peregrinações ficam momentaneamente separados, reencontram-se mais tarde, felizes com seus novos progressos. Mas, como não devem trabalhar apenas para si, Deus permite que Espíritos menos adiantados ve-

nham encarnar entre eles para obter conselhos e bons exemplos em benefício de seu progresso; às vezes causam perturbação, mas aí está a prova, aí está a tarefa. Acolham-nos, portanto, como irmãos; venham em seu auxílio, e mais tarde, no mundo dos Espíritos, a família se alegrará por ter salvado náufragos que, por sua vez, poderão salvar outros. (Santo Agostinho. Paris, 1862.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XV. FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

✦

1 O que é preciso para ser salvo. Parábola do bom samaritano.

Quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; — e, estando todas as nações reunidas diante dele, separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, — e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, vocês que foram abençoados por meu Pai, tomem posse do reino que foi preparado para vocês desde o começo do mundo; — pois tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; precisei de abrigo, e vocês me abrigaram; — estive nu, e vocês me vestiram; estive doente, e vocês me visitaram; estive na prisão, e vocês vieram me ver.

Então os justos lhe responderão: Senhor, quando foi que vimos o senhor com fome e lhe demos de comer, ou com sede e lhe demos de beber? — Quando foi que vimos o senhor sem abrigo e o abrigamos, ou sem roupas e o vestimos? — E quando foi que vimos o senhor doente ou na prisão e fomos visitá-lo? — E o Rei lhes responderá: Em verdade lhes digo: todas as vezes que vocês fizeram isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizeram.

Depois ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: Afastem-se de mim, malditos; vão para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; — pois tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e vocês não

me deram de beber; — precisei de abrigo, e vocês não me abrigaram; estive sem roupas, e vocês não me vestiram; estive doente e na prisão, e vocês não me visitaram.

Então eles também lhe responderão: Senhor, quando foi que vimos o senhor com fome, com sede, sem abrigo, sem roupas, doente ou na prisão e deixamos de socorrê-lo? — Mas ele lhes responderá: Em verdade lhes digo: todas as vezes que vocês deixaram de prestar essa assistência a um destes mais pequeninos, foi a mim mesmo que deixaram de prestá-la.

E então estes irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna. (São Mateus, cap. xxv, v. de 31 a 46.)

2 Então um doutor da lei se levantou e lhe disse, para pô-lo à prova: Mestre, o que devo fazer para possuir a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: O que está escrito na lei? O que você lê nela? — Ele lhe respondeu: Você amará o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, com todas as suas forças e com todo o seu espírito, e o seu próximo como a si mesmo. — Jesus lhe disse: Você respondeu muito bem; faça isso e viverá. Mas esse homem, querendo mostrar que era justo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? — E Jesus, tomando a palavra, lhe disse:

Um homem que descia de Jerusalém para Jericó caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram, o cobriram de feridas e foram embora, deixando-o meio morto. — Aconteceu depois que um sacerdote descia pelo mesmo caminho e, ao vê-lo, seguiu adiante. — Um levita, que também chegou ao mesmo lugar, depois de observá-lo, também seguiu adiante. — Mas um samaritano que viajava, tendo chegado ao lugar onde estava aquele homem e o tendo visto, foi tomado de compaixão. — Aproximou-se dele, derramou óleo e vinho em suas feridas e as enfaixou; depois, colocando-o sobre seu ca-

valo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. — No dia seguinte, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e lhe disse: Cuide bem deste homem, e tudo o que você gastar a mais, eu lhe devolverei quando voltar.

Qual desses três lhe parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? — O doutor lhe respondeu: Aquele que teve misericórdia dele. — Então vá, disse-lhe Jesus, e faça o mesmo. (São Lucas, cap. x, v. de 25 a 37.)

3 Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele apresenta essas virtudes como o caminho da felicidade eterna: Bem-aventurados, diz ele, os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque o reino dos céus lhes pertence; bem-aventurados os que têm o coração puro; bem-aventurados os que são mansos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amem o próximo como a si mesmos; façam aos outros o que gostariam que lhes fizessem; amem seus inimigos; perdoem as ofensas, se quiserem ser perdoados; façam o bem sem ostentação; julguem a si mesmos antes de julgar os outros. Humildade e caridade, eis o que ele não cessa de recomendar e do que ele mesmo dá o exemplo; orgulho e egoísmo, eis o que ele não cessa de combater; mas ele faz mais do que recomendar a caridade: estabelece-a claramente e em termos explícitos como a condição absoluta da felicidade futura.

Na descrição que Jesus faz do juízo final, é preciso, como em muitas outras coisas, distinguir o que é figura e alegoria. A homens como aqueles a quem falava, ainda incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, ele precisava apresentar imagens materiais, marcantes e capazes de impressionar; para ser mais bem aceito, precisava até não se afastar demais das ideias

correntes quanto à forma, reservando sempre para o futuro a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia se explicar claramente. Mas, ao lado da parte acessória e figurada dessa descrição, há uma ideia dominante: a da felicidade que espera o justo e da infelicidade reservada ao mau.

Nesse julgamento supremo, quais são os fundamentos da sentença? Sobre o que recai a investigação? O juiz pergunta se foi cumprida esta ou aquela formalidade, observada mais ou menos esta ou aquela prática exterior? Não; ele só procura saber de uma coisa: a prática da caridade, e pronuncia sua decisão dizendo: Vocês que socorreram seus irmãos, passem para a direita; vocês que foram duros com eles, passem para a esquerda. Ele se informa sobre a ortodoxia da fé? Faz distinção entre aquele que crê de uma maneira e aquele que crê de outra? Não; pois Jesus coloca o samaritano, considerado herege, mas que tem amor ao próximo, acima do ortodoxo que não tem caridade. Jesus, portanto, não faz da caridade apenas uma das condições da salvação, mas a única condição; se houvesse outras a cumprir, ele as teria expressado. Se coloca a caridade em primeiro lugar entre as virtudes, é porque ela contém implicitamente todas as outras: a humildade, a mansidão, a benevolência, a indulgência, a justiça etc.; e porque ela é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O maior mandamento.

4 Mas os fariseus, tendo sabido que ele havia calado os saduceus, reuniram-se; — e um deles, que era doutor da lei, veio lhe fazer esta pergunta para pô-lo à prova: — Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

4.2 — Jesus lhe respondeu: Você amará o Senhor seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu espírito. — Esse é o maior e o primeiro mandamento.

4.3 — E eis o segundo, que é semelhante a esse: Você amará o seu próximo como a si mesmo. — Toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos. (São Mateus, cap. xxii, v. de 34 a 40.)

5 Caridade e humildade, esse é, portanto, o único caminho da salvação; egoísmo e orgulho, esse é o da perdição. Esse princípio está formulado em termos precisos nestas palavras: "Você amará a Deus de toda a sua alma e o seu próximo como a si mesmo; toda a lei e os profetas estão contidos nesses dois mandamentos." E, para que não haja equívoco na interpretação do amor a Deus e ao próximo, ele acrescenta: "E eis o segundo mandamento, que é semelhante ao primeiro"; isto é, não se pode amar verdadeiramente a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus; portanto, tudo o que se faz contra o próximo é feito contra Deus. Como não se pode amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se encontram resumidos nesta máxima:
Fora da caridade não há salvação.

6 Necessidade da caridade segundo São Paulo
Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e até a língua dos anjos, se não tiver caridade, sou apenas como um bronze que soa e um címbalo que retine; — e ainda que eu tivesse o dom da profecia, que penetrasse todos os mistérios e tivesse um conhecimento perfeito de todas as coisas; ainda que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. — E ainda que tivesse distribuído meus bens para alimentar os pobres e entregado meu corpo para ser queimado, se não

tiver caridade, tudo isso de nada me serve.
A caridade é paciente; é mansa e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária nem precipitada; não se enche de orgulho; — não é desdenhosa; não busca seus próprios interesses; não se ofende nem se amarga com coisa alguma; não tem más suspeitas; não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade; suporta tudo, crê em tudo, espera tudo, sofre tudo.
Agora permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade; mas, entre elas, a mais excelente é a caridade. (São Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, cap. xiii, v. de 1 a 7 e 13.)

7 São Paulo compreendeu tão bem essa grande verdade que diz: "Ainda que eu tivesse a linguagem dos anjos; ainda que tivesse o dom da profecia e penetrasse todos os mistérios; ainda que tivesse toda a fé possível, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Entre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade." Assim, ele coloca, sem equívoco, a caridade acima da própria fé; é que a caridade está ao alcance de todos, do ignorante e do sábio, do rico e do pobre, e porque ela independe de qualquer crença particular.
Ele faz mais: define a verdadeira caridade; mostra que ela está não apenas na beneficência, mas na reunião de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

8 Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação
Enquanto a máxima: Fora da caridade não há salvação se apoia em um princípio universal e abre a todos os filhos de Deus o acesso à felicidade suprema, o dogma: Fora da Igreja não há salvação se apoia, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, mas na fé específica em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto; em vez

de unir os filhos de Deus, divide-os; em vez de incentivá-los ao amor por seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre os adeptos dos diferentes cultos, que se consideram mutuamente amaldiçoados por toda a eternidade, ainda que sejam parentes ou amigos neste mundo; desconhecendo a grande lei da igualdade diante do túmulo, separa-os até no campo do repouso. A máxima: Fora da caridade não há salvação é a consagração do princípio da igualdade diante de Deus e da liberdade de consciência; com essa máxima por regra, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja sua maneira de adorar o Criador, estendem as mãos uns aos outros e oram uns pelos outros. Com o dogma: Fora da Igreja não há salvação, lançam anátemas uns contra os outros, perseguem-se e vivem como inimigos; o pai não ora pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, se acreditam que estão mutuamente condenados sem possibilidade de retorno. Esse dogma é, portanto, essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

[9] Fora da verdade não há salvação seria o equivalente de: Fora da Igreja não há salvação, e igualmente exclusivo, pois não há uma única seita que não pretenda ter o privilégio da verdade. Qual é o homem que pode se vangloriar de possuí-la por inteiro, quando o círculo dos conhecimentos cresce sem cessar e as ideias se corrigem a cada dia? A verdade absoluta é patrimônio apenas dos Espíritos da ordem mais elevada, e a humanidade terrestre não poderia pretendê-la, porque não lhe é dado saber tudo; ela só pode aspirar a uma verdade relativa e proporcional ao seu progresso. Se Deus tivesse feito da posse da verdade absoluta a condição expressa da felicidade futura, isso seria uma sentença de proscrição geral; ao passo que a caridade, mesmo em sua acepção mais ampla, pode ser praticada por todos. O espiri-

tismo, de acordo com o Evangelho, admitindo que se pode ser salvo qualquer que seja a crença, desde que se observe a lei de Deus, não diz: Fora do espiritismo não há salvação; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, máxima que dividiria em vez de unir e perpetuaria o antagonismo.

Instruções dos Espíritos. Fora da caridade não há salvação.

10. Meus filhos, na máxima: Fora da caridade não há salvação estão contidos os destinos dos homens na terra e no céu; na terra, porque à sombra desse estandarte viverão em paz; no céu, porque aqueles que a tiverem praticado encontrarão graça diante do Senhor. Essa divisa é a tocha celeste, a coluna luminosa que guia o homem no deserto da vida para conduzi-lo à Terra Prometida; ela brilha no céu como uma auréola santa na fronte dos eleitos e, na terra, está gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Vão para a direita, vocês, os abençoados de meu Pai. Vocês os reconhecem pelo perfume de caridade que espalham ao seu redor. Nada expressa melhor o pensamento de Jesus, nada resume melhor os deveres do homem do que essa máxima de ordem divina; o espiritismo não poderia provar melhor sua origem do que ao adotá-la como regra, pois ela é o reflexo do mais puro cristianismo; com tal guia, o homem jamais se perderá. Dediquem-se, portanto, meus amigos, a compreender seu sentido profundo e suas consequências, a buscar para si mesmos todas as suas aplicações. Submetam todas as suas ações ao controle da caridade, e sua consciência lhes responderá; ela não apenas evitará que façam o mal, mas os levará a fazer o bem: pois não basta uma virtude negativa, é preciso uma virtude ativa; para fazer o bem, é sempre necessária a ação da vontade; para não fazer o mal, muitas vezes bastam a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradeçam a Deus, que permitiu que vocês desfrutassem da

luz do espiritismo; não porque somente aqueles que a possuem possam ser salvos, mas porque, ao ajudá-los a compreender melhor os ensinamentos do Cristo, ela faz de vocês melhores cristãos; façam, por conseguinte, com que, ao vê-los, se possa dizer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e mesma coisa, pois todos aqueles que praticam a caridade são discípulos de Jesus, seja qual for o culto a que pertençam. (Paulo, apóstolo. Paris, 1860.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVI. NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMOM

✦

[1] Salvação dos ricos.

Ninguém pode servir a dois senhores; pois ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamom. (São Lucas, cap. xvi, v. 13.)

[2] Então um jovem se aproximou dele e lhe disse: Bom mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? — Jesus lhe respondeu: Por que você me chama de bom? Só Deus é bom. Se você quer entrar na vida, guarde os mandamentos. — Quais mandamentos? perguntou ele. Jesus lhe disse: Não mate; não cometa adultério; não roube; não dê falso testemunho. — Honre seu pai e sua mãe e ame seu próximo como a si mesmo.

O jovem lhe respondeu: Tenho guardado todos esses mandamentos desde a minha juventude; o que ainda me falta? — Jesus lhe disse: Se você quer ser perfeito, vá, venda o que tem e dê aos pobres, e terá um tesouro no céu; depois venha e me siga.

Ao ouvir essas palavras, o jovem foi embora muito triste, porque tinha muitos bens. — E Jesus disse aos seus discípulos: Eu lhes digo, em verdade, que é muito difícil um rico entrar no reino dos céus. — Eu lhes digo mais uma vez: É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus (1). (São Mateus, cap. xix, v. de 16 a 24. — São Lucas, cap. xviii, v. de 18 a 25. — São Marcos, cap. x, v. de 17 a 25.)

(1) Esta figura ousada pode parecer um pouco forçada, pois não se vê a relação entre um camelo e uma agulha. Isso se deve ao fato de que, em he-

braico, a mesma palavra designava um cabo e um camelo. Na tradução, deram-lhe este último sentido; é provável que o primeiro estivesse no pensamento de Jesus; é, pelo menos, mais natural.

3 Guardar-se da avareza

Então um homem lhe disse do meio da multidão: Mestre, diga ao meu irmão que reparta comigo a herança que nos coube. — Mas Jesus lhe disse: Ó homem! Quem me encarregou de julgar vocês ou de repartir seus bens? — Depois lhes disse: Tenham o cuidado de se guardar de toda avareza; pois, por maior que seja a abundância em que um homem viva, sua vida não depende dos bens que possui.

Em seguida, contou-lhes esta parábola: Havia um homem rico cujas terras tinham produzido extraordinariamente; — e ele pensava consigo mesmo: Que farei, pois não tenho lugar onde possa guardar tudo o que tenho para colher? — Eis, disse ele, o que farei: Derrubarei meus celeiros e construirei outros maiores, e neles guardarei toda a minha colheita e todos os meus bens; — e direi à minha alma: Minha alma, você tem muitos bens guardados para vários anos; descanse, coma, beba, faça boas refeições. — Mas, ao mesmo tempo, Deus disse àquele homem: Insensato! Vão tirar sua alma ainda esta noite; e para quem ficará o que você acumulou?

É isso que acontece com quem acumula tesouros para si mesmo e não é rico diante de Deus. (São Lucas, cap. xii, v. 16 a 21.)

Jesus na casa de Zaqueu.

4 Jesus, tendo entrado em Jericó, atravessava a cidade; — e havia um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, — que desejava ver Jesus para conhecê-lo, mas não conseguia por causa da multidão, pois era muito baixo; — por isso, correu à frente e subiu num sicômoro para vê-

lo, porque ele devia passar por ali. — Ao chegar àquele lugar, Jesus levantou os olhos e, vendo-o, lhe disse: Zaqueu, desça depressa, porque hoje preciso me hospedar em sua casa. — Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu com alegria. — Todos, vendo isso, murmuravam, dizendo: Ele foi se hospedar na casa de um homem de má vida. (Veja Introdução; artigo Publicanos.)

Entretanto, Zaqueu, apresentando-se diante do Senhor, lhe disse: Senhor, dou metade dos meus bens aos pobres; e, se prejudiquei alguém em alguma coisa, devolvo-lhe quatro vezes mais. — Então Jesus lhe disse: Hoje esta casa recebeu a salvação, porque este também é filho de Abraão; — pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido. (São Lucas, cap. xix, v. de 4 a 10.)

5 Parábola do rico mau

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho e se banqueteava magnificamente todos os dias. — Havia também um pobre chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de feridas, — que bem gostaria de se saciar com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhe dava nada, e os cães vinham lamber suas feridas. — Aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico também morreu e teve o inferno por sepultura. — E, estando em tormentos, levantou os olhos e viu de longe Abraão e Lázaro em seu seio; — e, gritando, disse estas palavras: Pai Abraão, tenha piedade de mim e mande Lázaro para que molhe a ponta do dedo na água e refresque minha língua, porque sofro tormentos extremos nesta chama.

Mas Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembre-se de que você recebeu seus bens durante a vida, e Lázaro só teve males; por isso, agora ele está no con-

solo, e você, nos tormentos.

Além disso, há para sempre um grande abismo entre nós e vocês; de modo que aqueles que quisessem passar daqui para junto de vocês não poderiam, assim como não se pode passar para cá do lugar onde vocês estão.

O rico lhe disse: Então eu lhe suplico, pai Abraão, que o mande à casa de meu pai, — onde tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho destas coisas, a fim de que eles também não venham para este lugar de tormentos. — Abraão lhe respondeu: Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem. — Não, disse ele, pai Abraão; mas, se algum dos mortos for procurá-los, farão penitência. — Abraão lhe respondeu: Se não escutam Moisés nem os profetas, também não acreditarão, mesmo que algum dos mortos ressuscite. (São Lucas, cap. xvi, v. de 1 9 a 31.)

6 Parábola dos talentos

O Senhor age como um homem que, tendo de fazer uma longa viagem para fora de seu país, chamou seus servos e lhes entregou seus bens. — E, tendo dado cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, conforme a capacidade de cada um, partiu imediatamente. — Aquele que tinha recebido cinco talentos foi negociar com esse dinheiro e ganhou outros cinco. — Aquele que tinha recebido dois também ganhou outros dois. Mas aquele que tinha recebido apenas um foi cavar a terra e ali escondeu o dinheiro de seu senhor. — Muito tempo depois, o senhor daqueles servos voltou e lhes pediu contas. — E aquele que tinha recebido cinco talentos veio lhe apresentar outros cinco, dizendo: Senhor, o senhor me entregou cinco talentos; aqui estão, além daqueles, outros cinco que ganhei. — Seu senhor lhe respondeu: Ó servo bom e fiel, porque você foi fiel em poucas coisas, eu o encarregarei de muitas outras; entre na alegria de seu Senhor. — Aquele que

tinha recebido dois talentos veio logo se apresentar a ele e lhe disse: Senhor, o senhor me entregou dois talentos; aqui estão, além daqueles, outros dois que ganhei. — Seu senhor lhe respondeu: Ó servo bom e fiel, porque você foi fiel em poucas coisas, eu o encarregarei de muitas outras; entre na alegria de seu Senhor. — Aquele que tinha recebido apenas um talento veio depois e lhe disse: Senhor, sei que o senhor é um homem duro, que colhe onde não semeou e recolhe onde nada pôs; — por isso, como eu tinha medo do senhor, fui esconder seu talento na terra; aqui está, devolvo o que lhe pertence. — Mas seu senhor lhe respondeu: Servo mau e preguiçoso, você sabia que colho onde não semeei e recolho onde nada pus; — então devia ter entregado meu dinheiro aos banqueiros, para que, ao voltar, eu recebesse com juros o que me pertence. — Portanto, tirem dele o talento que tem e deem àquele que tem dez talentos; — pois se dará a todos os que já têm, e eles ficarão cheios de bens; mas daquele que não tem será tirado até o que parece ter; e lancem esse servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes. (São Mateus, cap. xxv, v. de 14 a 30.)

7 Utilidade providencial da fortuna

Se a riqueza devesse ser um obstáculo absoluto à salvação daqueles que a possuem, como se poderia deduzir de certas palavras de Jesus interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a distribui, teria colocado nas mãos de alguns um instrumento de perdição sem remédio, pensamento que repugna à razão. A riqueza é, sem dúvida, uma prova muito escorregadia, mais perigosa que a miséria pelos impulsos a que arrasta, pelas tentações que oferece e pela fascinação que exerce; é o maior estímulo ao orgulho, ao egoísmo e à vida sensual; é o laço mais poderoso que prende o homem à terra e desvia seus pensamentos do céu; produz tamanha verti-

gem que muitas vezes se vê aquele que passa da miséria à fortuna esquecer depressa sua condição anterior, aqueles que a compartilharam, aqueles que o ajudaram, e tornar-se insensível, egoísta e vaidoso.

Mas do fato de ela tornar o caminho difícil não se segue que o torne impossível e que não possa tornar-se um meio de salvação nas mãos de quem sabe usá-la, assim como certos venenos podem restabelecer a saúde quando empregados no momento adequado e com discernimento.

Quando Jesus disse ao jovem que o interrogava sobre os meios de alcançar a vida eterna: «Desfaça-se de todos os seus bens e siga-me», não pretendia estabelecer como princípio absoluto que cada um deve despojar-se do que possui e que a salvação só se alcança a esse preço, mas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Esse jovem, de fato, acreditava ter cumprido seu dever porque havia observado certos mandamentos e, no entanto, recua diante da ideia de abandonar seus bens; seu desejo de obter a vida eterna não chega a esse sacrifício.

A proposta que Jesus lhe faz era uma prova decisiva para revelar o fundo de seu pensamento; ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto segundo o mundo, não prejudicar ninguém, não falar mal do próximo, não ser vaidoso nem orgulhoso, honrar seu pai e sua mãe; mas não tinha a verdadeira caridade, pois sua virtude não chegava à abnegação. Foi isso que Jesus quis demonstrar; era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não há salvação.

A consequência dessas palavras, tomadas em seu sentido rigoroso, seria a abolição da fortuna como prejudicial à felicidade futura e como fonte de uma multidão de males na terra; seria, além disso, a condenação do trabalho que pode proporcioná-la; consequência absurda que levaria o homem de volta à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com

a lei do progresso, que é uma lei de Deus.

Se a riqueza é a fonte de muitos males, se desperta tantas paixões ruins, se provoca até tantos crimes, é preciso culpar não a coisa, mas o homem que abusa dela, assim como abusa de todos os dons de Deus; pelo abuso, ele torna nocivo o que poderia lhe ser mais útil; é a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza devesse produzir apenas o mal, Deus não a teria colocado na terra; cabe ao homem fazer com que dela saia o bem. Se ela não é um elemento direto do progresso moral, é, sem dúvida, um poderoso elemento de progresso intelectual.

De fato, o homem tem por missão trabalhar para a melhoria material do globo; deve desbravá-lo, saneá-lo, prepará-lo para receber um dia toda a população que sua extensão comporta; para alimentar essa população que cresce sem cessar, é preciso aumentar a produção; se a produção de uma região é insuficiente, é preciso buscá-la longe. Por isso mesmo, as relações de povo a povo tornam-se uma necessidade; para facilitá-las, é preciso destruir os obstáculos materiais que os separam, tornar as comunicações mais rápidas. Para trabalhos que são obra de séculos, o homem teve de extrair materiais até das entranhas da terra; buscou na ciência os meios de executá-los com mais segurança e rapidez; mas, para realizá-los, precisa de recursos: a necessidade o levou a criar a riqueza, assim como o levou a descobrir a ciência. A atividade exigida por esses mesmos trabalhos amplia e desenvolve sua inteligência; essa inteligência, que ele concentra primeiro na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o primeiro meio de execução, sem ela não há mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estímulo, nem pesquisas; é, portanto, com razão que ela é considerada um elemento do progresso.

Desigualdade das riquezas

8 A desigualdade das riquezas é um desses problemas que se procura em vão resolver quando se considera apenas a vida atual. A primeira pergunta que se apresenta é esta: Por que todos os homens não são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: porque não são igualmente inteligentes, ativos e trabalhadores para adquirir, moderados e previdentes para conservar. É, aliás, um ponto matematicamente demonstrado que a fortuna igualmente repartida daria a cada um uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo realizada essa repartição, o equilíbrio seria rompido em pouco tempo pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e duradoura, cada um tendo apenas o suficiente para viver, isso seria o fim de todos os grandes trabalhos que contribuem para o progresso e o bem-estar da humanidade; que, supondo que ela desse a cada um o necessário, já não haveria o estímulo que impulsiona as grandes descobertas e os empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que dali ela se espalhe em quantidade suficiente, conforme as necessidades. Admitido isso, pergunta-se por que Deus a dá a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Nisso também há uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Ao dar ao homem o livre-arbítrio, ele quis que este chegasse, por sua própria experiência, a distinguir o bem do mal, e que a prática do bem fosse o resultado de seus esforços e de sua própria vontade. Ele não deve ser conduzido fatalmente nem ao bem nem ao mal, pois, sem isso, seria apenas um instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A fortuna é um meio de pô-lo à prova moralmente; mas, como ao mesmo tempo é um poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela permaneça improdutiva por muito tempo, e por isso a desloca sem cessar. Cada um deve possuí-la para tentar servir-se dela e demonstrar o uso que sabe fazer dela; mas, como há uma impossibilidade material de

que todos a tenham ao mesmo tempo; como, ademais, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, e a melhoria do globo sofreria com isso, cada um a possui por sua vez: aquele que não a tem hoje já a teve ou a terá em outra existência, e aquele que a tem agora poderá não a ter mais amanhã. Há ricos e pobres porque, sendo Deus justo, cada um deve trabalhar por sua vez; a pobreza é para uns a prova da paciência e da resignação; a riqueza é para outros a prova da caridade e da abnegação.

Lamenta-se com razão o uso deplorável que certas pessoas fazem de sua fortuna, as paixões infames que a cobiça provoca, e pergunta-se se Deus é justo ao dar a riqueza a tais pessoas. É certo que, se o homem tivesse apenas uma existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da terra; mas, se em vez de limitar a visão à vida presente, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. O pobre já não tem, portanto, motivo para acusar a Providência nem para invejar os ricos, e os ricos já não têm motivo para se vangloriar do que possuem. Se abusam de seus bens, não será com decretos nem com leis suntuárias que se remediará o mal; as leis podem mudar momentaneamente o exterior, mas não podem mudar o coração; por isso têm apenas uma duração temporária e são sempre seguidas por uma reação mais desenfreada. A fonte do mal está no egoísmo e no orgulho; os abusos de toda natureza cessarão por si mesmos quando os homens se guiarem pela lei de caridade.

9 Instruções dos Espíritos A verdadeira propriedade

O homem só possui como seu aquilo que pode levar deste mundo. O que encontra ao chegar e o que deixa ao partir, ele desfruta durante sua permanência; mas, como é obrigado a abandoná-lo, tem apenas o usufruto, e não a posse real. O que possui, então? Nada do que serve ao corpo, tudo o que

serve à alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais; é isso que traz e que leva, o que ninguém tem o poder de lhe tirar, o que lhe servirá ainda mais no outro mundo do que neste; depende dele ser mais rico na partida do que na chegada, pois sua posição futura depende do que tiver adquirido em bem. Quando um homem vai a um país distante, prepara sua bagagem com objetos que têm valor naquele país; mas não se sobrecarrega com aqueles que lhe seriam inúteis. Façam, por conseguinte, o mesmo para a vida futura e abasteçam-se de tudo o que poderá lhes servir nela.

Ao viajante que chega a uma hospedaria, dá-se uma bela acomodação se ele pode pagar por ela; àquele que tem pouco, dá-se uma menos agradável; quanto àquele que nada tem, dorme na palha. Assim acontece com o homem ao chegar ao mundo dos Espíritos: seu lugar ali depende do que possui; mas não é com ouro que ele o paga. Não lhe perguntarão: Quanto você tinha na terra? Que posição ocupava ali? Era príncipe ou artesão? Mas lhe perguntarão: O que você traz de lá? Não se calculará o valor de seus bens nem de seus títulos, mas a soma de suas virtudes; ora, por essa conta, o artesão pode ser mais rico que o príncipe. Em vão ele alegará que, antes de partir, pagou sua entrada com ouro; responderão a ele: Os lugares aqui não se compram, são conquistados pelo bem que se fez; com a moeda terrestre, você pôde comprar campos, casas, palácios; aqui tudo se paga com as qualidades do coração. Você é rico nessas qualidades? Seja bem-vindo e vá para o primeiro lugar, onde todas as felicidades o esperam; você é pobre? Vá para o último, onde será tratado de acordo com o que possui. (Pascal. Genebra, 1860.)

10 Os bens da terra pertencem a Deus, que os distribui como lhe agrada, e o homem é apenas seu usufrutuário, seu administrador mais ou menos íntegro e inteligente. São tão pouco propriedade individual do homem que Deus muitas vezes frustra todas as previsões; que a fortuna escapa àquele que acredita possuí-la pelos mais legítimos títulos.

Talvez vocês digam que isso se compreende quanto à fortuna herdada, mas que não acontece o mesmo com aquela que se adquire pelo trabalho. Sem dúvida, se existe uma fortuna legítima, é essa, quando adquirida honestamente, pois uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, para possuí-la, não se prejudicou ninguém. Será exigida a prestação de contas de um dinheiro mal adquirido em prejuízo de outra pessoa. Mas, pelo fato de um homem dever sua fortuna a si mesmo, ele leva mais consigo ao morrer? Os cuidados que toma para transmiti-la aos seus descendentes não são muitas vezes inúteis? Pois, se Deus não quiser que ela lhes caiba, nada poderá prevalecer contra sua vontade. Poderá ele usá-la e abusar dela impunemente durante a vida, sem ter de prestar contas? Não; ao lhe permitir adquiri-la, Deus pode ter querido recompensar nele, durante esta vida, seus esforços, sua coragem, sua perseverança; mas, se ele a emprega apenas na satisfação dos sentidos ou do orgulho; se ela se torna em suas mãos uma causa de queda, melhor teria sido para ele não a possuir; perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho, e, quando deixar a terra, Deus lhe dirá que ele já recebeu sua recompensa. (M. Espírito protetor, Bruxelas, 1861.)

Emprego da fortuna.

11. Vocês não podem servir a Deus e a Mamom; guardem bem isto, vocês que são dominados pelo amor ao ouro, vocês que venderiam a alma para possuir tesouros, porque eles podem elevá-los acima dos outros homens e

lhes proporcionar os prazeres das paixões; não, vocês não podem servir a Deus e a Mamom! Se, portanto, sentem sua alma dominada pelos desejos da carne, apressem-se em sacudir o jugo que os oprime, pois Deus, justo e severo, lhes dirá: Que fizeste, administrador infiel, dos bens que eu te havia confiado? Esse poderoso incentivo às boas obras, tu o empregaste apenas para tua satisfação pessoal.

Qual é, então, o melhor emprego da fortuna? Procurem nestas palavras: « Amem-se uns aos outros », a solução desse problema; aí está o segredo de empregar bem suas riquezas. Quem é movido pelo amor ao próximo tem sua linha de conduta inteiramente traçada; o emprego que agrada a Deus é a caridade; não aquela caridade fria e egoísta que consiste em espalhar ao redor de si o supérfluo de uma existência de luxo, mas aquela caridade cheia de amor que procura o infortúnio, que socorre quem sofre sem humilhá-lo. Rico, dá do teu supérfluo; faz melhor: dá um pouco do teu necessário, pois teu necessário ainda é supérfluo, mas dá com sabedoria. Não rejeites a queixa por medo de seres enganado, mas vai à origem do mal; alivia primeiro, informa-te depois, e vê se o trabalho, os conselhos, até mesmo o afeto não serão mais eficazes que tua esmola. Espalha ao teu redor, com o bem-estar, o amor a Deus, o amor ao trabalho, o amor ao próximo. Aplica tuas riquezas num fundo que nunca te faltará e te renderá grandes juros: as boas obras. A riqueza da inteligência deve te servir como a do ouro; espalha ao teu redor os tesouros da instrução; espalha sobre teus irmãos os tesouros do teu amor, e eles frutificarão. (Cheverus. Bordeaux, 1861.)

12 Quando considero a brevidade da vida, fico dolorosamente comovido com a preocupação incessante que vocês têm com o bem-estar material, enquanto dão tão pouca importância e dedicam pouco ou nenhum tempo ao

aperfeiçoamento moral, que deve contar para vocês pela eternidade.

12.2 Ao ver a atividade que desenvolvem, seria de acreditar que ela envolve uma questão do mais alto interesse para a humanidade, enquanto quase sempre se trata apenas de conseguir satisfazer necessidades exageradas, a vaidade, ou de se entregar a excessos.

12.3 Quantos esforços, preocupações e tormentos as pessoas se impõem, quantas noites sem dormir, para aumentar uma fortuna muitas vezes mais que suficiente! Para completar essa cegueira, não é raro ver aqueles que um amor desmedido pela fortuna e pelos prazeres que ela proporciona sujeita a um trabalho penoso se vangloriarem de uma existência que chamam de sacrifício e mérito, como se trabalhassem para os outros e não para si mesmos.

12.4 Insensatos! Vocês acreditam realmente que lhes serão levados em conta os cuidados e os esforços motivados pelo egoísmo, pela cobiça ou pelo orgulho, enquanto descuidam de seu futuro, assim como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que desfrutam das vantagens da vida social!

12.5 Vocês só pensaram no corpo; seu bem-estar, seus prazeres eram o único objeto de sua solicitude egoísta; por ele, que morre, vocês negligenciaram seu Espírito, que viverá para sempre. Assim, esse senhor tão mimado e acariciado tornou-se seu tirano; ele dá ordens ao seu Espírito, que se fez seu escravo. Era esse o objetivo da existência que Deus lhes havia dado? (Um Espírito protetor. Cracóvia, 1861.)

13 Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus coloca em suas mãos, será exigida dele uma rigorosa prestação de contas do emprego que lhes tiver dado em virtude de seu livre-arbítrio.

13.2 O mau emprego consiste em fazê-los servir apenas à satisfação pessoal; ao contrário, o emprego é bom sempre que dele resulta algum bem para outra pessoa; o mérito é proporcional ao sacrifício que se impõe.

13.3 A beneficência é apenas uma forma de empregar a fortuna; ela alivia a miséria presente; mata a fome, protege do frio e dá abrigo a quem não o tem; mas um dever igualmente imperioso, igualmente meritório, consiste em prevenir a miséria; essa é, sobretudo, a missão das grandes fortunas, pelos trabalhos de todos os tipos que podem mandar executar; e, mesmo que delas tirassem um lucro legítimo, o bem nem por isso deixaria de existir, pois o trabalho desenvolve a inteligência e eleva a dignidade do homem, sempre orgulhoso de poder dizer que ganhou o pão que come, enquanto a esmola humilha e degrada.

13.4 A fortuna concentrada numa só mão deve ser como uma fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu redor. Ó vocês, ricos, que a empregarão segundo os desígnios do Senhor, seu coração será o primeiro a saciar a sede nessa fonte benfazeja; vocês terão nesta vida os prazeres inefáveis da alma em lugar dos prazeres materiais do egoísta, que deixam o vazio no coração.

13.5 Seu nome será abençoado na terra e, quando a deixarem, o soberano senhor lhes dirigirá as palavras da parábola dos talentos: « 0 bom e fiel servidor, entre na alegria de seu Senhor. » Nessa parábola, o servidor que enterra o dinheiro que lhe foi confiado não é a imagem dos avarentos em cujas mãos a fortuna é improdutiva?

13.6 Se, no entanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é porque naquele tempo e no país onde vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram desde então, e nos quais a fortuna pode ser empregada de maneira útil para o bem geral.

13.7 A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, portanto: Deem esmola quando isso for necessário, mas, tanto quanto possível, convertam-na em salário, para que aquele que a recebe não se envergonhe. (Fénelon. Argel, 1860.)

14 Desapego dos bens terrenos

Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer minha pequena contribuição para ajudar vocês a caminhar com coragem pela via de aperfeiçoamento em que entraram. Temos deveres uns para com os outros; somente por uma união sincera e fraterna entre Espíritos e encarnados a regeneração é possível.

O amor de vocês pelos bens terrenos é um dos maiores obstáculos ao seu progresso moral e espiritual; por esse apego à posse, vocês destroem sua capacidade de amar, voltando-a inteiramente para as coisas materiais. Sejam sinceros: a fortuna proporciona uma felicidade sem amarguras? Quando seus cofres estão cheios, não há sempre um vazio no coração? No fundo dessa cesta de flores, não há sempre um réptil escondido? Compreendo que o homem que conquistou a fortuna por um trabalho constante e honrado sinta uma satisfação, aliás, muito justa; mas dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, até um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração, há uma grande distância; tão grande quanto a que existe entre a avareza sórdida e o esbanjamento exagerado, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, virtude santa e benéfica que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem se rebaixar.

Quer a fortuna venha de sua família, quer vocês a tenham conquistado pelo trabalho, há uma coisa que nunca devem esquecer: tudo vem de

Deus, tudo retorna a Deus. Nada pertence a vocês na Terra, nem mesmo seu pobre corpo: a morte os despoja dele, como de todos os bens materiais; vocês são depositários, e não proprietários, não se enganem a esse respeito; Deus lhes emprestou, vocês devem devolver, e ele lhes empresta com a condição de que pelo menos o supérfluo retorne àqueles que não têm o necessário.

Um amigo empresta uma quantia a vocês; por pouco que sejam honestos, fazem questão de devolvê-la e lhe conservam gratidão por isso. Pois bem, essa é a situação de todo homem rico; Deus é o amigo celestial que lhe emprestou a riqueza; para si, pede apenas amor e gratidão, mas exige que, por sua vez, o rico dê aos pobres, que são seus filhos tanto quanto ele.

Os bens que Deus lhes confiou despertam em seus corações uma cobiça ardente e insensata; quando vocês se apegam sem medida a uma fortuna perecível e passageira como vocês mesmos, já refletiram que chegará o dia em que deverão prestar contas ao Senhor daquilo que vem dele? Esquecem que, pela riqueza, estão revestidos do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serem seus distribuidores esclarecidos? O que são, então, quando usam em seu único proveito aquilo que lhes foi confiado, senão depositários infiéis? O que resulta desse esquecimento voluntário de seus deveres? A morte inflexível, inexorável, vem rasgar o véu sob o qual vocês se escondiam e os obriga a prestar contas ao próprio amigo que os havia beneficiado e que, nesse momento, veste para vocês a toga de juiz.

É em vão que, na Terra, vocês procuram iludir a si mesmos, dando o nome de virtude ao que muitas vezes é apenas egoísmo; que chamam de economia e previdência o que é apenas cobiça e avareza, ou de generosidade o que é apenas esbanjamento em seu próprio proveito. Um pai de família, por exemplo, deixará de fazer caridade, economizará, acumulará ouro sobre

ouro, e tudo isso, diz ele, para deixar aos filhos a maior quantidade possível de bens e evitar que caiam na miséria; isso é muito justo e paternal, concordo, e não se pode censurá-lo por isso; mas será sempre esse o único motivo que o guia? Não será muitas vezes um acordo com a própria consciência para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? Admito, porém, que o amor paterno seja seu único motivo; será isso uma razão para esquecer seus irmãos perante Deus? Quando ele próprio já tem o supérfluo, deixará seus filhos na miséria porque terão um pouco menos desse supérfluo? Não será dar a eles uma lição de egoísmo e endurecer seus corações? Não será sufocar neles o amor ao próximo? Pais e mães, vocês estão muito enganados se acreditam aumentar assim a afeição de seus filhos por vocês; ensinando-os a ser egoístas com os outros, vocês os ensinam a ser egoístas com vocês mesmos.

Quando um homem trabalhou muito e, com o suor de seu rosto, acumulou bens, vocês o ouvirão dizer muitas vezes que, quando se ganha o dinheiro, conhece-se melhor seu valor: nada é mais verdadeiro. Pois bem! Que esse homem, que admite conhecer todo o valor do dinheiro, faça caridade de acordo com seus recursos, e terá mais mérito do que aquele que, nascido na abundância, desconhece as duras fadigas do trabalho. Mas se, ao contrário, esse mesmo homem, que se lembra de seus sofrimentos e de seus trabalhos, for egoísta e duro com os pobres, será muito mais culpado que os outros; pois, quanto mais se conhecem por experiência própria as dores ocultas da miséria, mais se deve sentir vontade de aliviá-las nos outros.

Infelizmente, há sempre no homem que possui bens um sentimento tão forte quanto o apego à fortuna: o orgulho. Não é raro ver aquele que enriqueceu atordoar o infeliz que implora sua assistência com o relato de seus trabalhos e de sua habilidade, em vez de ajudá-lo, e acabar dizendo: «Faça

o que eu fiz.» Segundo ele, a bondade de Deus em nada contribuiu para sua fortuna; todo o mérito cabe somente a ele; seu orgulho lhe põe uma venda nos olhos e lhe tapa os ouvidos; ele não compreende que, com toda a sua inteligência e habilidade, Deus pode derrubá-lo com uma única palavra.

Desperdiçar a fortuna não é desapego dos bens terrenos, é descuido e indiferença; o homem, depositário desses bens, não tem mais direito de dilapidá-los do que de confiscá-los em seu próprio proveito; o esbanjamento não é generosidade, é muitas vezes uma forma de egoísmo; alguém que lança ouro às mãos-cheias para satisfazer um capricho não daria uma moeda para prestar um serviço. O desapego dos bens terrenos consiste em apreciar a fortuna em seu justo valor, em saber usá-la para os outros e não apenas para si, em não sacrificar a ela os interesses da vida futura, em perdê-la sem reclamar, se Deus decidir retirá-la de vocês. Se, por reveses imprevistos, vocês se tornarem outro Jó, digam como ele: «Senhor, tu me havias dado, tu me tiraste; que seja feita a tua vontade.» Esse é o verdadeiro desapego. Sejam submissos, antes de tudo; tenham fé naquele que, tendo dado e tirado, pode devolver; resistam com coragem ao abatimento e ao desespero que paralisam suas forças; nunca esqueçam, quando Deus os atingir, que ao lado da maior provação ele sempre coloca uma consolação. Mas pensem, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos que os da Terra, e esse pensamento os ajudará a se desapegar destes últimos. O pouco valor que se atribui a uma coisa faz com que se sinta menos sua perda. O homem que se apega aos bens da Terra é como a criança que só vê o momento presente; aquele que não se prende a eles é como o adulto que vê coisas mais importantes, pois compreende estas palavras proféticas do Salvador: Meu reino não é deste mundo.

O Senhor não ordena que alguém se desfaça do que possui para se reduzir a uma mendicância voluntária, pois assim se torna um peso para a sociedade; agir dessa maneira seria compreender mal o desapego dos bens terrenos; é um egoísmo de outro tipo, pois é livrar-se da responsabilidade que a fortuna faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a dá a quem lhe parece bem, para que a administre em benefício de todos; o rico tem, portanto, uma missão, missão que pode tornar bela e proveitosa para si; rejeitar a fortuna quando Deus a dá é renunciar ao benefício do bem que se pode fazer ao administrá-la com sabedoria. Saber viver sem ela quando não se tem, saber empregá-la de maneira útil quando se tem, saber sacrificá-la quando isso é necessário, é agir segundo os propósitos do Senhor. Que aquele a quem acontece o que no mundo se chama uma boa fortuna exclame: Meu Deus, tu me envias uma nova responsabilidade, dá-me forças para cumpri-la segundo a tua santa vontade.

É isso, meus amigos, que eu pretendia ensinar a vocês pelo desapego dos bens terrenos; resumo meu pensamento dizendo: Saibam se contentar com pouco. Se vocês são pobres, não invejem os ricos, pois a fortuna não é necessária à felicidade; se são ricos, não esqueçam que esses bens lhes foram confiados e que deverão justificar seu uso, como numa prestação de contas de tutela. Não sejam depositários infiéis, fazendo-os servir à satisfação de seu orgulho e de sua sensualidade; não se julguem no direito de dispor apenas para si daquilo que é somente um empréstimo, e não uma doação. Se não sabem devolver, já não têm o direito de pedir, e lembrem-se de que aquele que dá aos pobres paga a dívida que contraiu com Deus. (Lacordaire. Constantina, 1863.)

15 O princípio segundo o qual o homem é apenas o depositário da fortuna que Deus lhe permite usufruir durante a vida tira dele o direito de transmiti-la a seus descendentes?

O homem pode perfeitamente transmitir depois da morte aquilo de que usufruiu durante a vida, porque o efeito desse direito está sempre subordinado à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir seus descendentes de usufruí-lo; é assim que se veem desmoronar as fortunas que parecem mais solidamente estabelecidas. A vontade do homem de manter sua fortuna em sua linhagem é, portanto, impotente, o que não lhe tira o direito de transmitir o empréstimo que recebeu, pois Deus o retirará quando julgar conveniente. (São Luís, Paris, 1860.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVII. SEJAM PERFEITOS

✦

1 Características da perfeição.

Amem seus inimigos; façam o bem aos que os odeiam e orem pelos que os perseguem e os caluniam; — pois, se vocês amam apenas os que os amam, que recompensa terão? Os publicanos também não fazem isso? — E, se vocês cumprimentam apenas seus irmãos, o que fazem a mais que os outros? Os pagãos também não fazem isso? — Portanto, sejam perfeitos, como seu Pai celestial é perfeito. (São Mateus, cap. v, v. 44, 46, 47, 48.)

2 Como Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta máxima: "Sejam perfeitos como seu Pai celestial é perfeito", tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de alcançar a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria igual a ele, o que é inadmissível. Mas os homens a quem Jesus se dirigia não teriam compreendido essa nuance; ele se limita a lhes apresentar um modelo e lhes diz que se esforcem para alcançá-lo.

Deve-se, portanto, entender por essas palavras a perfeição relativa, aquela de que a humanidade é capaz e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: "Amar os inimigos, fazer o bem aos que nos odeiam, orar pelos que nos perseguem." Com isso, ele mostra que a essência da perfeição é a caridade em seu sentido mais amplo, porque ela implica a prática de todas as outras virtudes.

De fato, se observarmos os resultados de todos os vícios, e até dos simples defeitos, reconheceremos que não há nenhum que não altere, em maior ou menor grau, o sentimento da caridade, porque todos têm sua origem no

egoísmo e no orgulho, que são a negação dela; pois tudo o que exacerba o sentimento da própria personalidade destrói, ou pelo menos enfraquece, os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e a dedicação. O amor ao próximo, levado até o amor aos inimigos, por não poder se aliar a nenhum defeito contrário à caridade, é, por isso mesmo, sempre o sinal de uma superioridade moral maior ou menor; daí resulta que o grau de perfeição é proporcional à extensão desse amor; por isso Jesus, depois de dar a seus discípulos as regras da caridade no que ela tem de mais sublime, lhes diz: "Portanto, sejam perfeitos como seu Pai celestial é perfeito."

3 O homem de bem

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. Ao interrogar sua consciência sobre os próprios atos, ele se pergunta se não violou essa lei; se não fez o mal; se fez todo o bem que pôde; se deixou passar voluntariamente uma oportunidade de ser útil; se ninguém tem do que se queixar dele; enfim, se fez aos outros tudo o que gostaria que fizessem por ele.

Ele tem fé em Deus, em sua bondade, em sua justiça e em sua sabedoria; sabe que nada acontece sem sua permissão e se submete em tudo à sua vontade.

Tem fé no futuro; por isso coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações, e as aceita sem murmurar.

O homem imbuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperar retribuição, retribui o mal com o bem, defende

o fraco contra o forte e sempre sacrifica seu interesse à justiça.

Encontra sua satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, nas pessoas que torna felizes, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que oferece aos aflitos. Seu primeiro impulso é pensar nos outros antes de pensar em si, buscar o interesse dos outros antes do próprio. O egoísta, 1 ao contrário, calcula os ganhos e as perdas de toda ação generosa.

É bom, humano e benevolente com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque vê irmãos em todos os homens.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema sobre os que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias, a caridade é seu guia; ele diz a si mesmo que aquele que prejudica os outros com palavras maldosas, que fere a suscetibilidade de alguém com seu orgulho e seu desdém, que não recua diante da ideia de causar uma dor, um aborrecimento, ainda que leve, quando pode evitá-lo, falta ao dever do amor ao próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não tem ódio, rancor nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas, e só se lembra dos benefícios; pois sabe que será perdoado conforme ele próprio tiver perdoado.

É indulgente com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele próprio precisa de indulgência, e se lembra destas palavras do Cristo: Aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra.

Não sente prazer em procurar os defeitos dos outros nem em colocá-los em evidência. Se a necessidade o obriga a isso, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha sem cessar para combatê-las. Todos os seus esforços visam a poder dizer a si mesmo, no dia seguinte, que

há nele algo melhor do que na véspera.

Não procura fazer valer sua inteligência nem seus talentos à custa dos outros; ao contrário, aproveita todas as oportunidades para destacar o que favorece os outros.

Não se envaidece de sua fortuna nem de suas vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado pode lhe ser retirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que são um depósito do qual deverá prestar contas, e que o uso mais prejudicial que pode fazer deles para si mesmo é colocá-los a serviço da satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou homens sob sua dependência, ele os trata com bondade e benevolência, porque são seus iguais diante de Deus; usa sua autoridade para elevar o moral deles, e não para esmagá-los com seu orgulho; evita tudo o que possa tornar mais penosa a posição subalterna deles.

O subordinado, por sua vez, compreende os deveres de sua posição e faz questão de cumpri-los conscienciosamente. (Cap. xvii, nº 9.)

O homem de bem, enfim, respeita em seus semelhantes todos os direitos que as leis da natureza lhes dão, como gostaria que esses direitos fossem respeitados em relação a ele.

Esta não é a enumeração de todas as qualidades que distinguem o homem de bem, mas quem se esforça para possuir essas está no caminho que conduz a todas as outras.

[4] Os bons espíritas

O espiritismo bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, conduz necessariamente aos resultados acima, que caracterizam o verdadeiro espírita assim como o verdadeiro cristão, sendo ambos uma só coisa. O espiri-

tismo não cria nenhuma moral nova; facilita aos homens a compreensão e a prática da moral do Cristo, dando uma fé sólida e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Mas muitos dos que acreditam nos fatos das manifestações não compreendem suas consequências nem seu alcance moral, ou, se os compreendem, não os aplicam a si mesmos. A que se deve isso? A uma falta de precisão da doutrina? Não, pois ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações; sua própria essência é a clareza, e é isso que constitui sua força, porque se dirige diretamente à inteligência. Não tem nada de misterioso, e seus iniciados não possuem nenhum segredo oculto ao povo.

Será necessária, então, uma inteligência excepcional para compreendê-la? Não, pois vemos homens de reconhecida capacidade que não a compreendem, enquanto inteligências comuns, até mesmo jovens que mal saíram da adolescência, captam com admirável precisão suas nuances mais delicadas. Isso acontece porque a parte, por assim dizer, material da ciência exige apenas olhos para observar, enquanto a parte essencial requer certo grau de sensibilidade que se pode chamar de maturidade do senso moral, maturidade independente da idade e do grau de instrução, porque é inerente ao desenvolvimento, em um sentido especial, do Espírito encarnado.

Em alguns, os laços da matéria ainda são fortes demais para permitir que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os cerca lhes encobre a visão do infinito; por isso não rompem facilmente com seus gostos nem com seus hábitos, por não compreenderem algo melhor do que aquilo que têm; a crença nos Espíritos é para eles um simples fato, mas modifica pouco ou nada suas tendências instintivas; em uma palavra, veem apenas um raio de luz, insuficiente para conduzi-los e lhes dar uma aspiração poderosa, ca-

paz de vencer suas inclinações. Apegam-se mais aos fenômenos do que à moral, que lhes parece banal e monótona; pedem aos Espíritos que os iniciem sem cessar em novos mistérios, sem se perguntarem se se tornaram dignos de conhecer os segredos do Criador. São os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam pelo caminho ou se afastam de seus irmãos de crença, porque recuam diante da obrigação de reformar a si mesmos, ou então reservam sua simpatia aos que compartilham suas fraquezas ou seus preconceitos. No entanto, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará o segundo mais fácil em outra existência.

Aquele que se pode, com razão, qualificar de verdadeiro e sincero espírita está em um grau superior de adiantamento moral; o Espírito, que domina mais inteiramente a matéria, lhe dá uma percepção mais clara do futuro; os princípios da doutrina fazem vibrar nele fibras que permanecem mudas nos primeiros; em uma palavra, seu coração é tocado; por isso sua fé é inabalável. Um é como o músico que se emociona com certos acordes, enquanto outro ouve apenas sons. Reconhece-se o verdadeiro espírita por sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações; enquanto um se compraz em seu horizonte limitado, o outro, que compreende algo melhor, se esforça para se desprender dele, e sempre consegue quando tem firme vontade.

5 Parábola da semente

Naquele mesmo dia, Jesus saiu de casa e sentou-se junto ao mar; — e uma grande multidão se reuniu ao redor dele; por isso, ele entrou numa barca e se sentou, enquanto todo o povo permanecia na praia; — e lhes disse muitas coisas por parábolas, falando assim:

O semeador saiu para semear; — e, enquanto semeava, uma parte da se-

mente caiu à beira do caminho, e as aves do céu vieram e a comeram.
Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra onde estava não tinha profundidade. — Mas, depois que o sol nasceu, ela foi queimada; e, como não tinha raiz, secou.
Outra parte caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.
Outra parte, enfim, caiu em terra boa e deu fruto, com alguns grãos produzindo cem por um, outros sessenta e outros trinta.
Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (São Mateus, cap. xiii, v. de 1 a 9.)
Ouçam, por conseguinte, a parábola do semeador.
Quando alguém ouve a palavra do reino e não lhe dá atenção, o espírito maligno vem e tira o que havia sido semeado em seu coração; esse é o que recebeu a semente à beira do caminho.
O que recebe a semente entre as pedras é aquele que ouve a palavra e a recebe imediatamente com alegria; — mas não tem raiz em si e dura apenas algum tempo; e, quando surgem dificuldades e perseguições por causa da palavra, logo encontra nisso motivo de escândalo e de queda.
O que recebe a semente entre os espinhos é aquele que ouve a palavra; mas depois as preocupações deste mundo e a ilusão das riquezas sufocam nele essa palavra e a tornam infrutífera.
Mas o que recebe a semente em terra boa é aquele que ouve a palavra, lhe dá atenção e produz fruto, rendendo cem, ou sessenta, ou trinta por um. (São Mateus, cap. xvi, v. de 18 a 23.

6 A parábola da semente representa perfeitamente as diferenças que existem na maneira de aproveitar os ensinamentos do Evangelho. Quantas pessoas há, de fato, para as quais ele é apenas letra morta que, semelhante à semente caída sobre a rocha, não produz fruto algum!

Ela encontra uma aplicação igualmente precisa nas diferentes categorias de espíritas. Não é ela o símbolo daqueles que se prendem apenas aos fenômenos materiais e deles não tiram nenhuma consequência, porque veem neles apenas um objeto de curiosidade? Daqueles que procuram apenas o brilho nas comunicações dos Espíritos e só se interessam por elas na medida em que satisfazem sua imaginação, mas que, depois de ouvi-las, continuam tão frios e indiferentes quanto antes? Dos que acham os conselhos muito bons e os admiram, mas os aplicam aos outros, e não a si mesmos? Daqueles, enfim, para quem essas instruções são como a semente caída em terra boa e produzem frutos?

7 Instruções dos Espíritos O dever

O dever é a obrigação moral, primeiro para consigo mesmo e depois para com os outros. O dever é a lei da vida; ele se encontra tanto nos detalhes mais insignificantes quanto nos atos elevados. Quero falar aqui apenas do dever moral, e não daquele que as profissões impõem.

No campo dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir, porque se opõe às seduções do interesse e do coração; suas vitórias não têm testemunhas, e suas derrotas não recebem punição. O dever íntimo do ser humano é deixado ao seu livre-arbítrio; o impulso da consciência, essa guardiã da integridade interior, o adverte e o sustenta, mas ela muitas vezes permanece impotente diante dos sofismas da paixão. O dever do coração, fielmente observado, eleva o ser humano; mas como definir esse dever? Onde começa? Onde termina? O dever começa precisamente no ponto em que vocês ameaçam a felicidade ou o sossego do próximo; termina no limite que vocês não gostariam de ver ultrapassado em relação a si mesmos.

Deus criou todos os seres humanos iguais diante da dor; pequenos ou gran-

des, ignorantes ou esclarecidos, sofrem pelas mesmas causas, para que cada um julgue corretamente o mal que pode fazer. O mesmo critério não existe para o bem, infinitamente mais variado em suas expressões. A igualdade diante da dor é uma sublime previdência de Deus, que quer que seus filhos, instruídos pela experiência comum, não cometam o mal alegando ignorar seus efeitos.

O dever é o resumo prático de todas as reflexões morais; é uma coragem da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e flexível; pronto a se adaptar às diversas complicações, permanece inflexível diante de suas tentações. O homem que cumpre seu dever ama a Deus mais que às criaturas, e às criaturas mais que a si mesmo; é ao mesmo tempo juiz e escravo em sua própria causa.

O dever é o mais belo ornamento da razão; depende dela, como o filho depende da mãe. O ser humano deve amar o dever, não porque ele o preserve dos males da vida, aos quais a humanidade não pode escapar, mas porque dá à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e resplandece sob uma forma mais elevada em cada uma das etapas superiores da humanidade; a obrigação moral da criatura para com Deus nunca cessa; ela deve refletir as virtudes do Eterno, que não aceita um esboço imperfeito, porque quer que a beleza de sua obra resplandeça diante dele. (Lázaro. Paris, 4 863.)

[8] A virtude

A virtude, em seu mais alto grau, compreende o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caridoso, trabalhador, sóbrio, modesto: essas são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, elas muitas vezes vêm acompanhadas de pequenas fraquezas mo-

rais que as desfiguram e enfraquecem. Quem exibe sua virtude não é virtuoso, pois lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício mais contrário a ela: o orgulho. A virtude verdadeiramente digna desse nome não gosta de se exibir; nós a percebemos, mas ela se esconde na obscuridade e foge da admiração das multidões. São Vicente de Paulo era virtuoso; o digno cura de Ars era virtuoso, assim como muitos outros pouco conhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem nem sequer sabiam que eram virtuosos; deixavam-se levar pela corrente de suas santas inspirações e praticavam o bem com completo desinteresse e inteiro esquecimento de si mesmos.

É à virtude assim compreendida e praticada que eu os convido, meus filhos; é a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita que os incentivo a se dedicar; mas afastem de seus corações o pensamento do orgulho, da vaidade e do amor-próprio, que sempre desfiguram as mais belas qualidades. Não imitem esse homem que se apresenta como modelo e elogia suas próprias qualidades a todos os ouvidos dispostos a escutá-lo. Essa virtude de ostentação muitas vezes esconde uma multidão de pequenas torpezas e de covardias odiosas.

Em princípio, o homem que exalta a si mesmo, que ergue uma estátua à própria virtude, anula só com isso todo o mérito real que possa ter. Mas o que direi daquele cujo único valor está em parecer o que não é? Admito de bom grado que o homem que faz o bem sinta, no fundo do coração, uma satisfação íntima; mas, assim que essa satisfação se manifesta exteriormente para colher elogios, degenera em amor-próprio.

Ó vocês todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios e que sabem quanto o ser humano está longe da perfeição, nunca caiam em semelhante erro. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros, mas

lhes direi: Mais vale ter menos virtudes com modéstia do que muitas com orgulho. Foi pelo orgulho que as humanidades sucessivas se perderam; é pela humildade que deverão um dia se redimir. (Francisco, Nicolau, Madalena. Paris, 1863.)

[9] Os superiores e os inferiores

A autoridade, assim como a fortuna, é uma delegação da qual se pedirão contas àquele que a recebeu; não pensem que ela lhe seja dada para proporcionar o prazer vão de mandar, nem, como acredita erroneamente a maioria dos poderosos da Terra, como um direito, uma propriedade. Deus, porém, lhes prova suficientemente que ela não é uma coisa nem outra, pois a retira deles quando lhe agrada. Se fosse um privilégio ligado à pessoa deles, seria inalienável. Ninguém pode, portanto, dizer que uma coisa lhe pertence quando ela pode lhe ser tirada sem seu consentimento. Deus dá a autoridade como missão ou prova quando lhe convém, e da mesma forma a retira. Quem quer que seja depositário da autoridade, seja qual for sua extensão, desde o senhor sobre seu servo até o soberano sobre seu povo, não deve esconder de si mesmo que tem almas sob sua responsabilidade; responderá pela boa ou má orientação que tiver dado aos seus subordinados, e as faltas que eles possam cometer, os vícios aos quais sejam levados em consequência dessa orientação ou dos maus exemplos, recairão sobre ele, ao passo que colherá os frutos de seu cuidado em conduzi-los ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão pequena ou grande; seja qual for, ela é sempre dada para o bem; é, por conseguinte, faltar a essa missão desvirtuar seu princípio.

Se Deus pergunta ao rico: O que você fez da fortuna que deveria ser, em suas mãos, uma fonte espalhando fecundidade por toda parte ao redor? Ele

perguntará àquele que possui uma autoridade qualquer: Que uso você fez dessa autoridade? Que mal impediu? Que progresso promoveu? Se lhe dei subordinados, não foi para fazer deles escravos de sua vontade, nem instrumentos dóceis de seus caprichos ou de sua cobiça; eu o fiz forte e lhe confiei os fracos para sustentá-los e ajudá-los a subir até mim.

O superior que está compenetrado das palavras do Cristo não despreza nenhum daqueles que estão abaixo dele, porque sabe que as distinções sociais não estabelecem distinções diante de Deus. O espiritismo lhe ensina que, se hoje eles lhe obedecem, podem já ter mandado nele, ou poderão mandar nele mais tarde, e que então será tratado como ele mesmo os tiver tratado.

Se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, por sua vez, também os tem, e não são menos sagrados. Se este último é espírita, sua consciência lhe dirá ainda melhor que não está dispensado deles, mesmo que seu chefe não cumpra os próprios deveres, porque sabe que não se deve retribuir o mal com o mal, e que as faltas de uns não autorizam as faltas dos outros. Se sofre com sua posição, diz a si mesmo que sem dúvida a mereceu, porque talvez ele próprio tenha abusado de sua autoridade no passado, e que deve sentir, por sua vez, os inconvenientes daquilo que fez os outros sofrerem. Se é obrigado a suportar essa posição, por não encontrar uma melhor, o espiritismo lhe ensina a aceitá-la com resignação como uma prova para sua humildade, necessária ao seu progresso. Sua crença orienta sua conduta; ele age como gostaria que seus subordinados agissem para com ele, se fosse chefe. Por isso mesmo, é mais cuidadoso no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe é confiado é um prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve seu tempo e seus cuidados; em uma palavra, é movido pelo sentimento do dever que sua fé

lhe dá e pela certeza de que todo desvio do caminho certo é uma dívida que terá de pagar mais cedo ou mais tarde. (Francisco, Nicolau, Madalena, card. Morlot, Paris, 1863.) O homem no mundo.

10 Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração daqueles que se reúnem sob os olhos do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Purifiquem, portanto, seus corações; não deixem permanecer neles nenhum pensamento mundano ou fútil; elevem seu espírito àqueles que vocês chamam, para que, encontrando em vocês as disposições necessárias, eles possam lançar em abundância a semente que deve germinar em seus corações e ali produzir frutos de caridade e de justiça.

Não pensem, porém, que, ao incentivá-los sem cessar à oração e à evocação mental, nós os estejamos convidando a viver uma vida mística que os mantenha fora das leis da sociedade em que estão condenados a viver. Não, vivam com as pessoas de sua época, como devem viver os seres humanos; atendam às necessidades, até mesmo às frivolidades do dia, mas façam isso com um sentimento de pureza que possa santificá-las.

Vocês são chamados a entrar em contato com espíritos de natureza diferente, com caracteres opostos: não ofendam nenhuma das pessoas com quem se encontrarem. Sejam alegres, sejam felizes, mas com a alegria que uma boa consciência proporciona, com a felicidade do herdeiro do céu que conta os dias que o aproximam de sua herança.

A virtude não consiste em assumir uma aparência severa e sombria, em rejeitar os prazeres que suas condições humanas permitem; basta relacionar todos os atos da própria vida ao Criador que deu essa vida; basta, ao começar ou terminar uma obra, elevar o pensamento a esse Criador e lhe pedir, num impulso da alma, seja sua proteção para ter êxito, seja sua bênção para

a obra concluída. Façam o que fizerem, voltem à fonte de todas as coisas; nunca façam nada sem que a lembrança de Deus venha purificar e santificar seus atos.

A perfeição está inteiramente, como disse o Cristo, na prática da caridade absoluta; mas os deveres da caridade se estendem a todas as posições sociais, do menor ao maior. O homem que vivesse sozinho não teria caridade a exercer; é somente no contato com seus semelhantes, nas lutas mais penosas, que encontra essa oportunidade. Portanto, aquele que se isola se priva voluntariamente do meio mais poderoso de aperfeiçoamento; tendo apenas em si mesmo em quem pensar, sua vida é a de um egoísta. (Cap. v, Não imaginem, portanto, que, para viver em comunicação constante conosco, para viver sob os olhos do Senhor, seja preciso vestir o cilício e se cobrir de cinzas; não, não, mais uma vez; sejam felizes de acordo com as necessidades da humanidade, mas que em sua felicidade nunca entre nenhum pensamento nem ato que possa ofendê-lo ou fazer com que aqueles que os amam e os orientam cubram o rosto. Deus é amor e abençoa aqueles que amam santamente. (Um Espírito Protetor. Bordeaux, 1863.)

Cuidar do corpo e do espírito.

41. A perfeição moral consiste na mortificação do corpo? Para resolver essa questão, apoio-me nos princípios elementares e começo por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo, que, conforme as alternâncias de saúde e de doença, exerce uma influência muito importante sobre a alma, que deve ser considerada cativa na carne. Para que essa prisioneira viva, se movimente e até conceba as ilusões da liberdade, o corpo deve estar saudável, disposto, vigoroso. Continuemos a comparação: eis, portanto, os dois em perfeito estado; o que devem fazer para manter o equilíbrio entre suas aptidões e suas necessidades tão diferentes? Aqui se confrontam dois sistemas:

o dos ascetas, que querem subjugar o corpo, e o dos materialistas, que querem rebaixar a alma: duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses grandes grupos, fervilha a numerosa tribo dos indiferentes, que, sem convicção e sem paixão, amam com indiferença e desfrutam com parcimônia. Onde está, então, a sabedoria? Onde está, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e esse grande problema permaneceria inteiramente por resolver se o espiritismo não viesse em auxílio dos que procuram, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo que, já que são necessários um ao outro, é preciso cuidar dos dois. Amem, portanto, sua alma, mas cuidem também do corpo, instrumento da alma; desconhecer as necessidades indicadas pela própria natureza é desconhecer a lei de Deus. Não o castiguem pelas faltas que seu livre-arbítrio o fez cometer e pelas quais ele é tão isento de responsabilidade quanto o cavalo mal conduzido pelos acidentes que causa. Serão vocês mais perfeitos se, mesmo martirizando o corpo, continuarem egoístas, orgulhosos e pouco caridosos com o próximo? Não, a perfeição não está aí; está inteiramente nas reformas que vocês fizerem em seu Espírito; dobrem-no, submetam-no, humilhem-no, mortifiquem-no: esse é o meio de torná-lo dócil à vontade de Deus e o único que conduz à perfeição. (Georges, Espírito protetor. Paris, 1863.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XVIII. MUITOS CHAMADOS E POUCOS ESCOLHIDOS

✦

1 Parábola da festa de casamento.

Jesus, falando ainda por parábola, lhes disse:

O reino dos céus é semelhante a um rei que, querendo celebrar o casamento de seu filho, — enviou seus servos para chamar à festa aqueles que haviam sido convidados; mas eles se recusaram a vir. — Enviou ainda outros servos, com ordem de dizer de sua parte aos convidados: Preparei meu jantar; mandei matar meus bois e todos os animais que havia engordado; tudo está pronto, venham à festa de casamento. — Mas eles, sem se importar com isso, foram embora, um para sua propriedade no campo, e outro para seus negócios. — Os outros agarraram seus servos e os mataram, depois de lhes fazer muitas afrontas. — Ao saber disso, o rei ficou tomado de cólera e, enviando seus exércitos, exterminou aqueles assassinos e queimou sua cidade.

Então disse a seus servos: O banquete de casamento está pronto; mas aqueles que haviam sido chamados não foram dignos dele. Vão, portanto, às encruzilhadas e chamem à festa todos os que encontrarem. — Seus servos saíram então pelas ruas e reuniram todos os que encontraram, bons e maus; e o salão da festa ficou cheio de pessoas que se sentaram à mesa.

O rei entrou depois para ver os que estavam à mesa e, percebendo ali um homem que não estava vestido com a roupa de casamento, — lhe disse: Meu amigo, como você entrou aqui sem a roupa de casamento? E aquele homem ficou calado. — Então o rei disse a seus servidores: Amarrem suas

mãos e seus pés e lancem-no nas trevas exteriores: é ali que haverá choro e ranger de dentes; — pois há muitos chamados e poucos escolhidos. (São Mateus, cap. xxii, v. de 1 a 14.)

2 O incrédulo sorri diante dessa parábola, que lhe parece de uma ingenuidade infantil, pois não compreende que se possam criar tantas dificuldades para comparecer a um banquete, e menos ainda que convidados levem sua resistência ao ponto de massacrar os enviados do dono da casa. "As parábolas", diz ele, "são sem dúvida figuras, mas ainda assim é preciso que não ultrapassem os limites do verossímil."

Pode-se dizer o mesmo de todas as alegorias, das fábulas mais engenhosas, se não as despojarmos de seu revestimento para buscar seu sentido oculto. Jesus tirava as suas dos costumes mais comuns da vida e as adaptava aos hábitos e ao caráter do povo a quem falava; a maioria tem por objetivo fazer a ideia da vida espiritual penetrar nas multidões; muitas vezes, seu sentido só parece incompreensível porque não se parte desse ponto de vista.

Nessa parábola, Jesus compara o reino dos céus, onde tudo é alegria e felicidade, a um banquete. Pelos primeiros convidados, faz alusão aos hebreus, que Deus havia chamado primeiro ao conhecimento de sua lei. Os enviados do senhor são os profetas que vinham exortá-los a seguir o caminho da verdadeira felicidade; mas suas palavras eram pouco ouvidas; suas advertências eram desprezadas; vários foram até massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se desculpam pelos cuidados que precisam dar a seus campos e a seus negócios são o símbolo das pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, são indiferentes às coisas celestes.

Era uma crença entre os judeus de então que sua nação deveria alcançar a supremacia sobre todas as outras. Deus não havia, de fato, prometido a

Abraão que sua descendência cobriria toda a terra? Mas, tomando sempre a forma pelo conteúdo, eles acreditavam em uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram idólatras e politeístas. Se alguns homens acima do comum conceberam a ideia da unidade divina, essa ideia permaneceu como um sistema pessoal, mas em parte alguma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que escondiam seus conhecimentos sob um véu misterioso, impenetrável às multidões. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o monoteísmo; foi a eles que Deus transmitiu sua lei, primeiro por Moisés, depois por Jesus; foi desse pequeno foco que partiu a luz que deveria se espalhar pelo mundo inteiro, triunfar sobre o paganismo e dar a Abraão uma descendência espiritual "tão numerosa quanto as estrelas do firmamento". Mas os judeus, embora rejeitassem a idolatria, haviam negligenciado a lei moral para se apegar à prática mais fácil das formas exteriores. O mal havia chegado ao auge; a nação subjugada era dilacerada pelas facções, dividida pelas seitas; a própria incredulidade havia penetrado até no santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para chamá-los de volta à observância da lei e lhes abrir os novos horizontes da vida futura; convidados entre os primeiros ao grande banquete da fé universal, rejeitaram a palavra do Messias celeste e o fizeram morrer; foi assim que perderam o fruto que teriam colhido de sua iniciativa.

Seria injusto, porém, acusar o povo inteiro desse estado de coisas; a responsabilidade recai sobretudo sobre os fariseus e os saduceus, que levaram a nação à ruína pelo orgulho e pelo fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. É sobretudo a eles que Jesus compara os convidados que se recusam a comparecer ao banquete de casamento. Depois acrescenta: "O Se-

nhor, vendo isso, mandou convidar todos os que foram encontrados nas encruzilhadas, bons e maus"; com isso, queria dizer que a palavra seria pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e que estes, ao aceitá-la, seriam admitidos ao banquete no lugar dos primeiros convidados.

Mas não basta ser convidado; não basta ter o nome de cristão, nem se sentar à mesa para tomar parte no banquete celeste; é preciso, antes de tudo, e como condição expressa, estar vestido com a roupa de casamento, isto é, ter a pureza do coração e praticar a lei segundo o espírito; ora, essa lei está inteira nestas palavras: Fora da caridade não há salvação. Mas, entre todos os que ouvem a palavra divina, como são poucos os que a guardam e tiram proveito dela! Como são poucos os que se tornam dignos de entrar no reino dos céus! É por isso que Jesus diz: Haverá muitos chamados e poucos escolhidos.

[3] A porta estreita

Entrem pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga, e o caminho que leva a ela é espaçoso, e são muitos os que entram por ela. — Como é pequena a porta da vida! Como é estreito o caminho que leva a ela! E como são poucos os que a encontram! (São Mateus, cap. vii, v. 13, 14.)

[4] Alguém lhe fez esta pergunta: Senhor, serão poucos os salvos? Ele lhes respondeu: — Esforcem-se para entrar pela porta estreita, pois lhes asseguro que muitos procurarão entrar por ela e não poderão. — E, quando o pai de família tiver entrado e fechado a porta, e vocês, estando do lado de fora, começarem a bater, dizendo: Senhor, abra para nós; ele lhes responderá: Não sei de onde vocês são. — Então vocês começarão a dizer: Comemos e bebemos em sua presença, e o senhor ensinou em nossas praças públicas. — E ele lhes responderá: Não sei de onde vocês são; afastem-se de

mim, todos vocês que cometem a iniquidade.
Será então que haverá choro e ranger de dentes, quando vocês virem que Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas estarão no reino de Deus, e que vocês serão expulsos para fora. — Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, e terão lugar no banquete no reino de Deus. — Então aqueles que são os últimos serão os primeiros, e aqueles que são os primeiros serão os últimos. (São Lucas, cap. xiii, v. de 23 a 30.)

5 A porta da perdição é larga porque as más paixões são numerosas e o caminho do mal é percorrido pela maioria. A da salvação é estreita porque o homem que quer atravessá-la deve fazer grandes esforços sobre si mesmo para vencer suas más tendências, e poucos se dispõem a isso; é o complemento da máxima: Há muitos chamados e poucos escolhidos.
Esse é o estado atual da humanidade terrestre porque, sendo a Terra um mundo de expiação, o mal domina nela; quando ela for transformada, o caminho do bem será o mais percorrido. Essas palavras devem, portanto, ser entendidas no sentido relativo, e não no sentido absoluto. Se esse devesse ser o estado normal da humanidade, Deus teria condenado voluntariamente à perdição a imensa maioria de suas criaturas; suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e todo bondade.
Mas de que más ações essa humanidade poderia ter se tornado culpada para merecer um destino tão triste, em seu presente e em seu futuro, se estivesse toda relegada à Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos obstáculos espalhados por seu caminho? Por que essa porta tão estreita, que só uma minoria consegue atravessar, se o destino da alma é fixado para sempre depois da morte? É assim que, com a existência única, estamos constantemente em contradição conosco mesmos e com a justiça

de Deus. Com a existência anterior da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se amplia; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro estão ligados ao passado; só então se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

6 Aqueles que dizem: Senhor! Senhor!
Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; mas só entrará aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. — Muitos me dirão naquele dia: Senhor! Senhor! Não profetizamos em seu nome? Não expulsamos os demônios em seu nome, e não fizemos muitos milagres em seu nome? — E então lhes direi em voz alta: Afastem-se de mim, vocês que praticam obras de iniquidade. (São Mateus, cap. vii, v. 21, 22, 23.)

7 Portanto, todo aquele que ouve estas palavras que digo e as pratica será comparado a um homem sábio que construiu sua casa sobre a pedra; — e, quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e se lançaram contra aquela casa, ela não caiu, porque estava fundada sobre a pedra.

7.2 — Mas todo aquele que ouve estas palavras que digo e não as pratica será semelhante a um homem insensato que construiu sua casa sobre a areia; e, quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e se lançaram contra aquela casa, ela foi derrubada, e sua ruína foi grande. (São Mateus, cap. vii, v. de 24 a 27. — São Lucas, cap. vi, v. de 46 a 49.)

8 Portanto, aquele que violar um destes menores mandamentos e ensinar os homens a violá-los será considerado o último no reino dos céus; mas aquele que os praticar e ensinar será grande no reino dos céus. (São Mateus, cap. v, v. 19.)

9 Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! Mas de que serve chamá-lo Mestre ou Senhor se não se seguem seus preceitos? São cristãos aqueles que o honram com atos exteriores de devoção e ao mesmo tempo se entregam ao orgulho, ao egoísmo, à cobiça e a todas as suas paixões? São seus discípulos aqueles que passam dias em orações e nem por isso são melhores, mais caridosos ou mais indulgentes com seus semelhantes? Não, pois, assim como os fariseus, têm a oração nos lábios e não no coração. Com as aparências, podem impressionar os homens, mas não a Deus. É em vão que dirão a Jesus: «Senhor, profetizamos, isto é, ensinamos em seu nome; expulsamos os demônios em seu nome; bebemos e comemos com o senhor»; ele lhes responderá: «Não sei quem vocês são; afastem-se de mim, vocês que cometem iniquidades, vocês que desmentem suas palavras com suas ações, que caluniam o próximo, que despojam as viúvas e cometem adultério; afastem-se de mim, vocês cujo coração destila ódio e fel, vocês que derramam o sangue de seus irmãos em meu nome, que fazem correr lágrimas em vez de enxugá-las. Para vocês haverá choro e ranger de dentes, pois o reino de Deus é para os que são mansos, humildes e caridosos. Não esperem abrandar a justiça do Senhor com a multiplicidade de suas palavras e de suas genuflexões; o único caminho que lhes está aberto para encontrar graça diante dele é a prática sincera da lei de amor e de caridade.»

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. Elas são não apenas a salvaguarda da vida celeste, mas a garantia da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrena: por isso, todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas que se apoiarem nessas palavras serão estáveis como a casa construída sobre a pedra; os homens as conservarão por-

que nelas encontrarão sua felicidade; mas aquelas que as violarem serão como a casa construída sobre a areia: o vento das revoluções e o rio do progresso as levarão.

10 Muito será pedido àquele que muito recebeu.
O servo que tiver conhecido a vontade de seu senhor e, apesar disso, não se tiver mantido pronto nem tiver feito o que ele desejava será duramente castigado; — mas aquele que não tiver conhecido sua vontade e tiver feito coisas dignas de castigo será menos castigado. Muito será pedido àquele a quem muito tiver sido dado, e uma prestação de contas maior será exigida daquele a quem mais coisas tiverem sido confiadas. (São Lucas, cap. xii, v. 47, 48.)

11 Vim a este mundo para exercer um julgamento, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos. — Alguns fariseus que estavam com ele ouviram essas palavras e lhe disseram: Então nós também somos cegos? — Jesus lhes respondeu: Se vocês fossem cegos, não teriam pecado; mas agora dizem que veem, e é por isso que seu pecado permanece em vocês. (São João, cap. ix, v. 39, 40, 41.)

12 Essas máximas encontram sua aplicação sobretudo no ensinamento dos Espíritos. Quem conhece os preceitos do Cristo é certamente culpado por não os praticar; mas, além de o Evangelho que os contém estar difundido apenas nas seitas cristãs, entre elas, quantas pessoas não o leem e, entre as que o leem, quantas não o compreendem! Disso resulta que as próprias palavras de Jesus se perdem para a maioria.
O ensinamento dos Espíritos, que reproduz essas máximas sob diferentes formas, que as desenvolve e as inicia para colocá-las ao alcance de todos, tem a particularidade de não ser restrito, e de poder ser recebido por qual-

quer pessoa, instruída ou sem instrução, crente ou incrédula, cristã ou não, pois os Espíritos se comunicam em toda parte; nenhum daqueles que o recebem, diretamente ou por intermédio de alguém, pode alegar ignorância; não pode se desculpar nem por sua falta de instrução, nem pela obscuridade do sentido alegórico. Portanto, aquele que não aproveita essas máximas para melhorar a si mesmo, que as admira como coisas interessantes e curiosas sem que seu coração seja tocado por elas, que não se torna menos vaidoso, menos orgulhoso, menos egoísta, menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, é tanto mais culpado quanto mais meios tem de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais repreensíveis por persistirem no mal, porque muitas vezes escrevem sua própria condenação e, se não estivessem cegos pelo orgulho, reconheceriam que é a eles que os Espíritos se dirigem. Mas, em vez de tomar para si as lições que escrevem ou que veem escrever, seu único pensamento é aplicá-las aos outros, realizando assim estas palavras de Jesus: «Vocês veem um cisco no olho de seu vizinho e não veem a trave que está no seu.» Cap. x, nº 9.)

Com estas outras palavras: «Se vocês fossem cegos, não teriam pecado», Jesus quer dizer que a culpa é proporcional ao esclarecimento que se possui; ora, os fariseus, que tinham a pretensão de ser, e que eram, de fato, a parte mais esclarecida da nação, eram mais repreensíveis aos olhos de Deus do que o povo ignorante. O mesmo acontece hoje.

Aos espíritas, portanto, muito será pedido, porque muito receberam, mas também aos que tiverem aproveitado muito será dado.

O primeiro pensamento de todo espírita sincero deve ser procurar, nos conselhos dados pelos Espíritos, se não há alguma coisa que possa lhe dizer

respeito.

O espiritismo vem multiplicar o número dos chamados; pela fé que proporciona, multiplicará também o número dos escolhidos.

Instruções dos Espíritos Será dado àquele que tem

13 Seus discípulos se aproximaram e lhe disseram: Por que o senhor lhes fala por parábolas? — E ele lhes respondeu: É porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não foi dado.

13.2 — Pois àquele que já tem será dado ainda mais, e ele terá em abundância; mas daquele que não tem será tirado até o que tem. — É por isso que lhes falo por parábolas; porque, vendo, não veem e, escutando, não ouvem nem compreendem.

13.3 — E neles se cumpre a profecia de Isaías, quando diz: Vocês escutarão com seus ouvidos e não ouvirão; olharão com seus olhos e não verão. (São Mateus, cap. xiii, v. 10

14 Prestem muita atenção ao que ouvem; pois será usada com vocês a mesma medida que tiverem usado com os outros, e lhes será dado ainda mais; — pois àquele que já tem será dado, e daquele que não tem será tirado até o que tem. (São Marcos, cap. iv, 15. «Dá-se àquele que já tem e tira-se daquele que não tem»; meditem sobre esses grandes ensinamentos que tantas vezes lhes pareceram paradoxais. Aquele que recebeu é aquele que compreende o sentido da palavra divina; só recebeu porque procurou se tornar digno disso e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, encoraja os esforços que tendem ao bem. Esses esforços constantes, perseverantes, atraem as graças do Senhor; são um ímã que atrai o aperfeiçoamento progressivo, as graças abundantes que lhes dão força para subir a montanha santa, em cujo cume está o descanso depois do trabalho.

«Tira-se daquele que nada tem, ou que tem pouco»; entendam isso como uma oposição figurada. Deus não retirará de suas criaturas o bem que se dignou a lhes fazer. Homens cegos e surdos! Abram suas inteligências e seus corações; vejam por seu espírito; ouçam por sua alma e não interpretem de maneira tão grosseiramente injusta as palavras daquele que fez resplandecer diante de seus olhos a justiça do Senhor. Não é Deus que tira daquele que pouco recebeu, é o próprio Espírito que, esbanjador e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, tornando-a fecunda, a pequena dádiva que caiu em seu coração.

Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe conquistou e que recebe como herança vê esse campo se cobrir de ervas daninhas. É seu pai que lhe retoma as colheitas que ele não quis preparar? Se deixou que as sementes destinadas a produzir nesse campo mofassem por falta de cuidado, deve acusar seu pai se elas nada produzem? Não, não; em vez de acusar aquele que tudo havia preparado para ele de retomar suas dádivas, que acuse o verdadeiro autor de suas misérias e que então, arrependido e ativo, comece a trabalhar com coragem; que rompa o solo ingrato pelo esforço de sua vontade; que o lavre até o fundo com a ajuda do arrependimento e da esperança; que lance nele com confiança a boa semente que tiver escolhido entre as ruins, que a regue com seu amor e sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebeu. Então ele verá seus esforços coroados de sucesso, e um grão produzir cem, e outro, mil. Coragem, lavradores; peguem suas grades e seus arados; lavrem seus corações; arranquem deles o joio; semeiem neles o bom grão que o Senhor lhes confia, e o orvalho do amor o fará produzir frutos de caridade. (Um Espírito amigo. Bordeaux, 1862.) »

16 Reconhece-se o cristão por suas obras

« Nem todos os que me dizem: Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. »

Escutem esta palavra do mestre, todos vocês que rejeitam a doutrina espírita como uma obra do demônio.

Abram os ouvidos, chegou o momento de ouvir. Basta vestir a libré do Senhor para ser um servo fiel? Basta dizer: « Sou cristão » para seguir Cristo? Procurem os verdadeiros cristãos e vocês os reconhecerão por suas obras. « Uma árvore boa não pode dar frutos ruins, nem uma árvore ruim dar frutos bons. » — « Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo. » Essas são as palavras do mestre; discípulos de Cristo, compreendam-nas bem. Quais são os frutos que deve dar a árvore do cristianismo, árvore poderosa cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas ainda não abrigaram todos os que devem se reunir ao seu redor? Os frutos da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O cristianismo, tal como o fizeram há muitos séculos, prega sempre essas virtudes divinas; procura espalhar seus frutos, mas como são poucos os que os colhem! A árvore continua boa, mas os jardineiros são maus. Quiseram dar-lhe a forma que imaginavam; quiseram moldá-la conforme suas necessidades; podaram, diminuíram, mutilaram a árvore; seus galhos estéreis não dão frutos ruins, mas já não dão fruto algum. O viajante sedento que para à sua sombra para buscar o fruto da esperança que deve lhe devolver a força e a coragem só vê galhos secos que fazem pressentir a tempestade. Em vão pede o fruto da vida à árvore da vida: as folhas caem ressecadas; a mão do homem tanto mexeu nelas que as queimou!

Abram, portanto, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivem essa árvore da vida cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou os

convida a cuidar dela com amor, e vocês a verão dar novamente seus frutos divinos em abundância. Deixem-na tal como Cristo a deu a vocês: não a mutilem; sua sombra imensa quer se estender sobre o universo: não encurtem seus ramos. Seus frutos benéficos caem em abundância para sustentar o viajante sedento que quer alcançar o destino; não recolham esses frutos para trancá-los e deixá-los apodrecer, impedindo que sirvam a alguém. « Há muitos chamados e poucos escolhidos »; é que há os que acumulam para si o pão da vida, assim como muitas vezes os há para o pão material. Não façam parte desse grupo; a árvore que dá bons frutos deve espalhá-los para todos. Vão, portanto, buscar os que têm sede; tragam-nos para debaixo dos ramos da árvore e compartilhem com eles o abrigo que ela lhes oferece. — « Não se colhem uvas nos espinhos. » Meus irmãos, afastem-se, portanto, daqueles que os chamam para lhes apresentar as sarças do caminho, e sigam os que os conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão: « Nem todos os que me dizem: Senhor, Senhor, entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus. »

Que o Senhor de bênção os abençoe; que o Deus de luz os ilumine; que a árvore da vida derrame sobre vocês seus frutos em abundância! Creiam e orem. (Simeão, Bordeaux, 1863.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XIX. A FÉ TRANSPORTA AS MONTANHAS

✦

1 Poder da fé.

Quando ele chegou junto ao povo, um homem se aproximou dele, ajoelhou-se a seus pés e lhe disse: Senhor, tenha piedade de meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Eu o apresentei aos seus discípulos, mas eles não puderam curá-lo. — E Jesus respondeu, dizendo: Ó geração incrédula e depravada, até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei? Tragam-me aqui essa criança. — E, tendo Jesus repreendido o demônio, este saiu da criança, que foi curada no mesmo instante. — Então os discípulos foram procurar Jesus em particular e lhe disseram: Por que nós não pudemos expulsar esse demônio? — Jesus lhes respondeu: É por causa da incredulidade de vocês. Pois eu lhes digo em verdade: se tivessem fé como um grão de mostarda, diriam a esta montanha: Transporte-se daqui para lá, e ela se transportaria, e nada lhes seria impossível. (São Mateus, cap. XVII, v. de 14 a 19.)

2 No sentido próprio, é certo que a confiança nas próprias forças torna alguém capaz de realizar coisas materiais que não consegue fazer quando duvida de si; mas aqui é unicamente no sentido moral que essas palavras devem ser entendidas.

2.2 As montanhas que a fé move são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em uma palavra, que se encontram entre os homens, mesmo quando se trata das melhores coisas; os preconceitos da rotina, o interesse

material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo, as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho de quem trabalha pelo progresso da humanidade.

2.3 A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem vencer os obstáculos, tanto nas pequenas coisas como nas grandes; a fé vacilante dá a incerteza, a hesitação de que se aproveitam aqueles que se quer combater; ela não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3 Em outra acepção, a fé se refere à confiança que se tem na realização de uma coisa, à certeza de atingir um objetivo; ela dá uma espécie de lucidez que faz ver, no pensamento, o ponto a que se pretende chegar e os meios de alcançá-lo, de modo que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com segurança. Em ambos os casos, ela pode levar à realização de grandes coisas. A fé sincera e verdadeira é sempre calma; ela dá a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem certeza de chegar; a fé duvidosa sente sua própria fraqueza; quando é estimulada pelo interesse, torna-se furiosa e acredita suprir a força pela violência. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, é uma prova de fraqueza e de dúvida de si mesmo.

4 É preciso ter cuidado para não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se alia à humildade; aquele que a possui deposita sua confiança em Deus mais do que em si mesmo, porque sabe que, sendo um simples instrumento da vontade de Deus, nada pode sem ele; é por isso que os bons

Espíritos vêm em seu auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos fracassos que lhe são impostos.

5 O poder da fé recebe uma aplicação direta e especial na ação magnética; por meio dela o homem age sobre o fluido, agente universal; modifica suas qualidades e lhe dá um impulso, por assim dizer, irresistível.

5.2 É por isso que aquele que, a um grande poder fluídico normal, une uma fé ardente pode, apenas pela vontade dirigida para o bem, realizar esses fenômenos estranhos de curas e outros que antigamente passavam por prodígios e que, no entanto, são apenas as consequências de uma lei natural.

5.3 Esse é o motivo pelo qual Jesus diz a seus apóstolos: se vocês não curaram, é porque não tinham fé.

6 A fé religiosa. Condição da fé inabalável

Do ponto de vista religioso, a fé é a crença nos dogmas particulares que constituem as diferentes religiões; todas as religiões têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser raciocinada ou cega. A fé cega, por nada examinar, aceita sem verificação tanto o falso como o verdadeiro e se choca a cada passo com a evidência e a razão; levada ao excesso, produz o fanatismo. Quando a fé se apoia no erro, ela se desfaz cedo ou tarde; somente aquela que tem por base a verdade tem o futuro assegurado, porque nada tem a temer do progresso do conhecimento, visto que aquilo que é verdadeiro na sombra também o é à luz do dia. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; preconizar a fé cega em um ponto de crença é confessar a própria incapacidade de demonstrar que se tem razão.

7 Costuma-se dizer que a fé não se comanda; por isso, muitas pessoas dizem que não têm culpa se não têm fé. Sem dúvida, a fé não se comanda, e o que é ainda mais justo: a fé não se impõe. Não, ela não se comanda, mas se adquire, e não há ninguém a quem seja negado possuí-la, mesmo entre os mais resistentes. Falamos das verdades espirituais fundamentais, e não desta ou daquela crença particular. Não cabe à fé ir até eles; cabe a eles ir ao encontro da fé, e, se a procurarem com sinceridade, a encontrarão. Tenham, portanto, como certo que aqueles que dizem: "Nada desejaríamos mais do que crer, mas não podemos" dizem isso com os lábios, e não com o coração, pois, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, abundam ao redor deles; por que, então, se recusam a vê-las? Em uns, é descaso; em outros, o medo de serem obrigados a mudar seus hábitos; na maioria, é o orgulho que se recusa a reconhecer um poder superior, porque seria preciso se curvar diante dele.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la.

Essa facilidade para assimilar as verdades espirituais é um sinal evidente de progresso anterior; em outras, ao contrário, elas só penetram com dificuldade, sinal não menos evidente de uma natureza atrasada. As primeiras já creram e compreenderam; ao renascerem, trazem a intuição do que souberam: sua educação está feita; as segundas têm tudo a aprender: sua educação está por fazer; ela se fará e, se não for concluída nesta existência, será em outra.

É preciso reconhecer que a resistência do incrédulo muitas vezes se deve menos a ele do que à maneira como lhe apresentam as coisas. A fé precisa de uma base, e essa base é a compreensão perfeita daquilo em que se deve crer; para crer, não basta ver, é preciso sobretudo compreender. A fé cega já

não é deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que hoje produz o maior número de incrédulos, porque ela quer se impor e exige a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É sobretudo contra essa fé que o incrédulo resiste, e é dela que se pode dizer, com verdade, que não se comanda; por não admitir provas, deixa no espírito uma indefinição da qual nasce a dúvida. A fé raciocinada, aquela que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque se tem certeza, e só se tem certeza quando se compreendeu; é por isso que ela não vacila; pois só é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade.

É a esse resultado que conduz o espiritismo; por isso, ele triunfa sobre a incredulidade sempre que não encontra oposição sistemática e movida por interesses.

8 Parábola da figueira seca

Quando saíam de Betânia, ele teve fome; — e, vendo de longe uma figueira, foi ver se poderia encontrar alguma coisa nela e, tendo se aproximado, só encontrou folhas, pois não era tempo de figos. — Então Jesus disse à figueira: Que ninguém coma de você fruto algum; o que seus discípulos ouviram. — No dia seguinte, ao passarem, viram que a figueira havia secado até a raiz. — E Pedro, lembrando-se da palavra de Jesus, lhe disse: Mestre, veja como a figueira que o senhor amaldiçoou secou. — Jesus, tomando a palavra, lhes disse: Tenham fé em Deus. — Eu lhes digo em verdade que todo aquele que disser a esta montanha: Saia daí e se lance no mar, e isso sem hesitar em seu coração, mas crendo firmemente que tudo o que tiver dito acontecerá, verá isso de fato acontecer. (São Marcos, cap. XI, v. 12, 13, 14, e de 20 a 23.)

9 A figueira seca é o símbolo das pessoas que só têm as aparências do bem, mas na realidade não produzem nada de bom; dos oradores que têm mais brilho do que solidez; suas palavras têm o verniz da superfície; agradam aos ouvidos, mas, quando examinadas de perto, nada se encontra nelas de substancial para o coração; depois de ouvi-las, a pessoa se pergunta que proveito tirou delas.

É também o emblema de todas as pessoas que têm os meios de ser úteis e não o são; de todas as utopias, de todos os sistemas vazios, de todas as doutrinas sem base sólida. O que falta, na maioria das vezes, é a verdadeira fé, a fé fecunda, a fé que move as fibras do coração, em uma palavra, a fé que transporta as montanhas. São árvores que têm folhas, mas nenhum fruto; é por isso que Jesus as condena à esterilidade, pois virá um dia em que estarão secas até a raiz; isto é, todos os sistemas, todas as doutrinas que não tiverem produzido nenhum bem para a humanidade cairão no nada; todos os homens voluntariamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que havia neles, serão tratados como a figueira seca.

10 Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem os órgãos materiais que faltam a estes para nos transmitir suas instruções; é por isso que são dotados de faculdades para esse fim.

10.2 Nestes tempos de renovação social, eles têm uma missão particular; são árvores que devem dar o alimento espiritual a seus irmãos; são multiplicados para que o alimento seja abundante; encontram-se por toda parte, em todas as regiões, em todas as camadas da sociedade, entre os ricos e entre os pobres, entre os grandes e entre os pequenos, para que não haja deserdados e para provar aos homens que todos são chamados.

10.3 Mas, se desviarem de seu objetivo providencial a faculdade preciosa que lhes é concedida, se a fizerem servir a coisas fúteis ou nocivas, se a colocarem a serviço dos interesses mundanos, se, em vez de frutos saudáveis, derem frutos nocivos, se se recusarem a torná-la proveitosa para os outros, se não tirarem proveito dela para si mesmos, melhorando-se, serão como a figueira estéril; Deus lhes retirará um dom que se torna inútil em suas mãos: a semente que não sabem fazer frutificar, e os deixará se tornarem presa dos maus Espíritos.

11 Instruções dos Espíritos A fé, mãe da esperança e da caridade

A fé, para ser proveitosa, deve ser ativa; não deve se entorpecer. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, deve velar atentamente pelo desenvolvimento das filhas que gera.

A esperança e a caridade são uma consequência da fé; essas três virtudes são uma trindade inseparável. Não é a fé que dá a esperança de ver cumpridas as promessas do Senhor? Pois, se vocês não têm fé, o que esperarão? Não é a fé que dá o amor? Pois, se vocês não têm fé, que gratidão terão e, por consequência, que amor?

A fé, divina inspiração de Deus, desperta todos os nobres instintos que conduzem o homem ao bem; é a base da regeneração. É preciso, portanto, que essa base seja forte e duradoura, pois, se a menor dúvida vier abalá-la, o que será do edifício que vocês constroem sobre ela? Ergam, portanto, esse edifício sobre alicerces inabaláveis; que a fé de vocês seja mais forte do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, pois a fé que não enfrenta o ridículo imposto pelos homens não é a verdadeira fé.

A fé sincera é envolvente e contagiante; comunica-se àqueles que não a tinham ou que nem mesmo gostariam de tê-la; encontra palavras persuasivas

que chegam à alma, enquanto a fé aparente só tem palavras sonoras que deixam as pessoas frias e indiferentes. Preguem pelo exemplo de sua fé, para dá-la aos homens; preguem pelo exemplo de suas obras, para lhes mostrar o mérito da fé; preguem por sua esperança inabalável, para lhes mostrar a confiança que fortalece e torna possível enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tenham, portanto, a fé em tudo o que ela tem de belo e de bom, em sua pureza, em seu raciocínio. Não admitam a fé sem exame, filha cega da cegueira. Amem a Deus, mas saibam por que o amam; creiam em suas promessas, mas saibam por que creem nelas; sigam nossos conselhos, mas compreendam o objetivo que lhes mostramos e os meios que lhes trazemos para alcançá-lo. Creiam e esperem sem jamais fraquejar: os milagres são obra da fé. (José. Espírito protetor. Bordeaux, 1862.) A fé divina e a fé humana.

12 A fé é o sentimento inato no homem de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das imensas faculdades cujo germe foi nele depositado, a princípio em estado latente, e que deve fazer desabrochar e crescer por sua vontade atuante.

Até agora, a fé só foi compreendida sob o aspecto religioso, porque o Cristo a preconizou como uma alavanca poderosa e porque só se viu nele o chefe de uma religião. Mas o Cristo, que realizou milagres materiais, mostrou, por esses mesmos milagres, o que o homem pode quando tem fé, isto é, a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode se realizar. Os apóstolos, a seu exemplo, também não fizeram milagres? Ora, o que eram esses milagres, senão efeitos naturais cuja causa era desconhecida dos homens de então, mas que hoje se explicam em grande parte e que serão completa-

mente compreendidos pelo estudo do espiritismo e do magnetismo?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades às necessidades terrenas ou às suas aspirações celestes e futuras. O homem de gênio que busca a realização de algum grande empreendimento tem êxito se tem fé, porque sente em si que pode e deve chegar ao objetivo, e essa certeza lhe dá uma força imensa. O homem de bem que, crendo em seu futuro celeste, quer preencher sua vida com ações nobres e belas, encontra em sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e também aí se realizam milagres de caridade, de dedicação e de abnegação. Enfim, com a fé, não há más inclinações que não se consiga vencer.

O magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação; é pela fé que ele cura e produz esses fenômenos estranhos que antigamente eram qualificados de milagres.

Repito: a fé é humana e divina; se todos os encarnados estivessem bem convencidos da força que têm em si e quisessem pôr sua vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o que, até agora, se chamou de prodígios e que é simplesmente um desenvolvimento das faculdades humanas. (Um Espírito protetor. Paris, 1863.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XX. OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

✦

1 O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de manhã bem cedo para contratar trabalhadores para sua vinha; — tendo combinado com os trabalhadores que receberiam um denário pelo dia de trabalho, enviou-os à vinha. — Saiu novamente por volta da terceira hora do dia e, vendo outros que estavam na praça sem fazer nada, — disse-lhes: Vão vocês também à minha vinha, e eu lhes darei o que for justo; — e eles foram. Saiu novamente por volta da sexta e da nona hora do dia e fez a mesma coisa. — E, saindo por volta da décima primeira hora, encontrou outros que estavam ali sem fazer nada e lhes disse: Por que vocês ficam aqui o dia inteiro sem trabalhar? — É porque ninguém nos contratou, responderam eles, e ele lhes disse: Vão vocês também à minha vinha.

Ao cair da noite, o dono da vinha disse àquele que cuidava de seus negócios: Chame os trabalhadores e pague a eles, começando pelos últimos até os primeiros. — Então, os que só tinham chegado à vinha por volta da décima primeira hora se aproximaram e receberam um denário cada um. — Quando chegou a vez dos que tinham sido contratados primeiro, eles pensaram que receberiam mais, mas também receberam apenas um denário cada um; — e, ao recebê-lo, murmuravam contra o pai de família, — dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora, e o senhor os iguala a nós, que suportamos o peso do dia e do calor.

Mas ele respondeu a um deles: Meu amigo, não estou sendo injusto com você; não combinou comigo um denário pelo seu dia de trabalho? Pegue o

que lhe pertence e vá embora; quanto a mim, quero dar a este último tanto quanto a você. — Não me é permitido fazer o que quero? E seu olho é mau porque sou bom?

Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos, porque há muitos chamados e poucos escolhidos. (São Mateus, cap. xx, v. de 1 a 16. Ver também: Parábola do banquete de núpcias, cap. xviii, nº 1.)

[2] Instruções dos Espíritos Os últimos serão os primeiros

O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que sua boa vontade o tenha mantido à disposição do senhor que devia empregá-lo, e que esse atraso não seja fruto de sua preguiça ou de sua má vontade. Ele tem direito ao salário porque, desde o amanhecer, esperava com impaciência aquele que, enfim, o chamaria ao trabalho; era trabalhador, só lhe faltava o serviço.

Mas, se tivesse recusado o trabalho a cada hora do dia; se tivesse dito: Tenhamos paciência, o descanso me é agradável; quando soar a última hora, será tempo de pensar no salário do dia. Que necessidade tenho de me incomodar por um senhor que não conheço, que não amo! Quanto mais tarde, melhor. Esse, meus amigos, não teria recebido o salário do trabalhador, mas o da preguiça.

Que será, então, daquele que, em vez de simplesmente permanecer inativo, tiver empregado as horas destinadas ao trabalho do dia em cometer atos culpáveis: que tiver blasfemado contra Deus, derramado o sangue de seus irmãos, levado a perturbação às famílias, arruinado homens que nele confiavam, abusado da inocência, que, enfim, tiver se entregado a todas as ignomínias da humanidade; que será, então, desse homem? Será suficiente dizer na última hora: Senhor, empreguei mal meu tempo; aceite-me até o fim

do dia, para que eu faça um pouco, bem pouco da minha tarefa, e me dê o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o senhor lhe dirá: Por enquanto, não tenho trabalho para você; você desperdiçou seu tempo; esqueceu o que havia aprendido, já não sabe trabalhar na minha vinha. Recomece, então, a aprender e, quando estiver mais bem disposto, venha até mim, eu lhe abrirei meu vasto campo, e você poderá trabalhar nele a qualquer hora do dia.

Bons espíritas, meus bem-amados, vocês são todos trabalhadores da última hora. Muito orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei a obra ao amanhecer e só a terminarei ao cair do dia. Todos vocês vieram quando foram chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujas correntes carregam; mas há quantos séculos acumulados o senhor os tem chamado à sua vinha sem que vocês tenham querido entrar nela! Agora vocês estão prestes a receber o salário; empreguem bem esta hora que lhes resta e nunca se esqueçam de que sua existência, por mais longa que lhes pareça, é apenas um momento muito passageiro na imensidão dos tempos que formam para vocês a eternidade. (Constantino, Espírito protetor. Bordeaux, 1863.)

3 Jesus apreciava a simplicidade dos símbolos e, em sua linguagem vigorosa, os trabalhadores que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, continuadas ao longo dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Padres da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, enfim, pelos espíritas. Estes, que vieram por último, foram anunciados e previstos desde a aurora do Messias, e receberão a mesma recompensa; que digo? Uma recompensa mais elevada. Últimos a chegar, os espíritas aproveitam os trabalhos intelectuais de seus

antecessores, porque o homem deve herdar do homem, e seus trabalhos e os resultados deles são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Muitos deles, aliás, revivem hoje ou reviverão amanhã para concluir a obra que começaram no passado; mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram entre eles, mas mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando já no coroamento do edifício, em vez de em sua base; seu salário será, portanto, proporcional ao mérito da obra.

A reencarnação, esse belo dogma, eterniza e torna precisa a filiação espiritual. O Espírito, chamado a prestar contas de sua missão terrestre, compreende a continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada; ele vê, ele sente que captou de passagem o pensamento de seus antecessores; volta à luta, amadurecido pela experiência, para avançar ainda mais: e todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos abertos para a profunda justiça de Deus, já não murmuram e adoram.

Esse é um dos verdadeiros sentidos dessa parábola que contém, como todas as que Jesus dirigiu ao povo, a semente do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação dessa magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no universo, dessa solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro. (Henrique Heine. Paris, missão dos espíritas.

[4] Vocês já não ouvem se formar a tempestade que deve levar o velho mundo e engolir no nada a soma das iniquidades terrestres? Ah! Bendigam o Senhor, vocês que depositaram sua fé em sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas vozes proféticas superiores, vão pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos, conforme

tenham cumprido bem ou mal suas missões e suportado suas provações terrestres.

Não tremam mais! As línguas de fogo estão sobre suas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, vocês são os escolhidos de Deus! Vão e preguem a palavra divina. Chegou a hora em que vocês devem sacrificar à sua propagação seus hábitos, seus trabalhos, suas ocupações fúteis. Vão e preguem: os Espíritos do alto estão com vocês. Certamente falarão a pessoas que não vão querer ouvir a voz de Deus, porque essa voz as chama sem cessar à abnegação; vocês pregarão o desprendimento aos avarentos, a abstinência aos devassos, a mansidão aos tiranos domésticos, assim como aos déspotas: palavras perdidas, eu sei; mas que importa! É preciso regar com seu suor o terreno que devem semear, pois ele só dará frutos e produzirá sob os esforços repetidos da enxada e do arado evangélicos. Vão e preguem!

Sim, todos vocês, homens de boa-fé, que creem em sua inferioridade ao olhar os mundos espalhados no infinito, partam em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Vão e derrubem esse culto do bezerro de ouro, cada dia mais invasivo. Vão, Deus os conduz! Homens simples e ignorantes, suas línguas se soltarão, e vocês falarão como nenhum orador fala. Vão e preguem, e as populações atentas acolherão com felicidade suas palavras de consolo, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as emboscadas que serão colocadas em seu caminho! Somente os lobos cairão nas armadilhas para lobos, pois o pastor saberá defender suas ovelhas contra os açougueiros sacrificadores.

Vão, homens grandes diante de Deus, que, mais felizes que São Tomé, creem sem pedir para ver e aceitam os fatos da mediunidade, mesmo que nunca tenham conseguido obtê-los por si mesmos; vão, o Espírito de Deus os conduz.

Avance, então, falange imponente por sua fé! E os grandes batalhões dos incrédulos desaparecerão diante de você como as névoas da manhã aos primeiros raios do sol nascente.

A fé é a virtude que moverá as montanhas, disse-lhes Jesus; mas, mais pesadas que as mais pesadas montanhas, repousam no coração dos homens a impureza e todos os vícios da impureza. Partam, então, com coragem para mover essa montanha de iniquidades que as gerações futuras só deverão conhecer como lenda, assim como vocês mesmos só conhecem muito imperfeitamente o período dos tempos anteriores à civilização pagã.

Sim, as grandes transformações morais e filosóficas vão irromper em todos os pontos do globo; aproxima-se a hora em que a luz divina aparecerá nos dois mundos.

5 Os trabalhadores do Senhor

Vocês se aproximam do tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da humanidade; felizes serão aqueles que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desprendimento e sem outro motivo senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos com cem vezes mais do que tiverem esperado. Felizes serão aqueles que tiverem dito a seus irmãos: «Irmãos, trabalhemos juntos e unamos nossos esforços para que o senhor encontre o trabalho terminado ao chegar», pois o senhor lhes dirá: «Venham a mim, vocês que são bons servidores, vocês que fizeram calar seus ciúmes e suas discórdias para não deixar o trabalho prejudicado!» Mas ai daqueles que, por suas dissensões, tiverem atrasado a hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados pelo turbilhão! Gritarão: «Misericórdia! Misericórdia!» Mas o Senhor lhes dirá: «Por que pedem misericórdia, vocês que não tiveram piedade de seus irmãos e se recusaram a lhes esten-

der a mão, vocês que esmagaram o fraco em vez de ampará-lo? Por que pedem misericórdia, vocês que buscaram sua recompensa nas alegrias da terra e na satisfação de seu orgulho? Vocês já receberam sua recompensa, tal como a quiseram; não peçam mais: as recompensas celestes são para aqueles que não tiverem pedido as recompensas da terra.»

Deus está contando neste momento seus servidores fiéis e marcou com seu dedo aqueles que só têm a aparência da dedicação, para que não usurpem o salário dos servidores corajosos, pois é àqueles que não recuarem diante de sua tarefa que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo espiritismo, e esta palavra se cumprirá: «Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros no reino dos céus!» (O Espírito de Verdade. Paris, 1862.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXI. HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

✦

1 Conhece-se a árvore pelo seu fruto.
A árvore que produz maus frutos não é boa, e a árvore que produz bons frutos não é má; — pois cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos de espinheiros, nem se cortam cachos de uvas de sarças. — O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro de seu coração, e o mau tira coisas más do mau tesouro de seu coração; pois a boca fala daquilo de que o coração está cheio. (São Lucas, cap. vi, v. 43, 44, 45.)

2 Tenham cuidado com os falsos profetas que vêm até vocês cobertos de peles de ovelha e que, por dentro, são lobos vorazes. — Vocês os conhecerão pelos seus frutos. Pode-se colher uvas de espinheiros ou figos de sarças?

2.2 — Assim, toda árvore boa produz bons frutos, e toda árvore má produz maus frutos. — Uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não pode produzir bons frutos.

2.3 — Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo. — Portanto, vocês os conhecerão pelos seus frutos. (São Mateus, cap. vii, v. lo a 20.)

3 Tenham cuidado para que ninguém os engane; — porque muitos virão em meu nome, dizendo: «Eu sou o Cristo», e enganarão a muitos.
Surgirão muitos falsos profetas que enganarão muitas pessoas; — e, porque a iniquidade aumentará, a caridade de muitos esfriará. — Mas será salvo aquele que perseverar até o fim.

Então, se alguém disser a vocês: O Cristo está aqui, ou está ali, não acreditem; — pois surgirão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas, a ponto de enganar, se fosse possível, até os eleitos. (São Mateus, cap. xxiv, v. 4, 5, 11, 12, 13, 23, 24. — São Marcos, cap. xiii, v. 5, 6, 21, 22.)

Missão dos profetas.

4 Costuma-se atribuir aos profetas o dom de revelar o futuro, de modo que as palavras profecias e predições se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra profeta tem um significado mais amplo; aplica-se a todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual.

4.2 Um homem pode, por conseguinte, ser profeta sem fazer predições; essa era a ideia dos judeus no tempo de Jesus; por isso, quando ele foi levado diante do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, reunidos, cuspiram em seu rosto, deram-lhe socos e bofetadas, dizendo: «Cristo, profetize para nós e diga quem foi que bateu em você.»

4.3 Entretanto, aconteceu de profetas terem conhecimento antecipado do futuro, seja por intuição, seja por revelação providencial, a fim de dar advertências aos homens; como esses acontecimentos se realizaram, o dom de prever o futuro passou a ser considerado um dos atributos da condição de profeta.

5 Prodígios dos falsos profetas

«Surgirão falsos cristos e falsos profetas que farão grandes prodígios e coisas espantosas, a ponto de enganar até os eleitos.» Essas palavras dão o verdadeiro sentido da palavra prodígio. Na acepção teológica, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da natureza. Sendo as

leis da natureza obra somente de Deus, ele pode, sem dúvida, abrir exceções a elas se assim lhe agradar, mas o simples bom senso diz que ele não pode ter dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, e menos ainda o direito de desfazer o que ele fez. Jesus não pode ter consagrado semelhante princípio. Se, portanto, segundo o sentido que se atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios capazes de enganar até os eleitos, disso resultaria que, podendo ele fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, pois nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. É preciso, portanto, buscar um sentido mais racional para essas palavras.

Aos olhos do povo ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e milagroso; uma vez conhecida a causa, reconhece-se que o fenômeno, por mais extraordinário que pareça, nada mais é que a aplicação de uma lei da natureza. É assim que o círculo dos fatos sobrenaturais se estreita à medida que se amplia o da ciência. Em todos os tempos, homens exploraram certos conhecimentos que possuíam em proveito de sua ambição, de seus interesses e de seu domínio, a fim de se dar o prestígio de um poder supostamente sobre-humano ou de uma pretensa missão divina. Esses são falsos cristos e falsos profetas; a difusão do conhecimento destrói sua credibilidade, por isso seu número diminui à medida que os homens se esclarecem. O fato de realizar aquilo que, aos olhos de certas pessoas, passa por prodígio não é, portanto, sinal de uma missão divina, pois pode resultar de conhecimentos que qualquer um pode adquirir, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno pode possuir tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por características mais sérias e exclusivamente morais.

6 Não acreditem em todos os Espíritos

Meus bem-amados, não acreditem em todo Espírito, mas examinem se os Espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas surgiram no mundo. (São João, 1ª epístola, cap. iv, v. 1.)

7 Os fenômenos espíritas, longe de dar crédito aos falsos cristos e aos falsos profetas, como alguns fingem dizer, vêm, ao contrário, dar-lhes um golpe final. Não peçam ao espiritismo milagres nem prodígios, pois ele declara expressamente que não os produz; assim como a física, a química, a astronomia e a geologia vieram revelar as leis do mundo material, ele vem revelar outras leis desconhecidas, as que regem as relações entre o mundo corporal e o mundo espiritual, e que, assim como as que a ciência revelou antes, são igualmente leis da natureza; ao dar a explicação de certa ordem de fenômenos até hoje incompreendidos, ele destrói o que ainda restava no domínio do maravilhoso. Aqueles, portanto, que fossem tentados a explorar esses fenômenos em proveito próprio, fazendo-se passar por messias de Deus, não poderiam abusar por muito tempo da credulidade e logo seriam desmascarados. Aliás, como foi dito, esses fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais que não é dado a qualquer um produzir. Esse é um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; ao investigar a causa de certos fenômenos, ela levanta o véu de muitos mistérios. Somente aqueles que preferem a escuridão à luz têm interesse em combatê-la; mas a verdade é como o sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O espiritismo vem revelar outra categoria muito mais perigosa de falsos cristos e falsos profetas, que se encontram entre os desencarnados, e não entre os homens: é a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e falsos sábios que passaram da Terra para a erraticidade e se enfeitam com nomes

venerados para tentar, sob a máscara com que se cobrem, dar crédito a ideias muitas vezes das mais estranhas e absurdas. Antes que as relações mediúnicas fossem conhecidas, eles exerciam sua ação de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, auditiva ou falante. É considerável o número daqueles que, em diversas épocas, mas sobretudo nestes últimos tempos, se fizeram passar por alguns dos antigos profetas, pelo Cristo, por Maria, mãe do Cristo, e até por Deus. São João adverte contra eles quando diz: «Meus bem-amados, não acreditem em todo Espírito, mas examinem se os Espíritos são de Deus; pois muitos falsos profetas surgiram no mundo.» O espiritismo dá os meios de examiná-los, indicando as características pelas quais se reconhecem os bons Espíritos, características sempre morais e nunca materiais. É sobretudo ao discernimento dos bons e dos maus Espíritos que se podem aplicar estas palavras de Jesus: «Reconhece-se a qualidade da árvore pelo seu fruto; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não pode produzir bons frutos.» Julgam-se os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade de seus frutos.

8 Instruções dos Espíritos Os falsos profetas

Se disserem a vocês: «O Cristo está aqui», não vão até lá; ao contrário, fiquem atentos, pois os falsos profetas serão numerosos. Mas vocês não veem as folhas da figueira que começam a esbranquiçar; não veem seus numerosos brotos esperando a época da floração, e o Cristo não lhes disse: Conhece-se uma árvore pelo seu fruto? Se, portanto, os frutos são amargos, vocês julgam que a árvore é má; mas, se são doces e salutares, vocês dizem: Nada de puro pode sair de um tronco mau.

É assim, meus irmãos, que vocês devem julgar; são as obras que devem exa-

minar. Se aqueles que se dizem revestidos do poder divino apresentam todos os sinais de semelhante missão, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações; se, em apoio às palavras, acrescentam os atos, então vocês poderão dizer: Estes são realmente os enviados de Deus.

Mas desconfiem das palavras melosas, desconfiem dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos com longas túnicas. Desconfiem daqueles que pretendem ter o único e exclusivo monopólio da verdade!

Não, não, o Cristo não está ali, pois aqueles que ele envia para propagar sua santa doutrina e regenerar seu povo serão, a exemplo do Mestre, mansos e humildes de coração acima de tudo; aqueles que devem, por seus exemplos e seus conselhos, salvar a humanidade que corre para a perdição e vagueia por caminhos tortuosos serão, acima de tudo, modestos e humildes. Fujam de tudo o que revela um átomo de orgulho, como de uma lepra contagiosa que corrompe tudo o que toca. Lembrem-se de que cada criatura traz na testa, mas sobretudo em seus atos, a marca de sua grandeza ou de sua decadência.

Vão, portanto, meus filhos bem-amados, caminhem sem hesitações, sem intenções ocultas, pela estrada abençoada que começaram a percorrer. Vão, sigam sempre sem medo; afastem corajosamente tudo o que possa impedir sua marcha para o objetivo eterno. Viajantes, vocês ficarão por muito pouco tempo ainda nas trevas e nas dores da provação, se entregarem seus corações a essa doce doutrina que vem lhes revelar as leis eternas e satisfazer todas as aspirações de sua alma em direção ao desconhecido. Desde já, vocês podem dar corpo a esses silfos leves que viam passar em seus sonhos e que, efêmeros, só podiam encantar seu espírito, mas nada diziam ao seu coração.

Agora, meus amados, a morte desapareceu para dar lugar ao anjo radiante que vocês conhecem, o anjo do reencontro e da reunião! Agora, vocês que cumpriram bem a tarefa imposta pelo Criador nada mais têm a temer de sua justiça, pois ele é pai e sempre perdoa seus filhos perdidos que clamam por misericórdia. Continuem, portanto, avancem sem cessar; que seu lema seja o do progresso, do progresso contínuo em todas as coisas, até que cheguem, enfim, àquele destino feliz onde os esperam todos os que vieram antes de vocês. (Luís. Bordeaux, 1861.)

(1) Para a distinção dos Espíritos, ver Livro dos Médiuns, cap. 24 e seguintes.

9 Características do verdadeiro profeta

Desconfiem dos falsos profetas. Essa recomendação é útil em todos os tempos, mas sobretudo nos momentos de transição em que, como neste, se prepara uma transformação da humanidade, pois então uma multidão de ambiciosos e de intrigantes se apresenta como reformadores e messias. É contra esses impostores que devemos nos precaver, e é dever de toda pessoa honesta desmascará-los. Vocês sem dúvida perguntarão como reconhecê-los; eis suas características:

Só se confia o comando de um exército a um general hábil e capaz de dirigi-lo; vocês acreditam, então, que Deus seja menos prudente que os homens? Tenham certeza de que ele só confia as missões importantes àqueles que sabe serem capazes de cumpri-las, pois as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem fraco demais para carregá-los. Como em todas as coisas o mestre deve saber mais que o aluno, para fazer a humanidade avançar moral e intelectualmente, são necessários homens superiores em inteligência e moralidade! Por isso, são sempre Espíritos já muito adian-

tados, que deram provas de seu valor em outras existências, que encarnam com esse objetivo; pois, se não forem superiores ao meio em que devem agir, sua ação será nula.

Estabelecido isso, concluam que o verdadeiro missionário de Deus deve justificar sua missão por sua superioridade, por suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. Tirem ainda esta conclusão: se ele estiver, por seu caráter, por suas virtudes, por sua inteligência, abaixo do papel que atribui a si mesmo, ou da personagem sob cujo nome se abriga, será apenas um comediante de baixa categoria, que nem sequer sabe copiar seu modelo.

Outra consideração é que a maioria dos verdadeiros missionários de Deus desconhece sua própria condição; eles realizam aquilo a que são chamados pela força de seu gênio, auxiliado pelo poder oculto que os inspira e dirige sem que saibam, mas sem um propósito premeditado. Em uma palavra, os verdadeiros profetas se revelam por seus atos: nós os reconhecemos; enquanto os falsos profetas se apresentam como enviados de Deus; o primeiro é humilde e modesto; o segundo é orgulhoso e cheio de si; fala com arrogância e, como todos os mentirosos, parece sempre temer que não acreditem nele.

Já se viram desses impostores que se faziam passar por apóstolos do Cristo, outros pelo próprio Cristo, e o que envergonha a humanidade é que encontraram pessoas crédulas o bastante para dar crédito a semelhantes torpezas. Uma consideração muito simples, porém, deveria abrir os olhos do mais cego: se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o seu poder e todas as suas virtudes, a menos que se admitisse, o que seria absurdo, que ele tivesse degenerado; ora, assim como, se vocês retirarem de Deus um só de seus atributos, já não terão Deus, se retirarem uma só das virtudes do

Cristo, já não terão o Cristo. Aqueles que se fazem passar pelo Cristo têm todas as suas virtudes? Essa é a questão; observem; examinem seus pensamentos e seus atos, e reconhecerão que lhes faltam, acima de tudo, as qualidades que distinguem o Cristo: a humildade e a caridade, enquanto têm o que ele não tinha: a cobiça e o orgulho. Observem, além disso, que existem neste momento, em diferentes países, vários pretensos Cristos, assim como existem vários pretensos Elias, São João ou São Pedro, e que necessariamente não podem ser todos verdadeiros. Tenham como certo que são pessoas que exploram a credulidade e acham cômodo viver à custa daqueles que as escutam.

Desconfiem, portanto, dos falsos profetas, sobretudo em um tempo de renovação, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus; eles obtêm uma satisfação vaidosa na Terra, mas uma terrível justiça os espera, disso vocês podem ter certeza. (Erasto. Paris, 1862.)

10 Os falsos profetas da erraticidade

Os falsos profetas não estão apenas entre os encarnados; estão também, e em número muito maior, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsas aparências de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, colocando em seu caminho seus sistemas absurdos, que fazem seus médiuns aceitar; e, para melhor fascinar aqueles que querem enganar, para dar mais peso a suas teorias, enfeitam-se sem escrúpulos com nomes que os homens só pronunciam com respeito.

São eles que semeiam os germes do antagonismo entre os grupos, que os levam a se isolar uns dos outros e a se olharem com desconfiança. Só isso bastaria para desmascará-los; pois, agindo assim, eles mesmos desmentem da maneira mais categórica aquilo que pretendem ser. Cegos, por conse-

guinte, são os homens que se deixam apanhar em uma armadilha tão grosseira.

Mas há muitos outros meios de reconhecê-los. Espíritos da ordem à qual dizem pertencer devem ser não apenas muito bons, mas, além disso, eminentemente racionais. Pois bem, passem seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso, e verão o que restará deles. Concordem, portanto, comigo que, sempre que um Espírito indicar, como remédio para os males da humanidade, ou como meios de alcançar sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formular um sistema contradito pelas noções mais comuns da ciência, só poderá ser um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, acreditem que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, ela sempre o é pelo bom senso das massas, e esse também é um critério. Se dois princípios se contradizem, vocês terão a medida de seu valor intrínseco procurando aquele que encontra mais ecos e simpatias; seria ilógico, de fato, admitir que uma doutrina que visse diminuir o número de seus partidários fosse mais verdadeira do que aquela que vê os seus aumentarem. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina em um círculo restrito: faz com que surja em diferentes pontos, para que em toda parte a luz esteja ao lado das trevas.

Rejeitem sem piedade todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram se impor aos homens fracos e crédulos, cobrindo-os de elogios exagerados, a fim de fasciná-los e mantê-los sob seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder que, déspotas públicos ou privados quando vivos, querem continuar tendo vítimas para tiranizar depois da morte. Em geral, desconfiem das comunicações

que apresentam um caráter de misticismo e estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros; há sempre, nesses casos, um motivo legítimo de suspeita.

Por outro lado, acreditem que, quando uma verdade deve ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada a todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a estes ou àqueles, com exclusão dos outros. Ninguém é um médium perfeito se estiver obsediado, e há obsessão manifesta quando um médium só é capaz de receber as comunicações de um Espírito específico, por mais alto que este procure se colocar. Consequentemente, todo médium, todo grupo que se julga privilegiado por comunicações que só ele pode receber e que, por outro lado, está sujeito a práticas que beiram a superstição, está indubitavelmente sob uma obsessão das mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se vangloria de um nome que todos nós, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, e não permitir que seja comprometido a todo momento.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado, um grupo enganado; mas o controle rigoroso dos outros grupos, o conhecimento adquirido e a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupo, assim como as comunicações dos principais médiuns, que recebem uma marca de lógica e autenticidade de nossos melhores Espíritos, logo farão justiça a esses ditados mentirosos e astuciosos, vindos de uma turba de Espíritos enganadores ou maus. (Erasto, discípulo de São Paulo. Paris, 4 862.)

(Ver na Introdução o parágrafo: II. Controle universal do ensino dos Espíritos. — Livro dos médiuns, cap. xxiii, Da obsessão.)

11 Jeremias e os falsos profetas

Eis o que diz o Senhor dos exércitos: Não escutem as palavras dos profetas que lhes profetizam e os enganam. Eles divulgam as visões de seu coração, e não o que aprenderam da boca do Senhor. — Dizem àqueles que me blasfemam: O Senhor o disse, vocês terão paz; e a todos os que andam na corrupção de seu coração: Nenhum mal lhes acontecerá. — Mas qual deles esteve no conselho de Deus; quem o viu e ouviu o que ele disse? — Eu não enviava esses profetas, e eles corriam por conta própria; eu não lhes falava, e eles profetizavam de sua própria cabeça. — Ouvi o que disseram esses profetas que profetizam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei. — Até quando essa imaginação estará no coração dos profetas que profetizam a mentira, e cujas profecias são apenas os enganos de seu coração? Se, portanto, este povo, ou um profeta, ou um sacerdote lhes perguntar e disser: Qual é o fardo do Senhor? Vocês lhe dirão: São vocês mesmos o fardo, e eu os lançarei para bem longe de mim, diz o Senhor. (Jeremias, cap. xxiii, v. 16, 17, 18, 21, 25, 26, 33.)

É sobre essa passagem do profeta Jeremias que vou lhes falar, meus amigos. Deus, falando por sua boca, diz: "É a visão de seu coração que os faz falar." Essas palavras indicam claramente que já naquela época os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam. Abusavam, portanto, da fé simples e quase cega do povo, prevendo, por dinheiro, coisas boas e agradáveis. Esse tipo de engano era bastante comum na nação judaica, e é fácil compreender que o pobre povo, em sua ignorância, não tinha como distinguir os bons dos maus e era sempre, em maior ou menor grau, enganado por esses supostos profetas, que eram apenas impostores ou fanáticos. Há algo mais significativo que estas palavras: "Não enviei aqueles profetas, e eles correram por conta própria; não lhes falei, e eles profeti-

zaram?" Mais adiante, ele diz: "Ouvi esses profetas que profetizam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei"; assim indicava um dos meios empregados para explorar a confiança que se tinha neles. A multidão, sempre crédula, não pensava em contestar a veracidade de seus sonhos ou de suas visões; achava tudo isso muito natural e sempre convidava esses profetas a falar.

Depois das palavras do profeta, escutem os sábios conselhos do apóstolo São João, quando diz: "Não acreditem em todo Espírito, mas examinem se os Espíritos são de Deus"; pois entre os invisíveis também há aqueles que gostam de enganar quando encontram oportunidade. Os enganados são, naturalmente, os médiuns que não tomam precauções suficientes. Esse é, sem dúvida, um dos maiores obstáculos, contra o qual muitos vêm fracassar, principalmente quando são iniciantes no espiritismo. É para eles uma prova que só podem vencer com muita prudência. Aprendam, portanto, antes de tudo, a distinguir os bons dos maus Espíritos, para que vocês mesmos não se tornem falsos profetas. (Luoz, Espírito protetor. Karlsruhe, 1861.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXII. NÃO SEPAREM O QUE DEUS UNIU

✦

1 Indissolubilidade do casamento. — Divórcio.

Indissolubilidade do casamento.

Os fariseus também vieram até ele para tentá-lo e lhe disseram: É permitido a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? — Ele lhes respondeu: Vocês não leram que aquele que criou o homem desde o princípio os criou homem e mulher, e que foi dito: — Por essa razão, o homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá à sua mulher, e ambos serão uma só carne? — Assim, já não serão dois, mas uma só carne. Portanto, que o homem não separe o que Deus uniu.

Mas por que, então, disseram eles, Moisés ordenou que se desse à mulher uma carta de separação e que ela fosse repudiada? — Ele lhes respondeu: Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés lhes permitiu repudiar suas mulheres; mas não foi assim desde o princípio. — Por isso, eu lhes declaro que todo aquele que repudia sua mulher, exceto em caso de adultério, e se casa com outra, comete adultério; e aquele que se casa com a mulher que outro repudiou também comete adultério. (São Mateus, cap. xix, v. de 3 a 9.)

2 Só é imutável o que vem de Deus; tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudanças. As leis da natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países; as leis humanas mudam conforme os tempos, os lugares e o progresso da inteligência.

2.2 No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos para realizar a renovação dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são de ordem tão humana que não há, no mundo inteiro, e mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente iguais, e não há um só onde elas não tenham sofrido mudanças com o tempo.

2.3 Disso resulta que, aos olhos da lei civil, o que é legítimo em uma região e em uma época é adultério em outra região e em outro tempo; e isso porque a lei civil tem por objetivo regular os interesses das famílias, e esses interesses variam conforme os costumes e as necessidades locais.

2.4 Assim, por exemplo, em certos países, só o casamento religioso é legítimo; em outros, é necessário também o casamento civil; em outros, enfim, basta o casamento civil.

3 Mas, na união dos sexos, ao lado da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Deus quis que os seres estivessem unidos não apenas pelos laços da carne, mas também pelos da alma, para que o afeto mútuo dos esposos se estendesse aos filhos e fossem dois, em vez de um, a amá-los, cuidar deles e fazê-los progredir. Nas condições habituais do casamento, essa lei de amor é levada em conta? De modo algum; o que se considera não é o afeto de dois seres que um sentimento mútuo atrai um para o outro, pois, na maioria das vezes, esse afeto é desfeito; o que se busca não é a satisfação do coração, mas a do orgulho, da vaidade, da cobiça, em uma palavra, de todos os interesses materiais. Quando tudo está da melhor forma segundo esses interesses, diz-se que o casamento é conveniente; e, quando as fortunas combinam bem, diz-se que os esposos também combinam e devem ser muito felizes.

Mas nem a lei civil nem os compromissos que ela faz assumir podem suprir a lei de amor, se essa lei não presidir à união. Disso resulta que, muitas vezes, o que se uniu à força se separa por si mesmo; que o juramento pronunciado ao pé do altar se torna um perjúrio quando é dito como uma fórmula banal. Daí as uniões infelizes, que acabam se tornando criminosas; dupla infelicidade que seria evitada se, entre as condições do casamento, não se deixasse de lado a única que o legitima aos olhos de Deus: a lei de amor. Quando Deus disse: "Vocês serão uma só carne", e quando Jesus disse: "Vocês não separarão o que Deus uniu", isso deve ser entendido como a união segundo a lei imutável de Deus, e não segundo a lei variável dos homens.

4 A lei civil é, então, supérflua, e é preciso voltar aos casamentos segundo a natureza? Certamente que não; a lei civil tem por objetivo regular as relações sociais e os interesses das famílias, segundo as exigências da civilização. Por isso ela é útil, necessária, mas variável; deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como o selvagem.

4.2 Mas nada, absolutamente nada, impede que ela seja uma consequência da lei de Deus; os obstáculos ao cumprimento da lei divina vêm dos preconceitos, e não da lei civil.

4.3 Esses preconceitos, embora ainda fortes, já perderam parte de seu domínio entre os povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral, que finalmente abrirá os olhos para os males sem conta, as faltas e até os crimes que resultam das uniões contraídas tendo em vista apenas os interesses materiais.

4.4 E um dia se perguntará se é mais humano, mais caridoso, mais moral prender um ao outro seres que não podem viver juntos do que lhes devolver a liberdade; se a perspectiva de uma corrente indissolúvel não aumenta o número das uniões irregulares. O divórcio

5 O divórcio é uma lei humana que tem por objetivo separar legalmente o que já está separado de fato; ela não é contrária à lei de Deus, pois apenas modifica o que os homens fizeram e só se aplica aos casos em que a lei divina não foi levada em conta. Se fosse contrária a essa lei, a própria Igreja seria obrigada a considerar prevaricadores aqueles de seus chefes que, por sua própria autoridade e em nome da religião, em mais de uma circunstância, impuseram o divórcio; dupla prevaricação, então, pois isso era feito tendo em vista apenas interesses temporais, e não para satisfazer à lei de amor.

Mas o próprio Jesus não consagra a indissolubilidade absoluta do casamento. Não diz ele: "Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés lhes permitiu repudiar suas mulheres"? Isso significa que, desde o tempo de Moisés, como o afeto mútuo não era o único objetivo do casamento, a separação podia se tornar necessária. Mas, acrescenta ele, "não foi assim desde o princípio"; isto é, na origem da humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho, e viviam segundo a lei de Deus, as uniões fundadas na simpatia, e não na vaidade ou na ambição, não davam motivo ao repúdio.

Ele vai mais longe: especifica o caso em que o repúdio pode ocorrer, que é o de adultério; ora, o adultério não existe onde reina um afeto recíproco sincero. É verdade que ele proíbe a todo homem casar-se com a mulher repudiada, mas é preciso levar em conta os costumes e o caráter dos homens de seu tempo. A lei de Moisés, nesse caso, prescrevia o apedrejamento; que-

rendo abolir um costume bárbaro, ainda assim era necessária uma penalidade, e ele a encontra na desonra que a proibição de um segundo casamento deveria impor. Era, de certa forma, uma lei civil que substituía outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, deveria passar pela prova do tempo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIII. MORAL ESTRANHA

✦

1 Quem não odeia seu pai e sua mãe.

Uma grande multidão caminhava com Jesus; ele se voltou para eles e lhes disse: — Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e até a própria vida, não pode ser meu discípulo. — E quem não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo. — Assim, qualquer um de vocês que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo. (São Lucas, cap. xiv, v. 25, 26, 27, 33.)

2 Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim. (São Mateus, cap. x, v. 37.)

3 Certas palavras, aliás muito raras, causam um contraste tão estranho na boca do Cristo que instintivamente rejeitamos seu sentido literal, e a sublimidade de sua doutrina não sofreu com isso nenhum abalo. Escritas depois de sua morte, pois nenhum Evangelho foi escrito durante sua vida, é permitido acreditar que, nesse caso, o fundo de seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, que o sentido primitivo tenha sofrido alguma alteração ao passar de uma língua para outra. Bastou que um erro fosse cometido uma primeira vez para que fosse repetido pelos que reproduziram o texto, como tantas vezes se vê nos fatos históricos.

A palavra odeia, nesta frase de São Lucas: Se alguém vem a mim e não odeia seu pai e sua mãe, está nesse caso; ninguém jamais pensou em atribuí-la a Jesus; seria, portanto, supérfluo discuti-la, e ainda menos procurar justi-

ficá-la. Seria preciso saber primeiro se ele a pronunciou e, em caso afirmativo, se, na língua em que se expressava, essa palavra tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de São João: "Quem odeia sua vida neste mundo a conserva para a vida eterna", é certo que ela não expressa a ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e tinha muitas palavras com vários significados. É o caso, por exemplo, daquela que, no Gênesis, designa as fases da criação e servia tanto para expressar um período de tempo qualquer quanto a rotação diária; daí, mais tarde, sua tradução pela palavra dia e a crença de que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. É também o caso da palavra que designava um camelo e um cabo, porque os cabos eram feitos de pelos de camelo, e que foi traduzida por camelo na alegoria do buraco da agulha (cap. xvi, nº 2).

1. Non odit em latim, Kaï ou miseï em grego, não quer dizer odiar, mas amar menos. O que o verbo grego miseïn expressa, o verbo hebraico de que Jesus deve ter se servido diz ainda melhor; ele não significa apenas odiar, mas amar menos, não amar tanto quanto, na mesma medida que outro. No dialeto siríaco, que se diz que Jesus usava com mais frequência, esse significado é ainda mais acentuado. É nesse sentido que se diz no Gênesis (cap. xxix, v. 30, 31):

É preciso, além disso, levar em conta os costumes e o caráter dos povos, que influem na índole particular de suas línguas; sem esse conhecimento, o verdadeiro sentido de certas palavras escapa; de uma língua para outra, a mesma palavra tem mais ou menos força; pode ser uma injúria ou uma blasfêmia em uma e insignificante em outra, conforme a ideia que se lhe atribua; na mesma língua, certas palavras perdem seu valor com o passar de alguns séculos; é por isso que uma tradução rigorosamente literal nem sem-

pre expressa perfeitamente o pensamento e que, para ser exata, às vezes é preciso empregar, em vez das palavras correspondentes, palavras equivalentes ou perífrases.

Essas observações têm aplicação especial na interpretação das santas Escrituras e dos Evangelhos em particular. Se não levarmos em conta o meio em que Jesus vivia, ficamos sujeitos a nos enganar sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito de considerar os outros semelhantes a nós mesmos. Em qualquer caso, é preciso, portanto, afastar da palavra odiar a acepção moderna, por ser contrária ao espírito do ensinamento de Jesus (veja também cap. xiv, nºs 5 e seguintes).

[4] Deixar seu pai, sua mãe e seus filhos

Quem tiver deixado por meu nome sua casa, ou seus "E Jacó também amou Raquel mais do que Lia, e Jeová, vendo que Lia era odiada..." É evidente que o verdadeiro sentido é menos amada: é assim que se deve traduzir. Em várias outras passagens hebraicas, e sobretudo siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de não amar tanto quanto outro, e seria um erro de interpretação traduzi-lo por odiar, que tem outra acepção bem determinada. O texto de São Mateus, aliás, elimina toda dificuldade.

(Nota do Sr. Pezzani.) irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna. (São Mateus, cap. xix, v. 29.)

[5] Então Pedro lhe disse: Quanto a nós, o senhor vê que deixamos tudo e o seguimos. — Jesus lhes disse: Eu lhes digo em verdade, ninguém deixará pelo reino de Deus sua casa, ou seu pai e sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, — sem receber já neste mundo muito mais, e no século que vem a vida eterna. (São Lucas, cap. xviii, v. 28, 29, 30.)

6 Outro lhe disse: Senhor, eu o seguirei; mas permita-me antes dispor do que tenho em minha casa. — Jesus lhe respondeu: Quem, tendo a mão no arado, olha para trás não é apto para o reino de Deus. (São Lucas, cap. ix, v. 61, 62.)

Sem discutir as palavras, é preciso buscar aqui o pensamento, que era evidentemente este: "Os interesses da vida futura estão acima de todos os interesses e de todas as considerações humanas", porque ele está de acordo com o fundo da doutrina de Jesus, enquanto a ideia de renunciar à família seria sua negação.

Não temos, aliás, diante dos olhos a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e dos afetos familiares pela pátria? Censura-se um filho por deixar seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para sair em defesa de seu país? Não se considera, ao contrário, um mérito seu afastar-se das doçuras do lar, dos abraços da amizade, para cumprir um dever? Há, por conseguinte, deveres que estão acima de outros deveres. A lei não obriga a filha a deixar os pais para seguir seu esposo? O mundo está cheio de casos em que as separações mais dolorosas são necessárias; mas os afetos nem por isso se rompem; a distância não diminui nem o respeito, nem o cuidado que se deve aos pais, nem a ternura pelos filhos. Vê-se, portanto, que, mesmo tomadas ao pé da letra, com exceção da palavra odiar, essas palavras não seriam a negação do mandamento que prescreve honrar seu pai e sua mãe, nem do sentimento de ternura paterna, com mais razão ainda se lhes tomarmos o espírito. Elas tinham por objetivo mostrar, por uma hipérbole, como era imperioso o dever de se ocupar da vida futura. Deviam, aliás, ser menos chocantes entre um povo e numa época em que, em consequência dos costumes, os laços de família tinham menos força do que numa civilização moral mais avançada; esses laços, mais fracos entre os po-

vos primitivos, se fortalecem com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso; acontece com as famílias o mesmo que com as raças; elas se degeneram se não houver cruzamento, se não se enxertarem umas nas outras; é uma lei da natureza, tanto no interesse do progresso moral quanto no do progresso físico.

As coisas são consideradas aqui apenas do ponto de vista terrestre; o espiritismo nos faz vê-las de mais alto, mostrando-nos que os verdadeiros laços de afeto são os do Espírito e não os do corpo; que esses laços não são rompidos nem pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que se fortalecem na vida espiritual pela purificação do Espírito; verdade consoladora que dá grande força para suportar as vicissitudes da vida. (Cap. iv, nº 18; cap. xiv, nº 8.)

7 Deixem aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

Ele disse a outro: Siga-me; e este lhe respondeu: Senhor, permita-me ir primeiro enterrar meu pai. — Jesus lhe respondeu: Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a você, vá anunciar o reino de Deus. (São Lucas, cap. ix, v. 59, 60.)

8 O que podem significar estas palavras: “Deixem aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”? As considerações anteriores mostram, em primeiro lugar, que, na circunstância em que foram pronunciadas, elas não podiam expressar uma censura àquele que considerava um dever de devoção filial ir enterrar seu pai; mas encerram um sentido profundo que só um conhecimento mais completo da vida espiritual podia fazer compreender.

A vida espiritual, de fato, é a verdadeira vida; é a vida normal do Espírito; sua existência terrestre é apenas transitória e passageira; é uma espécie de morte quando comparada ao esplendor e à atividade da vida espiritual. O

corpo é apenas uma veste grosseira que o Espírito usa momentaneamente, verdadeira corrente que o prende ao solo da terra e da qual ele fica feliz em se libertar. O respeito que se tem pelos mortos não se dirige à matéria, mas, pela lembrança, ao Espírito ausente; é semelhante ao que se tem pelos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que aqueles que o amam guardam como relíquias. É o que esse homem não podia compreender por si mesmo; Jesus lhe ensina isso ao lhe dizer: Não se preocupe com o corpo, mas pense antes no Espírito; vá ensinar o reino de Deus; vá dizer aos homens que sua pátria não está na terra, mas no céu, pois somente lá está a verdadeira vida.

9 Não vim trazer a paz, mas a divisão

Não pensem que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada; — pois vim separar o homem de seu pai, a filha de sua mãe e a nora de sua sogra; — e o homem terá por inimigos os de sua casa. (São Mateus, cap. x, v. 34, 35, 36.)

10 Vim lançar fogo à terra; e o que desejo, senão que ele se acenda? — Devo ser batizado com um batismo, e como anseio que ele se cumpra!

Vocês acreditam que vim trazer a paz à terra? Não, eu lhes asseguro, mas, ao contrário, a divisão; — pois, de agora em diante, se houver cinco pessoas numa casa, estarão divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. — O pai estará em divisão com o filho, e o filho com o pai; a mãe com a filha, e a filha com a mãe; a sogra com a nora, e a nora com a sogra. (São Lucas, cap. xii, v. de 49 a 53.)

11 Foi mesmo Jesus, a personificação da doçura e da bondade, ele que não deixou de pregar o amor ao próximo, quem pôde dizer: Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar o filho do pai, o marido da esposa; vim lan-

çar o fogo sobre a terra, e tenho pressa de que ele se acenda! Essas palavras não estão em flagrante contradição com seu ensinamento?

11.2 Não é uma blasfêmia atribuir a ele a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia nem contradição nessas palavras, pois foi mesmo ele quem as pronunciou, e elas testemunham sua elevada sabedoria; apenas a forma um pouco ambígua não expressa exatamente seu pensamento, o que fez com que seu verdadeiro sentido fosse mal compreendido; tomadas ao pé da letra, elas tenderiam a transformar sua missão inteiramente pacífica em uma missão de perturbações e discórdias, consequência absurda que o bom senso faz rejeitar, pois Jesus não podia contradizer a si mesmo. (Cap. xrv, nº 6.)

12 Toda ideia nova encontra necessariamente oposição, e não há uma só que tenha se estabelecido sem lutas; ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, mais interesses contraria. Se ela é claramente falsa, se a julgam sem consequências, ninguém se inquieta, e deixam que passe, sabendo que não tem vitalidade. Mas, se é verdadeira, se repousa sobre uma base sólida, se vislumbram um futuro para ela, um pressentimento secreto adverte seus adversários de que ela é um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção estão interessados; é por isso que atacam a ideia e seus partidários.

A medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra, assim, na comoção que ela causa ao aparecer, na violência da oposição que desperta e no grau e na persistência da cólera de seus adversários.

13 Jesus vinha proclamar uma doutrina que minava pela base os abusos dos quais viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes de seu tempo; por isso, fizeram com que ele morresse, acreditando matar a ideia ao matar o homem; mas a ideia sobreviveu, porque era verdadeira; cresceu, porque estava nos desígnios de Deus, e, saindo de um povoado obscuro da Judeia, foi plantar sua bandeira na própria capital do mundo pagão, diante de seus inimigos mais obstinados, daqueles que mais tinham interesse em combatê-la, porque ela derrubava crenças seculares às quais muitos se apegavam muito mais por interesse do que por convicção. Ali, lutas mais terríveis esperavam seus apóstolos; as vítimas foram incontáveis, mas a ideia continuou crescendo e saiu triunfante, porque, como verdade, superava as que a haviam precedido.

14 É preciso observar que o cristianismo chegou quando o paganismo estava em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado por formalidade, mas a crença havia desaparecido; só o interesse pessoal o sustentava. Ora, o interesse é tenaz; nunca cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais decisivos são os argumentos que lhe opõem e quanto melhor demonstram seu erro; sabe muito bem que está errado, mas não é isso que o afeta, pois a verdadeira fé não está em sua alma; o que mais teme é a luz que abre os olhos dos cegos; esse erro lhe traz proveito, por isso se agarra a ele e o defende.

Sócrates não havia também apresentado uma doutrina semelhante, até certo ponto, à do Cristo? Por que, então, ela não prevaleceu naquela época, entre um dos povos mais inteligentes da terra? É que o tempo não havia chegado; ele semeou em uma terra não arada; o paganismo ainda não havia se desgastado. Cristo recebeu sua missão providencial no tempo propício.

Nem todos os homens de seu tempo, longe disso, estavam à altura das ideias cristãs, mas havia uma aptidão mais geral para assimilá-las, porque começavam a sentir o vazio que as crenças comuns deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e preparado os espíritos. (Veja, na Introdução, parág. iv, Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do espiritismo.)

15 Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não chegaram a um acordo sobre a interpretação das palavras do Mestre, em sua maioria veladas pela alegoria e pela linguagem figurada; daí nasceram, desde o início, as numerosas seitas que pretendiam, todas, possuir a verdade exclusiva e que dezoito séculos não conseguiram pôr de acordo. Esquecendo o mais importante dos preceitos divinos, aquele do qual Jesus havia feito a pedra angular de seu edifício e a condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, essas seitas lançaram anátemas umas contra as outras e se atacaram, as mais fortes esmagando as mais fracas, sufocando-as no sangue, nas torturas e nas chamas das fogueiras. Os cristãos, vencedores do paganismo, de perseguidos se tornaram perseguidores; foi com ferro e fogo que foram plantar a cruz do cordeiro sem mancha nos dois mundos. É um fato comprovado que as guerras de religião foram as mais cruéis e fizeram mais vítimas do que as guerras políticas, e que em nenhuma se cometeram mais atos de atrocidade e de barbárie.

A culpa disso é da doutrina do Cristo? Certamente que não, pois ela condena expressamente toda violência. Ele disse em algum lugar a seus discípulos: Vão, matem, massacrem, queimem os que não crerem como vocês? Não, pois ele lhes disse, ao contrário: Todos os homens são irmãos, e Deus é soberanamente misericordioso; amem seu próximo; amem seus inimigos;

façam o bem aos que os perseguem. Disse-lhes ainda: Quem matar pela espada morrerá pela espada. A responsabilidade, portanto, não é da doutrina de Jesus, mas daqueles que a interpretaram falsamente e fizeram dela um instrumento para servir às suas paixões; daqueles que desconheceram esta palavra: Meu reino não é deste mundo.

Jesus, em sua profunda sabedoria, previa o que devia acontecer; mas essas coisas eram inevitáveis, porque estavam ligadas à inferioridade da natureza humana, que não podia se transformar de repente. Era preciso que o cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos para mostrar toda a sua força; pois, apesar de todo o mal cometido em seu nome, saiu dela puro; nunca foi responsabilizado; a censura sempre recaiu sobre aqueles que abusaram dele; a cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não aconteceria.

16 Quando Jesus diz: Não pensem que vim trazer a paz, mas a divisão, seu pensamento era este:

"Não pensem que minha doutrina se estabelecerá pacificamente; ela trará lutas sangrentas, para as quais meu nome servirá de pretexto, porque os homens não terão me compreendido, ou não terão querido me compreender; os irmãos, separados por suas crenças, puxarão a espada uns contra os outros, e a divisão reinará entre os membros de uma mesma família que não tiverem a mesma fé.

Vim lançar o fogo sobre a terra para limpá-la dos erros e dos preconceitos, como se põe fogo em um campo para destruir as ervas daninhas, e tenho pressa de que ele se acenda para que a purificação seja mais rápida, pois desse conflito a verdade sairá triunfante; à guerra sucederá a paz; ao ódio

dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, enviarei a vocês o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas; isto é, ao dar a conhecer o verdadeiro sentido de minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, ele porá fim à luta fratricida que divide os filhos de um mesmo Deus. Cansados, enfim, de um combate sem saída, que só arrasta consigo a desolação e leva a perturbação até o seio das famílias, os homens reconhecerão onde estão seus verdadeiros interesses para este mundo e para o outro; verão de que lado estão os amigos e os inimigos de seu sossego. Todos, então, virão se abrigar sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na terra segundo a verdade e os princípios que ensinei a vocês."

17 O espiritismo vem realizar, no tempo devido, as promessas do Cristo; no entanto, não pode fazê-lo sem destruir os abusos; como Jesus, encontra em seu caminho o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cobiça, o fanatismo cego, que, acuados em seus últimos redutos, tentam barrar seu caminho e lhe criam obstáculos e perseguições; por isso, ele também precisa combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sangrentas passou; as que terá de sofrer são todas morais, e seu fim está próximo; as primeiras duraram séculos: estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, surge em todos os pontos do globo e abrirá mais cedo os olhos dos cegos.

18. Essas palavras de Jesus devem, portanto, ser entendidas como referentes às cóleras que ele previa que sua doutrina iria despertar, aos conflitos momentâneos que seriam sua consequência, às lutas que ela teria de enfrentar antes de se estabelecer, como aconteceu com os hebreus antes de sua en-

trada na Terra Prometida, e não a um propósito premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal devia vir dos homens, e não dele. Ele era como o médico que vem curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar ao agitar os humores doentios do enfermo.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXIV. NÃO PONHAM A LÂMPADA DEBAIXO DO ALQUEIRE

✦

1 Lâmpada debaixo do alqueire. Por que Jesus fala em parábolas.
Não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire; ela é colocada sobre um candelabro, para que ilumine todos os que estão na casa. (São Mateus, cap. v, v. 15.)

2 Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; ela é colocada sobre o candelabro, para que os que entram vejam a luz; — pois não há nada secreto que não deva ser descoberto, nem nada oculto que não deva ser conhecido e aparecer publicamente. (São Lucas, cap. viii, v. 16, 17.)

3 Seus discípulos se aproximaram e lhe disseram: Por que lhes falas em parábolas? — E, respondendo, ele lhes disse: Porque a vocês foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles não foi dado.

3.2 — Eu lhes falo em parábolas porque, vendo, não veem e, escutando, não ouvem nem compreendem. — E neles se cumprirá a profecia de Isaías, quando diz: Vocês escutarão com seus ouvidos e não ouvirão; olharão com seus olhos e não verão.

3.3 — Pois o coração deste povo se tornou insensível, seus ouvidos ficaram surdos, e eles fecharam os olhos, com medo de que seus olhos vejam, seus ouvidos ouçam, seu coração compreenda e, tendo-se convertido, eu os cure. (São Mateus, cap. xvi, v. de 10 a 15.)

4 Causa espanto ouvir Jesus dizer que não se deve pôr a luz debaixo do alqueire, enquanto ele mesmo esconde sem cessar o sentido de suas palavras sob o véu da alegoria, que não pode ser compreendida por todos. Ele se explica ao dizer a seus apóstolos: Eu lhes falo em parábolas porque eles não estão em condições de compreender certas coisas; eles veem, olham, ouvem e não compreendem; dizer-lhes tudo seria, portanto, inútil por enquanto; mas a vocês eu digo, porque lhes é dado compreender esses mistérios. Ele agia, portanto, com o povo como se faz com crianças cujas ideias ainda não estão desenvolvidas. Com isso, indica o verdadeiro sentido da máxima: "Não se deve pôr a lâmpada debaixo do alqueire, mas sobre o candelabro, para que todos os que entram possam vê-la." Ela não significa que se deva revelar todas as coisas sem ponderação; todo ensinamento deve ser proporcional à inteligência daquele a quem se dirige, pois há pessoas que uma luz muito viva ofusca sem esclarecer.

Acontece com os homens em geral o mesmo que com os indivíduos; as gerações têm sua infância, sua juventude e sua idade madura; cada coisa deve vir a seu tempo, e a semente plantada fora de época não dá frutos. Mas aquilo que a prudência manda calar por um momento deve, cedo ou tarde, ser descoberto, porque, tendo chegado a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram por si mesmos a luz viva; a escuridão lhes pesa. Como Deus lhes deu a inteligência para compreender e para se orientar nas coisas da terra e do céu, eles querem submeter sua fé à razão; é então que não se deve pôr a lâmpada debaixo do alqueire, pois, sem a luz da razão, a fé enfraquece. (Cap. xix, nº 7.)

5 Se, portanto, em sua sabedoria previdente, a Providência só revela as verdades gradualmente, ela sempre as descobre à medida que a humanidade está madura para recebê-las; ela as mantém em reserva, e não debaixo do alqueire; mas os homens que as possuem, na maioria das vezes, só as escondem do povo para dominá-lo; são eles que verdadeiramente põem a luz debaixo do alqueire. Foi assim que todas as religiões tiveram seus mistérios, cujo exame proibiam; mas, enquanto essas religiões ficavam para trás, a ciência e a inteligência avançaram e rasgaram o véu misterioso; o povo, que se tornou adulto, quis penetrar no fundo das coisas e, então, rejeitou de sua fé aquilo que era contrário à observação.

Não pode haver mistérios absolutos, e Jesus está certo quando diz que não há nada secreto que não deva ser conhecido. Tudo o que está oculto será descoberto um dia, e aquilo que o homem ainda não pode compreender na terra lhe será revelado sucessivamente em mundos mais avançados e quando estiver purificado; aqui embaixo, ele ainda está no nevoeiro.

6 Pergunta-se que proveito o povo podia tirar dessa multidão de parábolas cujo sentido permanecia oculto para ele. Deve-se observar que Jesus só se expressou em parábolas sobre as partes de sua doutrina que eram, de certo modo, abstratas; mas, tendo feito da caridade para com o próximo e da humildade a condição expressa da salvação, tudo o que disse a esse respeito é perfeitamente claro, explícito e sem ambiguidade.

6.2 Assim devia ser, porque essa era a regra de conduta, regra que todos deviam compreender para poder observá-la; era o essencial para a multidão ignorante, à qual ele se limitava a dizer: Eis o que é preciso fazer para alcançar o reino dos céus.

6.3 Sobre as outras partes, ele só desenvolvia seu pensamento diante de seus discípulos; como estes eram mais adiantados moral e intelectualmente, Jesus pôde iniciá-los em verdades mais abstratas; é por isso que diz: Aos que já têm, será dado ainda mais. (Cap. xvni, nº 15.)

6.4 Contudo, mesmo com seus apóstolos, ele permaneceu vago sobre muitos pontos cuja compreensão completa estava reservada a tempos posteriores. Foram esses pontos que deram lugar a interpretações tão diversas, até que a ciência, de um lado, e o espiritismo, de outro, vieram revelar as novas leis da natureza que permitiram compreender seu verdadeiro sentido.

7 O espiritismo vem hoje lançar luz sobre uma multidão de pontos obscuros; contudo, não o faz sem ponderação. Os Espíritos procedem em suas instruções com admirável prudência; foi apenas sucessiva e gradualmente que abordaram as diversas partes conhecidas da doutrina, e é assim que as outras partes serão reveladas, à medida que chegar o momento de tirá-las da sombra.

7.2 Se a tivessem apresentado completa desde o início, ela só teria sido acessível a um pequeno número; teria até assustado os que não estavam preparados, o que teria prejudicado sua propagação.

7.3 Se, portanto, os Espíritos ainda não dizem tudo abertamente, não é porque haja na doutrina mistérios reservados a privilegiados, nem porque ponham a lâmpada debaixo do alqueire, mas porque cada coisa deve vir no momento oportuno; eles deixam a uma ideia o tempo de amadurecer e de se propagar antes de apresentar outra, e aos acontecimentos o tempo de preparar sua aceitação.

[8] Não vão aos gentios

Jesus enviou seus doze (os apóstolos), depois de lhes dar as seguintes instruções: Não vão aos gentios e não entrem nas cidades dos samaritanos; — vão, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel; — e, nos lugares aonde forem, preguem, dizendo que o reino dos céus está próximo. (São Mateus, cap. x, v. 5, 6, 7.)

[9] Jesus prova em muitas circunstâncias que suas vistas não se limitam ao povo judeu, mas abrangem toda a humanidade. Se, portanto, ele diz a seus apóstolos que não vão aos pagãos, não é por desprezo à conversão destes, o que teria sido pouco caridoso, mas porque os judeus, que acreditavam na unidade de Deus e esperavam o Messias, estavam preparados, pela lei de Moisés e pelos profetas, para receber sua palavra.

[9.2] Entre os pagãos, faltava a própria base, tudo estava por fazer, e os apóstolos ainda não eram suficientemente esclarecidos para uma tarefa tão pesada; é por isso que ele lhes diz: Vão às ovelhas desgarradas de Israel; isto é, vão semear em um terreno já preparado, sabendo bem que a conversão dos gentios viria a seu tempo; mais tarde, de fato, foi no próprio centro do paganismo que os apóstolos foram plantar a cruz.

[10] Essas palavras podem ser aplicadas aos adeptos e aos propagadores do espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores obstinados, os adversários movidos por interesses são para eles o que os gentios eram para os apóstolos. A exemplo destes, que procurem primeiro novos adeptos entre as pessoas de boa vontade, aquelas que desejam a luz, nas quais se encontra um germe fecundo, e elas são numerosas, sem perder tempo com os que se recusam a ver e a ouvir e, por orgulho, resistem tanto mais quanto maior parece ser a importância dada à sua conversão. É melhor abrir os olhos de

cem cegos que desejam ver com clareza do que os de um só que se compraz na escuridão, porque isso aumenta em maior proporção o número dos que apoiam a causa. Deixar os outros tranquilos não é indiferença, mas uma boa maneira de agir; sua vez chegará quando forem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa repetida sem cessar ao seu redor; então acreditarão aceitar a ideia voluntariamente e por si mesmos, e não sob a pressão de um indivíduo. Além disso, acontece com as ideias o mesmo que com as sementes: elas não podem germinar antes da estação e só germinam em terreno preparado; por isso, é melhor esperar o tempo propício e cultivar primeiro as que germinam, por receio de fazer as outras fracassarem ao forçá-las demais.

No tempo de Jesus, em consequência das ideias restritas e materiais da época, tudo era limitado e localizado; a casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram pequenos povos vizinhos; hoje as ideias se universalizam e se espiritualizam. A nova luz não é privilégio de nenhuma nação; para ela já não existem barreiras; seu foco está em toda parte, e todos os homens são irmãos. Mas também os gentios já não são um povo, são uma opinião que se encontra em toda parte e sobre a qual a verdade triunfa pouco a pouco, assim como o cristianismo triunfou sobre o paganismo. Já não é com armas de guerra que se combate essa opinião, mas com a força da ideia.

Não são os que estão bem que precisam de médico.

11 Estando Jesus à mesa na casa desse homem (Mateus), vieram muitos publicanos e pessoas de má vida, que se sentaram à mesa com Jesus e seus discípulos; — vendo isso, os fariseus disseram aos discípulos: Por que o Mes-

tre de vocês come com publicanos e pessoas de má vida? — Mas Jesus, tendo-os ouvido, lhes disse: Não são os que estão bem, mas os doentes que precisam de médico. (São Mateus, cap. ix, v. 10, 11, 12.)

12 Jesus se dirigia sobretudo aos pobres e aos desamparados, porque são eles os que mais precisam de consolo; aos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem para ver, e não aos orgulhosos que acreditam possuir toda a luz e não precisar de nada (ver Introdução, artigo Publicanos, Cobradores de pedágio).

Essa palavra, como tantas outras, encontra sua aplicação no espiritismo. Às vezes causa espanto que a mediunidade seja concedida a pessoas indignas e capazes de fazer mau uso dela; parece, dizem, que uma faculdade tão preciosa deveria ser atributo exclusivo dos mais merecedores.

Digamos primeiro que a mediunidade está ligada a uma disposição orgânica de que todo homem pode ser dotado, assim como da capacidade de ver, ouvir e falar. Não há uma só dessas faculdades de que o homem, em virtude de seu livre-arbítrio, não possa abusar, e, se Deus só tivesse concedido a fala, por exemplo, aos que são incapazes de dizer coisas más, haveria mais mudos do que pessoas que falam. Deus deu faculdades ao homem; deixa-o livre para usá-las, mas sempre pune aquele que abusa delas.

Se o poder de se comunicar com os Espíritos só fosse dado aos mais dignos, quem ousaria pretendê-lo? Onde estaria, aliás, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é dada sem distinção, para que os Espíritos possam levar a luz a todos os níveis, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos sábios, para fortalecê-los no bem; aos viciosos, para corrigi-los. Estes últimos não são os doentes que precisam do médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do auxílio que pode

tirá-lo do lamaçal? Os bons Espíritos vêm, portanto, em seu auxílio, e os conselhos que recebe diretamente deles podem impressioná-lo mais vivamente do que se os recebesse por caminhos indiretos. Deus, em sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscar a luz longe, a põe em sua mão; não é ele muito mais culpado por não olhar para ela? Poderá se desculpar com sua ignorância, quando tiver escrito ele mesmo, visto com seus olhos, ouvido com seus ouvidos e pronunciado com sua boca a própria condenação? Se não aproveitar, é então que será punido pela perda ou pela perversão de sua faculdade, da qual os maus Espíritos se apoderam para obsediá-lo e enganá-lo, sem prejuízo das aflições reais com que Deus atinge seus servidores indignos e os corações endurecidos pelo orgulho e pelo egoísmo.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores; é simplesmente uma aptidão para servir de instrumento mais ou menos flexível aos Espíritos em geral. O bom médium, portanto, não é aquele que se comunica facilmente, mas aquele que tem a simpatia dos bons Espíritos e só é assistido por eles. É somente nesse sentido que a excelência das qualidades morais tem poder absoluto sobre a mediunidade.

13 Coragem da fé

Todo aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; — e todo aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está nos céus. (São Mateus, cap. x, v. 32, 33.)

14 Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, o Filho do homem também se envergonhará dele quando vier em sua glória e na de seu Pai e dos santos anjos. (São Lucas, cap. ix, v. 26.)

15 A coragem de expressar a própria opinião sempre foi estimada entre os homens, porque há mérito em enfrentar os perigos, as perseguições, as contestações e até os simples sarcasmos aos quais quase sempre se expõe aquele que não teme declarar abertamente ideias que não são as de todos. Aqui, como em tudo, o mérito é proporcional às circunstâncias e à importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar diante das consequências da própria opinião e renegá-la, mas há casos em que isso é uma covardia tão grande quanto fugir no momento do combate.

Jesus condena essa covardia, do ponto de vista particular de sua doutrina, ao dizer que, se alguém se envergonhar de suas palavras, ele também se envergonhará dessa pessoa; que negará aquele que o tiver negado; que aquele que o confessar diante dos homens, ele o reconhecerá diante de seu Pai que está nos céus; em outras palavras: os que tiverem temido se declarar discípulos da verdade não são dignos de ser admitidos no reino da verdade. Perderão o benefício de sua fé, porque é uma fé egoísta, que guardam para si mesmos, mas que escondem por medo de que lhes traga prejuízo neste mundo, enquanto os que, colocando a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente trabalham ao mesmo tempo por seu futuro e pelo dos outros.

16. Assim será com os adeptos do espiritismo; como sua doutrina nada mais é que o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Evangelho, é também a eles que se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na terra o que colherão na vida espiritual; lá colherão os frutos de sua coragem ou de sua fraqueza.

17 Carregar sua cruz. Quem quiser salvar sua vida a perderá
Vocês são muito felizes quando os homens os odiarem, os afastarem, os tratarem com injúrias e rejeitarem seu nome como mau por causa do Filho do homem. — Alegrem-se nesse dia e exultem de alegria, porque uma grande recompensa lhes está reservada no céu, pois era assim que os pais deles tratavam os profetas. (São Lucas, cap. vi, v. 22, 23.)

18 Chamando para junto de si o povo com seus discípulos, ele lhes disse: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, carregue sua cruz e me siga; — pois aquele que quiser salvar a si mesmo se perderá; e aquele que se perder por amor a mim e ao Evangelho se salvará. — De fato, de que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a si mesmo? (São Marcos, cap. viii, v. de 34 a 36. — São Lucas, cap. ix, v. 23, 24, 25. — São Mateus, cap. x, v. 39. — São João, cap. xii, v. 24, 25.)

19 Alegrem-se, diz Jesus, quando os homens os odiarem e os perseguirem por minha causa, porque vocês serão recompensados por isso no céu. Essas palavras podem ser traduzidas assim: Sejam felizes quando os homens, por sua má vontade em relação a vocês, lhes derem a ocasião de provar a sinceridade de sua fé, pois o mal que lhes fazem se transforma em seu benefício. Tenham, portanto, compaixão da cegueira deles e não os amaldiçoem.
Depois ele acrescenta: "Aquele que quer me seguir carregue sua cruz", isto é, suporte corajosamente as tribulações que sua fé lhe trará; pois aquele que quiser salvar sua vida e seus bens negando-me perderá os benefícios do reino dos céus, enquanto os que tiverem perdido tudo aqui embaixo, até a vida, pelo triunfo da verdade receberão, na vida futura, a recompensa de

sua coragem, de sua perseverança e de sua abnegação; mas aos que sacrificam os bens celestes aos prazeres terrenos, Deus diz: Vocês já receberam sua recompensa.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXV. BUSQUEM E ENCONTRARÃO

✦

1 Ajude a si mesmo, e o céu o ajudará.

Peçam e lhes será dado; busquem e encontrarão; batam à porta e ela lhes será aberta; pois todo aquele que pede recebe, quem busca encontra, e a porta será aberta a quem bater.

Quem de vocês dá uma pedra ao filho quando ele lhe pede pão? — Ou, se ele pedir um peixe, lhe dará uma serpente? — Se, portanto, sendo maus como são, vocês sabem dar coisas boas aos seus filhos, com muito mais razão seu Pai que está nos céus dará os verdadeiros bens àqueles que os pedirem a ele. (São Mateus, cap. vii, v. de 7 a 11.)

2 Do ponto de vista terreno, a máxima: Busquem e encontrarão é semelhante a esta: Ajude a si mesmo, e o céu o ajudará. É o princípio da lei do trabalho e, por consequência, da lei do progresso, pois o progresso é filho do trabalho, porque o trabalho põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da humanidade, o homem só aplica sua inteligência à busca de alimento, dos meios de se proteger das intempéries e de se defender dos inimigos; mas Deus lhe deu, a mais que ao animal, o desejo incessante de melhorar; é esse desejo de melhorar que o leva a buscar os meios de melhorar sua situação, que o conduz às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da ciência, pois é a ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Por suas pesquisas, sua inteligência cresce, sua moral se depura; às necessidades do corpo sucedem as necessidades do espírito; depois do alimento material, é preciso o alimento espiritual, e é assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas o progresso que cada homem realiza individualmente durante a vida é muito pouca coisa, até mesmo imperceptível em muitos; como, então, a humanidade poderia progredir sem a preexistência e a reexistência da alma? Se as almas partissem todos os dias para nunca mais voltar, a humanidade se renovaria sem cessar com os elementos primitivos, tendo tudo por fazer, tudo por aprender; não haveria, portanto, razão para que o homem estivesse mais adiantado hoje que nas primeiras eras do mundo, pois, a cada nascimento, todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. Ao contrário, voltando a alma com o progresso que realizou e adquirindo a cada vez alguma coisa a mais, é assim que ela passa gradualmente da barbárie à civilização material, e desta à civilização moral. (Ver cap. iv, nº 17.)

3 Se Deus tivesse dispensado o homem do trabalho do corpo, seus membros estariam atrofiados; se o tivesse dispensado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal; por isso, fez do trabalho uma necessidade para ele; disse-lhe: Busque e encontrará; trabalhe e produzirá; dessa maneira, você será filho de suas obras, terá o mérito delas e será recompensado conforme o que tiver feito.

4 É pela aplicação desse princípio que os Espíritos não vêm poupar ao homem o trabalho das pesquisas, trazendo-lhe descobertas e invenções já feitas e prontas para produzir, de modo que ele só tivesse de pegar o que lhe colocassem na mão, sem ter o esforço de se abaixar para recolher, nem mesmo o de pensar.

4.2 Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer, e o mais ignorante tornar-se sábio sem esforço, e ambos atribuir a si o mérito do que não teriam feito. Não, os Espíritos não vêm libertar o homem da lei do traba-

lho, mas mostrar-lhe o objetivo que deve alcançar e o caminho que leva até ele, dizendo-lhe: Caminhe e chegará.

4.3 Você encontrará pedras sob seus passos; olhe e retire-as por si mesmo; nós lhe daremos a força necessária, se você quiser empregá-la. (O Livro dos Médiuns, cap. xxvi, nº 291 e seguintes.)

5 Do ponto de vista moral, estas palavras de Jesus significam: Peçam a luz que deve iluminar seu caminho, e ela lhes será dada; peçam a força para resistir ao mal, e vocês a terão; peçam a assistência dos bons Espíritos, e eles virão acompanhá-los e, como o anjo de Tobias, lhes servirão de guias; peçam bons conselhos, e eles nunca lhes serão recusados; batam à nossa porta, e ela lhes será aberta; mas peçam sinceramente, com fé, fervor e confiança; apresentem-se com humildade, e não com arrogância, pois, sem isso, vocês serão abandonados às próprias forças, e as próprias quedas que sofrerem serão a punição de seu orgulho.

Esse é o sentido destas palavras: Busquem e encontrarão, batam e a porta lhes será aberta.

6 Observem as aves do céu

Não acumulem tesouros na terra, onde a ferrugem e os vermes os consomem, e onde os ladrões os desenterram e roubam; — mas acumulem tesouros no céu, onde nem a ferrugem nem os vermes os consomem; — pois onde está seu tesouro, aí também está seu coração.

Por isso lhes digo: Não se preocupem com onde encontrarão o que comer para sustentar a vida, nem de onde terão roupas para cobrir o corpo; a vida não é mais que o alimento, e o corpo mais que a roupa?

Observem as aves do céu: elas não semeiam, não colhem e não acumulam nada em celeiros; mas seu Pai celestial as alimenta; vocês não são muito

mais que elas? — E quem de vocês pode, com todos os seus cuidados, acrescentar à sua altura a medida de um côvado?

Por que também se preocupam com a roupa? Observem como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam; — e, no entanto, eu lhes declaro que Salomão, mesmo em toda a sua glória, nunca se vestiu como um deles. — Se, portanto, Deus cuida de vestir assim uma erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada no forno, quanto mais cuidará de vestir vocês, homens de pouca fé!

Não se preocupem, portanto, dizendo: O que comeremos, ou o que beberemos, ou com o que nos vestiremos? — como fazem os pagãos, que buscam todas essas coisas; pois seu Pai sabe que vocês precisam delas.

Busquem, portanto, primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas lhes serão dadas por acréscimo. — Por isso, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã cuidará de si mesmo. A cada dia basta seu mal. (São Mateus, cap. vi, v. de 25 a 34.)

7 Essas palavras, tomadas ao pé da letra, seriam a negação de toda previdência, de todo trabalho e, por consequência, de todo progresso. Com tal princípio, o homem se reduziria a uma passividade de espera; suas forças físicas e intelectuais ficariam sem atividade; se essa tivesse sido sua condição normal na terra, ele nunca teria saído do estado primitivo e, se fizesse disso sua lei atual, só lhe restaria viver sem fazer nada. Esse não pode ter sido o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que ele disse em outras ocasiões, com as próprias leis da natureza. Deus criou o homem sem roupas e sem abrigo, mas lhe deu a inteligência para fabricá-los. (Cap. xiv, nº 6; cap. xxv, nº 2.)

Portanto, só se deve ver nessas palavras uma alegoria poética da Providên-

cia, que nunca abandona aqueles que nela depositam sua confiança, mas quer que eles trabalhem de sua parte. Se ela nem sempre vem ajudar por meio de um socorro material, inspira as ideias com as quais se encontram os meios de sair das dificuldades por si mesmo. (Cap. xxvii, nº 8.)

Deus conhece nossas necessidades e provê a elas conforme o que é necessário; mas o homem, insaciável em seus desejos, nem sempre sabe se contentar com o que tem; o necessário não lhe basta, ele precisa do supérfluo; é então que a Providência o deixa entregue a si mesmo; muitas vezes ele é infeliz por sua própria culpa e por ter ignorado a voz que o advertia pela consciência, e Deus o deixa sofrer as consequências disso, para que lhe sirva de lição no futuro. (Cap. v, nº 4.)

8 A terra produz o suficiente para alimentar todos os seus habitantes; quando os homens souberem administrar os bens que ela dá, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo; quando a fraternidade reinar entre os diversos povos, assim como entre as províncias de um mesmo império, a sobra momentânea de um suprirá a insuficiência momentânea do outro, e cada um terá o necessário.

8.2 O rico então se considerará um homem que possui uma grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão cem vezes mais para ele e para os outros; mas, se comer essas sementes sozinho e desperdiçar e deixar perder o que sobrar do que comer, elas não produzirão nada, e não haverá para todo mundo; se as trancar em seu celeiro, os vermes as comerão: é por isso que Jesus diz: Não acumulem tesouros na terra, que são perecíveis, mas acumulem tesouros no céu, porque são eternos.

8.3 Em outras palavras, não deem aos bens materiais mais importância que aos bens espirituais, e saibam sacrificar os primeiros em benefício dos segundos. (Cap. xvi, nº 7 e seguintes.) Não é com leis que se decretam a caridade e a fraternidade; se elas não estiverem no coração, o egoísmo sempre as sufocará; fazê-las penetrar nele é a obra do espiritismo.

9 Não se preocupem em ter ouro
Não se preocupem em ter ouro ou prata, ou outra moeda em sua bolsa. — Não preparem uma sacola para o caminho, nem duas roupas, nem sapatos, nem bastões, pois quem trabalha merece ser alimentado.

10 Em qualquer cidade ou aldeia em que entrarem, informem-se sobre quem é digno de hospedá-los e permaneçam em sua casa até partirem. — Ao entrar na casa, saúdem-na dizendo: Que a paz esteja nesta casa. — Se essa casa for digna dela, sua paz virá sobre ela; e, se não for digna, sua paz voltará a vocês.
Quando alguém não quiser recebê-los nem ouvir suas palavras, ao sair dessa casa ou dessa cidade, sacudam a poeira dos pés. — Eu lhes digo, em verdade: no dia do julgamento, Sodoma e Gomorra serão tratadas com menos rigor que essa cidade. (São Mateus, cap. x, v. de
41. Essas palavras, que Jesus dirigia aos seus apóstolos quando os enviou pela primeira vez para anunciar a boa-nova, não tinham nada de estranho naquela época; estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajante era sempre recebido sob a tenda. Mas, naquele tempo, os viajantes eram raros; entre os povos modernos, o aumento da circulação teve de criar novos costumes; só se encontram os dos tempos antigos nas regiões afastadas, onde o grande movimento ainda não penetrou; e, se Jesus voltasse hoje, já não poderia dizer aos seus apóstolos: Ponham-se a caminho

sem provisões.

Além do sentido literal, essas palavras têm um sentido moral muito profundo. Jesus ensinava assim seus discípulos a confiar na Providência; além disso, como eles nada tinham, não podiam despertar a cobiça dos que os recebiam; era o meio de distinguir os caridosos dos egoístas; por isso ele lhes diz: «Informem-se sobre quem é digno de hospedá-los»; isto é, quem é humano o bastante para abrigar o viajante que não tem como pagar, pois esses são dignos de ouvir suas palavras; é pela caridade que vocês os reconhecerão.

Quanto aos que não quiserem recebê-los nem ouvi-los, ele diz aos seus apóstolos que os amaldiçoem, que se imponham a eles, que usem de violência e de coação para convertê-los? Não; mas que simplesmente vão para outro lugar e procurem as pessoas de boa vontade.

Assim diz hoje o espiritismo aos seus adeptos: Não violentem nenhuma consciência; não obriguem ninguém a abandonar sua crença para adotar a de vocês; não lancem anátema sobre os que não pensam como vocês; acolham os que vêm até vocês e deixem em paz os que os rejeitam. Lembrem-se das palavras do Cristo; antigamente o céu era tomado pela violência, hoje é pela suavidade. (Cap. iv, nº 10, 11.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVI. DEEM GRATUITAMENTE O QUE RECEBERAM GRATUITAMENTE

✦

1 Dom de curar,

Restituam a saúde aos doentes, ressuscitem os mortos, curem os leprosos, expulsem os demônios. Deem gratuitamente o que receberam gratuitamente. (São Mateus, cap. x, v. 8.)

2 "Deem gratuitamente o que receberam gratuitamente", diz Jesus aos seus discípulos; por esse preceito, ele determina que não se cobre por aquilo que não se pagou para obter; ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos; esse dom lhes havia sido dado gratuitamente por Deus para aliviar os que sofrem e ajudar na propagação da fé, e ele lhes diz que não façam dele um comércio, nem um objeto de especulação, nem um meio de vida.

3 Preces pagas

Disse então aos seus discípulos, na presença de todo o povo que o escutava: — Tenham cuidado com os escribas que fazem questão de passear com longas vestes, que gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — que, sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão uma condenação mais rigorosa. (São Lucas, cap. xx, v. 45, 46, 47. — São Marcos, cap. xii, v. 38, 39, 40. — São Mateus, cap. xxiii, v. 14.)

[4] Jesus também diz: Não cobrem por suas preces; não façam como os escribas que, "sob o pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas"; isto é, apoderam-se de suas fortunas. A prece é um ato de caridade, um impulso do coração; cobrar pela que se dirige a Deus em favor de outra pessoa é transformar-se em intermediário assalariado; a prece se torna então uma fórmula cujo comprimento se ajusta à quantia que ela rende. Ora, das duas, uma: Deus mede ou não mede suas graças pelo número de palavras; se são necessárias muitas, por que dizer poucas ou nenhuma por aquele que não pode pagar? É uma falta de caridade; se uma só basta, o restante é inútil; por que, então, cobrar por ele? É uma prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede; por que, então, aquele que nem sequer é seu distribuidor, que não pode garantir que sejam obtidos, cobraria por um pedido que pode não ter resultado? Deus não pode subordinar a uma quantia em dinheiro um ato de clemência, de bondade ou de justiça que se pede à sua misericórdia; caso contrário, disso resultaria que, se a quantia não fosse paga ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam suspensas. A razão, o bom senso e a lógica dizem que Deus, a perfeição absoluta, não pode delegar a criaturas imperfeitas o direito de pôr preço em sua justiça. A justiça de Deus é como o sol; é para todos, tanto para o pobre quanto para o rico. Se é considerado imoral negociar as graças de um soberano da Terra, seria mais lícito vender as do soberano do universo?

As preces pagas têm outro inconveniente: aquele que as compra se julga, na maioria das vezes, dispensado de orar por si mesmo, porque se considera quite depois de dar seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos são tocados pelo fervor do pensamento de quem se interessa por eles; qual pode ser o fervor

daquele que paga a um terceiro para orar por ele? Qual é o fervor desse terceiro quando delega sua incumbência a outro, este a outro, e assim por diante? Não é reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda corrente?

5 Vendedores expulsos do templo

Depois chegaram a Jerusalém, e Jesus, tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os assentos dos que vendiam pombas; — e não permitia que ninguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. — Também os instruía, dizendo: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? E, no entanto, vocês fizeram dela um covil de ladrões. — Ao ouvirem isso, os chefes dos sacerdotes procuravam um meio de levá-lo à morte; pois o temiam, porque todo o povo estava encantado e admirado com sua doutrina. (São Marcos, cap. xi, v. de 15 a 48. — São Mateus, cap. xxi, v. 12, 13.)

6 Jesus expulsou os vendedores do templo; com isso, condena o comércio das coisas santas, sob qualquer forma que seja. Deus não vende sua bênção, nem seu perdão, nem a entrada no reino dos céus; portanto, o homem não tem o direito de cobrar por eles.

7 Mediunidade gratuita

Os médiuns modernos, — pois os apóstolos também tinham a mediunidade, — receberam igualmente de Deus um dom gratuito, o de serem os intérpretes dos Espíritos para a instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, porque não são fruto de suas ideias, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre seja privado dela e possa dizer: Não tenho fé

porque não pude pagar por ela; não tive o consolo de receber os incentivos e os testemunhos de afeto daqueles cuja perda choro, porque sou pobre. É por isso que a mediunidade não é um privilégio e se encontra por toda parte; cobrar por ela seria, portanto, desviá-la de sua finalidade providencial.

8 Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, sua repulsa por tudo o que envolve interesse egoísta, e sabe como basta pouca coisa para afastá-los, jamais poderá admitir que Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os chame por determinada quantia por sessão; o simples bom senso rejeita tal pensamento.

8.2 Não seria também uma profanação evocar, mediante pagamento, os seres que respeitamos ou que nos são queridos? Sem dúvida, podem-se obter manifestações assim, mas quem poderia garantir sua sinceridade?

8.3 Os Espíritos levianos, mentirosos, travessos e toda a multidão dos Espíritos inferiores, muito pouco escrupulosos, sempre vêm e estão inteiramente prontos a responder ao que se pergunta, sem se preocupar com a verdade.

8.4 Portanto, quem deseja comunicações sérias deve primeiro pedi-las com seriedade e depois se informar sobre a natureza das afinidades do médium com os seres do mundo espiritual; ora, a primeira condição para conquistar a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, a dedicação, a abnegação e o mais absoluto desinteresse moral e material.

9 Ao lado da questão moral, apresenta-se uma consideração prática não menos importante, ligada à própria natureza da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e nunca será uma profissão, não somente porque ficaria moralmente desacreditada e logo seria equiparada à prática dos adivinhos,

mas porque um obstáculo material se opõe a isso; é uma faculdade essencialmente instável, passageira e variável, com cuja permanência ninguém pode contar. Seria, portanto, para quem a explorasse, um recurso completamente incerto, que poderia lhe faltar no momento em que fosse mais necessário. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho e que, por isso mesmo, é uma propriedade da qual é naturalmente permitido tirar proveito. Mas a mediunidade não é uma arte nem um talento, e é por isso que não pode se tornar uma profissão; ela só existe com a colaboração dos Espíritos; se esses Espíritos faltam, não há mais mediunidade; a aptidão pode permanecer, mas seu exercício fica anulado; por isso, não há um único médium no mundo que possa garantir a obtenção de um fenômeno espírita em determinado momento. Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa da qual não se é realmente senhor; afirmar o contrário é enganar quem paga; além disso, não é de si mesmo que se dispõe: são os Espíritos, as almas dos mortos, cuja colaboração é posta à venda; esse pensamento causa uma repulsa instintiva. Foi esse comércio, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição, que motivou a proibição de Moisés. O espiritismo moderno, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito que lançou sobre essa exploração, elevou a mediunidade à condição de missão. (Ver O Livro dos Médiuns, cap. xxviii, — O Céu e o Inferno, cap. xii.)

10. A mediunidade é uma coisa santa que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que exige essa condição de maneira ainda mais absoluta, é a mediunidade de cura. O médico dá o fruto de seus estudos, que fez à custa de sacrifícios muitas vezes penosos; o magnetizador dá seu próprio fluido, muitas vezes até sua saúde: eles podem cobrar por isso; o médium curador transmite o fluido salutar dos bons

Espíritos: não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, embora pobres, não cobravam pelas curas que realizavam.

Portanto, aquele que não tem de que viver procure recursos fora da mediunidade; dedique a ela, se necessário, apenas o tempo de que suas condições materiais lhe permitam dispor. Os Espíritos levarão em conta sua dedicação e seus sacrifícios, ao passo que se afastam daqueles que esperam fazer dela um meio de subir na vida.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVII. PEÇAM E OBTERÃO

✦

1 Qualidades da oração.
Quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas que fazem questão de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos homens. Em verdade lhes digo: eles já receberam sua recompensa. — Mas, quando quiserem orar, entrem em seu quarto e, com a porta fechada, orem a seu Pai em segredo; e seu Pai, que vê o que acontece em segredo, lhes dará a recompensa.
Não façam questão de prolongar suas orações, como fazem os pagãos, que imaginam ser atendidos pela quantidade de palavras. — Portanto, não sejam como eles, porque seu Pai sabe do que vocês precisam antes que lhe peçam. (São Mateus, cap. vi, v. de 5 a 8.)

2 Quando vocês se apresentarem para orar, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem essa pessoa, para que seu Pai, que está nos céus, também lhes perdoe os pecados. — Se vocês não perdoarem, seu Pai, que está nos céus, também não lhes perdoará os pecados. (São Marcos, cap. xi, v. 25, 26.)

3 Ele também contou esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, considerando-se justos, e desprezavam os outros:
Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano. — O fariseu, de pé, orava assim consigo mesmo: Meu Deus, eu lhe agradeço por não ser como os demais homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana; dou o dízimo de tudo o que possuo.
O publicano, ao contrário, mantendo-se afastado, não ousava sequer levan-

tar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tenha piedade de mim, que sou pecador.
Eu lhes declaro que este voltou para casa justificado, e não o outro; pois todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que se humilha será exaltado. (São Lucas, cap. xviii, v. de 9

4 As qualidades da oração são claramente definidas por Jesus; quando vocês orarem, diz ele, não se ponham em evidência, mas orem em segredo; não façam questão de orar muito, pois não é pela quantidade de palavras que serão atendidos, mas pela sinceridade delas; antes de orar, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem essa pessoa, pois a oração não pode ser agradável a Deus se não partir de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade; orem, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu; examinem seus defeitos, e não suas qualidades, e, se vocês se compararem aos outros, procurem o que há de mau em vocês. (Cap. x, nºs 7 e 8.)

5 Eficácia da oração
Seja o que for que vocês peçam na oração, creiam que o obterão, e isso lhes será concedido. (São Marcos, cap. xi, v. 24.)

6 Há pessoas que contestam a eficácia da oração e se baseiam neste princípio: como Deus conhece nossas necessidades, é desnecessário expô-las a ele. Acrescentam ainda que, como tudo se encadeia no universo por leis eternas, nossos desejos não podem mudar os decretos de Deus.
Sem dúvida, há leis naturais e imutáveis que Deus não pode revogar conforme o capricho de cada um; mas daí a acreditar que todas as circunstâncias da vida estão sujeitas à fatalidade, a distância é grande. Se assim fosse, o homem seria apenas um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem ini-

ciativa. Nessa hipótese, só lhe restaria curvar a cabeça sob o golpe de todos os acontecimentos, sem procurar evitá-los; não deveria ter procurado desviar o raio. Deus não lhe deu o discernimento e a inteligência para que não os usasse, a vontade para que não quisesse, a atividade para que permanecesse na inação. Como o homem é livre para agir num sentido ou em outro, seus atos têm, para ele mesmo e para os outros, consequências subordinadas ao que faz ou deixa de fazer; por sua iniciativa, há, portanto, acontecimentos que necessariamente escapam à fatalidade e que não destroem a harmonia das leis universais, assim como o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio de pêndulo não destrói a lei do movimento em que se baseia o mecanismo. Deus pode, portanto, atender a certos pedidos sem contrariar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, ficando esse atendimento sempre subordinado à sua vontade.

7 Seria ilógico concluir desta máxima: «Seja o que for que vocês peçam pela oração, isso lhes será concedido», que basta pedir para obter, e injusto acusar a Providência se ela não atende a todo pedido que lhe é feito, pois ela sabe melhor do que nós o que é para nosso bem. Assim age um pai sensato que recusa ao filho as coisas contrárias ao interesse dele. O homem, em geral, só vê o presente; ora, se o sofrimento for útil à sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa o doente sofrer com uma operação que deve trazer a cura.

O que Deus lhe concederá, se ele se dirigir a ele com confiança, é a coragem, a paciência e a resignação. O que também lhe concederá são os meios de sair das dificuldades por si mesmo, com a ajuda das ideias que faz os bons Espíritos lhe sugerirem, deixando-lhe assim o mérito: ele ampara os que ajudam a si mesmos, segundo esta máxima: «Ajude a si mesmo, e o céu o

ajudará», e não os que esperam tudo de um auxílio alheio sem fazer uso das próprias faculdades; mas, na maioria das vezes, preferiríamos ser socorridos por um milagre sem ter nada a fazer. (Cap. xxv. nº 1 e seguintes.)

8 Tomemos um exemplo. Um homem está perdido num deserto; sofre horrivelmente de sede; sente que vai desfalecer e se deixa cair no chão; pede a Deus que o ajude e espera: mas nenhum anjo vem lhe trazer algo para beber. Entretanto, um bom Espírito lhe sugere a ideia de se levantar e seguir uma das trilhas que se apresentam diante dele: então, por um movimento maquinal, reunindo suas forças, ele se levanta e caminha sem rumo certo. Ao chegar a uma elevação, avista ao longe um riacho; diante disso, recupera a coragem. Se tiver fé, exclamará: «Obrigado, meu Deus, pela ideia que o senhor me inspirou e pela força que me deu». Se não tiver fé, dirá: «Que boa ideia eu tive! Que sorte a minha ter seguido a trilha da direita em vez da esquerda; o acaso realmente nos favorece às vezes! Como me felicito por minha coragem e por não ter me deixado abater!»

Mas, dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: «Siga esta trilha, e no fim encontrará aquilo de que precisa»? Por que não se mostrou a ele para guiá-lo e sustentá-lo em seu desfalecimento? Dessa maneira, o teria convencido da intervenção da Providência. Foi, primeiro, para lhe ensinar que é preciso ajudar a si mesmo e fazer uso das próprias forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança nele e a submissão à sua vontade. Esse homem estava na situação de uma criança que cai e que, se avista alguém, grita e espera que venham levantá-la; se não vê ninguém, faz esforços e se levanta sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe tivesse dito: «Sou enviado por Deus

para guiar você em sua viagem e preservá-lo de todo perigo», Tobias não teria tido mérito algum; confiando em seu companheiro, nem sequer teria precisado pensar; é por isso que o anjo só se deu a conhecer na volta.

9 Ação da oração. Transmissão do pensamento

A oração é uma invocação; por ela, entramos em contato, pelo pensamento, com o ser a quem nos dirigimos. Ela pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou pelos outros, pelos vivos ou pelos mortos.

As orações dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados de executar suas vontades; as que são dirigidas aos bons Espíritos são encaminhadas a Deus. Quando oramos a outros seres que não Deus, é apenas na condição de intermediários, de intercessores, pois nada pode ser feito sem a vontade de Deus.

10 O Espiritismo faz compreender a ação da oração ao explicar o modo de transmissão do pensamento, seja quando o ser a quem oramos vem ao nosso chamado, seja quando nosso pensamento chega até ele. Para compreender o que acontece nessa circunstância, é preciso imaginar todos os seres encarnados e desencarnados mergulhados no fluido universal que ocupa o espaço, assim como nós, aqui na Terra, estamos na atmosfera. Esse fluido recebe um impulso da vontade; é o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som, com esta diferença: as vibrações do ar são limitadas, enquanto as do fluido universal se estendem ao infinito. Assim, quando o pensamento é dirigido a um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado a desencarnado, ou de desencarnado a encarnado, estabelece-se de um para o outro uma corrente fluídica, que transmite o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente é proporcional à do pensamento e da vontade. É assim que a oração é ouvida pelos Espíritos, onde quer que estejam, que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações e que se estabelecem relações à distância entre os encarnados.

Esta explicação se dirige principalmente aos que não compreendem a utilidade da oração puramente mística; seu objetivo não é materializar a oração, mas tornar seu efeito compreensível, mostrando que ela pode ter uma ação direta e efetiva; ainda assim, ela permanece subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas, e o único que pode tornar sua ação eficaz.

\ \. Pela oração, o homem chama para junto de si o auxílio dos bons Espíritos, que vêm sustentá-lo em suas boas resoluções e lhe inspirar bons pensamentos; adquire assim a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho correto, caso tenha se afastado dele; e, dessa maneira, também pode afastar de si os males que atrairia por sua própria culpa. Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimento; tem o direito de se queixar se não obtiver a cura? Não, pois poderia ter encontrado na oração a força para resistir às tentações.

12 Se dividirmos os males da vida em duas partes, uma com os que o homem não pode evitar, outra com as tribulações de que ele mesmo é a principal causa por sua negligência e seus excessos (cap. v, nº 4), veremos que esta supera em muito a primeira em número. É, portanto, bem evidente que o homem é o autor da maior parte de suas aflições e que poderia poupá-las a si mesmo se agisse sempre com sabedoria e prudência.

Não é menos certo que essas misérias são o resultado de nossas infrações às

leis de Deus e que, se observássemos rigorosamente essas leis, seríamos perfeitamente felizes. Se não ultrapassássemos o limite do necessário na satisfação de nossas necessidades, não teríamos as doenças que são consequência dos excessos, nem as dificuldades que essas doenças acarretam; se pusésemos limites à nossa ambição, não temeríamos a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não temeríamos cair; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho humilhado; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maledicentes, invejosos nem ciumentos, e evitaríamos as brigas e as discórdias; se não fizéssemos mal a ninguém, não temeríamos as vinganças etc.

Admitamos que o homem nada possa fazer contra os outros males; que toda prece seja supérflua para se preservar deles: já não seria muito estar livre de todos aqueles que provêm de seus próprios atos? Ora, aqui a ação da prece é facilmente compreendida, porque tem por efeito atrair a inspiração salutar dos bons Espíritos, pedir-lhes a força para resistir aos maus pensamentos cuja realização pode nos ser funesta. Nesse caso, não é o mal que eles afastam, mas a nós mesmos que afastam do pensamento que pode causar o mal; em nada impedem os decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da natureza; eles nos impedem de infringir essas leis, orientando nosso livre-arbítrio; mas o fazem sem que saibamos, de maneira oculta, para não prender nossa vontade. O homem se encontra então na situação de quem pede bons conselhos e os põe em prática, mas continua sempre livre para segui-los ou não; Deus quer que seja assim para que ele tenha a responsabilidade de seus atos e conserve o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso que o homem tem sempre a certeza de obter se o pedir com fervor, e é a isso, sobretudo, que se podem aplicar estas palavras: «Peçam e obterão.»

A eficácia da prece, mesmo reduzida a essa proporção, não teria um resultado imenso? Estava reservado ao Espiritismo provar-nos sua ação pela revelação das relações que existem entre o mundo corporal e o mundo espiritual. Mas seus efeitos não se limitam a isso.

A prece é recomendada por todos os Espíritos; renunciar à prece é desconhecer a bondade de Deus; é renunciar, para si mesmo, à assistência deles e, para os outros, ao bem que se pode fazer a eles.

13 Ao atender ao pedido que lhe é dirigido, Deus muitas vezes tem em vista recompensar a intenção, a dedicação e a fé de quem ora; eis por que a prece do homem de bem tem mais mérito aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, pois o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente o sentimento da verdadeira piedade proporciona. Do coração do egoísta, daquele que ora apenas com os lábios, só podem sair palavras, e não os impulsos de caridade que dão à prece todo o seu poder. Isso é tão bem compreendido que, por um movimento instintivo, nós nos recomendamos de preferência às preces daqueles cuja conduta sentimos que deve ser agradável a Deus, porque são mais bem ouvidos por ele.

\ 4. Se a prece exerce uma espécie de ação magnética, poderíamos acreditar que seu efeito depende da força fluídica; ora, não é assim. Como os Espíritos exercem essa ação sobre os homens, eles suprem, quando necessário, a insuficiência de quem ora, seja agindo diretamente em seu nome, seja dando-lhe por um momento uma força excepcional, quando é julgado digno desse favor ou quando isso pode ser útil.

O homem que não se considera suficientemente bom para exercer uma influência salutar não deve deixar de orar pelos outros, por pensar que não é digno de ser ouvido. A consciência de sua inferioridade é uma prova de hu-

mildade sempre agradável a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança em Deus são um primeiro passo para o retorno ao bem, no qual os bons Espíritos se alegram em encorajá-lo. A prece que é rejeitada é a do orgulhoso que tem fé em seu poder e em seus méritos e acredita poder substituir a vontade do Eterno.

15 O poder da prece está no pensamento; não depende das palavras, nem do lugar, nem do momento em que é feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, sozinho ou em conjunto. A influência do lugar ou do momento depende das circunstâncias que podem favorecer o recolhimento.

15.2 A prece em conjunto tem uma ação mais poderosa quando todos os que oram se unem de coração a um mesmo pensamento e têm um mesmo objetivo, pois é como se muitos gritassem juntos e em uníssono; mas de que adianta estarem reunidos em grande número se cada um age isoladamente e por sua própria conta!

15.3 Cem pessoas reunidas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, unidas numa aspiração comum, orarão como verdadeiros irmãos em Deus, e sua prece terá mais poder que a das cem outras. (Cap. xxviii, Preces compreensíveis.

16 Se não entendo o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo, e aquele que me fala será um bárbaro para mim. — Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas minha inteligência fica sem fruto.

16.2 — Se vocês louvam a Deus apenas de coração, como um homem dentre aqueles que só entendem sua própria língua responderá amém ao final de sua ação de graças, já que não entende o que vocês dizem?

16.3 — Não é que sua ação não seja boa, mas os outros não são edificados. (São Paulo, 1ª aos Coríntios, cap. xiv, v. 11, 14, 16, 17.)

17 A prece só tem valor pelo pensamento que se associa a ela; ora, é impossível associar um pensamento ao que não se compreende, pois o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria, as preces numa língua incompreendida são apenas conjuntos de palavras que nada dizem ao espírito.

17.2 Para que a prece toque o coração, é preciso que cada palavra desperte uma ideia, e, se não a compreendemos, ela não pode despertar nenhuma. É repetida como uma simples fórmula que tem mais ou menos virtude conforme o número de vezes que é repetida; muitos oram por dever, alguns até para se conformarem ao costume; por isso acreditam ter cumprido sua obrigação quando disseram uma prece um número determinado de vezes e nesta ou naquela ordem.

17.3 Deus lê no fundo dos corações; vê o pensamento e a sinceridade, e é rebaixá-lo acreditar que seja mais sensível à forma do que ao conteúdo. (Cap. xxviii, nº 2.) da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores.

18 A prece é solicitada pelos Espíritos sofredores; ela lhes é útil porque, ao verem que pensamos neles, sentem-se menos abandonados, são menos infelizes. Mas a prece tem sobre eles uma ação mais direta: reanima sua coragem, desperta neles o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e pode afastá-los do pensamento do mal; é nesse sentido que ela pode não somente aliviar, mas abreviar seus sofrimentos. (Veja: Céu e Inferno, 2ª parte: Exemplos.)

19 Algumas pessoas não admitem a prece pelos mortos porque, em sua crença, só há duas alternativas para a alma: ser salva ou condenada às penas eternas, e porque, em ambos os casos, a prece é inútil. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos por um instante a realidade de penas eternas e irremissíveis, e que nossas preces sejam impotentes para lhes pôr fim.

19.2 Perguntamos se, nessa hipótese, é lógico, é caridoso, é cristão rejeitar a prece pelos condenados? Essas preces, por mais impotentes que fossem para libertá-los, não seriam para eles uma demonstração de compaixão capaz de suavizar seu sofrimento?

19.3 Na terra, quando um homem é condenado à prisão perpétua, mesmo que não haja esperança alguma de obter seu perdão, é proibido a uma pessoa caridosa ir sustentar suas correntes para aliviar-lhe o peso? Quando alguém sofre de um mal incurável, será preciso, por não haver nenhuma esperança de cura, abandoná-lo sem nenhum alívio?

19.4 Pensem que entre os condenados pode estar uma pessoa que lhes foi querida, um amigo, talvez um pai, uma mãe ou um filho, e, porque, segundo vocês, ele não poderia esperar seu perdão, vocês lhe recusariam um copo de água para matar a sede? Um bálsamo para secar suas feridas? Não fariam por ele o que fariam por um condenado às galés?

19.5 Não lhe dariam uma demonstração de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que resseca o coração não pode se conciliar com a crença num Deus que coloca o amor ao próximo em primeiro lugar entre os deveres.

19.6 A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, pois Deus, em sua justiça, não pode confundir o bem e o mal; ora, negar, nesse caso, a eficácia da prece seria negar a eficácia da conso-

lação, dos incentivos e dos bons conselhos; seria negar a força que encontramos na assistência moral daqueles que nos querem bem.

20 Outros se apoiam numa razão mais enganosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem eles, não pode mudar suas decisões a pedido de suas criaturas; sem isso, nada seria estável no mundo. O homem, portanto, nada tem a pedir a Deus, basta submeter-se e adorá-lo.

Há nessa ideia uma aplicação falsa da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei no que diz respeito à penalidade futura. Essa lei é revelada pelos Espíritos do Senhor, agora que o homem está maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se leva em conta nenhum pesar nem arrependimento do culpado; para ele, todo desejo de melhorar é supérfluo: está condenado a permanecer no mal para sempre. Se é condenado por um tempo determinado, a pena cessará quando esse tempo terminar; mas quem diz que então ele terá voltado a melhores sentimentos? Quem diz que, a exemplo de muitos condenados da terra ao saírem da prisão, ele não será tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que voltou ao bem; no segundo, perdoar aquele que continuou culpado. A lei de Deus é mais previdente que isso; sempre justa, equitativa e misericordiosa, ela não fixa nenhuma duração para a pena, qualquer que seja; resume-se assim:

21 « O homem sempre sofre as consequências de suas faltas; não há uma única infração à lei de Deus que não tenha sua punição.

« A severidade do castigo é proporcional à gravidade da falta.

« A duração do castigo por qualquer falta é indeterminada; está subordinada ao arrependimento do culpado e ao seu retorno ao bem; a pena dura

tanto quanto a obstinação no mal; seria perpétua se a obstinação fosse perpétua; é de curta duração se o arrependimento é rápido.

« Assim que o culpado clama por misericórdia, Deus o ouve e lhe envia a esperança. Mas o simples pesar pelo mal não basta: é necessária a reparação; por isso, o culpado é submetido a novas provas nas quais pode, sempre por sua vontade, fazer o bem em reparação pelo mal que fez.

« O homem é, assim, constantemente o árbitro de seu próprio destino; pode abreviar seu suplício ou prolongá-lo indefinidamente; sua felicidade ou sua infelicidade depende de sua vontade de fazer o bem. »

Essa é a lei; lei imutável e conforme à bondade e à justiça de Deus.

O Espírito culpado e infeliz pode, assim, sempre salvar a si mesmo: a lei de Deus lhe diz sob que condição pode fazê-lo. O que lhe falta, na maioria das vezes, é a vontade, a força, a coragem; se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e encorajamos; se, por nossos conselhos, lhe damos os esclarecimentos que lhe faltam, em vez de pedir a Deus que abra uma exceção à sua lei, tornamo-nos os instrumentos para a execução de sua lei de amor e de caridade, da qual ele nos permite, assim, participar, dando nós mesmos uma prova de caridade. (Vejam O Céu e o Inferno, 1ª parte, caps. IV, VII, VIII.)

22 Instruções dos Espíritos — Maneira de orar

O primeiro dever de toda criatura humana, o primeiro ato que deve marcar para ela o retorno à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vocês oram, mas como são poucos os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que vocês ligam umas às outras maquinalmente, porque têm esse hábito, porque é um dever que cumprem e que, como todo dever, lhes pesa.

A prece do cristão, do espírita, seja qual for o culto, deve ser feita assim que o espírito retoma o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da majestade divina com humildade, com profundidade, num impulso de gratidão por todos os benefícios concedidos até esse dia: pela noite que passou e durante a qual lhes foi permitido, embora sem que soubessem, voltar para junto de seus amigos, de seus guias, para obter, no contato com eles, mais força e perseverança. Deve elevar-se humilde aos pés do Senhor, para confiar a ele a fraqueza de vocês, pedir seu apoio, sua indulgência, sua misericórdia. Deve ser profunda, pois é a alma de vocês que deve elevar-se ao Criador, que deve transfigurar-se como Jesus no Tabor e chegar branca e radiante de esperança e de amor.

A prece de vocês deve conter o pedido das graças de que precisam, mas de que realmente precisam. É inútil, portanto, pedir ao Senhor que abrevie suas provas, que lhes dê alegrias e riqueza; peçam que lhes conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digam, como acontece com muitos de vocês: « Não vale a pena orar, pois Deus não me atende. » O que vocês pedem a Deus, na maioria das vezes? Já pensaram muitas vezes em lhe pedir seu aperfeiçoamento moral? Oh! Não, muito poucas; vocês pensam mais em lhe pedir sucesso em seus empreendimentos terrenos e exclamam: « Deus não se ocupa de nós; se o fizesse, não haveria tantas injustiças. » Insensatos! Ingratos! Se vocês descessem ao fundo de sua consciência, encontrariam quase sempre em si mesmos o ponto de partida dos males de que se queixam; peçam, portanto, antes de tudo, seu aperfeiçoamento, e verão que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vocês. (Cap. V, nº 4.)

Vocês devem orar sem cessar, sem que, para isso, se retirem para seu oratório ou se ajoelhem nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento de

seus deveres, de seus deveres sem exceção, sejam eles de que natureza forem. Não é um ato de amor ao Senhor ajudar seus irmãos em qualquer necessidade, moral ou física? Não é um ato de gratidão elevar o pensamento a ele quando lhes acontece algo feliz, quando um acidente é evitado, quando até mesmo uma contrariedade apenas os atinge de leve, se vocês dizem em pensamento: Seja bendito, meu Pai! Não é um ato de contrição humilhar-se diante do juiz supremo quando sentem que falharam, ainda que apenas por um pensamento passageiro, e lhe dizer: Perdoe-me, meu Deus, pois pequei por orgulho, por egoísmo ou por falta de caridade; dê-me a força para não voltar a falhar e a coragem para reparar?

Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados; mas, como vocês veem, a prece pode ser de todos os instantes, sem interromper em nada seus trabalhos; feita assim, ela, ao contrário, os santifica. E tenham certeza de que um só desses pensamentos, vindo do coração, é mais ouvido por seu Pai celestial do que as longas preces feitas por hábito, muitas vezes sem motivo definido, e às quais a hora marcada os chama maquinalmente. (V. Monod. Bordeaux, 1862.)

23 Benefícios da prece

Venham, vocês que querem crer: os Espíritos celestes acorrem e vêm lhes anunciar grandes coisas; Deus, meus filhos, abre seus tesouros para lhes dar todos os seus benefícios. Homens incrédulos! Se vocês soubessem quanto a fé faz bem ao coração e leva a alma ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! Como são comoventes as palavras que saem da boca na hora em que se ora! A prece é o orvalho divino que desfaz o calor excessivo das paixões; filha mais velha da fé, ela nos leva pela senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, vocês estão com Deus; para vocês, não há mais mis-

tério: ele se revela a vocês. Apóstolos do pensamento, para vocês isso é a vida; sua alma se desprende da matéria e percorre esses mundos infinitos e etéreos que os pobres humanos desconhecem. Caminhem, caminhem pelas sendas da prece, e ouvirão as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes doces e suaves dos serafins, mais leves que as brisas da manhã quando brincam na folhagem de seus grandes bosques. Por quantas delícias vocês caminharão! Suas línguas não poderão definir essa felicidade, de tal modo ela entrará por todos os poros, tão viva e refrescante é a fonte da qual se bebe ao orar! Doces vozes, perfumes inebriantes que a alma ouve e saboreia quando se lança nessas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mistura de desejos carnais, todas as aspirações são divinas. E vocês também, orem! Como Cristo carregando sua cruz do Gólgota ao Calvário, carreguem sua cruz, e sentirão as doces emoções que passavam por sua alma, embora estivesse carregado de um madeiro infamante; ele ia morrer, mas para viver a vida celeste na morada de seu Pai. (Santo Agostinho. Paris, 1861.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

XXVIII. COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS

✦

[1] Preâmbulo.

Os Espíritos sempre disseram: « A forma nada é, o pensamento é tudo. Ore cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque; um bom pensamento vale mais do que muitas palavras nas quais o coração não participa. »

Os Espíritos não prescrevem nenhuma fórmula absoluta de preces; quando as oferecem, é para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção para certos princípios da doutrina espírita. É também com o objetivo de ajudar as pessoas que têm dificuldade para expressar suas ideias, pois há quem não acredite ter realmente orado se seus pensamentos não forem formulados.

A coletânea de preces contidas neste capítulo é uma seleção feita entre aquelas que foram ditadas pelos Espíritos em diferentes circunstâncias; eles podem ter ditado outras, e em outros termos, adequadas a certas ideias ou a casos especiais, mas pouco importa a forma, se o pensamento fundamental é o mesmo. O objetivo da prece é elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas não deve estabelecer nenhuma diferença entre os que creem nele, e menos ainda entre os adeptos do Espiritismo, pois Deus as aceita todas quando são sinceras.

Portanto, não se deve considerar esta coletânea como um formulário absoluto, mas como uma variedade entre as instruções que os Espíritos dão. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos seus ditados sobre os deveres para com Deus e o

próximo, no qual são relembrados todos os princípios da doutrina.

O Espiritismo reconhece como boas as preces de todos os cultos quando são ditas pelo coração e não pelos lábios; não impõe nenhuma nem censura nenhuma; segundo ele, Deus é grande demais para rejeitar a voz que o implora ou que canta seus louvores porque o faz de uma maneira em vez de outra. Quem lançasse o anátema contra as preces que não estão em seu formulário provaria que desconhece a grandeza de Deus. Acreditar que Deus se prende a uma fórmula é atribuir-lhe a pequenez e as paixões da humanidade.

Uma condição essencial da prece, segundo são Paulo (cap. xxvii, nº 4 6), é ser compreensível, para que possa falar ao nosso espírito; para isso, não basta que seja dita numa língua compreendida por quem ora; há preces em língua comum que não dizem muito mais ao pensamento do que se estivessem em língua estrangeira e que, por isso mesmo, não chegam ao coração; as poucas ideias que contêm muitas vezes ficam sufocadas sob a abundância excessiva de palavras e o misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil nem luxo de adjetivos que são apenas enfeites de brilho falso; cada palavra deve ter seu alcance, despertar uma ideia, tocar uma fibra: em uma palavra, ela deve fazer refletir; somente com essa condição a prece pode atingir seu objetivo; de outro modo, é apenas ruído. Vejam, aliás, com que ar de distração e com que rapidez elas são ditas na maioria das vezes; veem-se os lábios se movendo; mas, pela expressão do rosto, pelo próprio som da voz, reconhece-se um ato mecânico, puramente exterior, ao qual a alma permanece indiferente.

As preces reunidas nesta coletânea estão divididas em cinco categorias: 1º Preces gerais; 2º Preces para si mesmo; 3º Preces pelos vivos; 4º Preces pelos

mortos; 5º Preces especiais pelos doentes e pelos obsediados.

Com o objetivo de chamar mais particularmente a atenção para o objeto de cada prece e de fazer compreender melhor seu alcance, todas são precedidas de uma instrução preliminar, uma espécie de exposição dos motivos, sob o título de prefácio.

[2] I. Preces gerais. Oração dominical

Prefácio. Os Espíritos recomendaram colocar a Oração dominical no início desta coletânea, não somente como prece, mas como símbolo. De todas as preces, é aquela que eles colocam em primeiro lugar, seja porque vem do próprio Jesus (são Mateus, cap. v, v. de 9 a 13), seja porque pode substituir todas elas, conforme o pensamento que se lhe associe; é o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua simplicidade. De fato, sob a forma mais breve, ela resume todos os deveres do ser humano para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo; contém uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la em intenção de alguém é pedir para essa pessoa o que se pediria para si.

No entanto, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo contido nas poucas palavras que a compõem escapa à maioria; por isso, em geral ela é dita sem que se dirija o pensamento para as aplicações de cada uma de suas partes; é dita como uma fórmula cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida; ora, esse número é quase sempre um dos números cabalísticos três, sete ou nove, extraídos da antiga crença supersticiosa no poder dos números e usados nas operações da magia.

Para preencher a imprecisão que a concisão dessa prece deixa no pensamento, seguindo o conselho e com a assistência dos bons Espíritos, acres-

centou-se a cada proposição um comentário que desenvolve seu sentido e mostra suas aplicações. Conforme as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se, portanto, dizer a Oração dominical simples ou desenvolvida.

3 Prece. (1).

— I. Pai nosso, que está nos céus, que seu nome seja santificado!

Cremos no Senhor, porque tudo revela seu poder e sua bondade. A harmonia do universo testemunha uma sabedoria, uma prudência e uma previdência que superam todas as faculdades humanas; o nome de um ser soberanamente grande e sábio está inscrito em todas as obras da criação, desde a folha de grama e o menor inseto até os astros que se movem no espaço; em toda parte vemos a prova de um cuidado paternal; por isso, cego é aquele que não o reconhece em suas obras, orgulhoso aquele que não o glorifica, e ingrato aquele que não lhe dá graças.

II. Que venha seu reino!

Senhor, o Senhor deu aos homens leis cheias de sabedoria e que os fariam felizes se eles as observassem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça; ajudariam uns aos outros, em vez de se prejudicarem como fazem; o forte ampararia o fraco em vez de esmagá-lo; evitariam os males que os abusos e os excessos de todos os tipos produzem. Todas as misérias deste mundo vêm da violação de suas leis, pois não há uma única infração que não tenha suas consequências fatais.

O Senhor deu ao animal o instinto que lhe indica o limite do necessário, e ele o segue mecanicamente; mas ao homem, além desse instinto, deu a inteligência e a razão; deu-lhe também a liberdade de observar ou infringir aquelas de suas leis que lhe dizem respeito pessoalmente, isto é, de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade de

suas ações.

Ninguém pode alegar ignorância de suas leis, pois, em sua previdência paternal, o Senhor quis que elas fossem gravadas na consciência de cada um, sem distinção de culto nem de nações; os que as violam é porque o desconhecem.

Virá um dia em que, segundo sua promessa, todos as praticarão; então a incredulidade terá desaparecido; todos o reconhecerão como o soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado de suas leis será seu reino na terra.

Digne-se, Senhor, apressar sua chegada, dando aos homens a luz necessária para conduzi-los pelo caminho da verdade.

III. Que sua vontade seja feita na terra como no céu!

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com seu superior, quanto maior não deve ser a da criatura para com seu Criador! Fazer sua vontade, Senhor, é observar suas leis e submeter-se sem queixas a seus decretos divinos; o homem se submeterá a eles quando compreender que o Senhor é a fonte de toda sabedoria e que, sem o Senhor, ele nada pode; então fará sua vontade na terra como os eleitos no céu.

IV. Dê-nos nosso pão de cada dia.

Dê-nos o alimento para manter as forças do corpo; dê-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento de nosso Espírito.

O animal encontra seu alimento, mas o homem o deve à própria atividade e aos recursos de sua inteligência, porque o Senhor o criou livre.

O Senhor lhe disse: « Tirará seu alimento da terra com o suor de seu rosto; » com isso, fez do trabalho uma obrigação para ele, a fim de que exercitasse sua inteligência buscando os meios de suprir suas necessidades e seu bem-estar, uns pelo trabalho material, outros pelo trabalho intelectual; sem o trabalho, ele permaneceria estacionário e não poderia aspirar à felicidade

dos Espíritos superiores.

O Senhor auxilia o homem de boa vontade que confia no Senhor para obter o necessário, mas não aquele que se compraz na ociosidade e gostaria de obter tudo sem esforço, nem aquele que busca o supérfluo. (Cap. xxv.)

Quantos sucumbem por sua própria culpa, por seu descuido, sua imprevidência ou sua ambição, e por não terem querido se contentar com o que o Senhor lhes havia dado! Esses são os autores de seu próprio infortúnio e não têm o direito de se queixar, pois são punidos por aquilo em que pecaram. Mas nem mesmo esses o Senhor abandona, porque é infinitamente misericordioso; estende-lhes a mão para socorrê-los assim que, como o filho pródigo, voltam sinceramente ao Senhor. (Cap. v, nº 4.)

Antes de nos queixarmos de nossa sorte, perguntemos a nós mesmos se ela não é obra nossa; a cada desgraça que nos acontece, perguntemos a nós mesmos se não teria dependido de nós evitá-la; mas digamos também que Deus nos deu a inteligência para sairmos do atoleiro, e que depende de nós fazer uso dela.

Já que a lei do trabalho é a condição do homem na terra, dê-nos a coragem e a força para cumpri-la; dê-nos também a prudência, a previdência e a moderação, para não perdermos seu fruto.

Dê-nos, portanto, Senhor, nosso pão de cada dia, isto é, os meios de adquirir, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, pois ninguém tem o direito de exigir o supérfluo.

Se o trabalho nos for impossível, confiamos em sua divina providência.

Se estiver em seus desígnios nos pôr à prova pelas mais duras privações, apesar de nossos esforços, nós as aceitamos como uma justa expiação das faltas que podemos ter cometido nesta vida ou em uma vida anterior, pois o Senhor é justo; sabemos que não há penas imerecidas e que o Senhor ja-

mais castiga sem motivo.

Livre-nos, ó meu Deus, de sentir inveja daqueles que possuem o que não temos, ou mesmo daqueles que têm o supérfluo, enquanto nos falta o necessário. Perdoe-lhes se esquecem a lei de caridade e de amor ao próximo que o Senhor lhes ensinou. (Cap. xvi, nº 8.)

Afaste também de nosso espírito o pensamento de negar sua justiça ao vermos a prosperidade do mau e a desgraça que às vezes aflige o homem de bem. Sabemos agora, graças às novas luzes que o Senhor se dignou nos dar, que sua justiça sempre se cumpre e não falta a ninguém; que a prosperidade material do mau é passageira como sua existência corporal, e que terá terríveis reveses, enquanto a alegria reservada àquele que sofre com resignação será eterna. (Cap. v, nºs 7, 9,

V. Perdoe nossas dívidas como nós as perdoamos aos que nos devem, — Perdoe nossas ofensas, como nós perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma de nossas infrações a suas leis, Senhor, é uma ofensa ao Senhor e uma dívida contraída que, cedo ou tarde, teremos de pagar. Pedimos à sua infinita misericórdia o perdão dessas dívidas, com a promessa de nos esforçarmos para não contrair outras.

O Senhor fez da caridade uma lei expressa para nós; mas a caridade não consiste apenas em ajudar o semelhante em necessidade; ela também está no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito pediríamos sua indulgência, se nós mesmos não a temos para com aqueles de quem temos motivos para nos queixar?

Dê-nos, ó meu Deus, a força de sufocar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor; faça com que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração. Se for de sua vontade nos tirar deste mundo ainda hoje, faça com que possamos nos apresentar ao Senhor livres de toda

animosidade, a exemplo do Cristo, cujas últimas palavras foram por seus algozes. (Cap. x.)

As perseguições que os maus nos fazem sofrer fazem parte de nossas provas terrenas; devemos aceitá-las sem queixas, como todas as outras provas, e não amaldiçoar aqueles que, por suas maldades, nos abrem o caminho da felicidade eterna, pois o Senhor nos disse, pela boca de Jesus: « Bem-aventurados os que sofrem pela justiça! » Bendigamos, portanto, a mão que nos golpeia e nos humilha, pois as feridas do corpo fortalecem nossa alma, e seremos elevados de nossa humildade. (Cap. xii, Bendito seja seu nome, Senhor, por nos ter ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos em outras existências os meios de resgatar e reparar nossas faltas passadas, de realizar em uma nova vida o que não podemos fazer nesta para nosso progresso. (Cap. iv; cap. v, nº 5.)

Assim se explicam, enfim, todas as anomalias aparentes da vida; é a luz lançada sobre nosso passado e nosso futuro, o sinal evidente de sua soberana justiça e de sua bondade infinita.

VI. Não nos abandone à tentação, mas livre-nos do mal \ Dê-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos maus Espíritos que tentariam nos desviar do caminho do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas nós mesmos somos Espíritos imperfeitos, encarnados nesta terra para expiar e nos melhorar. A causa primeira do mal está em nós, e os maus Espíritos apenas aproveitam nossas inclinações viciosas, nas quais nos mantêm, para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, enquanto são impotentes e renunciam a qualquer tentativa contra os seres perfeitos. Tudo o que pudermos fazer para afastá-los será inútil se não lhes opusermos uma vontade inabalável no bem e uma renúncia absoluta ao mal. É, portanto,

contra nós mesmos que devemos dirigir nossos esforços, e então os maus Espíritos se afastarão naturalmente, pois é o mal que os atrai, enquanto o bem os repele. (Ver adiante, Preces pelos obsediados.)

Senhor, ampare-nos em nossa fraqueza; inspire-nos, pela voz de nossos anjos da guarda e dos bons Espíritos, a vontade de corrigir nossas imperfeições, a fim de fechar aos Espíritos impuros o acesso à nossa alma. (Ver adiante, nº II.)

O mal não é obra sua, Senhor, pois a fonte de todo bem não pode gerar nada de mau; somos nós mesmos que o criamos ao infringir suas leis e pelo mau uso que fazemos da liberdade que o Senhor nos deu. Quando os homens observarem suas leis, o mal desaparecerá da terra, como já desapareceu nos mundos mais adiantados. O mal não é uma necessidade fatal para ninguém, e só parece irresistível àqueles que se entregam a ele com prazer. Se temos a vontade de fazê-lo, podemos ter também a de fazer o bem; é por isso, ó meu Deus, que pedimos sua assistência e a dos bons Espíritos para resistir à tentação.

VII. Assim seja.

Queira o Senhor que nossos desejos se realizem! Mas nos curvamos diante de sua sabedoria infinita. Em todas as coisas que não nos é dado compreender, que se faça segundo sua santa vontade, e não segundo a nossa, pois o Senhor só quer nosso bem e sabe melhor do que nós o que nos é útil.

Dirigimos ao Senhor esta prece, ó meu Deus, por nós mesmos; nós a dirigimos também por todas as almas sofredoras, encarnadas ou desencarnadas, por nossos amigos e nossos inimigos, por todos aqueles que pedem nossa assistência, e em particular por N....

Invocamos sobre todos sua misericórdia e sua bênção.

Nota. Pode-se formular aqui aquilo pelo que se agradece a Deus e o que se

pede para si mesmo ou para outra pessoa. (Ver adiante as preces nºs 26, 27.)
(1) Certas traduções trazem: Não nos induza à tentação (et ne nos inducas in tentationem); essa expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que ele leva voluntariamente os homens ao mal, pensamento blasfemo que equipararia Deus a Satanás, e não pode ter sido o de Jesus. Ela está, aliás, de acordo com a doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Ver Céu e Inferno, cap. x, os Demônios.)

4 Reuniões espíritas

Em qualquer lugar onde se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu estou no meio delas. (São Mateus, cap. xviii, v. 20.)

5 Prefácio. Estar reunidos em nome de Jesus não significa que basta estar juntos materialmente, mas estar unidos espiritualmente, pela comunhão de intenções e de pensamentos voltados para o bem; então Jesus se encontra no meio da reunião, ele ou os Espíritos puros que o representam. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem estar entre nós. Eles estão presentes com seu corpo fluídico ou espiritual e com a aparência que nos permitiria reconhecê-los se se tornassem visíveis. Quanto mais elevados estão na hierarquia, maior é seu poder de irradiação; é assim que possuem o dom da ubiquidade e podem se encontrar em vários lugares ao mesmo tempo: para isso, basta um raio de seu pensamento.
Com essas palavras, Jesus quis mostrar o efeito da união e da fraternidade; não é o número maior ou menor de pessoas que o atrai, pois, em vez de duas ou três pessoas, ele poderia ter dito dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que as anima umas em relação às outras; ora, para isso, basta que sejam duas. Mas, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora se dirijam a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo

se não forem movidas por um sentimento de benevolência mútua; se até olham uma para a outra com aversão, ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos se repelem em vez de se unirem por um impulso comum de simpatia, e então elas não estão reunidas em nome de Jesus; Jesus é apenas o pretexto da reunião, e não o verdadeiro motivo. (Cap. xxvii, nº 9.)

Isso não significa que ele seja surdo à voz de uma só pessoa; se não disse: «Virei a quem me chamar», é porque exige, acima de tudo, o amor ao próximo, do qual se podem dar mais provas quando se está entre várias pessoas do que no isolamento, e porque todo sentimento pessoal o afasta; daí resulta que, se numa reunião numerosa apenas duas ou três pessoas se unirem de coração pelo sentimento de uma verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoístas ou mundanos, ele estará com as primeiras, e não com as outras. Portanto, não é a simultaneidade das palavras, dos cantos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos de acordo com o espírito de caridade personificado em Jesus. (Cap. x, nºs 7, 8; cap. xxvii, nºs 2, 3, 4.)

Esse deve ser o caráter das reuniões espíritas sérias, daquelas em que se deseja sinceramente o auxílio dos bons Espíritos.

6 Prece. (No início da reunião). — Pedimos ao Senhor Deus Todo-Poderoso que nos envie bons Espíritos para nos assistir, afaste aqueles que poderiam nos induzir ao erro e nos dê a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

Afastai também os Espíritos mal-intencionados, encarnados ou desencarnados, que poderiam tentar semear a desunião entre nós e nos desviar da

caridade e do amor ao próximo. Se alguns procurarem entrar aqui, fazei com que não encontrem acesso ao coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que vos dignais vir nos instruir, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos; afastai de nós todo pensamento de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com nossos semelhantes, presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; fazei, enfim, com que reconheçamos vossa influência benéfica nos sentimentos que nos animarem.

Dai aos médiuns que encarregardes de nos transmitir vossos ensinamentos a consciência da santidade da missão que lhes é confiada e da seriedade do ato que vão realizar, para que o façam com o fervor e o recolhimento necessários.

Se na reunião houver pessoas atraídas por outros sentimentos que não sejam o do bem, abri seus olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos se vierem com más intenções.

Pedimos especialmente ao Espírito de N..., nosso guia espiritual, que nos assista e vele por nós.

[7] (No fim da reunião.) — Agradecemos aos bons Espíritos que se dispuseram a vir se comunicar conosco; pedimos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram e que façam com que, ao sair daqui, cada um de nós se sinta fortalecido na prática do bem e do amor ao próximo.

Desejamos igualmente que essas instruções sejam proveitosas aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos que possam ter assistido a esta reunião e sobre os quais invocamos a misericórdia de Deus.

Pelos médiuns.

[8] Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões, e vossos velhos terão sonhos. — Naqueles dias derramarei do meu Espírito sobre meus servos e minhas servas, e eles profetizarão. (Atos, cap. ii, v. 17, 18.)

[9] Prefácio. O Senhor quis que a luz se fizesse para todos os homens e penetrasse em toda parte pela voz dos Espíritos, para que cada um pudesse obter a prova da imortalidade; é com esse objetivo que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra, e a mediunidade que se revela em pessoas de todas as idades e de todas as condições, nos homens e nas mulheres, nas crianças e nos idosos, é um dos sinais do cumprimento dos tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, Deus deu ao homem a visão do corpo, os sentidos e instrumentos especiais; com o telescópio, ele lança seu olhar nas profundezas do espaço, e com o microscópio descobriu o mundo dos seres infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou melhor, são os órgãos materiais pelos quais os Espíritos se expressam para se fazerem compreender pelos homens. Sua missão é santa, pois tem por objetivo abrir os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos futuros, para reconduzi-lo ao caminho do bem, e não para lhe poupar o trabalho material que deve realizar neste mundo para seu progresso, nem para favorecer sua ambição e sua cobiça. É disso que os médiuns devem se compenetrar bem, para não fazerem mau uso de sua faculdade. Quem compreende a serie-

dade da missão de que está investido a cumpre religiosamente; sua consciência o censuraria, como por um ato sacrílego, se transformasse em divertimento e distração, para si ou para os outros, uma faculdade concedida com um objetivo tão sério e que o põe em contato com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes dos ensinamentos dos Espíritos, os médiuns devem desempenhar um papel importante na transformação moral que se realiza; os serviços que podem prestar são proporcionais à boa direção que dão à sua faculdade, pois aqueles que seguem um mau caminho são mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo; pelas más impressões que produzem, retardam mais de uma conversão. Por isso, terão de prestar contas do uso que tiverem feito de uma faculdade que lhes havia sido dada para o bem de seus semelhantes.

O médium que deseja conservar a assistência dos bons Espíritos deve trabalhar pelo próprio aperfeiçoamento; aquele que deseja ver sua faculdade crescer e se desenvolver deve crescer moralmente e se abster de tudo o que possa desviá-la de seu objetivo providencial.

Se os bons Espíritos às vezes se servem de instrumentos imperfeitos, é para dar bons conselhos e tentar reconduzi-los ao bem; mas, se encontram corações endurecidos e seus conselhos não são ouvidos, eles se retiram, e os maus ficam então com o campo livre. (Cap. xxiv, nºs 1 1, 12.)

A experiência prova que, naqueles que não aproveitam os conselhos recebidos dos bons Espíritos, as comunicações, depois de terem apresentado certo brilho durante algum tempo, degeneram pouco a pouco e acabam caindo no erro, no palavreado vazio ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Obter a assistência dos bons Espíritos, afastar os Espíritos levianos e mentirosos: esse deve ser o objetivo dos esforços constantes de todos os médiuns

sérios; sem isso, a mediunidade é uma faculdade estéril, que pode até se tornar prejudicial a quem a possui, pois pode degenerar em uma obsessão perigosa.

O médium que compreende seu dever, em vez de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, pois pode lhe ser retirada, atribui a Deus as coisas boas que obtém. Se suas comunicações merecem elogios, não se envaidece com isso, porque sabe que elas independem de seu mérito pessoal, e agradece a Deus por ter permitido que bons Espíritos viessem se manifestar a ele. Se elas dão motivo a críticas, não se ofende, porque não são obra de seu próprio Espírito; ele reconhece que não foi um bom instrumento e que não possui todas as qualidades necessárias para impedir a interferência dos maus Espíritos; por isso, procura adquirir essas qualidades e pede, pela prece, a força que lhe falta.

10 Prece. — Deus Todo-Poderoso, permiti que os bons Espíritos me assistam na comunicação que solicito. Preservai-me da presunção de me acreditar a salvo dos maus Espíritos; do orgulho que poderia me iludir sobre o valor do que obtenho; de todo sentimento contrário à caridade para com os outros médiuns. Se eu for induzido ao erro, inspirai a alguém a ideia de me avisar, e a mim a humildade que me fará aceitar a crítica com gratidão e tomar para mim mesmo, e não para os outros, os conselhos que os bons Espíritos tiverem a bondade de me ditar. Se eu fosse tentado a abusar de qualquer forma, ou a me envaidecer da faculdade que vos aprouve me conceder, peço que a retireis de mim, em vez de permitir que ela seja desviada de seu fim providencial, que é o bem de todos e meu próprio progresso moral.

II. Preces para si mesmo. Aos Anjos da guarda e aos Espíritos protetores.

11. Prefácio. Todos nós temos um bom Espírito que se ligou a nós desde o

nosso nascimento e nos tomou sob sua proteção. Ele cumpre junto a nós a missão de um pai junto de seu filho: a de nos conduzir no caminho do bem e do progresso através das provações da vida. Ele fica feliz quando correspondemos à sua solicitude; lamenta quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco nos importa, pois ele pode não ter um nome conhecido na Terra; nós o invocamos então como nosso anjo da guarda, nosso bom gênio; podemos até invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior pelo qual sentimos uma simpatia mais particular.

Além de nosso anjo da guarda, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e benevolentes; são parentes, amigos ou, às vezes, pessoas que não conhecemos em nossa existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, muitas vezes, com sua intervenção nos atos de nossa vida.

Os Espíritos simpáticos são aqueles que se ligam a nós por certa semelhança de gostos e inclinações; podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações que os atraem para nós.

Os Espíritos sedutores se esforçam para nos desviar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam todas as nossas fraquezas como outras tantas portas abertas que lhes dão acesso à nossa alma. Há alguns que nos perseguem obstinadamente como a uma presa, mas se afastam quando reconhecem sua impotência para lutar contra nossa vontade.

Deus nos deu um guia principal e superior em nosso anjo da guarda, e guias secundários em nossos Espíritos protetores e familiares; mas é um erro acreditar que temos obrigatoriamente um mau gênio colocado junto de nós para contrabalançar as boas influências. Os maus Espíritos vêm voluntariamente, conforme encontram domínio sobre nós por nossa fraqueza ou nossa negligência em seguir as inspirações dos bons Espíritos; somos,

portanto, nós que os atraímos. Disso resulta que nunca se fica privado da assistência dos bons Espíritos e que depende de nós afastar os maus. Sendo o homem, por suas imperfeições, a primeira causa das misérias que suporta, ele é, na maioria das vezes, seu próprio mau gênio. (Cap. v, nº 4.) A prece aos anjos da guarda e aos Espíritos protetores deve ter por objetivo solicitar sua intervenção junto a Deus, pedir-lhes a força para resistir às más sugestões e sua assistência nas necessidades da vida.

12 Prece. — Espíritos sábios e benevolentes, mensageiros de Deus, cuja missão é assistir os homens e conduzi-los no bom caminho, sustentai-me nas provações desta vida; dai-me a força para suportá-las sem murmurar; afastai de mim os maus pensamentos e fazei que eu não dê acesso a nenhum dos maus Espíritos que tentarem me induzir ao mal. Esclarecei minha consciência sobre meus defeitos e retirai de meus olhos o véu do orgulho que poderia me impedir de percebê-los e de confessá-los a mim mesmo. Sobretudo vós, N..., meu anjo da guarda, que velais mais particularmente por mim, e todos vós, Espíritos protetores que vos interessais por mim, fazei que eu me torne digno de vossa benevolência. Conheceis minhas necessidades; que sejam satisfeitas segundo a vontade de Deus.

13 (Outra). — Meu Deus, permiti que os bons Espíritos que me cercam venham em meu auxílio quando estou em aflição e me sustentem se eu vacilar. Fazei, Senhor, que eles me inspirem a fé, a esperança e a caridade; que sejam para mim um apoio, uma esperança e uma prova de vossa misericórdia; fazei, enfim, que eu encontre junto deles a força que me falta nas provações da vida e, para resistir às sugestões do mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. (Outra). — Espíritos bem-amados, anjos da guarda, vós a quem Deus,

em sua infinita misericórdia, permite velar pelos homens, sede nossos protetores nas provações de nossa vida terrena. Dai-nos a força, a coragem e a resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, detende-nos na inclinação para o mal; que vossa doce influência penetre nossa alma; fazei que sintamos que um amigo dedicado está ali, perto de nós, que ele vê nossos sofrimentos e compartilha nossas alegrias.

E vós, meu bom anjo, não me abandoneis; preciso de toda a vossa proteção para suportar com fé e amor as provações que aprouver a Deus me enviar.

Para afastar os maus Espíritos,

15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, e por dentro estais cheios de rapinas e impurezas. — Fariseus cegos, limpai primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. — Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridão. — Assim, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e iniquidades. (São Mateus, cap. xxiii, v. 25 a 28.)

16 Prefácio. Os maus Espíritos só vão aonde encontram como satisfazer sua perversidade; para afastá-los, não basta pedi-lo, nem mesmo lhes dar essa ordem: é preciso retirar de si o que os atrai.

16.2 Os maus Espíritos farejam as feridas da alma, como as moscas farejam as feridas do corpo; assim como limpais o corpo para evitar os parasitas, limpai também a alma de suas impurezas para evitar os maus Espíritos.

16.3 Como vivemos num mundo onde os maus Espíritos proliferam, as boas qualidades do coração nem sempre nos colocam a salvo de suas tentativas, mas dão a força para resistir a eles.

17 Prece. — Em nome de Deus Todo-Poderoso, que os maus Espíritos se afastem de mim e que os bons me sirvam de proteção contra eles!

Espíritos malfeitores que inspirais maus pensamentos aos homens; Espíritos traiçoeiros e mentirosos que os enganais; Espíritos zombeteiros que vos divertis com sua credulidade, eu vos repilo com todas as forças de minha alma e fecho os ouvidos às vossas sugestões; mas invoco sobre vós a misericórdia de Deus.

Bons Espíritos que vos dignais a me assistir, dai-me a força para resistir à influência dos maus Espíritos e os esclarecimentos necessários para não ser enganado por suas artimanhas. Preservai-me do orgulho e da presunção; afastai de meu coração o ciúme, o ódio, a malevolência e todo sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

18 Para pedir a correção de um defeito

Prefácio. Nossos maus instintos são o resultado da imperfeição de nosso próprio Espírito, e não de nossa organização, caso contrário o homem escaparia a toda espécie de responsabilidade. Nosso aperfeiçoamento depende de nós, pois todo homem que goza de suas faculdades tem, em todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer; para fazer o bem, só lhe falta a vontade. (Cap. xv, nº 10; cap. xix, nº 12.)

19 Prece. — Vós me destes, ó meu Deus, a inteligência necessária para distinguir o que é bem do que é mal; ora, a partir do momento em que reconheço que uma coisa é má, sou culpado por não me esforçar para resistir a ela.

Preservai-me do orgulho que poderia me impedir de perceber meus defeitos e dos maus Espíritos que poderiam me incitar a persistir neles.

Entre minhas imperfeições, reconheço que sou particularmente inclinado a..., e, se não resisto a esse impulso, é pelo hábito que adquiri de ceder a ele.
Vós não me criastes culpado, porque sois justo, mas com igual aptidão para o bem e para o mal; se segui o mau caminho, foi por efeito de meu livre-arbítrio. Mas, pela mesma razão de que tive a liberdade de fazer o mal, tenho a de fazer o bem; por conseguinte, tenho a de mudar de rumo.
Meus defeitos atuais são um resto das imperfeições que guardei de minhas existências anteriores; é meu pecado original, do qual posso me livrar por minha vontade e com a assistência dos bons Espíritos.
Bons Espíritos que me protegeis, e sobretudo vós, meu anjo da guarda, dai-me a força para resistir às más sugestões e sair vitorioso da luta.
Os defeitos são as barreiras que nos separam de Deus, e cada defeito dominado é um passo dado no caminho do progresso que deve me aproximar dele.
O Senhor, em sua infinita misericórdia, dignou-se a me conceder a existência atual para que ela servisse ao meu progresso; bons Espíritos, ajudai-me a aproveitá-la, para que ela não seja perdida para mim e para que, quando aprouver a Deus me retirar dela, eu saia melhor do que entrei (Cap. v, nº 5; cap. xvii, Para pedir força para resistir a uma tentação.

20 Prefácio. Todo mau pensamento pode ter duas fontes: a própria imperfeição de nossa alma ou uma influência funesta que age sobre ela; neste último caso, é sempre o indício de uma fraqueza que nos torna aptos a receber essa influência e, por conseguinte, de uma alma imperfeita; de modo que aquele que comete uma falta não pode invocar como desculpa a influência de um Espírito estranho, pois esse Espírito não o teria incitado ao mal se o tivesse julgado inacessível à sedução.

Quando um mau pensamento surge em nós, podemos, portanto, imaginar um Espírito malévolo nos incitando ao mal, e ao qual somos tão livres para ceder ou resistir como se fossem as solicitações de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar nosso anjo da guarda ou Espírito protetor que, por sua vez, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a decisão que vamos tomar. Nossa hesitação em fazer o mal é a voz do bom Espírito que se faz ouvir pela consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau quando se afasta da caridade, que é a base de toda verdadeira moral; quando tem por princípio o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando sua realização pode causar algum prejuízo a outra pessoa; quando, enfim, nos incita a fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem. (Cap. xxviii, nº 15; cap. xv, nº 10.)

21 Prece. — Deus Todo-Poderoso, não me deixeis sucumbir à tentação que tenho de cometer uma falta. Espíritos benevolentes que me protegeis, afastai de mim esse mau pensamento e dai-me a força para resistir à sugestão do mal. Se eu sucumbir, terei merecido a expiação de minha falta nesta vida e na outra, porque sou livre para escolher.

22 Ação de graças por uma vitória obtida sobre uma tentação

Prefácio. Aquele que resistiu a uma tentação deve isso à assistência dos bons Espíritos cuja voz ouviu. Deve agradecer por isso a Deus e a seu anjo da guarda.

23 Prece. — Meu Deus, agradeço por me terdes permitido sair vitorioso da luta que acabo de travar contra o mal; fazei com que essa vitória me dê força para resistir a novas tentações.

E vós, meu anjo da guarda, agradeço pela assistência que me destes. Que minha submissão aos vossos conselhos me torne novamente merecedor da vossa proteção!

24 Para pedir um conselho

Prefácio. Quando estamos indecisos entre fazer ou não fazer alguma coisa, devemos, antes de tudo, fazer a nós mesmos as seguintes perguntas:

1° Aquilo que hesito em fazer pode causar algum prejuízo a outra pessoa?

2° Pode ser útil a alguém?

3° Se alguém fizesse isso comigo, eu ficaria satisfeito?

Se a coisa diz respeito apenas a nós mesmos, é permitido pesar o conjunto das vantagens e desvantagens pessoais que dela podem resultar.

Se diz respeito a outras pessoas e, ao fazer bem a uma, pode fazer mal a outra, também é preciso pesar o conjunto do bem e do mal para se abster ou agir.

Por fim, mesmo para as melhores coisas, é preciso considerar a oportunidade e as circunstâncias secundárias, pois uma coisa boa em si pode ter maus resultados em mãos inábeis e se não for conduzida com prudência e cuidado. Antes de empreendê-la, convém avaliar as próprias forças e os meios de execução.

Em todos os casos, podemos sempre pedir a assistência dos nossos Espíritos protetores, lembrando esta sábia máxima: Na dúvida, abstém-te. (Cap. xxvii, n° 38.)

25 Prece. — Em nome de Deus Todo-Poderoso, bons Espíritos que me protegeis, inspirai-me a melhor decisão a tomar na incerteza em que me encontro. Dirigi meu pensamento para o bem e afastai a influência daqueles que tentariam me desviar do caminho.

26 Nas aflições da vida

Prefácio. Podemos pedir a Deus favores terrenos, e ele pode concedê-los quando têm um objetivo útil e sério; mas, como julgamos a utilidade das coisas do nosso ponto de vista, e nossa visão se limita ao presente, nem sempre vemos o lado ruim daquilo que desejamos. Deus, que vê melhor do que nós e só quer o nosso bem, pode, portanto, nos recusar algo, como um pai recusa ao filho aquilo que poderia lhe fazer mal. Se aquilo que pedimos não nos for concedido, não devemos sentir nenhum desânimo por isso; devemos pensar, ao contrário, que a privação daquilo que desejamos nos é imposta como prova ou como expiação, e que nossa recompensa será proporcional à resignação com que a tivermos suportado. (Cap. xxvii, n° 6; cap. 2, nos 5, 6, 7.)

27 Prece. — Deus Todo-Poderoso, que vedes nossas misérias, dignai-vos acolher favoravelmente os pedidos que vos dirijo neste momento. Se meu pedido é irrefletido, perdoai-me; se é justo e útil aos vossos olhos, que os bons Espíritos que executam vossas vontades venham me ajudar a realizá-lo.

Aconteça o que acontecer, meu Deus, que seja feita a vossa vontade. Se meus desejos não forem atendidos, é porque faz parte dos vossos desígnios me pôr à prova, e eu me submeto sem me queixar. Fazei com que isso não me cause nenhum desânimo e que nem minha fé nem minha resignação sejam abaladas.

(Formular o pedido.)

28 Ação de graças por um favor obtido

Prefácio. Não devemos considerar acontecimentos felizes apenas as coisas de grande importância; as menores em aparência são muitas vezes as que

mais influem em nosso destino. O ser humano esquece facilmente o bem e se lembra mais daquilo que o aflige. Se registrássemos, dia após dia, os benefícios que recebemos sem tê-los pedido, muitas vezes ficaríamos surpresos por ter recebido tantos que se apagaram da nossa memória, e humilhados pela nossa ingratidão.

Todas as noites, ao elevarmos nossa alma a Deus, devemos recordar os favores que ele nos concedeu durante o dia e agradecer por eles. É sobretudo no próprio momento em que sentimos o efeito de sua bondade e de sua proteção que devemos, por um impulso espontâneo, demonstrar nossa gratidão; para isso, basta um pensamento que atribua a ele o benefício, sem que seja necessário interromper o trabalho.

Os benefícios de Deus não consistem apenas nas coisas materiais; também devemos agradecer pelas boas ideias, pelas inspirações felizes que nos são sugeridas. Enquanto o orgulhoso faz delas um mérito próprio e o incrédulo as atribui ao acaso, aquele que tem fé agradece a Deus e aos bons Espíritos. Para isso, longas frases são inúteis: "Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me é inspirado" diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo que nos leva a atribuir a Deus o bem que nos acontece demonstra um hábito de gratidão e humildade que nos conquista a simpatia dos bons Espíritos. (Cap. xxvii, nos 7, 8.)

29 Prece. — Deus infinitamente bom, que vosso nome seja bendito pelos benefícios que me concedestes; eu seria indigno deles se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos ou ao meu próprio mérito.

Bons Espíritos que fostes os executores das vontades de Deus, e sobretudo vós, meu anjo da guarda, eu vos agradeço. Afastai de mim o pensamento de

me orgulhar desses benefícios e de fazer deles um uso que não seja para o bem.

Agradeço especialmente por...

30 Ato de submissão e de resignação

Prefácio. Quando nos acontece um motivo de aflição, se procurarmos sua causa, muitas vezes descobriremos que ele é consequência da nossa imprudência, da nossa falta de previsão ou de uma ação anterior; nesse caso, só devemos culpar a nós mesmos. Se a causa de uma desgraça independe de qualquer participação nossa, trata-se de uma prova para esta vida ou da expiação de uma existência passada e, neste último caso, a natureza da expiação pode nos revelar a natureza da falta, pois somos sempre punidos por aquilo em que pecamos. (Cap. v, nos 4, 6 e seguintes.)

Naquilo que nos aflige, em geral só vemos o mal presente, e não as consequências favoráveis que isso pode ter mais tarde. O bem é muitas vezes consequência de um mal passageiro, assim como a cura de um doente é o resultado dos meios dolorosos empregados para obtê-la. Em todos os casos, devemos nos submeter à vontade de Deus e suportar com coragem as tribulações da vida, se queremos que isso seja levado em conta a nosso favor e que estas palavras do Cristo se apliquem a nós: Bem-aventurados os que sofrem. (Cap. v.)

31 Prece. — Meu Deus, sois soberanamente justo; todo sofrimento neste mundo deve, portanto, ter sua causa e sua utilidade. Aceito o motivo de aflição que acabo de experimentar como uma expiação das minhas faltas passadas e uma prova para o futuro.

Bons Espíritos que me protegeis, dai-me força para suportá-lo sem me

queixar; fazei com que ele seja para mim uma advertência salutar; que aumente minha experiência; que combata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, e que assim contribua para o meu progresso.

32 (Outra.) — Sinto, ó meu Deus, a necessidade de vos pedir que me deis força para suportar as provas que vos aprouve me enviar. Permiti que a luz se torne suficientemente viva em meu espírito para que eu compreenda toda a extensão de um amor que me aflige por querer me salvar. Submeto-me com resignação, ó meu Deus; mas, ai de mim! A criatura é tão fraca que, se não me sustentardes, temo sucumbir. Não me abandoneis, Senhor, pois sem vós nada posso.

33 (Outra.) — Elevei meus olhos para ti, ó Eterno, e me senti fortalecido. Tu és minha força, não me abandones; ó Deus! Estou esmagado sob o peso das minhas iniquidades! Ajuda-me; tu conheces a fraqueza da minha carne e não desvias de mim os teus olhos!

Sou devorado por uma sede ardente; faz jorrar a fonte de água viva, e minha sede será saciada. Que minha boca se abra apenas para cantar teus louvores, e não para me queixar nas aflições da minha vida. Sou fraco, Senhor, mas teu amor me sustentará.

Ó Eterno! Só tu és grande, só tu és a finalidade e o objetivo da minha vida. Bendito seja teu nome, se me feres, pois tu és o senhor e eu, o servo infiel; curvarei minha fronte sem me queixar, pois só tu és grande, só tu és o objetivo.

34 Em um perigo iminente

Prefácio. Pelos perigos que corremos, Deus nos lembra nossa fraqueza e a fragilidade da nossa existência. Ele nos mostra que nossa vida está em suas mãos e que está presa a um fio que pode se romper no momento em que

menos esperamos. Nesse aspecto, não há privilégio para ninguém, pois o grande e o pequeno estão sujeitos às mesmas eventualidades.
Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que, na maioria das vezes, essas consequências, se tivessem se concretizado, teriam sido a punição de uma falta cometida ou de um dever negligenciado.

35 Prece. — Deus Todo-Poderoso, e vós, meu anjo da guarda, socorrei-me! Se eu tiver de sucumbir, que seja feita a vontade de Deus. Se eu for salvo, que o restante da minha vida repare o mal que eu possa ter feito e do qual me arrependo.

36 Ação de graças depois de escapar de um perigo
Prefácio. Pelo perigo que corremos, Deus nos mostra que, de um momento para outro, podemos ser chamados a prestar contas do uso que fizemos da vida; assim, ele nos adverte a olhar para dentro de nós mesmos e a nos corrigir.

37 Prece. — Meu Deus, e vós, meu anjo da guarda, agradeço pelo socorro que me enviastes no perigo que me ameaçou. Que esse perigo seja para mim uma advertência e me esclareça sobre as faltas que possam tê-lo atraído. Compreendo, Senhor, que minha vida está em vossas mãos e que podeis retirá-la quando vos aprouver. Inspirai-me, por meio dos bons Espíritos que me assistem, o pensamento de empregar de maneira útil o tempo que ainda me concedeis neste mundo.
Meu anjo da guarda, sustentai-me na decisão que tomo de reparar meus erros e de fazer todo o bem que estiver ao meu alcance, a fim de chegar com menos imperfeições ao mundo dos Espíritos, quando Deus quiser me chamar para lá.

38 No momento de adormecer

Prefácio. O sono é o repouso do corpo, mas o Espírito não precisa de repouso. Enquanto os sentidos ficam entorpecidos, a alma se desprende em parte da matéria e desfruta de suas faculdades de Espírito. O sono foi dado ao ser humano para restaurar as forças orgânicas e as forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu durante a atividade da vigília, o Espírito vai se revigorar entre os outros Espíritos; naquilo que vê, naquilo que ouve e nos conselhos que lhe dão, ele colhe ideias que reencontra ao despertar na forma de intuição; é o retorno temporário do exilado à sua verdadeira pátria; é o prisioneiro momentaneamente devolvido à liberdade.

Mas acontece, como no caso do prisioneiro perverso, que o Espírito nem sempre aproveita esse momento de liberdade para seu progresso; se tem maus instintos, em vez de procurar a companhia dos bons Espíritos, procura a dos seus semelhantes e vai visitar os lugares onde pode dar livre curso às suas inclinações.

Que aquele que está compenetrado dessa verdade eleve seu pensamento no momento em que sente o sono se aproximar; que peça os conselhos dos bons Espíritos e daqueles cuja memória lhe é querida, para que venham se reunir a ele no curto intervalo que lhe é concedido, e, ao despertar, sentirá mais força contra o mal, mais coragem diante da adversidade.

39 Prece. — Minha alma vai se encontrar por um instante com os outros Espíritos. Que aqueles que são bons venham me ajudar com seus conselhos. Meu anjo da guarda, fazei com que, ao despertar, eu conserve deles uma impressão duradoura e salutar.

40 Em previsão de sua morte próxima

Prefácio. A fé no futuro e a elevação do pensamento, durante a vida, para os destinos futuros ajudam no rápido desprendimento do Espírito, enfraquecendo os laços que o prendem ao corpo, e muitas vezes a vida corporal ainda não se extinguiu quando a alma, impaciente, já alçou voo para a imensidão. No homem, ao contrário, que concentra todos os seus pensamentos nas coisas materiais, esses laços são mais resistentes, a separação é penosa e dolorosa, e o despertar além do túmulo é cheio de perturbação e ansiedade.

41 Prece. — Meu Deus, creio em vós e em vossa bondade infinita; por isso, não posso crer que tenhais dado ao homem a inteligência para vos conhecer e a aspiração pelo futuro para mergulhá-lo no nada.

Creio que meu corpo é apenas o envoltório perecível de minha alma e que, quando ele deixar de viver, despertarei no mundo dos Espíritos.

Deus Todo-Poderoso, sinto se romperem os laços que unem minha alma ao meu corpo, e logo terei de prestar contas do emprego da vida que estou deixando.

Vou sofrer as consequências do bem e do mal que fiz; lá, não há mais ilusão nem subterfúgio possível; todo o meu passado se desenrolará diante de mim, e serei julgado segundo minhas obras.

Não levarei nenhum dos bens da terra; honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, enfim, tudo o que diz respeito ao corpo ficará aqui embaixo; nem a menor parcela me acompanhará, e nada disso me será de qualquer auxílio no mundo dos Espíritos. Levarei comigo apenas o que diz respeito à alma, isto é, as boas e as más qualidades, que serão pesadas na balança de uma justiça rigorosa, e serei julgado com tanto mais severidade

quanto mais minha posição na terra me tiver dado ocasiões de fazer o bem que não fiz. (Cap. xvi, nº 9.)

Deus de misericórdia, que meu arrependimento chegue até vós! Dignai-vos estender sobre mim vossa indulgência.

Se vos agradar prolongar minha existência, que o tempo restante seja empregado em reparar, tanto quanto estiver ao meu alcance, o mal que eu possa ter feito. Se minha hora chegou sem possibilidade de adiamento, levo o pensamento consolador de que me será permitido resgatar minhas faltas por novas provas, para merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for dado desfrutar imediatamente dessa felicidade sem mistura, que só cabe ao justo por excelência, sei que a esperança não me está proibida para sempre e que, com o trabalho, chegarei ao objetivo, mais cedo ou mais tarde, segundo meus esforços.

Sei que bons Espíritos e meu anjo da guarda estão ali, perto de mim, para me receber; em breve os verei como eles me veem. Sei que reencontrarei aqueles que amei na terra, se eu o tiver merecido, e que aqueles que aqui deixo virão se juntar a mim para estarmos um dia todos reunidos para sempre, e que, enquanto isso, poderei vir visitá-los.

Sei também que reencontrarei aqueles que ofendi; que possam me perdoar o que tenham a me censurar: meu orgulho, minha dureza, minhas injustiças, e não me oprimam de vergonha com sua presença!

Perdoo aqueles que me fizeram ou desejaram mal na terra; não levo nenhum ódio contra eles e peço a Deus que lhes perdoe.

Senhor, dai-me a força de deixar sem pesar as alegrias grosseiras deste mundo, que nada são diante das alegrias puras do mundo em que vou entrar. Lá, para o justo, não há mais tormentos, sofrimentos nem misérias; só o culpado sofre, mas lhe resta a esperança.

Bons Espíritos, e vós, meu anjo da guarda, não me deixeis fraquejar neste momento supremo; fazei brilhar aos meus olhos a luz divina, para reanimar minha fé, caso ela venha a se abalar.

Nota. — Ver adiante o parágrafo V: Preces pelos doentes e pelos obsediados.

III. Preces por outras pessoas.

Por alguém que está em aflição

42 Se for do interesse do aflito que sua prova siga seu curso, ela não será abreviada a nosso pedido; mas seria um ato de impiedade desanimar porque o pedido não foi atendido; além disso, na falta do fim da prova, pode-se esperar obter alguma outra consolação que lhe abrande a amargura.

42.2 O que é verdadeiramente útil para aquele que sofre é a coragem e a resignação, sem as quais o que ele suporta não lhe traz proveito, pois será obrigado a recomeçar a prova.

42.3 É, portanto, para esse objetivo que se devem dirigir sobretudo os esforços, seja chamando os bons Espíritos em seu auxílio, seja levantando pessoalmente o ânimo do aflito com conselhos e encorajamentos, seja, enfim, ajudando-o materialmente, se isso for possível.

42.4 A prece, nesse caso, pode ainda ter um efeito direto, dirigindo sobre a pessoa uma corrente fluídica para fortalecer seu ânimo. (Cap. v, nºs 5, 27; cap. xxvii, nºs 6, 40.)

43 Prece. — Meu Deus, cuja bondade é infinita, dignai-vos suavizar a amargura da situação de N..., se essa puder ser vossa vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, suplico que o assistais em suas aflições. Se, por seu próprio interesse, elas não lhe puderem ser poupadas, fazei-o compreender que são necessárias ao seu progresso. Dai-

lhe a confiança em Deus e no futuro, que as tornará menos amargas para ele. Dai-lhe também a força de não sucumbir ao desespero, que o faria perder o fruto delas e tornaria sua situação futura ainda mais penosa. Conduzi meu pensamento até ele, e que esse pensamento ajude a sustentar sua coragem.

44 Ação de graças por um benefício concedido a outra pessoa

Prefácio. Aquele que não é dominado pelo egoísmo se alegra com o bem que acontece ao próximo, mesmo que não o tenha solicitado pela prece.

45 Prece. — Meu Deus, sede bendito pela felicidade que aconteceu a N...

Bons Espíritos, fazei que ele veja nisso um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe acontece é uma prova, inspirai-lhe o pensamento de fazer bom uso dele e de não se envaidecer, para que esse bem não se transforme em prejuízo para seu futuro.

Vós, meu bom gênio, que me protegeis e desejais minha felicidade, afastai de meu pensamento todo sentimento de inveja e de ciúme.

46 Por nossos inimigos e por aqueles que nos querem mal

Prefácio. Jesus disse: Amai até mesmo vossos inimigos. Essa máxima é a expressão mais sublime da caridade cristã; mas, com isso, Jesus não quer dizer que devemos ter por nossos inimigos a ternura que temos por nossos amigos; ele nos diz, com essas palavras, que devemos esquecer suas ofensas, perdoar-lhes o mal que nos fazem e retribuir-lhes o mal com o bem. Além do mérito que daí resulta aos olhos de Deus, isso é mostrar aos olhos dos homens a verdadeira superioridade. (Cap. xii, nºs 3, 4.)

47 Prece. — Meu Deus, perdoo a N... o mal que me fez e aquele que quis me fazer, assim como desejo que me perdoeis e que ele próprio me perdoe as faltas que eu possa ter cometido. Se o colocastes em meu caminho como uma prova, que seja feita vossa vontade.

Afastai de mim, ó meu Deus, a ideia de amaldiçoá-lo e todo desejo maldoso contra ele. Fazei que eu não sinta nenhuma alegria pelas desgraças que possam lhe acontecer, nem nenhuma tristeza pelos bens que lhe possam ser concedidos, para não manchar minha alma com pensamentos indignos de um cristão.

Que vossa bondade, Senhor, estendendo-se sobre ele, possa reconduzi-lo a melhores sentimentos para comigo!

Bons Espíritos, inspirai-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe retribuir o mal com o mal entrem em meu coração, pois o ódio e a vingança pertencem apenas aos maus Espíritos encarnados e desencarnados! Que eu esteja pronto, ao contrário, a lhe estender uma mão fraterna, a lhe retribuir o mal com o bem e a ajudá-lo, se isso estiver ao meu alcance!

Desejo, para pôr à prova a sinceridade de minhas palavras, que me seja oferecida a ocasião de lhe ser útil; mas, sobretudo, ó meu Deus, livrai-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, oprimindo-o com uma generosidade humilhante, o que me faria perder o fruto de minha ação, pois então eu mereceria que estas palavras do Cristo me fossem aplicadas: Já recebestes vossa recompensa. (Cap. xiii, nºs 1 e seguintes.)

48 Ação de graças pelo bem concedido a nossos inimigos

Prefácio. Não desejar mal aos inimigos é ser caridoso apenas pela metade; a verdadeira caridade quer que lhes desejemos o bem e que fiquemos felizes

com o bem que lhes acontece. (Cap. xii, nºs 7, 8.)

49 Prece. — Meu Deus, em vossa justiça, julgastes que devíeis alegrar o coração de N... Eu vos agradeço por ele, apesar do mal que me fez ou que procurou me fazer. Se ele se aproveitasse disso para me humilhar, eu o aceitaria como uma prova para minha caridade.

Bons Espíritos que me protegeis, não permitais que eu sinta qualquer pesar por isso; afastai de mim a inveja e o ciúme, que rebaixam; inspirai-me, ao contrário, a generosidade, que eleva. A humilhação está no mal e não no bem, e sabemos que, mais cedo ou mais tarde, será feita justiça a cada um segundo suas obras.

50 Pelos inimigos do Espiritismo

Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Sereis felizes quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e disserem falsamente todo tipo de mal contra vós por minha causa. — Alegrai-vos então, porque uma grande recompensa vos está reservada nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vós. (São Mateus, cap. v, v. 6, 10, 11, 12.)

Não temais aqueles que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode levar à perdição a alma e o corpo no inferno. (São Mateus, cap. x, v. 28.)

51 Prefácio. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que também compreende a liberdade de consciência. Lançar o anátema sobre aqueles que não pensam como nós é reivindicar essa liberdade para si e recusá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o

amor ao próximo. Persegui-los por sua crença é atentar contra o direito mais sagrado que todo ser humano tem de crer no que lhe convém e de adorar a Deus como entende. Obrigá-los a praticar atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrar que se dá mais valor à forma do que ao conteúdo, às aparências do que à convicção. A abjuração forçada nunca deu a fé: só pode produzir hipócritas; é um abuso da força material que não prova a verdade; a verdade é segura de si mesma: convence e não persegue, porque não precisa disso.

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; mesmo que fosse uma religião, por que não se teria a liberdade de se dizer espírita, como se tem a de se dizer católico, judeu ou protestante, partidário desta ou daquela doutrina filosófica, deste ou daquele sistema econômico? Essa crença é falsa ou verdadeira; se for falsa, cairá por si mesma, porque o erro não pode prevalecer contra a verdade quando a luz se faz nas inteligências; se for verdadeira, a perseguição não a tornará falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa; ela cresce com a grandeza e a importância da ideia. A obstinação e a cólera dos inimigos da ideia são proporcionais ao temor que ela lhes inspira. É por essa razão que o Cristianismo foi perseguido outrora e que o Espiritismo é perseguido hoje, com esta diferença, porém: o Cristianismo foi perseguido pelos pagãos, enquanto o Espiritismo é perseguido por cristãos. O tempo das perseguições sangrentas passou, é verdade, mas, se já não se mata o corpo, tortura-se a alma; ela é atacada até em seus sentimentos mais íntimos, em suas afeições mais queridas; dividem-se as famílias, instiga-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; ataca-se até o corpo em suas necessidades materiais, tirando-lhe o ganha-pão para dominá-lo pela fome. (Cap. xxiii, nº 9 e seguintes.)

Espíritas, não se aflijam com os golpes que lhes dão, pois eles provam que vocês estão com a verdade; sem isso, deixariam vocês tranquilos e não os atacariam. É uma prova para a fé de vocês, pois é pela coragem, pela resignação e pela perseverança que Deus os reconhecerá entre seus fiéis servidores, que ele hoje está contando para dar a cada um a parte que lhe cabe segundo suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, tenham, portanto, orgulho de carregar sua cruz. Creiam na palavra do Cristo, que disse: «Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Não temam os que matam o corpo, mas não podem matar a alma.» Ele também disse: «Amem seus inimigos, façam o bem aos que lhes fazem mal e orem pelos que os perseguem.» Mostrem que vocês são seus verdadeiros discípulos e que sua doutrina é boa, fazendo o que ele diz e o que ele mesmo fez.

A perseguição durará apenas algum tempo; esperem, portanto, com paciência, o nascer da aurora, pois a estrela da manhã já aparece no horizonte. (Cap. xxiv, nº 13 e seguintes.)

52 Prece. — Senhor, vós nos mandastes dizer pela boca de Jesus, vosso Messias: «Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça; perdoem seus inimigos; orem pelos que os perseguem;» e ele mesmo nos mostrou o caminho, orando por seus algozes.

A seu exemplo, meu Deus, invocamos vossa misericórdia sobre aqueles que desconhecem vossos divinos preceitos, os únicos que podem assegurar a paz neste mundo e no outro. Como o Cristo, nós vos dizemos: «Perdoai-lhes, meu Pai, pois não sabem o que fazem.»

Dai-nos a força de suportar com paciência e resignação, como provas para

nossa fé e nossa humildade, suas zombarias, suas injúrias, suas calúnias e suas perseguições; afastai-nos de todo pensamento de represália, pois a hora de vossa justiça chegará para todos, e nós a esperamos, submetendo-nos à vossa santa vontade.

53 Prece por uma criança que acaba de nascer

Prefácio. Os Espíritos só chegam à perfeição depois de terem passado pelas provas da vida corporal; os que estão na erraticidade esperam que Deus lhes permita retomar uma existência que lhes deve proporcionar um meio de progresso, seja pela expiação de suas faltas passadas, por meio das vicissitudes às quais estão sujeitos, seja cumprindo uma missão útil à humanidade. Seu progresso e sua felicidade futura serão proporcionais à maneira como tiverem empregado o tempo que devem passar na Terra. A responsabilidade de guiar seus primeiros passos e de orientá-los para o bem é confiada a seus pais, que responderão diante de Deus pela maneira como tiverem cumprido seu encargo. Para facilitar seu cumprimento, Deus fez do amor paterno e do amor filial uma lei da natureza, lei que nunca é violada impunemente.

54 Prece. (Pelos pais.) — Espírito que se encarnou no corpo de nosso filho, seja bem-vindo entre nós. Deus Todo-Poderoso, que o enviastes, sede bendito.

É um ser que nos foi confiado e do qual deveremos prestar contas um dia. Se pertence à nova geração dos bons Espíritos que devem povoar a Terra, obrigado, ó meu Deus, por esse favor! Se é uma alma imperfeita, nosso dever é ajudá-lo a progredir no caminho do bem por nossos conselhos e nossos bons exemplos; se cair no mal por nossa culpa, responderemos por isso diante de vós, pois não teremos cumprido nossa missão para com ele.

Senhor, amparai-nos em nossa tarefa e dai-nos a força e a vontade de cumpri-la. Se esta criança deve ser motivo de provas para nós, que vossa vontade seja feita! Bons Espíritos que vieram presidir ao seu nascimento e que devem acompanhá-la durante a vida, não a abandonem. Afastem dela os maus Espíritos que tentariam induzi-la ao mal; deem-lhe a força de resistir às suas sugestões e a coragem de suportar com paciência e resignação as provas que a esperam na Terra. (Cap. xiv, nº 9.)

55 Outra. — Meu Deus, vós me confiastes o destino de um de vossos Espíritos; fazei, Senhor, que eu seja digno da tarefa que me é imposta; concedei-me vossa proteção; iluminai minha inteligência, para que eu possa discernir desde cedo as tendências daquele que devo preparar para entrar em vossa paz.

56 Outra. — Deus de infinita bondade, já que te agradou permitir que o Espírito desta criança viesse novamente passar pelas provas terrenas destinadas a fazê-lo progredir, dá-lhe a luz, para que aprenda a te conhecer, a te amar e a te adorar. Faze, por teu poder infinito, que esta alma se regenere na fonte de teus divinos ensinamentos; que, sob a proteção de seu anjo da guarda, sua inteligência cresça, se desenvolva e o faça desejar aproximar-se cada vez mais de ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o ilumine através dos obstáculos da vida; que ele saiba, enfim, apreciar toda a extensão de teu amor, que nos põe à prova para nos purificar.

Senhor, lança um olhar paterno sobre a família à qual confiaste esta alma; que ela possa compreender a importância de sua missão e fazer germinar nesta criança as boas sementes até o dia em que ela possa, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha até ti.

Digna-te, ó meu Deus, atender a esta humilde prece em nome e pelos méri-

tos daquele que disse: «Deixem vir a mim as criancinhas, pois o reino dos céus pertence aos que se parecem com elas.»
Por um agonizante

57 Prefácio. A agonia é o prelúdio da separação da alma e do corpo; pode-se dizer que, nesse momento, o ser humano só tem um pé neste mundo e já tem o outro no além.

57.2 Essa passagem é às vezes penosa para aqueles que se apegam à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência é agitada pelos pesares e remorsos; para aqueles, ao contrário, cujos pensamentos se elevaram ao infinito e se desprenderam da matéria, os laços são menos difíceis de romper, e os últimos momentos nada têm de doloroso; a alma, então, só se prende ao corpo por um fio, enquanto, na outra situação, prende-se a ele por raízes profundas; em todos os casos, a prece exerce uma ação poderosa sobre o processo da separação. (Ver adiante, Preces pelos doentes. — O Céu e o Inferno, 2ª parte, cap. i, A passagem.)

58 Prece. — Deus poderoso e misericordioso, eis uma alma que deixa seu envoltório terrestre para retornar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria; que ela possa voltar para lá em paz e que vossa misericórdia se estenda sobre ela.
Bons Espíritos que a acompanharam na Terra, não a abandonem neste momento supremo; deem-lhe a força de suportar os últimos sofrimentos que deve enfrentar aqui para seu progresso futuro; inspirem-na para que consagre ao arrependimento de suas faltas os últimos lampejos de inteligência que lhe restam, ou que poderiam voltar por um momento.
Dirigi meu pensamento, para que sua ação torne menos penoso o processo

da separação e leve à sua alma, no momento de deixar a Terra, as consolações da esperança.

IV. Preces pelos que já partiram Por alguém que acaba de morrer.

59 Prefácio. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não têm apenas o objetivo de lhes dar um testemunho de simpatia, mas também têm o efeito de ajudar em seu desprendimento e, com isso, abreviar a perturbação que sempre se segue à separação e tornar o despertar mais tranquilo. Mas também aqui, como em qualquer outra circunstância, a eficácia está na sinceridade do pensamento, e não na abundância de palavras ditas com maior ou menor pompa, das quais, na maioria das vezes, o coração não participa.

As preces que partem do coração ressoam ao redor do Espírito, cujas ideias ainda estão confusas, como as vozes amigas que vêm nos tirar do sono. (Cap. xxvii, nº 10.)

60 Prece. — Deus Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre a alma de N..., que acabais de chamar de volta a vós. Que as provas pelas quais ele (ou ela) passou na terra sejam levadas em conta em seu favor, e que nossas preces suavizem e abreviem as penas que ainda possa suportar como Espírito!

Bons Espíritos que viestes recebê-lo, e sobretudo vós, seu anjo guardião, amparai-o para ajudá-lo a se desprender da matéria; dai-lhe a luz e a consciência de si mesmo, para tirá-lo da perturbação que acompanha a passagem da vida corporal à vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que possa ter cometido e o desejo de que lhe seja permitido repará-las, para apressar seu avanço rumo à vida eterna e bem-aventurada.

N..., acabais de voltar ao mundo dos Espíritos e, no entanto, estais aqui pre-

sente entre nós; vós nos vedes e nos ouvis, pois a única coisa que falta entre vós e nós é o corpo perecível que acabais de deixar e que em breve será reduzido a pó.

Deixastes o envoltório grosseiro, sujeito às dificuldades e à morte, e conservastes apenas o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Se já não viveis pelo corpo, viveis a vida dos Espíritos, e essa vida está livre das misérias que afligem a humanidade.

Já não tendes o véu que esconde de nossos olhos os esplendores da vida futura; de agora em diante podereis contemplar novas maravilhas, enquanto nós ainda estamos mergulhados nas trevas.

Vais percorrer o espaço e visitar os mundos em plena liberdade, enquanto nós nos arrastamos penosamente sobre a terra, onde nos prende nosso corpo material, semelhante para nós a um pesado fardo.

O horizonte do infinito vai se abrir diante de vós, e, perante tamanha grandeza, compreendereis a vaidade de nossos desejos terrenos, de nossas ambições mundanas e das alegrias fúteis com que os homens se deleitam.

A morte é, entre os homens, apenas uma separação material de alguns instantes. Do lugar de exílio onde ainda nos retêm a vontade de Deus e os deveres que temos de cumprir neste mundo, nós vos acompanharemos pelo pensamento até o momento em que nos seja permitido juntar-nos a vós, assim como vos juntastes aos que vos precederam.

Se não podemos ir até vós, podeis vir até nós. Vinde, portanto, para junto daqueles que vos amam e que amastes; sustentai-os nas provas da vida; velai pelos que vos são queridos; protegei-os conforme vosso poder e suavizai sua saudade com o pensamento de que agora sois mais feliz e com a certeza consoladora de que um dia estarão reunidos a vós em um mundo melhor.

No mundo em que estais, todos os ressentimentos terrenos devem se extin-

guir. Que, para vossa felicidade futura, de agora em diante eles não possam mais vos atingir! Perdoai, portanto, aos que possam ter cometido faltas contra vós, assim como eles vos perdoam as que possais ter cometido contra eles.

Nota. — Pode-se acrescentar a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras específicas, conforme as circunstâncias particulares de família ou de relacionamento e a situação do falecido.

Se for uma criança, o Espiritismo nos ensina que não se trata de um Espírito de criação recente, mas que ele já viveu e pode já estar muito adiantado. Se sua última existência foi curta, é porque era apenas um complemento de prova ou devia ser uma prova para os pais. (Cap. v, nº 21.)

61 Outra. — Senhor Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre nossos irmãos que acabam de deixar a terra! Que a vossa luz brilhe diante de seus olhos! Tirai-os das trevas; abri seus olhos e seus ouvidos! Que os vossos bons Espíritos os cerquem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança!

Senhor, por mais indignos que sejamos, ousamos implorar vossa misericordiosa indulgência em favor daquele de nossos irmãos que acaba de ser chamado de volta do exílio; fazei com que seu retorno seja o do filho pródigo. Esquecei, ó meu Deus, as faltas que ele possa ter cometido, para vos lembrardes do bem que possa ter feito. Vossa justiça é imutável, nós o sabemos, mas vosso amor é imenso; nós vos suplicamos que abrandeis vossa justiça com essa fonte de bondade que emana de vós.

Que a luz se faça para vós, meu irmão, que acabais de deixar a terra! Que os bons Espíritos do Senhor desçam até vós, vos cerquem e vos ajudem a romper vossas correntes terrenas! Compreendei e vede a grandeza de nosso

mestre; submetei-vos sem murmurar à sua justiça, mas nunca percais a esperança em sua misericórdia. Irmão! Que uma séria reflexão sobre vosso passado vos abra as portas do futuro, fazendo-vos compreender as faltas que deixais para trás e o trabalho que ainda tendes de fazer para repará-las! Que Deus vos perdoe, e que seus bons Espíritos vos sustentem e vos encorajem! Vossos irmãos da terra orarão por vós e vos pedem que oreis por eles.
(1) Esta prece foi ditada a um médium de Bordeaux no momento em que passava diante de suas janelas o cortejo fúnebre de um desconhecido.

62 Pelas pessoas a quem tivemos afeição

Prefácio. Como é terrível a ideia do nada! Como são dignos de pena aqueles que acreditam que a voz do amigo que chora por seu amigo se perde no vazio e não encontra nenhum eco que lhe responda! Nunca conheceram as afeições puras e santas aqueles que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio que iluminou o mundo com sua vasta inteligência é um jogo da matéria que se apaga para sempre como um sopro; que do ser mais querido, de um pai, de uma mãe ou de um filho adorado resta apenas um pouco de pó que o tempo dispersa sem volta!

Como um homem de coração pode permanecer frio diante desse pensamento? Como a ideia de um aniquilamento absoluto não o faz gelar de pavor e não o leva ao menos a desejar que não seja assim? Se até hoje sua razão não foi suficiente para dissipar suas dúvidas, eis que o Espiritismo vem desfazer toda incerteza sobre o futuro pelas provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Por isso, em toda parte essas provas são recebidas com alegria; a confiança renasce, pois o homem sabe agora que a vida terrena é apenas uma curta passagem que

conduz a uma vida melhor; que seus trabalhos neste mundo não estão perdidos para ele e que as mais santas afeições não se rompem sem esperança. (Cap. iv, nº 18; cap. v, nº 21.)

63 Prece. — Dignai-vos, ó meu Deus, acolher favoravelmente a prece que vos dirijo pelo Espírito de N...; fazei-o entrever vossas divinas luzes e tornai-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permiti que os bons Espíritos lhe levem minhas palavras e meu pensamento.

Tu que me eras querido neste mundo, ouve minha voz que te chama para te dar uma nova prova de minha afeição. Deus permitiu que fosses libertado primeiro: eu não poderia me queixar disso sem egoísmo, pois seria lamentar que já não tenhas as penas e os sofrimentos da vida. Espero, portanto, com resignação, o momento de nossa reunião no mundo mais feliz onde me precedeste. Sei que nossa separação é apenas momentânea e que, por mais longa que me possa parecer, sua duração se apaga diante da eternidade de felicidade que Deus promete a seus eleitos. Que sua bondade me preserve de fazer qualquer coisa que possa retardar esse instante desejado, e que assim me poupe a dor de não te reencontrar ao sair de meu cativeiro terreno.

Oh! Como é doce e consoladora a certeza de que há entre nós apenas um véu material que te esconde de minha vista! De que podes estar ali, ao meu lado, me ver e me ouvir como antes, e ainda melhor do que antes; de que não te esqueces de mim, assim como eu não me esqueço de ti; de que nossos pensamentos não deixam de se unir e de que o teu sempre me acompanha e me sustenta.

Que a paz do Senhor esteja contigo.

64 Pelas almas sofredoras que pedem preces

Prefácio. Para compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos sofredores, é preciso considerar seu modo de ação, explicado acima. (Cap. xxvii, nºs 9, 18 e seguintes.) Quem está convencido dessa verdade ora com mais fervor, pela certeza de não orar em vão.

65 Prece. — Deus clemente e misericordioso, que a vossa bondade se estenda sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, especialmente sobre a alma de N...

Bons Espíritos, cuja única ocupação é o bem, intercedei comigo pelo alívio deles. Fazei brilhar diante de seus olhos um raio de esperança, e que a luz divina os esclareça sobre as imperfeições que os afastam da morada dos bem-aventurados. Abri seu coração ao arrependimento e ao desejo de se purificarem para apressar seu avanço. Fazei-os compreender que, por seus esforços, podem abreviar o tempo de suas provas.

Que Deus, em sua bondade, lhes dê a força de perseverar em suas boas resoluções!

Que estas palavras bondosas suavizem suas penas, mostrando-lhes que há na terra seres que sabem se compadecer delas e que desejam sua felicidade.

66 Outra. — Nós vos pedimos, Senhor, que derrameis sobre todos os que sofrem, seja no espaço como Espíritos errantes, seja entre nós como Espíritos encarnados, as graças de vosso amor e de vossa misericórdia. Tende piedade de nossas fraquezas. Vós nos fizestes falíveis, mas nos destes a força de resistir ao mal e de vencê-lo. Que a vossa misericórdia se estenda sobre todos os que não puderam resistir às suas más tendências e ainda são arrastados por um mau caminho. Que os vossos bons Espíritos os cerquem; que a vossa luz brilhe diante de seus olhos e que, atraídos por seu calor vivifi-

cante, venham se prostrar a vossos pés, humildes, arrependidos e submissos.

Também vos pedimos, Pai de misericórdia, por aqueles de nossos irmãos que não tiveram a força de suportar suas provas terrenas. Vós nos dais um fardo para carregar, Senhor, e só devemos deixá-lo a vossos pés; mas nossa fraqueza é grande, e às vezes nos falta coragem no caminho. Tende piedade desses servos indolentes que abandonaram a obra antes da hora; que a vossa justiça os poupe e permita aos vossos bons Espíritos levar-lhes o alívio, as consolações e a esperança do futuro. A visão do perdão fortalece a alma; mostrai-o, Senhor, aos culpados que se desesperam e, sustentados por essa esperança, eles encontrarão forças na própria grandeza de suas faltas e de seus sofrimentos para resgatar seu passado e se preparar para conquistar o futuro.

67 Por um inimigo morto

Prefácio. A caridade para com nossos inimigos deve acompanhá-los além do túmulo. É preciso pensar que o mal que nos fizeram foi para nós uma prova que pode ter sido útil ao nosso avanço, se soubemos aproveitá-la. Ela pode ter sido ainda mais proveitosa para nós do que as aflições puramente materiais, pois nos permitiu juntar à coragem e à resignação a caridade e o esquecimento das ofensas. (Cap. x, nº 6; cap. xii, nºs 5, 6.)

68 Prece. — Senhor, foi de vossa vontade chamar de volta, antes de mim, a alma de N... Eu lhe perdoo o mal que me fez e suas más intenções para comigo; que ele possa se arrepender disso, agora que já não tem as ilusões deste mundo.

Que a vossa misericórdia, meu Deus, se estenda sobre ele, e afastai de mim o pensamento de me alegrar com sua morte. Se cometi faltas contra ele, que ele me perdoe, assim como esqueço as que ele cometeu contra mim.

69 Por um criminoso

Prefácio. Se a eficácia das preces fosse proporcional à sua extensão, as mais longas deveriam ser reservadas aos mais culpados, porque precisam mais delas do que aqueles que viveram santamente. Recusá-las aos criminosos é faltar à caridade e desconhecer a misericórdia de Deus; considerá-las inúteis porque um homem cometeu esta ou aquela falta é prejulgar a justiça do Altíssimo. (Cap. xi, nº 14.)

70 Prece. — Senhor, Deus de misericórdia, não rejeiteis este criminoso que acaba de deixar a Terra; a justiça dos homens pode tê-lo atingido, mas ela não o isenta da vossa justiça, se seu coração não foi tocado pelo remorso.
Retirai a venda que lhe esconde a gravidade de suas faltas; que seu arrependimento encontre graça diante de vós e alivie os sofrimentos de sua alma!
Que também nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos lhe levem esperança e consolo; que lhe inspirem o desejo de reparar suas más ações em uma nova existência e lhe deem forças para não sucumbir nas novas lutas que enfrentará!
Senhor, tende piedade dele!

71 Por um suicida

Prefácio. O homem nunca tem o direito de dispor da própria vida, pois apenas a Deus cabe retirá-lo do cativeiro terrestre quando julgar oportuno. Contudo, a justiça divina pode abrandar seus rigores em consideração às circunstâncias, mas reserva toda a sua severidade para aquele que quis fugir às provas da vida. O suicida é como o prisioneiro que foge da prisão an-

tes do término de sua pena e que, ao ser recapturado, é tratado com maior severidade. Assim acontece com o suicida, que acredita escapar às misérias presentes e mergulha em desgraças maiores. (Cap. v, nºs 44 e seguintes.)

72 Prece. — Sabemos, ó meu Deus, o destino reservado àqueles que violam vossas leis, abreviando voluntariamente seus dias; mas sabemos também que vossa misericórdia é infinita: dignai-vos estendê-la sobre a alma de N... Que nossas preces e vossa compaixão suavizem a amargura dos sofrimentos que ele suporta por não ter tido a coragem de esperar o fim de suas provas!
Bons Espíritos, cuja missão é amparar os infelizes, tomai-o sob vossa proteção; inspirai-lhe o pesar por sua falta, e que vossa assistência lhe dê forças para suportar com mais resignação as novas provas pelas quais terá de passar para repará-la. Afastai dele os maus Espíritos que poderiam novamente levá-lo ao mal e prolongar seus sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas.
Vós, cuja desgraça é o motivo de nossas preces, que nossa compaixão suavize sua amargura e faça nascer em vós a esperança de um futuro melhor!

73 Pelos Espíritos arrependidos
Prefácio. Seria injusto incluir na categoria dos maus Espíritos os Espíritos sofredores e arrependidos que pedem preces; eles podem ter sido maus, mas já não o são a partir do momento em que reconhecem suas faltas e se arrependem delas: são apenas infelizes; alguns até já começam a desfrutar de uma felicidade relativa.

74 Prece. — Deus de misericórdia, que aceitais o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, eis um Espírito que se comprazia no mal, mas que reconhece seus erros e entra no bom caminho; dignai-vos, ó meu Deus, recebê-lo como um filho pródigo e perdoá-lo.

Bons Espíritos, cuja voz ele ignorou, de agora em diante ele quer vos ouvir; permiti-lhe entrever a felicidade dos eleitos do Senhor, para que persista no desejo de se purificar para alcançá-la; sustentai-o em suas boas resoluções e dai-lhe forças para resistir aos seus maus instintos.

Espírito de N..., nós vos felicitamos por vossa mudança e agradecemos aos bons Espíritos que vos ajudaram!

Se antes vos comprazíeis em fazer o mal, era porque não compreendíeis quanto é doce a satisfação de fazer o bem; também vos sentíeis rebaixado demais para ter esperança de alcançá-la. Mas, desde o instante em que pusestes o pé no bom caminho, uma nova luz surgiu para vós; começastes a saborear uma felicidade desconhecida, e a esperança entrou em vosso coração. É que Deus sempre ouve a prece do pecador arrependido; ele não rejeita nenhum daqueles que vêm a ele.

Para voltar plenamente às suas graças, dedicai-vos, de agora em diante, não somente a deixar de fazer o mal, mas a fazer o bem e, sobretudo, a reparar o mal que fizestes; então tereis satisfeito à justiça de Deus; cada boa ação apagará uma de vossas faltas passadas.

O primeiro passo foi dado; agora, quanto mais avançardes, mais o caminho vos parecerá fácil e agradável. Perseverai, portanto, e um dia tereis a glória de estar entre os bons Espíritos e os Espíritos bem-aventurados.

75 Pelos Espíritos endurecidos

Prefácio. Os maus Espíritos são aqueles que o arrependimento ainda não tocou; que se comprazem no mal e não sentem nenhum pesar por ele; que são insensíveis às repreensões, rejeitam a prece e muitas vezes blasfemam contra o nome de Deus. São essas almas endurecidas que, depois da morte, se vingam nos homens dos sofrimentos que suportam e perseguem com

seu ódio aqueles contra quem guardaram rancor durante a vida, seja pela obsessão, seja por alguma influência funesta. (Cap. x, nº 6; cap. xii, nºs 5, 6.)

Entre os Espíritos perversos, há duas categorias bem distintas: os que são francamente maus e os que são hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de reconduzir ao bem do que os segundos; na maioria das vezes, são de natureza rude e grosseira, como se vê entre os homens, e fazem o mal mais por instinto do que por cálculo, sem procurar se passar por melhores do que são; mas há neles um germe latente que é preciso fazer desabrochar, e quase sempre se consegue isso com perseverança, firmeza unida à benevolência, por meio de conselhos, raciocínios e preces. Na mediunidade, a dificuldade que têm para escrever o nome de Deus é sinal de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz que são indignos dele; aquele que se encontra nesse ponto está no limiar da conversão, e dele tudo se pode esperar: basta encontrar o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas são quase sempre muito inteligentes, mas não têm no coração nenhuma fibra sensível; nada os toca; simulam todos os bons sentimentos para conquistar a confiança e ficam felizes quando encontram pessoas enganadas que os aceitam como santos Espíritos e que podem governar à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para encobrir suas torpezas. No mundo invisível, assim como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque agem nas sombras e ninguém desconfia deles. Têm apenas as aparências da fé, mas nenhuma fé sincera.

76 Prece. — Senhor, dignai-vos lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos que ainda estão nas trevas da ignorância e vos desconhecem, especialmente sobre o de N....

Bons Espíritos, ajudai-nos a fazê-lo compreender que, ao induzir os homens ao mal, ao obsediá-los e atormentá-los, ele prolonga seus próprios sofrimentos; fazei com que o exemplo da felicidade de que desfrutais seja um incentivo para ele.

Espírito que ainda vos comprazeis no mal, acabais de ouvir a prece que fazemos por vós; ela deve provar-vos que desejamos fazer-vos o bem, embora façais o mal.

Sois infeliz, pois é impossível ser feliz fazendo o mal; por que, então, permanecer no sofrimento, quando depende de vós sair dele? Olhai os bons Espíritos que vos cercam; vede como são felizes e se não seria mais agradável para vós desfrutar da mesma felicidade.

Direis que isso vos é impossível; mas nada é impossível àquele que quer, pois Deus vos deu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, isto é, entre a felicidade e a infelicidade, e ninguém está condenado a fazer o mal. Se tendes a vontade de fazê-lo, podeis ter a de fazer o bem e de ser feliz.

Voltai vosso olhar para Deus; elevai-vos a ele pelo pensamento por um único instante, e um raio de sua divina luz virá vos iluminar. Dizei conosco estas simples palavras: Meu Deus, eu me arrependo, perdoai-me. Experimentai arrepender-vos e fazer o bem em vez de fazer o mal, e vereis que imediatamente sua misericórdia se estenderá sobre vós e que um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que suportais.

Depois que tiverdes dado um passo no bom caminho, o restante do percurso vos parecerá fácil. Compreendereis então quanto tempo perdestes por vossa culpa para alcançar vossa felicidade; mas um futuro radiante e cheio de esperança se abrirá diante de vós e vos fará esquecer vosso passado miserável, cheio de perturbações e torturas morais que seriam para vós o

inferno se devessem durar eternamente. Virá um dia em que essas torturas serão tais que desejareis fazê-las cessar a qualquer preço; mas, quanto mais esperardes, mais difícil isso vos será.

Não acrediteis que permanecereis para sempre no estado em que estais; não, isso é impossível; tendes diante de vós duas perspectivas: uma, a de sofrer muito mais do que sofreis agora; a outra, a de ser feliz como os bons Espíritos que estão ao vosso redor: a primeira é inevitável se persistirdes em vossa obstinação; um simples esforço de vossa vontade basta para vos tirar da situação difícil em que estais. Apressai-vos, portanto, pois cada dia de atraso é um dia perdido para vossa felicidade.

Bons Espíritos, fazei com que estas palavras encontrem acesso a essa alma ainda atrasada, para que a ajudem a se aproximar de Deus. Nós vos pedimos isso em nome de Jesus Cristo, que teve tão grande poder sobre os maus Espíritos.

77 V. Pelos doentes e pelos obsediados. Pelos doentes

Prefácio. As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrestre; são inerentes à natureza grosseira de nossa constituição material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de todos os tipos semeiam em nós germes nocivos, muitas vezes hereditários. Nos mundos mais avançados física ou moralmente, o organismo humano, mais purificado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades, e o corpo não é minado silenciosamente pelos estragos das paixões (cap. iii, nº 9). É preciso, portanto, resignar-se a sofrer as consequências do meio em que nossa inferioridade nos coloca, até que tenhamos merecido mudar de meio. Isso não deve nos impedir, enquanto isso, de fazer o que depende de nós para melhorar nossa situação atual; mas, se apesar de nossos esforços

não conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação nossos males passageiros.

Se Deus não tivesse querido que os sofrimentos corporais fossem dissipados ou aliviados em certos casos, não teria colocado meios de cura à nossa disposição. Sua solicitude previdente a esse respeito, em concordância com o instinto de conservação, indica que é nosso dever procurá-los e aplicá-los.

Ao lado da medicação comum, elaborada pela ciência, o magnetismo nos fez conhecer o poder da ação fluídica; depois, o Espiritismo veio nos revelar outra força na mediunidade de cura e na influência da prece. (Ver adiante a nota sobre a mediunidade de cura.)

78 Prece. (Pelo doente.) — Senhor, sois todo justiça; a doença que vos aprouve enviar-me, devo tê-la merecido, porque nunca afligis sem causa. Entrego minha cura à vossa infinita misericórdia; se vos aprouver devolver-me a saúde, que vosso santo nome seja bendito; se, ao contrário, eu ainda tiver de sofrer, que seja igualmente bendito; submeto-me sem murmurar aos vossos decretos divinos, pois tudo o que fazeis só pode ter por objetivo o bem de vossas criaturas.

Fazei, ó meu Deus, que esta doença seja para mim uma advertência salutar e me leve a examinar a mim mesmo; eu a aceito como uma expiação do passado e como uma prova para minha fé e minha submissão à vossa santa vontade. (Ver a prece nº 40.)

79 Prece. (Pelo doente.) — Meu Deus, vossos desígnios são impenetráveis e, em vossa sabedoria, julgastes que devíeis afligir N... com a doença. Lançai, eu vos suplico, um olhar de compaixão sobre seus sofrimentos e dignai-vos pôr fim a eles.

Bons Espíritos, ministros do Todo-Poderoso, auxiliai, eu vos peço, meu de-

sejo de aliviá-lo; dirigi meu pensamento para que vá derramar um bálsamo salutar sobre seu corpo e a consolação em sua alma.
Inspirai-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; dai-lhe a força de suportar suas dores com resignação cristã, para que não perca o fruto desta prova. (Ver a prece nº 57.)

80 Prece. (Pelo médium curador.) — Meu Deus, se vos dignardes servir-vos de mim, por mais indigno que eu seja, posso curar este sofrimento, se essa for a vossa vontade, porque tenho fé em vós; mas, sem vós, nada posso. Permiti que bons Espíritos me penetrem com seu fluido salutar, para que eu o transmita a este doente, e afastai de mim todo pensamento de orgulho e de egoísmo que possa alterar sua pureza.

81 Pelos obsediados
Prefácio. A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela obstrui todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade pela escrita, manifesta-se pela obstinação de um Espírito em se comunicar com exclusão de todos os outros.
Os maus Espíritos proliferam ao redor da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação maléfica faz parte dos flagelos aos quais a humanidade está sujeita neste mundo. A obsessão, como as doenças e todas as tribulações da vida, deve, portanto, ser considerada uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.
Assim como as doenças são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral que dá acesso a um mau Espírito. A

uma causa física opõe-se uma força física; a uma causa moral é preciso opor uma força moral. Para prevenir as doenças, fortalece-se o corpo; para se proteger da obsessão, é preciso fortalecer a alma; daí, para o obsediado, a necessidade de trabalhar por sua própria melhoria, o que basta, na maioria das vezes, para livrá-lo do obsessor, sem a ajuda de outras pessoas. Essa ajuda se torna necessária quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente às vezes perde sua vontade e seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre uma vingança exercida por um Espírito, que, na maioria das vezes, tem sua origem nas relações que o obsediado teve com ele em uma existência anterior. (Ver cap. x, nº 6; cap. xii, nºs 5, 6).

Nos casos de obsessão grave, o obsediado fica como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que se deve livrá-lo; ora, um mau fluido não pode ser repelido por outro mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador nos casos de doença, é preciso expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reagente. Essa é a ação mecânica, mas ela não basta; é preciso também, e sobretudo, agir sobre o ser inteligente, com o qual é necessário ter o direito de falar com autoridade, e essa autoridade só é dada pela superioridade moral; quanto maior ela for, maior será a autoridade. Ainda não é tudo; para assegurar a libertação, é preciso levar o Espírito perverso a renunciar a seus maus propósitos; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas com o objetivo de sua educação moral; então se pode ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsediado, compreendendo sua situa-

ção, contribui com sua vontade e sua prece; isso não acontece quando ele, seduzido pelo Espírito enganador, se ilude quanto às qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este o mergulha; pois então, longe de colaborar, rejeita toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais resistente que a subjugação mais violenta. (Livro dos médiuns, cap. xxiii.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxílio para agir contra o Espírito obsessor.

82 Prece. (Pelo obsediado.) — Meu Deus, permiti aos bons Espíritos que me libertem do Espírito maléfico que se apegou a mim. Se é uma vingança que ele exerce por males que eu lhe teria causado outrora, vós o permitis, meu Deus, para minha punição, e sofro a consequência de minha falta. Que meu arrependimento me faça merecer vosso perdão e minha libertação! Mas, qualquer que seja seu motivo, peço vossa misericórdia para ele; dignai-vos facilitar-lhe o caminho do progresso, que o afastará do pensamento de fazer o mal. Que eu possa, de minha parte, retribuindo-lhe o mal com o bem, levá-lo a melhores sentimentos.

Mas sei também, ó meu Deus, que são minhas imperfeições que me tornam acessível às influências dos Espíritos imperfeitos. Dai-me a luz necessária para reconhecê-las; combatei sobretudo em mim o orgulho que me cega quanto aos meus defeitos.

Como deve ser grande minha indignidade, já que um ser maléfico pode me dominar!

Fazei, ó meu Deus, que este golpe em minha vaidade me sirva de lição para o futuro; que ele me fortaleça na resolução que tomo de me purificar pela prática do bem, da caridade e da humildade, para opor, de agora em diante,

uma barreira às más influências.

Senhor, dai-me a força de suportar esta prova com paciência e resignação; compreendo que, como todas as outras provas, ela deve ajudar meu adiantamento, se eu não perder seu fruto por minhas queixas, pois ela me oferece uma oportunidade de mostrar minha submissão e de exercer minha caridade para com um irmão infeliz, perdoando-lhe o mal que me faz. (Cap. xii, nºs 5, 6; cap. xxviii, nºs 15 e seguintes, 46, 47.)

83 Prece. (Pelo obsediado.) — Deus Todo-Poderoso, dignai-vos dar-me o poder de libertar N... do Espírito que o obsedia; se faz parte de vossos desígnios pôr fim a esta prova, concedei-me a graça de falar a esse Espírito com autoridade.

Bons Espíritos que me assistis, e vós, seu anjo da guarda, prestai-me vosso auxílio; ajudai-me a livrá-lo do fluido impuro que o envolve.

Em nome de Deus Todo-Poderoso, ordeno ao Espírito maléfico que o atormenta que se retire.

84 Prece. (Pelo Espírito obsessor.) — Deus infinitamente bom, imploro vossa misericórdia para o Espírito que obsedia N...; fazei-o entrever as claridades divinas, para que veja o caminho errado em que entrou. Bons Espíritos, ajudai-me a fazê-lo compreender que tem tudo a perder fazendo o mal e tudo a ganhar fazendo o bem.

Espírito que vos comprazeis em atormentar N..., escutai-me, pois vos falo em nome de Deus. Se quiserdes refletir, compreendereis que o mal não pode vencer o bem e que não podeis ser mais forte que Deus e os bons Espíritos.

Eles poderiam ter protegido N... de qualquer ataque de vossa parte; se não o fizeram, é porque ele (ou ela) tinha uma prova a enfrentar. Mas, quando

essa prova terminar, eles vos tirarão todo poder de agir sobre ele; o mal que lhe fizestes, em vez de prejudicá-lo, terá servido para seu adiantamento, e ele será ainda mais feliz por isso; assim, vossa maldade terá sido um esforço inútil para vós e se voltará contra vós.

Deus, que é todo-poderoso, e os Espíritos superiores, seus delegados, que são mais poderosos que vós, poderão, por conseguinte, pôr fim a esta obsessão quando quiserem, e vossa tenacidade se quebrará diante dessa autoridade suprema. Mas, justamente porque Deus é bom, ele quer vos deixar o mérito de cessar por vossa própria vontade. É um prazo que vos é concedido; se não o aproveitardes, sofrereis suas deploráveis consequências; grandes castigos e cruéis sofrimentos vos esperam; sereis forçado a implorar a piedade deles e as preces de vossa vítima, que já vos perdoa e ora por vós, o que é um grande mérito aos olhos de Deus e apressará sua libertação.

Refleti, portanto, enquanto ainda há tempo, pois a justiça de Deus pesará sobre vós como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pensai que o mal que fazeis neste momento terá necessariamente um fim, enquanto, se persistirdes em vosso endurecimento, vossos sofrimentos aumentarão sem cessar.

Quando estáveis na Terra, não teríeis achado estúpido sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de um momento? O mesmo acontece agora que sois Espírito. O que ganhais com o que fazeis? O triste prazer de atormentar alguém, o que não vos impede de ser infeliz, por mais que digais, e vos tornará ainda mais infeliz.

Ao lado disso, vede o que perdeis; olhai os bons Espíritos que vos cercam e vede se a condição deles não é preferível à vossa. A felicidade de que desfrutam também será vossa quando quiserdes. O que é preciso para isso? Implorar a Deus e fazer o bem em vez de fazer o mal. Sei que não podeis vos transformar de uma só vez; mas Deus não pede o impossível; o que ele

quer é boa vontade. Tentai, portanto, e nós vos ajudaremos. Fazei com que em breve possamos dizer por vós a prece pelos Espíritos arrependidos (nº 73) e deixar de vos incluir entre os maus Espíritos, enquanto esperamos que possais estar entre os bons.

(Ver também, acima, nº 75, a prece pelos Espíritos endurecidos.)

Observação. A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e dedicação; exige também tato e habilidade para levar ao bem Espíritos muitas vezes muito perversos, endurecidos e astutos, pois há os que são rebeldes ao mais alto grau; na maioria dos casos, é preciso se orientar conforme as circunstâncias; mas, qualquer que seja o caráter do Espírito, há um fato certo: nada se obtém pela coação ou pela ameaça; toda a influência está na ascendência moral. Outra verdade, igualmente comprovada pela experiência e pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, das fórmulas, das palavras sacramentais, dos amuletos, dos talismãs, das práticas exteriores ou de quaisquer sinais materiais.

A obsessão muito prolongada pode causar distúrbios patológicos e às vezes requer um tratamento simultâneo ou posterior, seja magnético, seja médico, para restabelecer o organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Ver Livro dos médiuns, cap. xxiii; da obsessão. — Revista espírita, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.)

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0